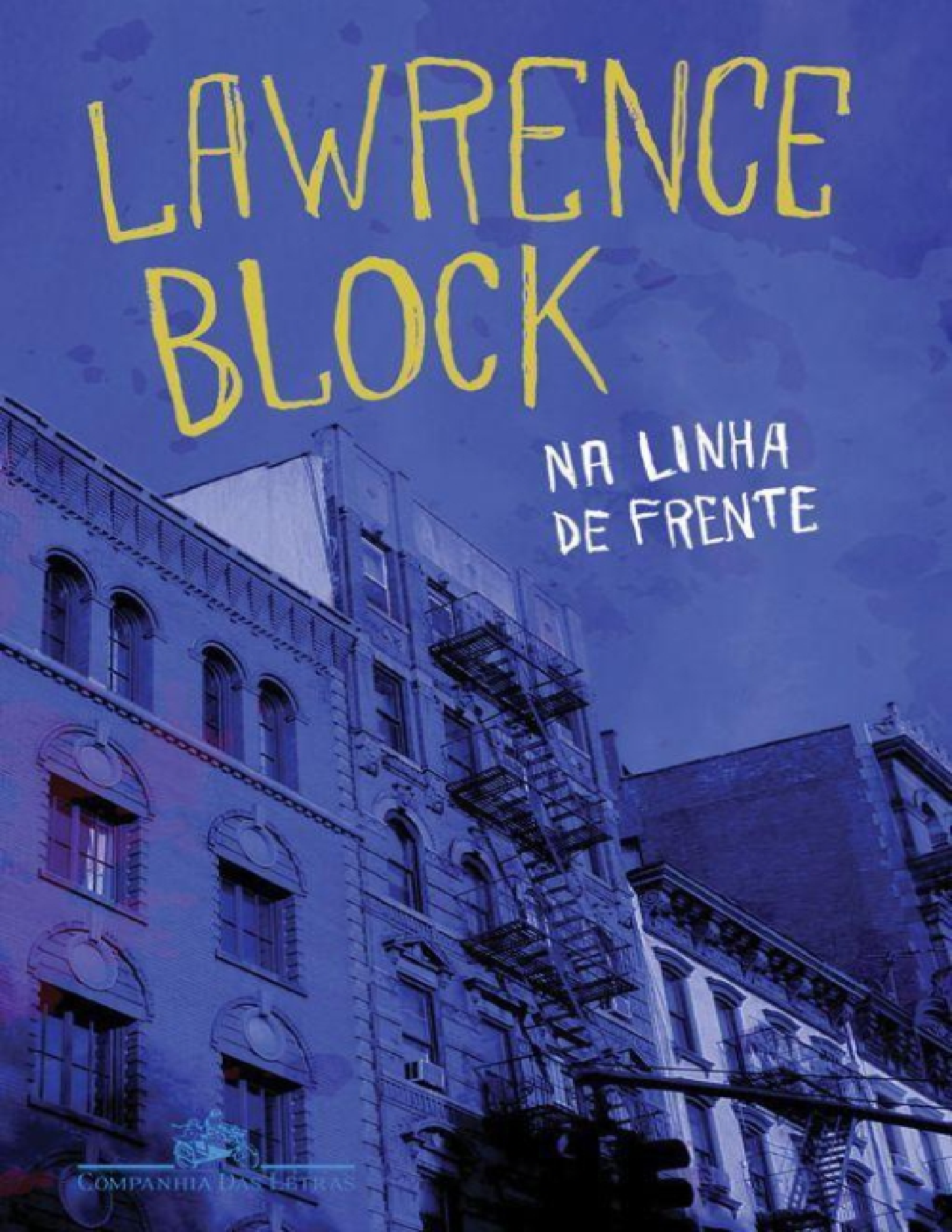
LAWRENCE BLOCK

NA LINHA DE FRENTE



COMPANHIA DAS LETRAS

LAWRENCE BLOCK

NA LINHA DE FRENTE

Tradução:
JULIA ROMEU



Para meu primo Jeffrey Nathan
1943-1988

Estou num dos antros
Da rua 52
Inseguro e amedrontado
Ao morrer a sagaz esperança
De uma década desonesta:
Ondas de raiva e medo
Circulam sobre o luminoso
E escurecido solo da terra
Obcecando nossa vida privada;
O cheiro inominável da morte
Ofende a noite de setembro...

W. H. Auden

1º de setembro de 1939

Quando imagino a cena, é sempre um dia perfeito de verão, com o sol a pino num céu azul vívido. Era verão, claro, mas não tenho como saber como estava o tempo nem se aconteceu durante o dia. Alguém mencionou a luz da lua ao relatar o incidente, mas ele também não estava presente na hora. Talvez a imaginação dele tenha fornecido a lua, assim como a minha escolheu um sol forte, um céu azul e algumas nuvens fofas espalhadas aqui e ali.

Eles estão na varanda de uma casa de fazenda de ripas de madeira branca. De vez em quando vejo-os dentro da casa, sentados na cozinha a uma mesa de pinho; mas, na maioria das vezes, estão na varanda. Há uma jarra grande de vidro cheia de vodca com suco de grapefruit, e eles estão sentados bebendo essa mistura, um drinque que se chama salty dog.

De vez em quando os imagino andando pela fazenda, de mãos dadas ou com os braços enlaçando a cintura um do outro. A garota bebeu bastante, o que a deixa alegre, tagarela e um pouco cambaleante. Ela muge para as vacas, cacareja para as galinhas, grunhe para os porcos e ri do mundo inteiro.

Ou vejo-os passando por entre algumas árvores e logo surgindo na margem de um riacho. Alguns séculos atrás havia um francês que sempre pintava cenas rústicas idea-lizadas, com pastores e camponesas descalços brincando na natureza. Ele poderia ter pintado esse pedaço específico da minha imaginação.

E agora os dois estão nus ali na beira do riacho, fazendo amor na grama fresca.

Minha imaginação é limitada nessa esfera, ou talvez eu esteja apenas respeitando a privacidade deles. Tudo o que ela mostra é um close de seu rosto. Diversas expressões surgem, e são como notícias de jornal vistas em sonho, mudando e saindo de foco antes que eu possa lê-las.

Nesse momento, ele lhe mostra a faca. Os olhos dela se arregalam e algo neles desaparece. Uma nuvem se move para

cobrir o sol.

É como penso ter acontecido, mas não creio que minha imaginação se aproxime da realidade. Como poderia? Até mesmo o relato das testemunhas é pouquíssimo confiável, e estou longe de ser uma testemunha. Nunca vi a fazenda. Nem sei se há um riacho na propriedade.

E também nunca vi a garota, a não ser em fotografias. Estou olhando para uma delas agora e sinto que quase consigo ver a expressão mudando em seu rosto, os olhos se arregalando. Mas claro que não é verdade. Tudo que vejo é um momento congelado para sempre, pois é o que todas as fotografias mostram. Essa foto não é um holograma ou algo que se modifique de acordo com o ângulo. Nela não se pode ler o passado nem o futuro. Se você olhar o verso, vai encontrar meu nome e meu telefone, mas, quando virá-la de novo, verá a mesma pose todas as vezes, os lábios entreabertos, os olhos encarando a câmera, a expressão enigmática. Pode examinar essa foto pelo tempo que quiser que ela não vai lhe revelar segredo algum.

Eu sei do que estou falando. Já a examinei bastante.

1

Existem três grandes confrarias de atores em Nova York, e anos atrás um ator chamado Maurice Jenkins-Lloyd gostava de defini-las para quem quisesse escutar.

— Os Players são cavalheiros que fingem ser atores — explicava. — Os Lambs são atores fingindo ser cavalheiros. E os Friars... os Friars não são nem uma coisa nem outra e fingem ser os dois.

Não sei a qual categoria Jenkins-Lloyd pertencia. Quando o conheci, ele estava quase sempre bêbado, fingindo estar sóbrio. Costumava beber no Armstrong's, que ficava na Nona Avenida, entre as ruas 57 e 58. Seu drinque preferido era uísque Dewar's com soda, que conseguia beber o dia todo e a noite toda sem dar muito na vista. Jamais falava alto, tornava-se agressivo ou caía da cadeira. Às vezes ficava com a voz um pouco pastosa já de madrugada, mas nada além disso. Fosse um Player, um Lamb ou um Friar, Jenkins-Lloyd bebia como um cavalheiro.

E morreu disso. Eu ainda bebia quando ele morreu em virtude de uma ruptura espontânea do esôfago. Não é a principal causa de morte associada a alcoólatras, mas não se vê acontecer muito com outras pessoas. Não sei bem o que provoca isso, se o efeito cumulativo de derramar álcool goela abaixo ao longo de anos ou o esforço de vomitar uma ou duas vezes todas as manhãs.

Eu não pensava em Maurice Jenkins-Lloyd havia muito tempo. Pensei nele agora porque estava a caminho de uma reunião dos Alcoólicos Anônimos no segundo andar do que costumava ser o Clube Lambs. Há alguns anos, aquele prédio branco elegante da rua 44 Oeste se tornara um luxo caro demais para os Lambs, por isso eles venderam a propriedade e foram dividir um espaço com

outro clube em algum lugar do centro de Manhattan. Uma igreja qualquer comprara a propriedade, que agora abrigava um teatro experimental e cedia as instalações para outras atividades. Nas noites de quinta-feira, um grupo do aa chamado Um Novo Começo pagava uma taxa simbólica para se reunir em uma das salas.

A reunião ia ser das oito e meia às nove e meia. Cheguei mais ou menos dez minutos antes e me apresentei ao coordenador do programa. Peguei um café e me sentei no lugar que ele indicara. Havia oito ou dez mesas de cerca de dois metros dispostas num retângulo aberto, e minha cadeira ficava no canto mais distante da porta, ao lado da mesa do coordenador.

Às oito e meia havia mais ou menos trinta pessoas sentadas em volta das mesas, bebendo café em copinhos de isopor. O coordenador iniciou a reunião lendo o preâmbulo, e então pediu que alguém lesse um trecho do quinto capítulo do livro *Alcoólicos anônimos*. Ele deu alguns avisos: haveria um baile naquele fim de semana no Upper West Side; um grupo do aa celebraria o aniversário de sua fundação em Murray Hill; e o Al-Anon agora tinha mais um horário para reuniões. Além disso, um grupo que se encontrava sempre numa sinagoga da Nona Avenida ia cancelar suas próximas duas reuniões por causa dos feriados judaicos.

Então o coordenador disse:

— Nosso orador hoje é Matt, do grupo Mantendo a Simplicidade.

Eu estava nervoso, claro. Começara a ficar nervoso no minuto em que entrara na sala. Sempre fico assim antes de uma reunião, mas passa. Os participantes aplaudiram educadamente quando o coordenador me apresentou e, quando pararam, eu disse:

— Obrigado. Meu nome é Matt e eu sou um alcoólatra.

Nesse momento, o nervosismo desapareceu. Contei a minha história.

* * *

Falei durante cerca de vinte minutos. Não me lembro do que disse. Basicamente, o que você faz é contar como as coisas

costumavam ser, o que aconteceu e como elas são agora. Foi o que eu fiz, mas o relato é diferente toda vez.

As histórias de algumas pessoas são tão inspiradoras que poderiam ser transformadas numa minissérie. Elas contam como estavam levando uma vida miserável em East St. Louis e como agora são presidentes da ibm e já vão ser promovidas de novo. Não tenho uma história do tipo para contar. Ainda moro no mesmo lugar e faço a mesma coisa na vida. A diferença é que eu costumava beber e agora não bebo mais. Nada muito impressionante.

Quando terminei, as pessoas aplaudiram mais uma vez. Uma cestinha foi passada de mão em mão, para que cada um colocasse um dólar, uma moeda de vinte e cinco centavos ou nada, para ajudar nas despesas com aluguel e café. Depois de um intervalo de cinco minutos, a reunião recomeçou. O formato varia de lugar para lugar: nessa, deixam que todos falem um pouco.

Havia cerca de dez pessoas na sala que eu reconheci e mais ou menos uma meia dúzia que me pareceu familiar. Uma mulher de maxilar proeminente e cabelos ruivos muito cheios referiu-se ao fato de eu ter sido policial.

— Você pode muito bem já ter aparecido na minha casa — disse ela. — A polícia ia lá uma vez por semana. Meu marido e eu bebíamos e brigávamos, algum vizinho chamava a polícia e ela aparecia. O mesmo policial foi três vezes seguidas, e eu comecei a ter um caso com ele. Aí tivemos uma briga, e alguém chamou a polícia. Os vizinhos estavam sempre chamando a polícia para ir à minha casa, mesmo quando eu já estava com um policial.

Às nove e meia rezamos um pai-nosso e encerramos a reunião. Algumas pessoas vieram apertar minha mão e me agradecer por ter sido o orador. A maioria saiu correndo dali para poder fumar.

Lá fora a noite estava fresca, pois era início de outono. O verão fora horrivelmente quente, e as noites frias da nova estação eram um alívio. Andei meio quarteirão na direção oeste e um homem saiu de debaixo de uma marquise e me pediu um trocado. Estava usando um paletó que não combinava com as calças e um tênis bem puído sem meias. Parecia ter trinta e cinco anos, mas devia ser mais novo. Morar na rua envelhece.

O homem precisava tomar um banho, se barbear, cortar o cabelo. Precisava de muito mais do que eu podia lhe dar. Tudo o que ganhou de mim foi um dólar, que tirei do bolso da calça e coloquei na palma de sua mão. Ele me agradeceu e pediu que Deus me abençoasse. Comecei a andar, e estava quase na esquina da Broadway quando ouvi alguém me chamar pelo nome.

Virei-me e reconheci um homem chamado Eddie. Ele estivera na reunião, e eu já o tinha visto outras vezes. Andava rápido para me alcançar.

— Oi, Matt — disse Eddie. — Quer tomar um café?

— Bebi três cafés na reunião. Acho que vou para casa.

— Vai em direção ao norte? Vou com você.

Pegamos a Broadway até a rua 47, depois a Oitava Avenida, viramos à direita e seguimos para o norte de Manhattan. Cinco pessoas nos pediram esmola no caminho. Eu disse não para duas, dei um dólar para cada uma das outras três e recebi delas um agradecimento e uma bênção. Depois que a terceira pegou o dinheiro e me abençoou, Eddie disse:

— Você tem o coração mais mole da cidade. Puxa, Matt, será que você não sabe dizer não?

— Às vezes eu digo.

— Mas na maioria das vezes, você diz sim.

— Na maioria das vezes eu digo sim.

— Vi o prefeito na tevê outro dia. Ele disse que a gente não deve dar grana para as pessoas na rua. Disse que metade dos mendigos é viciada em drogas e que só vai gastar o dinheiro em crack.

— É, e a outra metade vai esbanjar tudo em comida e abrigo.

— Ele disse que existem leitos e refeições de graça na cidade para quem precisar.

— Pois é. Mas por que será que tanta gente dorme na rua e come o que acha no lixo?

— O prefeito também quer acabar com esses caras que lavam os vidros dos carros. Sabe, esses caras que limpam o seu para-brisa mesmo que ele não esteja sujo e depois pedem um trocado? Disse que não gosta de ver gente trabalhando na rua desse jeito.

— Ele tem razão — disse eu. — E olha que são uns caras fortões. Deviam estar assaltando gente ou roubando lojas de conveniência. Alguma coisa menos visível.

— Parece que você não gosta muito do prefeito.

— Ele não é dos piores. Deve ter o coração do tamanho de uma uva-passa, mas acho que isso é um pré--requisito da função. Tento não prestar muita atenção em quem é o prefeito ou no que ele diz. Dou algum dinheiro todos os dias, só isso. Não me prejudica e também não ajuda muito quem precisa. Mas é o que eu tenho feito ultimamente.

— Tem bastante gente na rua pedindo esmola.

E tinha mesmo. Era possível vê-los por toda a cidade, dormindo nos parques, nas estações de metrô e de trem e nas rodoviárias. Alguns eram malucos, alguns eram viciados em crack, e outros apenas pessoas que tinham ficado para trás na luta pela vida e acabado sem ter onde morar. É difícil arrumar um emprego quando não se tem uma residência, pois é preciso se manter apresentável o suficiente para ser contratado. Mas alguns até *tinham* empregos. É duro encontrar um apartamento em Nova York, e mais duro ainda conseguir mantê-lo; somando o aluguel e todas as taxas, às vezes são necessários mais de dois mil dólares para atravessar a porta de um apartamento. Mesmo se você estiver trabalhando, como vai conseguir economizar tudo isso?

— Graças a Deus, eu tenho um apartamento — disse Eddie. — É o apartamento onde passei minha infância, dá para acreditar? Um quarteirão à frente e dois para lá, perto da rua 10. Não é o primeiro lugar onde morei na vida. Meu primeiro prédio foi demolido, era naquele terreno onde construíram o colégio novo. A gente se mudou quando eu tinha, não sei, acho que uns nove anos. Deve ter sido, pois lembro que foi na terceira série. Sabia que já fui preso?

— Mas não na terceira série.

Eddie riu.

— Não, um pouco mais tarde. Meu velho morreu quando eu estava na cadeia em Green Haven, e quando eu saí não tinha onde ficar, por isso fui morar com a minha mãe. Eu não parava muito em casa, era só um lugar para deixar minhas roupas e minhas coisas, mas aí ela ficou doente e eu comecei a passar mais tempo lá.

Quando a minha mãe morreu, fiquei com o apartamento. É pequeno, tem só um dormitório e fica no quarto andar, não tem elevador, mas o aluguel é controlado pelo governo, Matt. Só cento e vinte e dois dólares e setenta e cinco centavos por mês. Qualquer hotel decente nesta cidade cobra isso por uma noite.

E o mais incrível era que aquela parte de Nova York estava ficando cada vez mais valorizada. A Hell's Kitchen, ou Cozinha do Inferno, fora um lugar violento e triste por cem anos, mas agora os corretores de imóveis chamavam o bairro de Clinton, transformando os prédios vagabundos em lugares modernos e cobrando até cem mil dólares pelos apartamentos. Nunca entendi para onde iam os pobres que moravam lá e de onde surgiam os ricos.

Eddie disse:

— A noite está linda, não está? Claro que daqui a pouco a gente vai estar reclamando do frio. Num minuto você está morrendo de calor e no outro está se perguntando cadê o verão. É sempre assim, não é?

— É o que dizem.

Eddie tinha trinta e muitos anos, cerca de um metro e setenta e era magro, com a pele bem branca e olhos azuis desbotados. Seu cabelo castanho-claro estava caindo e, como ele tinha a testa grande e o queixo para dentro, parecia um pouco um coelho.

Mesmo que não tivesse me contado que já havia sido preso, eu provavelmente teria adivinhado, embora não saiba explicar bem por quê. Só sei que Eddie tinha cara de bandido. Era meio valentão e meio dissimulado, uma atitude que se manifestava fisicamente na maneira como estufava o peito e olhava sem parar de um lado para o outro. Não era muito óbvio, mas, na primeira vez em que o vi numa reunião, pensei: "Esse cara já fez besteira e já deve ter ido para a cadeia por causa disso".

Eddie pegou um maço de cigarros e me ofereceu. Recusei com um gesto de cabeça. Ele pegou um e riscou um fósforo para acendê-lo, protegendo a chama do vento com as mãos em concha. Soltou uma baforada e então segurou o cigarro entre o polegar e o indicador, observando-o.

— Eu devia parar com esta merda — disse. — Fiquei sóbrio, mas vou morrer de câncer. Qual é a vantagem?

— Há quanto tempo você parou de beber, Eddie?

— Quase sete meses.

— Muito bom.

— Já participo do programa há quase um ano, mas levei algum tempo para parar de vez.

— Eu também demorei um pouco.

— É? Ainda fiquei bebendo por um ou dois meses. Depois achei que podia fumar maconha, porque afinal o meu problema era com álcool. Mas acho que até que enfim entendi o que estava ouvindo nas reuniões e acabei largando o baseado também. Estou totalmente abstêmio há sete meses.

— Que bom.

— É, acho que é.

— Quanto aos cigarros, dizem que não é boa ideia tentar fazer tudo ao mesmo tempo.

— Eu sei. Fico pensando que, quando eu completar um ano sem beber, vai estar na hora de eu largar isto aqui.

Eddie deu um longo trago e a brasa brilhou no escuro, vermelha.

— Eu moro por aqui. Tem certeza de que não quer tomar um café?

— Tenho, mas eu vou andando até a Nona Avenida com você.

Atravessamos um quarteirão comprido e ficamos parados na esquina conversando durante alguns minutos. Não me lembro bem sobre o que falamos. Sei que Eddie perguntou:

— Quando o coordenador apresentou você, disse que seu grupo era o Mantendo a Simplicidade. Esse é o grupo que se reúne na igreja de São Paulo Apóstolo?

Assenti.

— O nome oficial é Mantendo a Simplicidade, mas todo mundo chama de grupo da São Paulo Apóstolo — expliquei.

— Você vai sempre lá?

— Quase sempre.

— De repente a gente se vê lá. Você tem telefone, Matt?

— Tenho. Moro num hotel chamado Northwestern. É só ligar para a recepção que eles passam para mim.

— E eu peço para falar com quem?

Fiquei olhando para ele e, após alguns segundos, caí na risada. Tinha algumas fotos 5 5 7 no bolso da minha camisa, e na parte de trás de cada uma delas havia um carimbo com meu nome e telefone. Peguei uma e entreguei para Eddie. Ele leu e disse:

— Matthew Scudder. Então esse é o seu nome, hein?

Ele olhou o verso da foto.

— Mas esse não é você.

— Você sabe quem é?

Eddie balançou a cabeça.

— Não, quem?

— Uma menina que estou tentando encontrar.

— Dá para entender por quê. Encontre duas logo, e dê uma para mim. Você trabalha com isso?

— Trabalho.

— Bonita. Jovem, ou pelo menos era quando tiraram a foto. Quantos anos ela tem, uns vinte e um?

— Tem vinte e quatro agora. A foto foi tirada há um ou dois anos.

— Vinte e quatro é bem jovem — disse ele, virando a foto mais uma vez. — Matthew Scudder. Engraçado como às vezes a gente sabe coisas tão pessoais de alguém, mas não sabe o nome. Quer dizer, o sobrenome. O meu é Dunphy, talvez você já soubesse disso.

— Não sabia, não.

— Eu lhe daria meu telefone, se tivesse um. Cortaram a linha há um ano e meio por falta de pagamento. Vou ter de resolver isso um dia desses. Foi bom falar com você, Matt. Quem sabe a gente não se vê amanhã na São Paulo Apóstolo?

— Eu devo ir.

— Vou fazer de tudo para ir também. Cuide-se, então.

— Você também, Eddie.

Ele esperou o sinal fechar e atravessou a avenida a passos largos. No meio do caminho, voltou-se e sorriu para mim.

— Tomara que você encontre a menina — disse.

Porém não a encontrei naquela noite, nem em nenhuma outra. Andei o resto do caminho até a rua 57 e fui para a recepção do hotel onde moro. Não havia mensagem para mim, mas Jacob me contou que eu tinha recebido três telefonemas em um espaço de meia hora.

— Talvez tenha sido a mesma pessoa todas as vezes — disse ele. — Mas não deixou recado.

Fui até o meu quarto, sentei-me e peguei um livro. Já tinha lido algumas páginas quando o telefone tocou.

Atendi, e um homem disse:

— É o Scudder?

Confirmei.

— Quanto é a recompensa? — perguntou ele.

— Que recompensa?

— Não é você que está procurando aquela menina?

Eu poderia ter desligado, mas disse:

— Que menina?

— A foto dela está de um lado e seu nome do outro. Não está procurando por ela?

— Você sabe onde ela está?

— Responda a minha pergunta antes. Quanto é a recompensa?

— Pode ser que seja uma recompensa pequena.

— Pequena quanto?

— Você não vai ficar rico.

— Diga um valor.

— Algumas centenas de dólares.

— Quinhentos dólares?

O preço não importava. Esse cara não tinha nada para me vender.

— Tudo bem — concordei. — Quinhentos.

— Que merda. Não é muito.

— Eu sei.

Ele fez uma pausa e então disse apressadamente:

— Tudo bem. Olhe só o que você vai fazer. Vá até a esquina da Broadway com a rua 53, aquela que fica mais perto da Oitava Avenida. Encontro você lá em meia hora. Leve o dinheiro. Se estiver sem a grana, nem precisa ir.

— Não vou conseguir arrumar o dinheiro a esta hora.

— Você não tem um cartão de banco vinte e quatro horas? Merda. Tudo bem, quanto você tem aí? Pode me dar um pouco agora e o resto amanhã. Mas não marque bobeira, cara, porque a menina pode não estar no mesmo lugar amanhã, entende?

— Entendo mais do que você imagina.

— Como assim?

— Qual é o nome dela?

— Como é que é?

— Qual é o nome da menina?

— Você é que está atrás dela. Não sabe a droga do nome?

— Você não sabe, sabe?

O homem ficou em silêncio por um segundo, pensando.

— Sei o nome que ela está usando *agora* — disse.

São sempre os mais idiotas que tentam ser espertos.

— Mas não deve ser o nome que você conhece — continuou ele.

— Que nome ela está usando?

— Sem essa. Essa é uma das informações que você vai comprar com seus quinhentos dólares.

O que eu ia comprar na verdade era um soco na traqueia, talvez até uma facada nas costelas. Os que realmente têm alguma coisa para contar nunca pedem uma recompensa logo no começo, e também não querem encontrar você numa esquina. Estava tão cansado que pensei em desligar o telefone, mas não ia adiantar: o cara ia ligar de novo.

Eu disse:

— Cale a boca. Meu cliente não autorizou uma recompensa até a menina ser encontrada. Você não tem nada para vender e não vai arrancar nem um tostão de mim. Não quero encontrá-lo em nenhuma esquina e, se quisesse, não ia levar dinheiro. Ia levar uma arma, um par de algemas, um parceiro, e ia arrastá-lo para um canto qualquer e bater em você até ter certeza de que não tem mesmo nenhuma informação. Depois, ia bater mais um pouco, pois ia estar puto com você por ter desperdiçado o meu tempo. É isso o que você quer? Quer me encontrar naquela esquina?

— Seu filho da puta...

— Não — disse eu. — Você se enganou. O filho da puta é você.

Desliguei o telefone.

— Escroto — disse eu em voz alta, não sei se para ele ou para mim mesmo.

Tomei um banho e fui para a cama.

2

O nome da garota era Paula Hoeldtke, e eu não acreditava que ia encontrá-la. Eu havia tentado explicar isso ao pai dela, mas é difícil fazer com que as pessoas entendam algo que se recusam a aceitar.

Warren Hoeldtke tinha um maxilar grande e quadrado, um rosto largo e cabelos ruivos encaracolados que estavam ficando grisalhos. Ele era dono de uma revendedora da Subaru na cidade de Muncie, em Indiana, e eu o imaginava estrelando seus próprios comerciais de televisão, apontando para os carros, olhando para a câmera e garantindo que a Hoeldtke Subaru tinha os preços mais baixos.

Paula era a quarta filha dos Hoeldtke, de um total de seis. Estudara na Universidade Ball State, que fica na própria Muncie.

— David Letterman estudou lá — disse Hoeldtke para mim. — Você já deve ter ouvido falar. É claro que foi bem antes da Paula.

Ela havia se formado em artes cênicas e se mudado imediatamente para Nova York.

— Não dá para seguir carreira de ator em Muncie — disse Hoeldtke. — Aliás, em nenhuma cidade de Indiana. É preciso ir para Nova York ou para a Califórnia. Mas mesmo que ela não tivesse essa vontade de ser atriz, acho que teria ido embora. Tinha uma ânsia de correr o mundo. Suas duas irmãs mais velhas se casaram com rapazes de outras cidades, mas nos dois casos os maridos decidiram se mudar para Muncie. E o irmão mais velho, meu filho Gordon, vende carros comigo. E tem mais um menino e uma menina que ainda estão estudando, então não dá para saber o que eles vão fazer da vida, mas acho que vão ficar por perto mesmo. A

Paula é que nunca foi de parar quieta. Eu nem sabia se ela ia aguentar ficar em Muncie até terminar a faculdade.

Em Nova York, Paula fez aulas de teatro, trabalhou como garçonete, morou no lado oeste da cidade e fez vários testes. Ela havia atuado na peça *Outra parte da cidade*, que teve uma apresentação única num teatro minúsculo da Segunda Avenida, e também fizera uma leitura dramática da peça *Grandes amigos* no West Village. Hoeldtke tinha os programas e mostrou-os para mim, apontando o nome dela e sua pequena biografia abaixo da manchete “Quem é quem no elenco”.

— Ela não recebeu nada por esses trabalhos — contou ele. — Ninguém ganha dinheiro quando está começando. É só para você poder subir no palco e ser visto pelas pessoas; agentes, diretores, diretores de elenco. A gente ouve falar desses salários, de que fulano ganhou cinco milhões por um filme, mas a maioria ganha pouco ou nada nos primeiros anos.

— Eu sei.

— Nós queríamos ver a peça, eu e a mãe dela. Não a tal da leitura, isso era só atores parados no palco lendo suas falas. Não parecia muito interessante. Mas teríamos vindo mesmo assim, se Paula tivesse pedido. Porém ela não quis nem que assistíssemos à peça de verdade. Disse que não era uma obra muito boa e que seu papel era pequeno. Achou que a gente devia esperar até que ela estivesse fazendo alguma coisa melhor.

As últimas notícias de Paula tinham sido no final de junho. Parecera estar bem. Mencionara que talvez saísse da cidade no verão, mas não entrara em detalhes. Algumas semanas se passaram e, como ela não havia feito mais contato, eles ligaram. Mas só a secretária eletrônica atendia.

— Paula quase nunca ficava em casa. Dizia que seu apartamento era muito pequeno, escuro e deprimente, e por isso não passava muito tempo nele. Quando vi o lugar outro dia, entendi por quê. Não vi o apartamento dela, só o prédio e o hall de entrada, mas mesmo assim entendi. Em Nova York, as pessoas pagam caro para morar em lugares que em outras cidades acabariam sendo demolidos.

Como Paula quase nunca estava em casa, eles não costumavam telefonar para ela. Em vez disso, tinham um esquema. A cada dois ou três domingos, ela fazia uma ligação para si mesma na casa dos pais, pedindo à telefonista que só completasse a ligação se fosse para falar com Paula Hoeldtke. Os pais diziam à telefonista que Paula não estava, pois desse modo ela não precisava pagar pelo telefonema, e em seguida ligavam para ela.

— Não era desonesto — disse Hoeldtke —, porque custaria a mesma coisa se Paula nos ligasse, mas assim caía na nossa conta em vez de na dela. E desse modo ela também não precisava falar correndo, então a companhia telefônica também acabava levando vantagem.

Mas Paula não ligara nem respondera aos recados deixados em sua secretária eletrônica. No final de julho, Warren Hoeldtke, sua mulher e a filha mais nova encheram o tanque de um dos Subarus e foram até Dakota do Sul e Dakota do Norte passar uma semana andando a cavalo num hotel-fazenda e vendo a paisagem árida e o monte Rushmore. Já era meados de agosto quando eles voltaram e, ao tentarem falar com Paula, não deram mais com a mensagem da secretária eletrônica, mas com uma que dizia que a linha havia sido cancelada.

— Se ela tivesse ido passar o verão fora da cidade, poderia ter cancelado a linha para economizar dinheiro. Mas não acho que iria embora sem nos avisar. Ela não tem esse hábito. Paula às vezes decidia fazer algumas coisas de última hora, porém ligava para nos contar. Era responsável.

Mas não muito responsável. Não chegava a ser a pessoa mais disciplinada do mundo. Algumas vezes, ao longo dos três anos que haviam se passado desde que se formara na faculdade, Paula demorara mais do que duas ou três semanas para ligar para os pais. Por isso era possível que houvesse ido passar o verão em algum lugar e que estivesse ocupada demais para entrar em contato com eles. E era possível que houvesse tentado ligar enquanto eles cavalgavam e percorriam trilhas no Parque Nacional Wind Cave durante as férias.

— Há dez dias foi aniversário da minha mulher — disse Warren Hoeldtke. — E Paula não telefonou.

— E ela nunca fez isso antes?

— Nunca. Não teria esquecido a data nem deixado de ligar. E se por acaso ela não pudesse ter ligado no dia certo, teria telefonado no dia seguinte.

Warren Hoeldtke ficara sem saber o que fazer. Ligara para a polícia de Nova York, mas, como era de se esperar, não obtivera nenhum resultado. Depois, procurara uma agência de detetives que tinha um escritório em Muncie. Um investigador da filial de Nova York visitara a última residência conhecida de Paula e constatara que ela não morava mais lá. Se Hoeldtke concordasse em lhes pagar um adiantamento considerável, eles continuariam investigando o caso.

— Mas eu pensei: o que foi que eles fizeram pelo dinheiro que já paguei? Foram até o lugar onde Paula morava e descobriram que ela não estava mais lá. Isso eu mesmo poderia ter feito. Assim, peguei um avião e vim para cá.

Ele foi até o prédio de Paula. Ela havia se mudado de lá no início de julho, sem deixar um novo endereço. A companhia telefônica só repetiu o que ele já sabia: que o número havia sido desligado. Hoeldtke foi até o restaurante onde Paula trabalhava e descobriu que ela havia deixado o emprego em abril.

— Talvez ela tenha até comentado conosco — disse ele. — Paula deve ter trabalhado em uns cinco ou seis lugares desde que chegou a Nova York, e eu não sei se toda vez que mudava de emprego ela nos contava. Pedia demissão porque as gorjetas não eram boas, ou porque não se dava bem com alguém, ou porque eles não a deixavam tirar folga quando ela precisava ir fazer um teste. Por isso, pode ter largado o último emprego e ido para outro sem falar nada, ou talvez tenha dito alguma coisa, e nós não registramos.

Sem saber mais o que fazer, Hoeldtke decidiu procurar a polícia. Os policiais disseram que não podiam tomar nenhuma providência, pois Paula evidentemente se mudara sem informar seus pais e, como era adulta, tinha o direito de fazê-lo. Também disseram que ele havia esperado tempo demais, que fazia quase três meses que ela havia desaparecido e que seria muito difícil encontrar pistas agora.

O policial que conversou com Hoeldtke explicou que, se ele quisesse continuar a procurar a filha, o melhor seria contratar um detetive particular. As normas do departamento impediam que ele lhe recomendasse um. Mas, disse o policial, provavelmente não haveria problema se ele contasse o que faria se estivesse no lugar do sr. Hoeldtke. Havia um homem chamado Matthew Scudder, que era ex-policial e por acaso morava nas vizinhanças de Paula Hoeldtke, e...

— Qual era o nome do policial?

— Durkin.

— Joe Durkin — disse eu. — Muito gentil da parte dele.

— Eu gostei dele.

— É, Durkin é legal.

Estávamos numa lanchonete da rua 57, a alguns metros do meu hotel. Como a hora do almoço já havia terminado, eles haviam nos deixado ficar em uma mesa tomando só café. Eu já estava na segunda xícara. Hoeldtke ainda tinha a primeira à sua frente.

— Senhor Hoeldtke, não sei se sou a pessoa certa para o caso — falei.

— Durkin disse...

— Sei o que ele disse. Mas as pessoas que o senhor procurou antes, aquela agência que tem uma filial em Muncie, provavelmente vão fazer um trabalho mais completo. Eles vão poder colocar diversos funcionários no caso e descobrir bem mais detalhes do que eu.

— Está dizendo que eles vão ser mais competentes?

Pensei antes de responder.

— Não. Mas talvez pareçam estar sendo. Em primeiro lugar, vão lhe dar relatórios detalhados contando exatamente o que fizeram, com quem falaram e o que descobriram. Vão informar as despesas que tiveram, item por item, e cobrar o senhor pelo número exato de horas que gastarem no caso.

Bebi um gole do café, coloquei a xícara no pires, inclinei-me para a frente e disse:

— Senhor Hoeldtke, eu não sou um mau detetive, mas sou completamente não oficial. É necessário obter uma licença para ser um investigador particular neste estado, e eu não possuo uma.

Nunca me dei ao trabalho de tirá-la. Eu não informo minhas despesas item por item, não anoto quantas horas passo num caso e não escrevo relatórios detalhados. Também não tenho um escritório, e é por isso que estamos conversando aqui, nesta lanchonete. Tudo o que tenho são os instintos e as habilidades que desenvolvi ao longo dos anos, e não sei se é isso que o senhor está procurando.

— Durkin não me disse que você não tinha uma licença.

— Poderia ter dito. Não é segredo para ninguém.

— E por que acha que recomendou você?

Eu devia estar tendo um ataque de escrúpulos. Ou talvez não quisesse tanto assim aquele trabalho

— Em parte, porque espera que eu dê a ele uma compensação pela referência.

Hoeldtke fechou a cara.

— Durkin também não mencionou isso — disse.

— Não me surpreende.

— Isso não é ético — disse Hoeldtke. — É?

— Não, mas também não é ético da parte dele recomendar um investigador. E Durkin não teria lhe passado meu contato se não acreditasse que eu era a pessoa ideal para o caso. Deve achar que vou cobrar um preço justo e ser honesto com o senhor.

— E vai mesmo?

Assenti.

— E, como sou honesto, preciso lhe dizer logo que o senhor muito provavelmente está desperdiçando seu dinheiro.

— Por quê?

— Porque é bem possível que ela apareça sozinha, ou que não apareça nunca mais.

Hoeldtke ficou em silêncio por alguns segundos, considerando o significado do que acabara de ouvir. Nem eu nem ele havíamos mencionado a hipótese de sua filha estar morta, e parecia que não íamos mesmo fazer isso. Mas não significava que era fácil deixar de pensar no assunto.

— Quanto eu estaria desperdiçando? — perguntou ele.

— Vamos dizer que o senhor me dê mil dólares.

— Isso seria um adiantamento ou o quê?

— Pode chamar como quiser. Não tenho uma taxa diária e não anoto quantas horas levo para fazer um trabalho. Só saio e ajo da maneira que fizer mais sentido para mim. Existem alguns passos básicos que se dá no começo de qualquer caso, e eu vou fazer isso primeiro, embora não espere que eles levem a lugar algum. Depois existem mais algumas coisas que posso fazer, e nós vamos ver se elas dão algum resultado. Quando me parecer que seus mil dólares já foram gastos, vou lhe pedir mais dinheiro e o senhor decide se vai querer me pagar.

Obviamente, ele riu.

— Não parece um acordo muito profissional.

— Eu sei. Não sou uma pessoa muito profissional.

— É curioso, mas isso me inspira confiança. Quanto aos mil dólares... suponho que suas despesas serão cobradas à parte.

Balancei a cabeça.

— Não creio que vá haver muitas despesas, e prefiro pagá-las eu mesmo a ter de anotá-las.

— O que você acha de colocar um anúncio no jornal? Pensei em fazer isso eu mesmo, colocar nos classificados ou pagar por um anúncio com a foto dela e uma recompensa por qualquer notícia. É claro que não estaria incluído nesses mil dólares. Provavelmente custaria tudo isso ou até mais para colocar um anúncio grande o suficiente.

Aconselhei-o a não fazer isso.

— Se ela fosse menor de idade, poderíamos colocar sua foto nas caixas de leite, como eles fazem com crianças desaparecidas — disse eu. — Mas não tenho certeza se um anúncio no jornal seria uma boa ideia. Só atrai gente atrás das recompensas, e eles mais atrapalham que ajudam.

— Acho que a Paula pode estar com amnésia. Se ela própria, ou outra pessoa, visse sua foto no jornal...

— Bem, é uma possibilidade. Mas vamos guardar essa carta na manga por enquanto.

No final das contas, Hoeldtke me deu um cheque de mil dólares, algumas fotos e todas as informações que tinha: o último endereço de Paula e os nomes de diversos restaurantes onde ela havia trabalhado. Ele me deixou ficar com os dois programas das peças,

garantindo que tinha várias cópias de um e de outro. Anotei seu endereço em Muncie e os telefones de sua casa e da revendedora de carros.

— Pode ligar a qualquer hora — disse ele.

Expliquei que provavelmente só ligaria quando tivesse algo de concreto para relatar. Quando isso acontecesse, entraria em contato.

Hoeldtke pagou pelos cafés e deixou um dólar para a garçonete. Na porta da lanchonete, disse:

— Estou com uma sensação boa. Acho que tomei a decisão certa. Você me passa a impressão de ser honesto e direto, e eu gosto disso.

Lá fora, um homem cercado por uma pequena multidão convidava os transeuntes a adivinhar quais das três cartas viradas para baixo era a de copas, e olhava em volta para ver se a polícia estava chegando.

— Já li sobre esse jogo — disse Hoeldtke.

— Não é um jogo — afirmei. — É uma armação. Impossível de ganhar.

— Foi isso que eu li. Mas as pessoas continuam tentando.

— Pois é. Não dá para entender.

Depois que o sr. Hoeldtke foi embora, levei uma das fotos de Paula a uma copiadora e pedi que fizessem cem cópias 5 5 7. Voltei ao meu quarto de hotel, onde eu tinha um carimbo com meu nome e telefone. Carimbei o verso de cada foto com ele.

O último endereço conhecido de Paula Hoeldtke era um prédio sujo e velho de tijolos vermelhos na rua 54, alguns metros a leste da Nona Avenida. Era um pouco depois das cinco da tarde quando fui até lá, e as ruas estavam repletas de gente voltando para casa do trabalho. Havia um monte de campainhas no hall de entrada, mais de cinquenta, e na etiqueta de uma delas estava escrito “síndica”. Antes de tocá-la, dei uma olhada nas etiquetas das outras campainhas. O nome de Paula Hoeldtke não estava escrito em nenhuma.

A síndica era uma mulher alta, magra como um palito e com um rosto em forma de cone, que começava numa testa larga e terminava num queixo estreito. Usava um vestido velho com uma estampa floral e tinha um cigarro aceso na mão. Ficou me observando por alguns segundos e disse:

— Desculpe, mas não tenho nenhum apartamento disponível no momento. Se não achar nada dentro de algumas semanas, venha perguntar de novo. Pode ser que tenha aparecido alguma vaga.

— Quanto é o aluguel dos apartamentos?

— A maioria é cento e vinte dólares por semana, mas os melhores são um pouco mais. Isso inclui luz, água e gás. Tecnicamente é proibido cozinhar neles, mas se você tiver um fogareiro de uma boca, não tem problema. Cada apartamento tem uma minigeladeira. São pequenas, mas não deixam o leite estragar.

— Eu tomo café puro.

— Então talvez você nem precise da geladeira. Mas não importa, pois não tem nenhum apartamento vago, nem acho que vai ter num futuro próximo.

— Paula Hoeldtke tinha um fogareiro?

— Ela era garçonete, então acho que comia no trabalho. Sabe, quando vi você, logo achei que era da polícia, mas depois, por algum motivo, acabei mudando de ideia. Um policial veio aqui há umas duas semanas, e há alguns dias um homem apareceu dizendo que era o pai dela. Tinha uma boa aparência, um cabelo ruivo bem vivo começando a ficar grisalho. O que aconteceu com a Paula?

— É o que estou tentando descobrir.

— Quer entrar? Eu disse tudo o que sabia para o primeiro policial e repassei todas as informações ao pai dela, mas acho que você deve ter suas próprias perguntas. É sempre assim, não é?

Entrei logo atrás dela e atravessamos um longo corredor. Ao lado da escada havia uma mesa com uma pilha de envelopes.

— É aqui que eles pegam a correspondência — disse a mulher. — Em vez de separar as cartas e colocar em cinquenta e quatro caixas de correio diferentes, o carteiro larga tudo aí nessa mesa. É mais seguro assim, por incrível que pareça. Outros prédios têm caixas de correio no hall de entrada, mas os drogados arrombam o

tempo todo, para procurar cheques dentro dos envelopes. Por aqui, última porta à esquerda.

O apartamento dela era pequeno, mas incrivelmente bem organizado. Havia uma cama com gavetões embaixo sendo usada como sofá, uma cadeira de espaldar reto, uma poltrona, uma escrivaninha de madeira e uma cômoda com uma televisão em cima. O chão era de linóleo com desenhos de tijolinhos, coberto em sua maior parte por um tapete oval feito à mão.

Sentei numa das cadeiras enquanto a mulher abria a tampa da escrivaninha e folheava um registro onde anotava os dados dos inquilinos. Ela disse:

— Pronto, achei. A última vez em que a vi foi quando ela pagou o aluguel, no dia 6 de julho. Foi uma segunda--feira, que é quando o aluguel vence, e ela pagou cento e trinta e cinco dólares no dia, tudo certinho. O apartamento dela era bom, ficava logo no primeiro andar e era um dos maiores. Na semana seguinte, não a vi na segunda--feira e, na quarta-feira, fui procurá-la. É um hábito meu. Às quartas-feiras, saio batendo na porta de quem ainda não pagou. Não despejo ninguém por causa de dois dias de atraso, mas vou pedir o dinheiro, porque tenho alguns inquilinos que nunca pagariam se eu não fizesse isso.

“Bati na porta dela, e ela não respondeu. Depois, quando estava descendo a escada, bati de novo, mas Paula ainda não tinha chegado. Na manhã seguinte, que foi quinta-feira, dia 16, bati na porta mais uma vez, e quando não houve resposta decidi usar minha cópia da chave.”

A síndica franziu a testa.

— Por que foi mesmo que fiz isso? Paula costumava ficar em casa de manhã, mas não sempre, e o aluguel só estava três dias atrasado. Ah, já lembrei! Tinha correspondência para ela que não havia sido apanhada fazia alguns dias, cartas que eu já vira mais de uma vez. Isso e mais o fato de o aluguel estar atrasado... enfim, achei melhor abrir a porta.

— E o que encontrou?

— Não aquilo que estava com medo de encontrar. É horrível abrir uma porta desse jeito. Você é policial, sabe do que estou falando. Quando as pessoas moram sozinhas nesses apartamentos

minúsculos, a gente abre a porta delas apavorada com o que pode encontrar. Mas dessa vez não tinha nada, graças a Deus. O apartamento estava vazio.

— Completamente vazio?

— Pensando bem, não. Ela deixou os lençóis na cama. Os inquilinos precisam trazer sua própria roupa de cama. Eu costumava fornecê-la, mas mudei as regras acho que há uns quinze anos. Os lençóis, os cobertores e a fronha ainda estavam na cama. Mas não havia roupas no armário, nada nas gavetas e nenhuma comida na geladeira. Paula se mudou, sem dúvida. Desapareceu.

— Estranho ela ter deixado os lençóis.

— Talvez estivesse indo para um prédio onde eles fornecem a roupa de cama. Talvez estivesse saindo da cidade e não tivesse muito espaço na bagagem. Ou talvez tenha esquecido. Você não leva os lençóis quando vai embora de um hotel, a não ser que seja um ladrão, e morar aqui é mais ou menos como morar num hotel. Outras pessoas já deixaram a roupa de cama no apartamento. Meu Deus, já deixaram cada coisa...

Ela deixou a frase solta no ar, mas achei melhor não pedir mais detalhes.

— Você disse que a Paula era garçonete.

— Era assim que ela ganhava a vida. Na verdade era atriz, ou estava tentando virar uma. A maioria dos meus inquilinos quer ser artista. Quer dizer, os inquilinos mais jovens. Tem alguns mais velhos que já estão comigo há anos, vivendo de aposentadorias e pensões. Tem uma mulher que só paga dezessete dólares e trinta centavos por semana, se é que dá para acreditar nisso, e ela tem um dos melhores apartamentos do prédio. E *eu* ainda preciso subir cinco andares para ir pegar o aluguel. Algumas manhãs de quarta-feira, sinto que nem vale a pena fazer tanto esforço por tão pouco dinheiro.

— Você sabe onde Paula estava trabalhando logo antes de se mudar?

— Nem sei se ela estava trabalhando. Não me lembro se comentou alguma coisa comigo, mas duvido. Não fico muito íntima deles, sabe? Converso um pouco, só isso. Porque eles estão sempre indo e vindo. Os mais velhos vão ficar comigo até Deus vir

buscá-los, mas os jovens nunca duram muito. Eles desistem e voltam para casa, ou economizam algum dinheiro e vão para um apartamento maior, ou se casam e vão morar com alguém.

— Quanto tempo Paula ficou aqui?

— Três anos, ou quase isso. Ia fazer três anos esta semana. Sei disso porque olhei o registro quando o pai dela esteve aqui. Bom, ela foi embora há dois meses, então não chegou a completar três anos. Mesmo assim, ficou mais do que a maioria. Tenho alguns poucos que estão comigo até há mais tempo, para não falar dos meus velhinhos, claro. Mas não são muitos.

— Fale mais sobre Paula.

— Falar mais o quê?

— Não sei. Quem eram seus amigos? O que ela gostava de fazer? Você é observadora, deve ter notado alguma coisa.

— Sou observadora, mas às vezes finjo que não vejo. Entendeu?

— Acho que sim.

— Alugo cinquenta e quatro apartamentos neste prédio. Alguns são grandes e são divididos por duas meninas. Tenho... acho que são sessenta e seis inquilinos no momento. Só peço que sejam silenciosos, decentes e que paguem o aluguel no dia certo. Não pergunto como ganham seu dinheiro.

— Paula estava trabalhando como prostituta?

— Não tenho motivos para dizer que sim. Mas também não juraria por Deus que não. Vou dizer uma coisa, acho que pelo menos quatro das minhas inquilinas estão ganhando a vida assim, provavelmente mais até do que isso, e a questão é que eu não sei quem elas são. Se uma mulher sai para ir trabalhar, não sei se vai servir mesas num restaurante ou fazer outra coisa qualquer numa casa de massagens, ou sei lá como elas chamam. Meus inquilinos não podem receber visitas nos apartamentos. Isso é problema meu. O que fazem fora daqui é problema deles.

— Você nunca viu nenhum amigo de Paula?

— Ela nunca trouxe nenhum para cá. Não é permitido. Não sou burra, sei que de vez em quando as pessoas levam gente escondida para os apartamentos. Mas sou rígida com as regras e ninguém

tenta fazer isso regularmente. Não sei se a Paula era amiga de alguma das meninas do prédio. Ou de algum dos meninos.

— Ela não deixou o endereço do lugar para onde foi?

— Não. Nunca mais ouvi falar dela desde a última vez em que pagou o aluguel.

— O que você fez com a correspondência dela?

— Dei para o carteiro. Disse que ela havia se mudado sem deixar o endereço novo. Paula não recebia muita correspondência. Contas de telefone e as mesmas porcarias que todo mundo recebe.

— Vocês se davam bem?

— Sim. Paula era quieta, educada e limpa. E pagava o aluguel. Atrasou só umas vezes em três anos.

A síndica folheou o livro de registros.

— Aqui ela pagou duas semanas de uma vez só. E aqui deixou de pagar durante quase um mês, e depois pagou cinquenta dólares a mais por semana até quitar o atrasado. Deixo que os inquilinos façam isso se já estiverem aqui há algum tempo e se souber que posso contar com eles. E se não quiserem fazer isso sempre. A gente precisa ajudar os outros de vez em quando, porque todo mundo passa por tempos difíceis.

— Por que você acha que Paula foi embora sem dizer nada?

— Não sei.

— Não tem nem ideia?

— Eles fazem muito isso. Pegam e desaparecem, saem sorrateiramente com as malas no meio da noite. Mas em geral fazem isso quando estão com uma semana de aluguel atrasado, e ela estava quase em dia. Talvez estivesse totalmente em dia, porque não tenho certeza da data em que foi embora. Estava no máximo dois dias atrasada, mas talvez tenha pago na segunda e ido embora um dia depois, pois nos dez dias que se passaram entre a última vez em que pagou o aluguel e o dia em que eu abri a porta com a minha chave, não a vi nenhuma vez.

— Parece estranho que ela tenha decidido se mudar sem comentar nada.

— Bom, talvez já fosse tarde no dia em que ela foi embora, e não tenha querido me incomodar. Ou fosse cedo e eu não estivesse em casa. Vou ao cinema sempre que posso. O que mais gosto

neste mundo é ir ao cinema à tarde durante a semana, quando o cinema está quase vazio e só tem você e o filme. Eu estava pensando em comprar um videocassete. Ia poder ver qualquer filme que quisesse a qualquer hora do dia, e só custa dois ou três dólares para alugar um. Mas não é a mesma coisa ver um filme em casa, na tela pequena da televisão. É a mesma diferença que há entre rezar em casa e rezar na igreja.

3

Naquela noite, passei cerca de uma hora batendo em todas as portas do prédio, começando pelo último andar e indo até embaixo. A maioria dos inquilinos não estava em casa. Falei com meia dúzia deles e não descobri nada. Só uma das pessoas que abordei reconheceu Paula na foto, e ela nem sabia que a garota havia se mudado dali.

Depois de algum tempo desisti, e passei no apartamento da síndica antes de ir embora. Ela estava assistindo a um *game show* e me fez esperar até a hora do comercial.

— Esse programa é ótimo — disse, desligando o som. — Precisa ser esperto para participar dele. Você precisa pensar rápido.

Perguntei em qual apartamento Paula havia morado.

— Acho que no número doze — disse a mulher, indo verificar. — Isso, doze. É no primeiro andar.

— Ele não está vazio, está?

Ela riu.

— Eu não falei que não tinha nenhum apartamento disponível? Acho que não levei nem um dia para alugar de novo. Deixe-me ver. Foi uma menina de sobrenome Price que alugou esse apartamento no dia 18 de julho. Quando foi mesmo que eu disse que Paula se mudou?

— Você disse que descobriu que ela havia desaparecido no dia 16.

— Não falei? O apartamento estava vazio no dia 16 e no dia 18 eu já arrumei uma inquilina nova. Ela provavelmente deve ter acertado comigo no dia 17, e aí se mudou no dia seguinte. Meus apartamentos ficam disponíveis por muito pouco tempo. Tenho uma lista de espera com seis nomes.

— O sobrenome da nova inquilina é Price?

— Georgia Price. É dançarina. Apareceram muitos dançarinos aqui no último ano.

— Vou ver se ela está em casa — disse eu, entregando uma das fotos de Paula à síndica. — Tem meu telefone atrás.

— É a Paula mesmo. Está bonita nesta foto. Seu nome é Matthew Scudder? Só um minuto, vou lhe dar um cartão.

No cartão dela estava escrito: “Florence Edderling. Quartos para alugar”.

— As pessoas me chamam de Flo. Ou de Florence, tanto faz.

Georgia Price não estava em casa, e eu já tinha batido em portas demais naquele dia. Comprei um sanduíche numa lanchonete e o comi a caminho da minha reunião.

Na manhã seguinte, depositei o cheque de Warren Hoeldtke no banco e saquei algum dinheiro, mais cem dólares em notas de um. Sempre levava notas de um dólar no bolso da frente da calça.

Bastava dar dois passos e vinha alguém pedir esmola. Às vezes, eu recusava. Às vezes, colocava a mão no bolso e tirava uma nota de um dólar.

Há alguns anos eu saí da polícia, larguei minha mulher e meus filhos e me mudei para o hotel onde vivo até hoje. Foi nessa época que comecei a pagar uma espécie de dízimo, dando um décimo de todo o dinheiro que eu ganhava para a primeira igreja que aparecesse no meu caminho. Passei a frequentar algumas igrejas. Não sei o que eu buscava nesses lugares, nem sei dizer se encontrei, mas me parecia apropriado dar um décimo do meu dinheiro em troca do que eu estivesse recebendo.

Depois que fiquei sóbrio, continuei a pagar o dízimo durante algum tempo, mas não sentia mais que aquela era a coisa a certa a fazer, por isso parei. Porém também me senti mal com isso. Meu primeiro impulso foi entregar o dinheiro para o aa, porém a associação não aceita doações. Eles passam o chapéu para cobrir as despesas, contudo não pedem mais do que um dólar por reunião.

Assim, comecei a dar esmolas aos pedintes na rua. Não me sinto confortável em ficar com o dinheiro todo, e ainda não descobri

uma maneira melhor de me livrar dele.

Sei que algumas dessas pessoas gastam o que lhes dou em bebida e drogas, mas por que não deveriam fazê--lo? A gente gasta dinheiro naquilo que mais precisa. No começo, eu tentava adivinhar quem era drogado e quem não era, mas logo desisti. Pareceu-me presunçoso da minha parte, e além do mais eu me sentia como se estivesse trabalhando, resolvendo casos instantâneos. Quando eu dava dinheiro a igrejas, não me preocupava em saber o que elas iam fazer com ele, ou se iriam gastá-lo em algo que eu aprovasse. Não sabia nem se estavam comprando Cadillacs para seus bispos com a minha caridade. Então, por que não usá-lo para comprar Porsches para os traficantes que vendem drogas aos mendigos?

Já que estava me sentindo generoso, caminhei até a delegacia do Centro-Norte e dei cinquenta dólares ao detetive Joseph Durkin.

Eu ligara para avisar que ia, por isso ele estava no distrito me esperando. Já fazia um ano ou mais que não o via, mas ele estava igualzinho. Tinha engordado alguns quilos, porém não estava acima do peso. A bebida já começara a deixar algumas marcas em seu rosto, mas isso não é motivo para parar. Quem já parou de beber por estar com as faces um pouco vermelhas e com algumas veias dilatadas?

— Aquele revendedor da Honda procurou você? — perguntou Durkin. — Ele tinha um sobrenome alemão, mas não me lembro mais qual era.

— Hoeldtke. E é revendedor da Subaru, não da Honda.

— De fato faz uma diferença enorme, Matt. E aí, como você anda?

— Bem.

— Está com uma cara boa. Vida saudável, é isso?

— É o meu segredo.

— Você acorda cedo? Come bastante fibra?

— Como até tronco de árvore.

— Eu também. Não consigo resistir.

Durkin ergueu a mão e ajeitou o cabelo. Seus cabelos eram castanho-escuros, quase negros, e não estavam precisando ser

ajeitados; eram bem lisos e não saíam mais do lugar depois que ele os penteava de manhã.

— Bom ver você — disse ele.

— Bom ver você também, Joe.

Durkin apertou minha mão. Eu estava segurando uma nota de dez e duas de vinte, e passei-as discretamente para ele. A mão de Durkin desapareceu em seu bolso e então ressurgiu, vazia.

— Quer dizer que foi uma boa indicação? — perguntou ele.

— Não sei. Hoeldtke me deu algum dinheiro e eu vou dar uma procurada na garota. Não sei se vai adiantar alguma coisa.

— Pelo menos agora ele vai ficar descansado, sabendo que está fazendo tudo o que pode. E você não vai explorá-lo.

— Não.

— Eu peguei com ele uma foto da garota e mandei para o pessoal do necrotério. Desde junho eles estavam com dois corpos não identificados de mulheres brancas, mas nenhum era dela.

— Imaginei que você tivesse feito isso.

— É, mas depois não fiz mais nada. Não é caso de polícia.

— Eu sei.

— Por isso mandei o cara te procurar.

— Eu sei e agradeço.

— Não tem de quê. Já descobriu alguma coisa?

— Está meio cedo ainda. Só sei que ela se mudou. Pegou todas as roupas e sumiu.

— Que bom. Assim é mais provável que ela esteja viva.

— Pois é. Só que nem tudo que eu descobri faz sentido. Você disse que procurou pela garota no necrotério, mas por acaso procurou também nos hospitais?

— Acha que ela pode estar em coma?

— Talvez.

— Quando foi a última vez que ela ligou para os pais? Em junho? É muito tempo para alguém ficar em coma.

— Às vezes os comas duram anos.

— Bom, isso é verdade.

— E o último aluguel ela pagou no dia 6 de julho. Há pouco mais de dois meses.

— Mesmo assim é muito tempo.

— Não para a pessoa que está em coma. Para ela, é um piscar de olhos.

Durkin me encarou. Ele tem olhos cinza-claros que não costumam revelar muita coisa, mas naquele momento vi que ele estava achando um pouco de graça em mim.

— Um piscar de olhos — repetiu Durkin. — Então a garota se mudou do apartamento onde morava e, logo depois, foi internada num hospital. É isso?

— Bastam algumas coincidências. Ela se muda e, em meio à mudança, ou um ou dois dias depois, sofre um acidente. Nenhum cartão de identidade, um bom samaritano rouba sua bolsa enquanto ela está inconsciente. Pronto, a garota acaba internada sem identificação. Não teve tempo de ligar para os pais e contar da mudança, pois o acidente aconteceu antes. Não estou afirmando que aconteceu assim, mas não é impossível.

— Tudo bem. Você está procurando nos hospitais?

— Pensei em dar uma passada nos mais próximos de onde ela morava. O Roosevelt, o St. Clare's…

— Mas o acidente pode ter acontecido em qualquer lugar.

— Eu sei.

— Se for verdade que ela se mudou, pode ter ido para qualquer parte da cidade.

— Era isso que eu estava pensando.

Durkin me deu uma olhada.

— Aposto como você tem algumas fotos extras da garota — disse. — Olha só, tem seu telefone atrás e tudo. Acho que você não se incomodaria se eu enviasse as fotos para os hospitais e pedisse que eles verificassem se estão com alguma mulher não identificada.

— Seria uma grande ajuda.

— Imagino que sim. Você quer bastante pelo preço de um casaco.

Na gíria policial, um casaco significa cem dólares. Um chapéu são vinte e cinco. Uma libra são cinco. Os termos tinham virado moda fazia alguns anos, quando as roupas eram mais baratas e a moeda britânica valia mais.

— Você se enganou — disse eu. — No seu bolso só tem dois chapéus.

— Cara, você é muito mão de vaca, sabia?

Paula não estava em nenhum hospital da cidade de Nova York. Ele não havia esperado encontrá-la dessa maneira, mas não podia ter deixado de verificar.

Enquanto Durkin usava seus contatos para fazer essa parte do trabalho por mim, eu tentava outros caminhos. Nos dias que se seguiram, fui outras vezes ao prédio de Florence Edderling, bati em mais algumas portas e conversei com outros inquilinos, quando eles estavam em casa. Havia homens e mulheres, velhos e jovens, gente de Nova York e de fora, mas a maioria dos inquilinos da srta. Edderling era como Paula Hoeldtke — mulheres jovens, relativamente novas na cidade, com muita esperança e pouco dinheiro.

Poucas conheciam Paula pelo nome, mas quase todas a reconheceram pela foto, ou acharam ter reconhecido. Assim como ela, passavam a maior parte do tempo fora do prédio e, quando estavam lá, ficavam sozinhas em seus apartamentos, com as portas fechadas.

— Achei que ia ser como aqueles filmes dos anos quarenta — disse uma delas para mim. — Com uma síndica piadista e um bando de garotas se reunindo na sala de estar para falar dos namorados e dos testes que fizeram, e para pentear o cabelo umas das outras. Antes tinha uma sala aqui, mas há alguns anos eles a dividiram em dois apartamentos e alugaram também. Eu cumprimento algumas pessoas, mas não posso dizer que conheço alguém neste prédio. Costumava ver essa garota... O nome dela é Paula? Mas só agora soube como ela se chama, e eu nem sabia que ela tinha se mudado.

Certa manhã, fui à sede da Associação de Atores e descobri que Paula Hoeldtke não fazia parte dela. O rapaz que fez a procura me perguntou se ela era membro de outra organização do gênero e quando eu disse que não sabia, ele foi muito gentil e verificou para mim. Mas Paula não estava registrada em lugar algum.

— A não ser que ela use um nome artístico — disse ele. — Seu sobrenome não é completamente impossível, na verdade até fica bem impresso, mas muita gente não saberia como pronunciá-lo. Será que ela mudou para Paula Holden ou algum outro parecido, só que mais simples?

— Ela não comentou nada sobre isso com os pais.

— Não é sempre que você corre para contar esse tipo de coisa aos seus pais, ainda mais se dão muita importância ao nome de família. Em geral, eles dão.

— Você tem razão. Mas ela usou seu nome verdadeiro nas duas peças que fez.

— Posso dar uma olhada? — pediu ele, pegando os dois programas da minha mão. — Ah, isso pode nos ajudar. Aqui está, Paula Hoeldtke. Estou pronunciando certo?

— Está.

— Ótimo. Na verdade, não consigo imaginar de que *outra* maneira se poderia falar, mas não tive certeza. Ela poderia ter mudado a maneira de escrever e colocado h-o-l-t-k-y. Mas ficaria feio, não acha? Vamos ver. “Paula Hoeldtke se formou em artes cênicas pela Ball State University”... Ah, coitadinha... “Lá, ela fez parte do elenco nas produções de *O pessegueiro em flor* e *O jardim de Gregory*.” *O pessegueiro em flor* é uma peça do Clifford Odets, mas que diabos será *O jardim de Gregory* ? Aposto que deve ser uma peça de algum aluno de lá. E eles não falam mais nada sobre Paula Hoeldtke no programa. E que peça foi essa? *Outra parte da cidade*. Que escolha curiosa para uma apresentação única. Ela ficou com o papel de Molly. Não me lembro muito bem dessa peça, mas acho que esse não é um dos papéis principais.

— Paula disse aos pais que era um papel pequeno.

— E ela não exagerou. Será que tinha alguém da Associação aqui? Hum. “Axel Godine fez essa peça com a permissão da Associação dos Atores.” Não sei quem ele é, mas posso dar o telefone dele para você. Ele fez o papel de Oliver, então deve ter uma certa idade. Mas com uma apresentação única nunca se sabe, às vezes o pessoal do *casting* comete insanidades. Ela gosta de homens mais velhos?

— Não sei.

— E essa aqui? *Grandes amigos*. O nome não é mau. Onde foi que eles encenaram? No Cherry Lane. Por que será que eu nunca ouvi falar? Ah, foi só uma leitura dramática, com apenas uma apresentação. *Grandes amigos* é um bom título, bem sugestivo e um pouquinho safado. Ah, foi o Gerald Cameron que escreveu. Ele é bastante talentoso. Como ela conseguiu o papel?

— É estranho que tenha conseguido?

— Um pouco. Não é o tipo de coisa para a qual se faria uma audição aberta. Pelo menos, eu acho que não. O autor provavelmente queria saber como seu trabalho ficaria ao ser encenado, e por isso ele ou o diretor encontrou alguns atores adequados para os papéis e pediu que fizessem a leitura no palco, talvez diante de patrocinadores em potencial, talvez não. Algumas leituras dramáticas de hoje são bastante elaboradas, com muitos ensaios e os atores se movimentando no palco. Em outras, os atores ficam só sentados, como se estivessem lendo uma peça para o rádio. E quem foi que dirigiu isso? Ah, estamos com sorte.

— Alguém conhecido?

— Sem dúvida.

Ele pegou o telefone e discou um número.

— David Quantrill, por favor. David? Quem fala é Aaron Stallworth. Como você está? É mesmo? Claro, querido, ouvi falar, sim — disse Aaron, cobrindo o bocal com a mão e revirando os olhos. — David, adivinhe o que eu tenho aqui. Não, pensando bem, nem se incomode. É um programa da leitura dramática de *Grandes amigos*. Vocês chegaram a fazer alguma coisa além da leitura dramática? Entendo. Ah, sei. Eu não fiquei sabendo.

Ele fez uma expressão grave e ficou ouvindo em silêncio durante algum tempo. Então, disse:

— David, estou ligando porque tem um homem aqui comigo que está tentando encontrar uma das atrizes que fez a leitura. O nome dela é Paula Hoeldtke, aqui diz que ela fez o papel de Marcy. Exato. Você pode me dizer por que decidiu usá-la? Entendo. Bem, acha que meu amigo poderia ir vê-lo e conversar um pouco com você? Ele vai querer fazer algumas perguntas. Aparentemente, Paula desapareceu da face da terra, e seus pais, é claro, estão histéricos.

Pode ser? Ótimo, vou pedir que ele vá agora mesmo. Não, acho que não. Quer que eu pergunte? Entendo. Obrigado, David.

Aaron desligou o telefone e pressionou a ponta de dois dedos contra o centro da testa, como quem tenta fazer uma dor de cabeça desaparecer.

— A peça não foi encenada porque Gerald Cameron quis fazer algumas modificações após a leitura dramática, mas ficou doente — disse, com os olhos baixos, e então me encarou. — Muito doente.

— Entendo.

— Todo mundo está morrendo. Você notou? Sinto muito, não quero ser tão negativo. David mora em Chelsea, deixe eu anotar o endereço. Imaginei que você mesmo ia preferir fazer as perguntas, em vez de me ter como intermediário. Ele me perguntou se você era gay. Eu disse que achava que não.

— Não sou.

— Acho que ele só perguntou por hábito. Afinal, que diferença faria? Ninguém mais *faz* nada. E nem é preciso perguntar quem é gay e quem não é. Basta esperar alguns anos e ver quem ainda está vivo.

Aaron me olhou.

— Você leu a história das focas?

— Como?

— As focas.

Ele grudou os cotovelos nas costelas, bateu palmas como se suas mãos fossem nadadeiras e inclinou a cabeça como se estivesse com uma bola equilibrada no nariz.

— As focas estão morrendo no mar do Norte e em toda a costa europeia, e ninguém sabe por quê. Descobriram um vírus, mas é um vírus que já existe há décadas, aquele que faz os cachorros ficarem malucos. Mas não se vê nenhum rottweiler perseguindo as focas. Então, eles acreditam que é por causa da poluição. Tem muita sujeira no mar do Norte, e eles acham que isso enfraqueceu o sistema imunológico das focas, que ficam vulneráveis a qualquer vírus que aparece. Sabe o que eu acho?

— O quê?

— Que o mundo está com aids. Estamos girando pelo cosmos dentro de um planeta moribundo e os gays estão simplesmente

fazendo o que sempre fizeram, seguindo a moda antes de todo mundo. Estamos na linha de frente da morte.

David Quantrill tinha um *loft* no nono andar de um prédio industrial convertido em residencial na rua 22 Oeste. O apartamento possuía apenas um cômodo enorme com pé-direito bem alto. O chão de tábuas largas havia sido pintado de um branco brilhante, e as paredes, de grafite. Havia algumas pinturas abstratas penduradas aqui e ali e poucos móveis, todos de vime branco.

Quantrill tinha quarenta e poucos anos, era gorducho e quase completamente careca. Os escassos fios que lhe restavam eram longos, caindo em cachinhos sobre a gola da camisa. Ele acendeu um cachimbo de urze e tentou lembrar alguma coisa sobre Paula Hoeldtke.

— Você não pode esquecer que faz quase um ano — disse Quantrill. — E eu nunca tinha visto a garota antes e nunca mais a vi desde então. Como ela foi parar em *Grandes amigos*? Era conhecida de alguém, mas de quem?

Ele levou alguns minutos para se lembrar. Havia dado o papel de Marcy para outra atriz, uma mulher chamada Virginia Sutcliffe.

— Aí a Ginny me ligou super em cima da hora para me dizer que tinha sido convidada para fazer uma peça chamada *Gangorra* durante duas semanas num fim de mundo qualquer. Baltimore? Não importa. Enfim, ela disse que me amava muito, mas que infelizmente não ia poder etc. E me jurou que essa garota com quem ela fazia aula daria uma Marcy perfeita. Concordei em vê-la, ela leu algumas falas para mim e eu não a achei ruim — contou Quantrill, pegando a foto que eu lhe entregara. — Ela é bonita, mas não tem um rosto marcante. Nem muita presença de palco. Porém era boa o suficiente, e eu não tinha tempo para atravessar todo o reino com um sapatinho de cristal, procurando pela Cinderela. Sabia que não ia usá-la se a peça fosse mesmo ser encenada. Ia usar a Ginny, se houvesse uma boa química entre ela e o elenco e se eu a perdoasse por ter desertado e fugido para Baltimore.

Perguntei como eu poderia entrar em contato com Ginny. Quantrill ligou para ela, mas ninguém atendeu; então ligou para o

atendimento telefônico e descobriu que Ginny estava em Los Angeles. Ele telefonou para o agente dela, pegou o número de Ginny na Califórnia e discou-o. Conversou com ela por um minuto e passou o telefone para mim.

— Eu mal me lembro da Paula — disse Ginny. — Nós nos conhecemos numa aula, e eu imaginei que ela daria uma boa Marcy. É um pouco desajeitada, um pouco hesitante. Você a conhece?

Respondi que não.

— E também nunca deve ter lido a peça, então não tem ideia do que estou querendo dizer — disse ela. — Nunca mais a vi depois disso, e nem sabia que David a tinha contratado para a leitura.

— Vocês fizeram aula de teatro juntas?

— Isso. Não chegamos a ficar íntimas. Era um *workshop* de improvisação dado por Kelly Greer, duas horas toda quinta à tarde num apartamento pequeno no segundo andar de um prédio na Broadway. Paula fez uma cena sobre duas pessoas esperando um ônibus, e eu a achei muito boa.

— Ela era amiga de mais alguém na aula? Tinha namorado?

— Não sei mesmo. Não me lembro de algum dia ter levado um papo de verdade com ela.

— Você se encontrou com Paula depois que voltou de Baltimore?

— De Baltimore?

— Achei que você tinha passado duas semanas fazendo uma peça em Baltimore, e que foi por isso que não pôde participar da leitura.

— Ah, *Gangorra* ? Não foram duas semanas em Baltimore, foi uma semana em Louisville e uma semana em Memphis. Pelo menos eu conheci a casa do Elvis. Depois fui passar o Natal na casa dos meus pais em Michigan e, quando voltei a Nova York, consegui uma participação de três semanas numa novela. Esse trabalho foi muito bem--vindo, mas por causa dele não pude mais ir à aula nas quintas à tarde. Quando o trabalho acabou, descobri que havia uma vaga na turma de Ed Koven, e fazia tempo que eu estava querendo estudar com ele. Decidi fazer isso do que continuar com a

aula de improvisação. Por esse motivo nunca mais vi a Paula. Ela se meteu em alguma confusão?

— Talvez. Você disse que o nome do professor era Kelly Greer?

— Professora. O telefone dela está na minha agenda, que está na minha escrivaninha aí em Nova York, portanto não vai adiantar nada para você. Mas tenho certeza que está na lista telefônica. Vou soletrar: g-r-e-e-r.

— Não deve ser difícil encontrá-la.

— Não acredito que Paula ainda esteja estudando com ela. Não é comum ficar na mesma aula de improvisação durante muito tempo, normalmente a gente muda depois de alguns meses. Mas talvez Kelly tenha alguma informação sobre a Paula. Espero que ela esteja bem.

— Eu também.

— Estou vendo a imagem dela na minha frente, tateando por aquela cena no ponto de ônibus. Ela parecia... não sei bem a palavra... tão *vulnerável*.

Kelly Greer era uma mulher baixinha e energética, com cabelos grisalhos encaracolados e fofos e enormes olhos castanhos. Encontrei seu telefone residencial na lista e liguei. Em vez de me convidar para ir até seu apartamento, ela combinou de me encontrar num restaurante de culinária judaica na Broadway, na altura em que começam as transversais de número oitenta.

Sentamos a uma mesa perto da entrada. Comi um *bagel* e tomei um café. Ela comeu um prato de *kasha varnishkes* e bebeu dois copos grandes de iogurte.

Kelly se lembrava de Paula.

— Paula não tinha futuro como atriz — disse. — Acho que ela sabia disso, o que a colocava um passo à frente da maioria.

— Ela era muito ruim?

— Era mais ou menos. A maioria é mais ou menos. Alguns não prestam para nada, mas quase todos que chegam até aqui têm alguma competência. Não são ruins. Talvez até sejam bons, talvez até muito bons. Mas não é o suficiente.

— O que falta?

— É preciso ser maravilhoso. Nós gostamos de pensar que o sucesso vai acontecer se você tiver uma chance boa, ou se for sortudo. Ou se conhecer as pessoas certas, ou se transar com as pessoas certas. Mas não é nada disso. Só chega lá quem é incrível. Ter um pouco de talento não é suficiente. Você precisa ter talento saindo pelas orelhas. Precisa iluminar o palco, a telona ou a telinha. Precisa brilhar.

— E Paula não brilhava.

— Não, e acho que ela sabia disso. Ou meio que sabia. E isso não a deixava arrasada. E há uma outra coisa, além do talento você precisa ter o desejo. Precisa querer desesperadamente o sucesso, e acho que a Paula não queria tanto assim — afirmou Kelly, ficando em silêncio por alguns segundos. — Mas queria alguma outra coisa.

— O quê?

— Não sei. Talvez nem ela soubesse. Dinheiro? Fama? É isso que atrai muitos deles para essa carreira, principalmente os que vêm da Costa Oeste. Acham que vão ficar ricos sendo atores. Não posso imaginar um jeito pior.

— É isso que Paula queria? Fama e dinheiro?

— Ou glamour. Ou uma vida mais excitante. Não cheguei a conhecê-la muito bem. Ela entrou na minha aula no outono passado e frequentou-a por uns cinco meses. Mas não era do tipo assíduo. Às vezes, não aparecia. Isso é comum, de vez em quando os alunos precisam trabalhar, ou fazer um teste, ou alguma outra coisa.

— Quando Paula deixou as aulas?

— Ela nunca se despediu formalmente, apenas deixou de vir. Eu olhei no meu registro. A última aula que fez foi em fevereiro.

Kelly tinha o nome e o telefone de uma dúzia de homens e mulheres que havia feito aula com ela na mesma época que Paula. Não conseguia se lembrar se Paula tinha um namorado ou se alguém fora buscá-la na aula alguma vez. Não sabia se era amiga íntima de algum colega. Anotei todos os nomes e telefones, com exceção do de Virginia Sutcliffe, com quem já conversara.

— Ginny Sutcliffe me contou que Paula fez uma cena de improviso que se passava num ponto de ônibus — eu disse.

— Foi? Eu uso muito essa situação. Não me lembro de como Paula se saiu.

— De acordo com Ginny, ela foi um pouco desajeitada, um pouco hesitante.

Kelly deu um sorriso triste.

— Um pouco desajeitada, um pouco hesitante — disse. — Que surpresa. Todo ano, milhares de jovens ingênuos desembarcam em Nova York, todos muito desajeitados e hesitantes, torcendo para que sua exuberância e simpatia conquistem o coração do país. Às vezes sinto vontade de ir até a rodoviária e mandar todos de volta para casa.

Kelly tomou um gole do seu iogurte, pegou o guardanapo e passou-o nos lábios. Eu lhe disse que Ginny descrevera Paula como vulnerável.

— Todos eles são vulneráveis — afirmou ela.

Procurei os colegas de turma de Paula, conversei com alguns pessoalmente e com outros falei por telefone. Contatei todos da lista de Kelly Greer e, ao mesmo tempo, continuei a bater nas portas do prédio de Flo Edderling, riscando os nomes daqueles com quem já havia conversado.

Assim como Warren Hoeldtke fizera, fui ao último restaurante em que sabíamos que Paula havia trabalhado. Ele se chamava Druid's Castle, e era um bar em estilo pub inglês na rua 46 Oeste. Eles tinham pratos tipicamente ingleses no cardápio, como torta do pastor e uma coisa chamada sapo no buraco. O gerente confirmou que Paula deixara de trabalhar ali na primavera.

— Ela era gente boa — disse. — Não me lembro por que pediu demissão, mas não foi por ter brigado com alguém aqui. Eu a contrataria de novo.

Uma das garçonetes se lembrava de Paula e disse que ela era "uma menina legal, mas meio desligada, como se estivesse sempre pensando em outra coisa". Eu entrei e saí de diversos restaurantes nas ruas ali perto, e Paula realmente havia trabalhado em dois deles antes de ir parar no Druid's Castle. Essa informação teria sido útil se eu estivesse escrevendo sua biografia, mas não me ajudava a descobrir para onde ela tinha ido em meados de julho.

Num bar chamado Paris Green, que ficava na esquina da Nona Avenida com a rua 52, o gerente disse que Paula lhe parecia familiar, mas jamais trabalhara lá. O barman, um rapaz bem alto de barba emaranhada, pediu para ver a foto dela.

— Ela nunca trabalhou aqui — disse. — Mas costumava vir beber. Faz uns dois meses que não aparece.

— Desde a primavera?

— Só pode ter sido depois de abril, pois antes disso eu não trabalhava aqui. Como é mesmo o nome dela?

— Paula.

Ele deu batidinhas na foto com o dedo.

— Não lembro o nome, mas é ela. Já a vi aqui umas cinco, seis vezes. Chegava bem tarde. A gente fecha às duas, e era mais ou menos a essa hora que ela aparecia. Era sempre mais de meia-noite, com certeza.

— Vinha sozinha?

— Não, porque senão eu teria dado em cima dela — disse e sorriu. — Ou pelo menos jogado um verde. Ela estava sempre com um cara, mas não tenho certeza se era o mesmo toda vez. Acho que sim, porém não posso jurar. Não penso nela desde a última vez em que a vi, e já faz mais de dois meses que isso aconteceu.

— Ela não é vista desde a primeira semana de julho.

— A última vez que ela veio aqui foi mais ou menos nessa época. Estava bebendo um *salty dog*. Os dois beberam isso.

— O que Paula costumava beber?

— Não era sempre a mesma coisa. Às vezes uma margarita, às vezes uma *vodka sour*. Talvez não isso exatamente, mas você entende o que quero dizer. Drinques de mulher. Mas o cara era bebedor de uísque e dessa vez pediu um *salty dog*. E o que isso quer dizer?

— Que estava calor.

— Elementar, meu caro Watson — disse o barman com um sorriso. — Ou eu daria um bom detetive, ou você daria um bom barman, porque nós dois chegamos à mesma conclusão. Posso lhe pagar uma bebida para comemorar?

— Uma Coca-Cola.

O rapaz pegou uma cerveja para ele e uma Coca para mim. Deu um gole pequeno e me perguntou o que tinha acontecido com Paula. Expliquei que ela desaparecera.

— Isso acontece — disse ele.

Fiquei conversando com ele durante uns dez minutos e, quando terminamos, conseguira uma descrição do acompanhante de Paula. Ele era da minha altura, talvez um pouco mais alto. Tinha uns trinta anos. Cabelo castanho, sem barba nem bigode. Usava roupas não muito formais, esportivas.

— É como resgatar dados perdidos da memória de um computador — disse o barman, admirado com o processo. — Lembrei de coisas que eu nem imaginava que sabia. Mas tenho medo de estar inventando alguns dados só para agradar você.

— Às vezes isso acontece — admiti.

— De qualquer maneira, metade dos caras que mora por aqui se parece com essa descrição que lhe dei. Isso se ele morar por aqui, o que eu duvido.

— Porque você só o viu nas cinco ou seis vezes em que ele estava com Paula.

Ele assentiu.

— Se juntarmos isso com o horário em que eles apareciam aqui, eu diria que ele a pegava no trabalho, ou ela o pegava no trabalho, ou talvez ambos trabalhassem no mesmo lugar.

— E passavam aqui depois para beber um pouco.

— Mais do que um pouco.

— Paula bebia bem?

— Ele bebia bem. Ela não bebia nem muito devagar nem muito depressa. Seus drinques não evaporavam. Mas nunca ficava bêbada. Nem ele. Mais uma evidência de que eles estavam trabalhando antes de vir para cá, e começavam a beber aqui e não em outro lugar.

Ele me estendeu a foto. Sugeri que ficasse com ela.

— Se lembrar de mais alguma coisa...

— Ligo para você.

Só fios soltos e peças que não se encaixam. Quando contei minha história na reunião do grupo Um Novo Começo, já fazia mais de uma semana que eu estava procurando por Paula Hoeldtke, e provavelmente já gastara tempo e energia suficientes para fazer valer os mil dólares do pai dela — embora minha busca não houvesse dado em nada.

Conversara com inúmeras pessoas e tinha páginas e páginas de anotações. Distribuíra metade das cem cópias da foto que eu havia mandado fazer.

E o que eu tinha descoberto? Não sabia para onde Paula fora quando desaparecera do prédio em que morava em meados de julho. Não sabia onde havia ido trabalhar depois que saíra do Druid's Castle em abril. E a imagem dela que eu começava a formar na minha mente era bem menos nítida do que a fotografia que eu andava distribuindo pela vizinhança.

Paula era atriz, ou queria ser atriz, mas quase não havia trabalhado e parara de frequentar as aulas. Tinha estado em um bar ali perto com um homem, tarde da noite, talvez umas seis vezes ao todo. Era solitária, mas não ficava muito em casa. Para onde ia quando saía sozinha? Caminhar no parque? Conversar com os pombos?

4

Na manhã seguinte, a primeira coisa que pensei foi que havia sido ríspido demais com o homem misterioso que me telefonara. Duvidava que ele tivesse alguma informação verdadeira para me dar, mas que outra pista eu tinha?

Enquanto tomava o café da manhã, lembrei a mim mesmo que eu jamais acreditara que fosse desvendar esse caso. Paula Hoeldtke desistira de trabalhar como atriz e garçonete. Mudara-se do prédio de Florence Edderling e fugira dos pais. Devia estar levando uma vida diferente em algum lugar, e apareceria quando tivesse vontade. Ou isso, ou estava morta e, nesse caso, não havia nada que eu pudesse fazer por ela.

Pensei em ir ao cinema, mas em vez disso acabei passando o dia conversando com agentes teatrais, fazendo sempre as mesmas perguntas, entregando fotos. Nenhum deles reconheceu o nome ou o rosto de Paula.

— Ela talvez preferisse ir a audições abertas — disse um deles. — Alguns contratam logo um agente, mas outros tentam arrumar alguns trabalhos antes para pôr no currículo e nos impressionar.

— Qual é o melhor jeito?

— O melhor jeito é ter um tio que seja produtor.

Cansei de conversar com agentes e fui ao prédio dela de novo. Toquei a campainha de Florence Edderling e ela abriu a porta balançando a cabeça.

— Vou começar a cobrar aluguel — disse. — Você passa mais tempo aqui do que alguns dos meus inquilinos.

— Só quero conversar com mais umas pessoas.

— Tudo bem. Ninguém reclamou e, se eles não se importam, não sou eu que vou me importar.

De todos os inquilinos com quem eu ainda não falara, apenas uma estava em casa. Morava no prédio desde maio e não conhecia Paula Hoeldtke.

— Gostaria de ajudar, mas nunca tive contato com ela. A vizinha da frente me contou que conversou com você. Essa garota sumiu, foi isso?

— É o que parece.

Ela deu de ombros.

— Pena eu não poder ajudar.

Logo depois que parei de beber, comecei a sair com uma mulher chamada Jan Keane. Eu já a conhecia fazia algum tempo, mas havíamos parado de nos encontrar quando ela entrou para o aa, e voltamos quando eu passei a frequentar as reuniões.

Jan é uma escultora que mora e trabalha num *loft* na rua Lispenard, em TriBeCa, ao sul da rua Canal. Nós estávamos passando bastante tempo juntos, nos vendo três ou quatro noites por semana e às vezes nos encontrando durante o dia também. De vez em quando íamos a reuniões juntos, mas fazíamos outras coisas além disso. Saíamos para jantar, ou ela cozinhava para mim. Ela gostava de ir a galerias no SoHo ou no East Village. Eu não tinha o costume de fazer isso, e descobri que me agradava. Sempre ficara meio constrangido em situações como essas, sem saber o que dizer diante de um quadro ou de uma escultura. Mas Jan me ensinou que não era preciso dizer nada.

Não sei o que deu errado. O relacionamento foi ficando mais sério, como é normal, e chegamos a um ponto em que eu estava praticamente morando na rua Lispenard, com algumas roupas no armário dela e meias e cuecas em uma de suas gavetas. Conversamos algumas vezes, com certa hesitação, sobre se fazia sentido eu manter meu quarto de hotel. Será que não era um desperdício pagar por ele, já que eu quase nunca ia para lá? Por outro lado, não era um bom lugar para encontrar clientes?

Creio que em dado momento eu deveria ter entregado as chaves do meu quarto e começado a dividir as despesas do *loft*.

Depois, talvez chegasse o dia em que falaríamos de compromisso e quem sabe até de casamento.

Mas não fizemos nada disso, e tornou-se impossível manter as coisas como estavam. Fomos nos afastando aos poucos, dando pequenos passos para longe. As horas que passávamos juntos foram ficando cada vez mais marcadas pelo silêncio e as que passávamos separados foram se tornando mais frequentes. Decidimos — e sinceramente me esqueci qual dos dois sugeriu — que deveríamos sair com outras pessoas. Acabamos descobrindo que isso nos deixava ainda mais constrangidos na presença um do outro. Foi então que, de forma gentil e nada dramática, o que foi surpreendente, eu devolvi alguns livros que ela havia me emprestado, recolhi o resto das minhas roupas e peguei um táxi para casa. E só.

O relacionamento demorou tanto para acabar que seu fim chegou a ser um alívio, mas mesmo assim eu me sentia sozinho a maior parte do tempo, com uma sensação de perda. Meu divórcio, que ocorrera alguns anos antes, havia me afetado menos. Mas eu estava bebendo naquela época, por isso não sentia nada de forma aguda.

Com isso passei a frequentar mais reuniões, às vezes falando sobre o que estava sentindo, às vezes não. Tentei iniciar outro namoro logo depois, mas não tive ânimo. Agora eu estava começando a achar que talvez houvesse chegado a hora de sair com algumas mulheres, ou com uma só. Já pensara nisso várias vezes, porém ainda não chegara a tomar uma providência.

Tudo isso tornava mais interessante esse negócio de ir de porta em porta num prédio de apartamentos do West Side e conversar com mulheres solteiras. A maioria era um pouco jovem demais para mim, mas não todas. E é fácil flertar durante o tipo de interrogatório que eu estava fazendo. Aprendi isso quando era policial, e eu era casado naquela época.

Às vezes, enquanto eu fazia perguntas intermináveis sobre a esquiva Paula Hoeldtke, ficava consciente de uma forte atração pela mulher que eu estava interrogando. E às vezes também sentia aquela eletricidade correndo em ambas as direções, indicando que a atração era recíproca. Escrevia mentalmente roteiros que nos

levavam a desenvolver uma intimidade emocional e a passar da porta para a cama.

Mas eu nunca dava o próximo passo. Era como se estivesse fora de sincronia e, quando eu saía do prédio após conversar com seis, dez ou doze pessoas, sentia-me melancólico e completamente sozinho.

Dessa vez, a sensação apareceu depois de apenas uma conversa. Voltei ao hotel e fiquei sentado na frente da televisão até a hora de ir à reunião.

Naquela noite na São Paulo Apóstolo, a oradora foi uma dona de casa de Ozone Park, no Queens. Ela contou que costumava beber seu primeiro drinque do dia quando o marido tirava o Pontiac da garagem de manhã. Guardava uma garrafa de vodca embaixo da pia, num contêiner onde costumava ficar o limpador de fogão.

— Quando contei essa história pela primeira vez, uma mulher falou: “Meu Deus, e se você tivesse pego o contêiner errado e bebido o limpador de fogão?”. E eu respondi: “Querida, caia na real. Não tinha contêiner errado. Não tinha limpador de fogão embaixo da pia. Morei treze anos naquela casa e nunca limpei o fogão”. Bom, era assim que eu bebia socialmente — concluiu a mulher.

Cada grupo tem um formato diferente. No da São Paulo Apóstolo, as reuniões duram uma hora e meia, e as de sexta-feira à noite são sempre sobre um dos doze passos do programa de recuperação do aa. Essa foi sobre o quinto passo, mas eu não me lembro o que a oradora falou sobre ele, nem as palavras sábias que eu disse quando chegou minha vez.

Às dez da noite, todos ficamos de pé para rezar um pai-nosso, com exceção de uma mulher chamada Carole, que sempre fazia questão de não participar da oração. Em seguida dobrei minha cadeira, coloquei-a numa pilha, atirei no lixo o copo de plástico que usara para beber café, levei os cinzeiros para a parte da frente da sala, conversei com um dos caras e me virei quando ouvi Eddie Dunphy dizendo meu nome.

— Olá — cumprimentei. — Não tinha visto você.

— Eu estava nos fundos, cheguei um pouco atrasado. Gostei do que você disse.

— Obrigado — agradeci, tentando me lembrar do que eu dissera.

Eddie perguntou se eu queria tomar um café, eu disse que parte do pessoal ia ao Flame e o convidei para se juntar a nós.

Seguimos pela Nona Avenida, andamos um quarteirão na direção sul e acabamos sentados a uma mesa grande do canto com outras seis ou sete pessoas. Comi um sanduíche com fritas e bebi um pouco mais de café. Falamos quase que exclusivamente de política. A eleição seria dali a menos de dois meses, e todos estavam dizendo o que todo mundo diz a cada quatro anos, que era uma pena não haver um candidato mais interessante para escolher.

Eu não falei muito. Não penso mais do que o necessário em política. Havia uma mulher chamada Helen em nossa mesa que estava sóbria havia mais ou menos tanto tempo quanto eu, e eu vinha pensando em chamá-la para sair. Passei a noite observando-a de longe e descobri diversos detalhes que coloquei na coluna dos “contras”. Sua risada era estridente, ela precisava ir ao dentista e não sabia falar uma frase sem começá-la com a palavra “sabe”. Quando Helen terminou de comer seu hambúrguer, nosso romance morrera sem nunca ter nascido. É uma ótima maneira de fazer as coisas, acredite. Você pode pular de mulher em mulher com enorme rapidez, e elas nem ficam sabendo.

Um pouco depois das onze, coloquei algumas moedas ao lado do meu pires, despedi-me de todos e levei minha comanda até o caixa. Eddie se levantou também, pagou sua conta e saiu comigo. Eu quase havia me esquecido de que ele estava ali; falara ainda menos do que eu.

— A noite está bonita, não está? — disse ele agora. — Quando o ar está assim, faz a gente querer respirar mais. Você tem um minuto? Quer andar um pouco?

— Claro.

— Liguei para você hoje. Para o hotel.

— A que horas?

— Não sei, no meio da tarde. Acho que foi às três.

— Não recebi nenhum recado.

— Não deixei recado. Não era nada importante, e você não ia poder ligar de volta mesmo.

— Ah, é, você não tem telefone.

— Tenho telefone, sim. Fica bem na minha mesa de cabeceira. O único problema é que não funciona. Só queria conversar. O que você estava fazendo, procurando aquela menina?

— Fazendo tudo o que posso fazer.

— Não está conseguindo nada?

— Até agora, não.

— Quem sabe você não acaba dando sorte? — disse Eddie, pegando um cigarro e batendo-o na unha do dedão. — Essa gente só fala em política. Não entendo nada disso. Você vai votar, Matt?

— Não sei.

— É difícil entender por que alguém ia querer ser presidente. Quer saber de uma coisa? Nunca votei em ninguém na minha vida. Calma aí, estou mentindo. Quer saber em quem já votei? Em Abe Beame.

— Já faz tempo, então.

— Só um minuto que eu vou lembrar o ano. 1973. Lembra dele? Era um cara pequenininho que ganhou a eleição para prefeito. Lembra?

— Claro.

Eddie riu.

— Acho que votei umas doze vezes em Abe Beame. Ou mais. Talvez umas quinze.

— Parece que ele impressionou bastante você.

— É, os discursos dele me emocionaram muito. Não, na verdade uns caras do centro comunitário pegaram um ônibus escolar e levaram a gente para um monte de zonas eleitorais no Lado Oeste da cidade. Em cada um deles eu estava registrado com um nome diferente. Entrei na cabine e cumpri meu dever cívico direitinho. Foi fácil, foi só votar em todos os democratas, que nem eles mandaram.

Eddie parou de falar e acendeu um cigarro.

— Nem lembro quanto pagaram — disse. — Eu ia dizer cinquenta pratas, mas pode ter sido até menos. Isso foi há quinze anos e eu ainda era moleque, portanto não era preciso muito. Além

do mais, eles pagavam almoço para a gente e davam bebida de graça o dia todo.

— Palavras mágicas.

— Não é? A bebida era um presente de Deus mesmo quando se tinha de pagar por ela. Quando era de graça então, aí não havia nada melhor.

— A atração era tanta que desafiava a lógica — eu disse. — Havia um lugar em Washington Heights onde eles me deixavam beber de graça. Lembro de pegar um táxi para lá quando eu estava quase no fim do Brooklyn. A corrida me custou vinte dólares e eu devo ter bebido o equivalente a uns doze dólares só, e depois ainda tive de pegar outro táxi para casa. Achei que estava sendo muito esperto. E essa nem foi a única vez que fiz isso.

— Na época, fazia sentido para você.

— Sentido total.

Eddie tragou o cigarro.

— Não me lembro de quem disputou a eleição com Beame — disse. — É engraçado como a gente lembra algumas coisas e esquece outras. Coitado desse cara, eu votei contra ele quinze vezes e nem lembro seu nome. Tem outra coisa engraçada. Depois das primeiras duas, três vezes, toda vez que eu entrava na cabine sentia vontade de enganar esse pessoal. Sabe, pegar a grana deles e votar nos republicanos.

— Por quê?

— Vai saber. Eu já estava meio bêbado a essa altura, e talvez tenha sido por isso que me pareceu uma boa ideia. Imaginei que ninguém fosse descobrir. Voto secreto, certo? Aí eu pensei, dizem que o voto é secreto, mas nem tudo é como deveria ser. Se eles podem pegar a gente e nos pagar para votar quinze vezes, talvez tenham como saber em quem votamos. Achei melhor fazer o que tinham mandado.

— Votou só nos democratas.

— Isso. Essa foi a primeira vez que votei. Podia ter votado no ano anterior, eu já tinha idade. Mas não me interessei. Aí votei quinze vezes em Abe Beame e acho que foi o suficiente, pois nunca mais votei em ninguém.

O sinal abriu e nós atravessamos a rua 57. Um carro de polícia azul e branco passou pela Nona Avenida na direção norte com a sirene ligada. Ficamos olhando até ele desaparecer. Ainda dava para ouvir o lamento da sirene, mais alto que o ruído dos outros carros.

— Alguém deve ter feito alguma coisa errada — disse Eddie.

— Ou aqueles dois policiais estão com pressa.

— É. Matt, sabe o tema da reunião de hoje? O quinto passo?

— O que tem?

— Não sei. Acho que tenho medo dele.

Os passos foram feitos para ajudar os alcoólicos a mudar, a crescer espiritualmente. Os fundadores do aa descobriram que pessoas dispostas a se desenvolver espiritualmente tendem a se manter sóbrias, enquanto aquelas que se recusam a mudar acabavam voltando a beber mais cedo ou mais tarde. O quinto passo nos manda admitir perante Deus, perante nós mesmos e perante outro ser humano a natureza exata de nossas falhas. Falei isso para Eddie, que franziu o cenho e disse:

— Tudo bem, mas o que isso significa? Você senta com alguém e conta todas as coisas ruins que já fez?

— Mais ou menos. Tudo que incomodar você, que for um peso na sua consciência. A ideia é que quem não fizer isso vai acabar bebendo por causa do que não contou.

Ele ficou em silêncio por alguns segundos, pensando.

— Não sei se eu ia conseguir — disse.

— Não tenha pressa. Você está sóbrio há pouco tempo, não precisa fazer isso agora.

— É, acho que tem razão.

— Muita gente diz que os passos são uma grande bobagem. Eles garantem que basta parar de beber e frequentar as reuniões, que o resto é conversa. Já ouviu falar disso, não ouviu?

— Claro. “O único jeito de ficar bêbado é bebendo.” Lembro da primeira vez que ouvi alguém falando isso. Achei que era a frase mais brilhante que eu já tinha ouvido na vida.

— Não deixa de ser verdade.

Eddie ia dizer alguma coisa, mas desistiu quando uma mulher saiu de debaixo de uma marquise e se pôs no nosso caminho. Tinha

cara de louca, olhos esbugalhados e o cabelo todo emaranhado, e estava enrolada num xale em frangalhos. Levava um bebê num dos braços e, a seu lado, uma criancinha segurava seu xale. Ela estendeu uma das mãos com a palma para cima, sem dizer nada.

A mulher parecia saída de Calcutá, não de Nova York. Eu a vira algumas vezes na última semana, e sempre lhe dera dinheiro. Dei-lhe um dólar e ela voltou para as sombras, sempre em silêncio.

— Dá pena ver uma mulher assim na rua — disse Eddie. — Ainda por cima com filhos.

— É verdade.

— Matt, você já deu o quinto passo?

— Dei.

— E não deixou de dizer nada?

— Tentei. Falei tudo que me veio à cabeça.

Eddie pensou um segundo.

— Mas você era policial — disse. — Não deve ter feito nada de muito ruim.

— Ah, sem essa. Fiz muita coisa feia, e algumas ilegais. Passei muitos anos na polícia e aceitei suborno desde muito cedo. Não dava para me sustentar só com o meu salário.

— Todo mundo faz isso.

— Não, nem todo mundo — garanti. — Alguns policiais são corruptos, outros não. Eu pertencia ao primeiro grupo. Sempre tentei me convencer de que não me sentia culpado e justificava o que eu fazia dizendo que aquilo era uma sujeira limpa. Eu não extorquia ninguém e não passava por cima dos homicídios. Mas aceitava dinheiro para passar por cima de outras coisas, e não foi para isso que eles tinham me contratado. Era ilegal. Eu era desonesto.

— É, tudo bem.

— E fiz outras coisas. Cara, eu era ladrão. Roubava. Certa vez estava investigando um roubo e ao lado da caixa registradora achei uma caixa de charutos que o ladrão não tinha visto. Tinha quase mil dólares lá dentro. Peguei e botei no bolso. Imaginei que o dono do lugar tivesse seguro, ou que ele estava recebendo aquele dinheiro por fora e que, nesse caso, eu estava apenas roubando um ladrão. Era assim que eu raciocinava, mas a verdade é que estava pegando um dinheiro que não era meu.

— Os policiais fazem isso o tempo todo.

— Eles roubam de cadáveres também, eu passei anos fazendo isso. Digamos que você encontre um defunto num hotel ou num apartamento vagabundo, e que ele tenha cinquenta ou cem dólares no bolso. Você e seu parceiro pegam e dividem antes que o pessoal do necrotério coloquem o cara no saco. E daí? Se não fizer isso, a grana vai acabar se perdendo no meio da burocracia. Mesmo se houver um herdeiro, é improvável que ele veja a cor do dinheiro. Por que não poupar tempo e embolsar tudo logo? O único problema é que isso é roubo.

Eddie ia dizer alguma coisa, mas eu ainda não tinha terminado.

— E tem mais. Mandei uns caras para a cadeia por coisas que eles não fizeram. Não estou dizendo que fossem santos. Todos eram bandidos. Eu sabia que um cara tinha cometido um crime, mas não conseguia provas contra ele. Só que aí encontrava testemunhas sugestionáveis que o apontavam como culpado de algo que ele não tinha feito. Isso era o suficiente para prender o cara. Resolvido.

— Tem muita gente inocente na cadeia — admitiu Eddie. — Bom, nem todos. Três em cada quatro caras juram que não fizeram nada, mas não dá para acreditar. O que bandido mais faz é mentir. — Ele deu de ombros. — Porém às vezes é verdade — concluiu.

— Eu sei — disse. — Não tenho certeza se me arrependo de ter prendido os bandidos certos pelas coisas erradas. É melhor para todo mundo que eles estejam na cadeia. Mas isso não significa que eu tenha feito a coisa certa e, por isso, decidi que essas histórias também deviam fazer parte do meu quinto passo.

— Confessou tudo para alguém.

— Isso e muito mais. Coisas que não são ilegais, mas que me incomodavam mais do que as que são. Como trair minha mulher quando éramos casados. Como não ter tempo para os meus filhos e largar minha família na época em que saí da polícia. Ou ser negligente com as pessoas em geral. Teve uma tia minha que estava morrendo de câncer na tireoide. Ela era a irmã mais nova da minha mãe, minha única parente viva. Eu vivia jurando a mim mesmo que ia visitá-la no hospital, mas adiei várias vezes, e a mulher acabou morrendo. Me senti tão culpado por não ter ido ao hospital que também não fui ao enterro. Para compensar, mandei

flores, fui à porra de uma igreja e acendi a porra de uma vela. Tudo isso deve ter sido um consolo enorme para a minha tia.

Caminhamos em silêncio durante alguns minutos, pegando uma rua de número cinquenta e poucos na direção oeste e virando à esquerda na Décima Avenida. Passamos por um botequim sórdido que estava com a porta aberta e sentimos o cheiro de cerveja velha, que nos enojou e nos excitou ao mesmo tempo. Eddie perguntou se eu já entrara ali.

— Faz tempo que não entro — respondi.

— Tem muita briga aí dentro. Você já matou alguém, Matt?

— Duas vezes quando estava trabalhando. E uma terceira vez matei por acidente, mas eu também estava trabalhando. Uma bala que disparei ricocheteou e atingiu uma criança.

— Você falou nisso a noite passada.

— Falei? Às vezes falo, às vezes não. Além disso teve uma vez, quando eu já tinha saído da polícia, que um cara me atacou na rua por causa de um caso em que eu estava trabalhando. Atirei-o longe e ele caiu de mau jeito e quebrou o pescoço. E outra vez, meu Deus, fazia só uma semana que eu tinha parado de beber, e um colombiano louco veio pra cima de mim com uma machadinha. Disparei todas as balas do meu revólver nele. Ou seja, a resposta é sim: já matei quatro pessoas. Cinco, se contar a criança.

"E acho que nunca perdi o sono por causa disso, com exceção da morte da criança. E também não morro de culpa por ter mandado uns escrotos para a cadeia por crimes que eles não cometeram. Acho errado, e não faria de novo, mas nada me incomoda tanto quanto não ter visitado a tia Peg antes de ela morrer. Nem de longe. Mas isso é típico dos alcoólatras. As coisas grandes são fáceis. São as pequenas que deixam a gente maluco."

— Às vezes são as grandes também.

— Tem algo incomodando você, Eddie?

— Sei lá. Merda. Eu sou daqui, Matt. Cresci nestas ruas. Quem cresce na Cozinha do Inferno aprende que não deve contar nada para ninguém. "Não fale da sua vida para os outros." Minha mãe era honesta, Matt. Se encontrasse uma moeda de dez centavos enfiada

num telefone público, olhava em volta para procurar quem tinha deixado lá. Mas ela disse isto para mim milhares de vezes: “Não fale da sua vida para os outros”. E ela sofreu, pobrezinha. Duas ou três vezes por semana, até o dia em que morreu, meu pai chegava em casa bêbado e batia nela. E minha mãe não contava a ninguém. Se alguém perguntasse, dizia que era estabanada, que tinha esbarrado numa porta, perdido o equilíbrio, caído da escada. Mas a maioria das pessoas sabia que não devia perguntar. Quem morava na Cozinha sabia disso.

Abri a boca para falar, mas Eddie pegou meu braço e me levou até a rua.

— Vamos atravessar — pediu. — Não gosto de passar na frente desse bar.

O lugar a que ele se referia se chamava Grogan’s Open House. Os dizeres de neon na janela vendiam cerveja Harp e Guiness.

— Eu costumava vir muito aqui — explicou ele. — Agora gosto de passar longe.

Eu conhecia a sensação. Durante uma época frequentei um bar chamado Armstrong’s e, quando parei de beber, dava voltas enormes para evitá-lo. Quando eu precisava passar por ele, baixava os olhos e apertava o passo, como se corresse o risco de ser puxado lá para dentro como um pedaço de ferro por um ímã. Aí Jimmy perdeu a licença do bar, mudou-se para o quarteirão seguinte, na esquina da Décima Avenida com a rua 57, e um restaurante chinês abriu no lugar. Um problema a menos na minha vida.

— Sabe quem é o dono desse bar, Matt?

— Um cara chamado Grogan?

— Há anos que é outro cara. Mickey Ballou.

— O Açougueiro?

— Você conhece o Mickey?

— Só de vista. De vista e de reputação.

— Bom, ele é impressionante de se ver, e tem uma reputação e tanto. Mickey é o dono, embora seu nome não esteja no contrato. Fui amigo do irmão dele, Dennis, quando eu era criança. Dennis morreu no Vietnã. Você foi do Exército, Matt?

Balancei a cabeça.

— Não, quem era policial não precisava fazer serviço militar.

— Eu tive tuberculose na infância. Nem me dei conta na época, mas aí apareceu no raio X e eu fui liberado por causa disso — explicou Eddie, jogando o cigarro na calçada. — Mais um motivo para largar essa merda. Mas hoje não, né?

— Você ainda tem muito tempo pela frente.

— É. Dennis era legal. Depois que ele morreu, fiz uns trabalhos para o Mickey. Já ouviu as histórias que contam dele?

— Algumas.

— Já ouviu falar da bolsa para bola de boliche? E do que Mickey estava carregando dentro dela?

— Nunca soube se eu devia acreditar.

— Bom, eu não estava lá. Mas uma vez, há alguns anos, eu estava num porão a uns dois, três quarteirões daqui. Eles trouxeram um cara... nem me lembro o que foi que ele fez. Acho que dedurou alguém. Eles o amarraram num cano com um arame e o amordaçaram. Aí, Mickey colocou um avental branco de açougueiro, daqueles que vão até o pé. Cheio de manchas. Pegou um taco de beisebol e começou a espancar o cara, fazendo o sangue dele esguichar para todo lado. Quando vi Mickey de novo, ele estava no Grogan's com o avental. Gosta de usá-lo, como se fosse um açougueiro que acabou de sair do trabalho e passou no bar para tomar uma. "Sabe o que é isto?", perguntou ele, apontando para uma mancha mais nova. "É sangue de X9."

Havíamos chegado à esquina que ficava um quarteirão ao sul do Grogan's Open House e voltamos a atravessar a Décima Avenida.

— Não cheguei a ser o Al Capone, mas já cometi alguns crimes — disse Eddie. — O trabalho mais honesto que já fiz foi votar em Abe Beame. Tenho trinta e sete anos e só tive cartão da previdência social quando estava na prisão. Eles me botaram para trabalhar na lavanderia por, sei lá, trinta centavos por hora, alguma coisa ridícula assim. Mas precisavam pagar impostos e contribuir com a previdência, então me arrumaram um cartão. Até então eu nunca tinha tido um, e não usei o meu desde que saí.

— Mas você está trabalhando agora, não está?

Eddie assentiu.

— Uns bicos. Faço faxina em alguns bares, como o Dan Kelly e o Pete's All American. Conhece o Pete's All American?

— Isso é que é lugar para ter briga. Eu costumava passar lá para beber um pouco, mas nunca ficava muito tempo.

— Só para abastecer, né? Eu adorava fazer isso, entrar num bar, tomar uma só, e sair para encarar o mundo. Bom, faço faxina nesses dois lugares de madrugada ou de manhã bem cedo, varro o chão, jogo fora as garrafas vazias, arrumo as cadeiras em volta das mesas. E tem também uma empresa de mudanças no Village que me contrata um dia aqui, outro ali. Tudo isso é por fora, não preciso de cartão da previdência social para nada. Eu me viro.

— Sei como é.

— Meu aluguel é barato e eu não como muito, nunca comi. Vou gastar minha grana com o quê? Indo para a balada? Comprando roupa cara? Enchendo o tanque do meu iate?

— Parece que você tem se saído bem.

Eddie estacou e virou-se para me encarar.

— É, mas isso tudo é conversa fiada, Matt — disse, colocando as mãos nos bolsos e fixando o olhar na calçada. — A questão é que eu já fiz coisas que não sei se quero contar para alguém. Admitir para mim mesmo, tudo bem. Já sei de tudo, só preciso ser honesto e enfrentar isso. E admitir para Deus... bom, se Deus não existir, não faz diferença. E, se existir, Ele já sabe tudo o que você fez, então essa parte é fácil. Mas confessar para outra pessoa... Não sei não, Matt. Fiz umas coisas que dão cadeia, e há outras pessoas envolvidas também. Não sei o que pensar.

— Muita gente dá esse passo com um padre.

— E se confessa de verdade?

— Acho que é um pouco diferente. Você não quer uma absolvição formal, só quer desabafar. Não precisa ser católico e não precisa ir à igreja. Pode até encontrar um padre que esteja no aa e compreenda o programa. Mas, mesmo que ele não esteja, não poderá contar nada do que ouviu a ninguém, por causa do segredo da confissão.

— Nem me lembro da última vez que pisei numa igreja. Você ouviu o que acabei de dizer? Cara, a gente estava numa igreja há uma hora. Eu tenho ido a reuniões em porões de igrejas uma ou

duas vezes por semana há meses. Mas a última vez que fui a uma missa... Fui a alguns casamentos católicos, só que não comunguei. Tenho certeza de que faz mais de vinte anos que não me confesso.

— Não precisa ser com um padre. Mas se você tiver medo que a pessoa conte para alguém...

— Foi assim que você fez? Com um padre?

— Não, eu desabafei com outro cara do programa. Você o conhece, o Jim Faber.

— Acho que não conheço, não.

— Lógico que conhece. Ele vai sempre ao grupo da São Paulo Apóstolo, estava lá hoje à noite. É um pouco mais velho que eu. Cabelo quase todo grisalho, está sempre com uma jaqueta velha do Exército. Se você o visse, ia saber quem é.

— Ele não foi ao Flame, foi?

— Hoje, não.

— Ele é policial, é detetive que nem você?

— Não, tem uma gráfica na Décima Primeira Avenida.

— Ah, o Jim da Gráfica. Um que parou de beber há muito tempo.

— Faz quase nove anos.

— Isso é muito tempo.

— Um dia de cada vez, diria ele.

— É o que todos dizem. Mas ainda assim são nove anos, não são? Você pode dividir do jeito que quiser, em horas, minutos, mas ainda vão ser nove anos no final das contas.

— É verdade.

Eddie pegou outro cigarro, porém mudou de ideia e devolveu-o ao maço.

— Ele é seu padrinho?

— Não é meu padrinho formal. Nunca tive um padrinho formal. Nunca fiz as coisas do jeito que todo mundo faz. Mas é para Jim que ligo quando quero falar sobre algo. Isso quando ligo para alguém.

— Eu arrumei um padrinho dois dias depois de sair do centro de reabilitação. O número dele está do lado do meu telefone. O telefone não funciona e, de qualquer maneira, nunca liguei para o

cara. E nós somos de grupos diferentes, então também nunca nos vemos.

— Qual o nome dele?

— Dave. Não sei o sobrenome e estou começando a esquecer a cara dele, porque faz muito tempo que a gente não se vê. Mas nunca joguei seu telefone fora, então acho que ainda é meu padrinho. Eu poderia ligar para ele se precisasse, não é?

— Claro.

— Posso até dar esse passo com ele.

— Se for confortável para você.

— Eu nem conheço o cara. Você é padrinho de alguém, Matt?

— Não.

— E já ouviu o quinto passo de alguém?

— Não.

Tinha uma tampinha de garrafa na calçada, e Eddie chutou-a.

— Bom, acho que é isso que estou tentando pedir — disse. — Não dá para acreditar, um bandido querendo se confessar com um policial. Sei que você não é mais da polícia, mas por acaso seria obrigado a contar qualquer coisa que eu dissesse?

— Não. Por lei, eu não teria o dever de manter sigilo como um padre ou um advogado, mas trataria o que você me dissesse com sigilo absoluto.

— Você se importaria? Depois que eu começar, vai sair bastante coisa. Talvez não queria ouvir tudo isso.

— Eu me forçarei a ouvir.

— É estranho pedir isso para alguém.

— Eu sei. Também senti isso.

— Se não tivesse mais ninguém envolvido... — disse ele, mas então se interrompeu. — Queria esperar alguns dias, resolver as coisas na minha cabeça, pensar um pouco. Aí, se você ainda estiver disposto a fazer isso, a gente se encontra e eu falo um pouco. Se não se incomodar.

— Não tenha pressa. Espere até estar pronto.

Eddie balançou a cabeça.

— Se eu for esperar até estar pronto, nunca vou fazer. Preciso só do fim de semana para resolver algumas coisas, e aí a gente senta e faz isso.

— Resolver essas coisas na cabeça faz parte. Leve o tempo que precisar.

— É o que eu tenho feito.

Ele sorriu e colocou a mão no meu ombro.

— Obrigado, Matt. Esse é o meu quarteirão, então deixo você aqui.

— Boa noite, Eddie.

— Bom fim de semana.

— Para você também. De repente a gente se vê numa reunião.

— A da São Paulo Apóstolo é só de segunda a sexta, certo? Eu devo ir na segunda à noite. Valeu, Matt.

Eddie foi para seu prédio. Caminhei por um quarteirão ao longo da Décima Avenida e peguei uma das transversais na direção leste. A alguns metros da esquina com a Nona Avenida, três rapazes que estavam debaixo do umbral de uma porta ficaram em silêncio ao me ver passar. Esperaram até eu dobrar a esquina. Dava para sentir seus olhares como dardos nas minhas omoplatas.

Quando eu estava no meio do caminho para casa, uma prostituta me perguntou se eu queria me divertir um pouco. Era jovem e fresca, como quase todas atualmente; as drogas e os vírus não deixam que cheguem à velhice.

Disse a ela que hoje não ia dar. Seu sorriso, tão enigmático quanto o da Mona Lisa, ou mais, ficou na minha mente até eu chegar ao hotel. Na rua 56, um homem negro sem camisa me pediu um trocado. Meio quarteirão mais à frente, uma mulher saiu das sombras e pediu a mesma coisa. Seu cabelo era louro e escorrido, e o rosto parecia o de um daqueles brancos pobres da era da Depressão. Dei um dólar a cada um deles.

Ninguém tinha deixado recado para mim. Subi para o quarto, tomei uma chuveirada e fui dormir.

Há alguns anos, três irmãos de sobrenome Morrissey tinham um pequeno prédio de tijolinhos de quatro andares na rua 51 Oeste, a meio quarteirão do rio. Eles moravam nos dois andares de cima, alugavam o térreo para uma companhia de teatro irlandesa amadora e vendiam cerveja e uísque no segundo andar à noite. Eu

costumava ir bastante a esse lugar, e umas seis vezes Mickey Ballou estava lá também. Não sei se já nos falamos alguma vez, mas me lembro de vê-lo lá e de saber quem ele era.

Meu amigo Skip Devoe um dia disse que se Ballou tivesse dez irmãos e eles formassem um círculo, você ia achar que estava em Stonehenge. O rosto de Ballou parecia cavado na pedra e ele tinha o ar de alguém ameaçador que estava sempre prestes a explodir. Havia um homem chamado Aronow que fabricava roupas de mulher e que um dia derrubou um drinque em Mickey Ballou. Ele pediu desculpas imediatamente e de forma muito sincera. Ballou se limpou e mandou Aronow esquecer o caso, mas Aronow saiu da cidade e só voltou um mês depois. Nem foi para casa fazer as malas, entrou num táxi, seguiu direto para o aeroporto e em menos de uma hora estava dentro de um avião. Todos disseram que ele era um cara cauteloso, mas ninguém o acusou de ser cauteloso demais.

Fiquei deitado, esperando o sono vir, e me perguntei o que estaria incomodando Eddie e o que o seu segredo teria a ver com o Açougueiro. Mas não fiquei acordado pensando nisso. Imaginei que logo, logo eu ia descobrir.

5

O tempo bom durou todo o fim de semana. No sábado, fui assistir a um jogo de beisebol. Tanto o Mets quanto o Yankees tinham chance de ganhar o campeonato. O Mets ainda liderava a sua chave, apesar de ninguém estar acertando a bola. O Yankees havia caído para a sexta ou sétima posição e, aparentemente, não ia conseguir reverter a situação. Naquele fim de semana o Mets estava em Houston, onde ia jogar três vezes com o Astros. O Yankees jogava em casa com o Mariners, e eu vi Mattingly ganhar o jogo com uma queimada dupla na décima primeira entrada.

Antes de voltar para casa, fui ao Village jantar num restaurante italiano da rua Thompson. Depois, passei numa reunião e me deitei bem cedo.

No domingo, fui ao apartamento de Jim Faber ver o Mets na tv a cabo. Gooden só deixou o Astros acertar a bola três vezes em oito entradas, mas o Mets não conseguiu fazer nenhuma corrida, e Johnson acabou colocando um rebatedor substituto no começo da nona entrada. Seu nome era Mazzilli, e ele foi eliminado logo na primeira jogada.

— Acho que isso foi um erro — disse Jim calmamente.

No final da nona entrada, um jogador do Astros conseguiu roubar a segunda base e ganhar o jogo com uma rebatida simples.

Almoçamos num restaurante chinês cuja comida Jim vinha querendo provar havia algum tempo, e fomos a uma reunião no Hospital Roosevelt. A oradora era uma mulher tímida com um rosto inexpressivo e uma voz baixinha que só dava para ouvir nas duas primeiras fileiras. Estávamos no fundo da sala, e foi impossível escutar uma palavra do que ela disse. Desisti de tentar. Comecei a pensar no jogo e acabei lembrando de Jan Keane e de como ela

gostava de ver partidas de beisebol, embora tivesse apenas uma vaga ideia do que estava se passando. Certa vez, ela me disse que admirava a geometria perfeita do campo.

Cheguei a levá-la para ver uma luta, mas Jan não gostou de boxe, disse que ficava exausta só de olhar. Porém adorava hóquei. Nunca nem tinha visto uma partida antes de começar a namorar comigo, mas virou mais fã do que eu.

Fiquei feliz quando a reunião acabou, e fui direto para casa. Não estava com vontade de conversar com ninguém.

Na segunda-feira de manhã, fiz um trabalhinho que me rendeu uma grana. Uma mulher que participava do grupo da São Paulo Apóstolo fora morar com um cara em Rego Park, no Queens, havia alguns meses. Ele estava sem beber na época, mas já tivera inúmeras recaídas ao longo dos anos, sempre entrando e saindo do programa, e acabara recaindo mais uma vez logo depois que ela se mudou para lá. Demorou seis ou oito semanas e uma bela surra para ela perceber que havia cometido um erro e se dar conta de que não precisava aturar aquilo. Voltou para Manhattan.

Mas havia deixado algumas coisas no apartamento e estava com medo de voltar lá sozinha. Perguntou quanto eu cobraria para acompanhá-la.

Eu disse que ela não precisava me pagar.

— Não, prefiro fazer assim — insistiu ela. — Não é um favor que eu pediria a qualquer pessoa do aa. Ele fica muito violento quando bebe e eu quero ir com alguém que saiba lidar de maneira profissional com esse tipo de situação. Eu posso pagá-lo e vou ficar menos constrangida se fizermos assim.

Ela contratou um motorista de táxi chamado Jack Odegaard para nos levar e nos trazer de volta. Eu já vira Jack nas reuniões, mas só descobri seu sobrenome ao vê-lo na licença de taxista que ele colara em cima do porta-luvas.

A mulher se chamava Rosalind Klein e o namorado dela, Vince Broglio. Ele não foi muito violento naquela tarde. Só ficou sentado dando risadinhas irônicas e bebendo uma garrafa de Stroh’s enquanto Rosalind colocava suas coisas em duas malas e em

diversas sacolas de supermercado. Vince estava assistindo a vários *game shows* na televisão ao mesmo tempo, mudando de canal sem parar no controle remoto. O apartamento estava repleto de embalagens de pizza da Domino's, caixinhas de comida chinesa, garrafas vazias de cerveja e uísque, de cinzeiros abarrotados de cinza e maços de cigarro amassados.

Em dado momento, Vince me perguntou:

— Você é o meu substituto? O novo namorado?

— Só estou curtindo o passeio.

Ele riu ao ouvir isso.

— É isso que todo mundo faz, não é? Curtir o passeio.

Alguns minutos depois, sem tirar os olhos da televisão, ele comentou:

— Mulheres.

— Pois é.

— Se não tivessem bocetas, seriam esfoladas vivas.

Não respondi, e Vince me olhou para ver minha expressão.

— Esse comentário poderia ser interpretado como machista — disse ele.

Vince quase não conseguiu pronunciar a palavra "interpretado"; acabou se voltando para ela e esquecendo do que ia dizer.

— In-ter-pre-ta-do — repetiu. — Preciso tentar ser mais bem interpretado. Sempre sou mal interpretado, esse é o meu problema. Não é um problemão?

— É, sim.

— Quer saber de uma coisa? *Ela* é que é o problema.

Jack Odegaard nos levou de volta para Manhattan, e nós dois ajudamos Rosalind a subir com as coisas até seu apartamento. Antes de ir morar com Vince, ela vivia na rua 57, a alguns metros da Oitava Avenida. Agora, tinha se mudado para um arranha-céu na esquina da rua 70 com a avenida West End.

— Eu morava num apartamento de um quarto bem grande — disse Rosalind. — Agora estou num conjugado, e meu aluguel é mais que o dobro. Devia estar louca quando entreguei as chaves. Mas, afinal de contas, eu ia me mudar para um lindo apartamento

de dois quartos em Rego Park. Você viu o lugar, se é que dá para imaginar como ele era antes de toda aquela merda ir bater no ventilador. Achei que, já que ia me comprometer com alguém, era melhor mostrar que eu tinha fé no relacionamento.

Ela deu cinquenta dólares a Jack e me pagou cem pelo perigo que corri. Mas Rosalind tinha dinheiro para gastar com isso e com o aluguel mais caro também; trabalhava no departamento de notícias de um canal de tv e ganhava muito bem. Não sei exatamente o que ela fazia, mas imagino que fizesse bem.

Pensei que fosse ver Eddie no grupo da São Paulo Apóstolo aquela noite, mas ele não estava lá. Depois da reunião, caminhei até o Paris Green para falar com o barman que havia reconhecido Paula Hoeldtke. Imaginei que pudesse ter se lembrado de mais algum detalhe, mas isso não acontecera.

Na manhã seguinte, liguei para a companhia telefônica e a atendente me disse que a linha de Paula havia sido cancelada. O que eu queria saber era a data em que isso ocorrera e qual o motivo, mas precisei falar com diversas pessoas antes de encontrar alguém autorizado a me dar essa informação. Uma mulher me disse que a linha fora cancelada a pedido da cliente, e então me mandou aguardar um minuto. Quando voltou, informou que havia um saldo positivo em nome da cliente. Perguntei como era possível: por acaso Paula dera dinheiro a mais para a companhia?

— Ela não chegou a receber a última conta — disse a mulher. — E não nos deu seu endereço novo. Mas havia feito um depósito antes de a linha ser instalada, e a última conta atingiu um valor menor que esse depósito. Na verdade...

— Sim?

— De acordo com o computador, essa cliente não pagava contas desde maio. Mas como eram contas baratas, ela não chegou a exceder o valor do depósito.

— Entendo.

— Se ela nos der seu novo endereço, podemos lhe enviar o saldo. Mas talvez ela não queira se incomodar com isso, pois são apenas quatro dólares e trinta e sete centavos.

Eu disse à mulher que Paula talvez estivesse com outras coisas em mente no momento.

— Você poderia me dizer a data exata em que ela cancelou a linha? — perguntei.

— Só um minuto — disse ela, colocando-me em espera. — Foi no dia 20 de julho.

Algo me pareceu errado e dei uma olhada no meu caderno. Paula havia pago o último aluguel no dia 6, Florence Edderling entrara no apartamento dela e o encontrara vazio no dia 15 e Georgia Price se mudara para lá no dia 18. Aquilo significava que Paula tinha esperado no mínimo cinco dias para mandar cancelar a linha depois que se mudou. Por que esperar tanto tempo? E, já que ligara, por que não dera seu endereço novo?

— Isso não bate com as outras informações que tenho aqui — disse eu. — Ela poderia ter pedido o cancelamento da linha antes e ter demorado alguns dias para o pedido ser efetivado?

— Não é assim que funciona. Quando recebemos um pedido de cancelamento, a linha é desligada imediatamente. Não precisamos mandar ninguém no local, podemos desligar à distância, de forma eletrônica.

— Que estranho. Ela já havia saído do apartamento nessa data.

— Só um minuto, deixe-me ver o relatório de novo.

Não precisei esperar muito.

— De acordo com o relatório — disse a mulher —, a linha ainda estava sendo usada quando recebemos o pedido de cancelamento no dia 20. É claro que sempre existe a possibilidade de o computador ter cometido um erro.

Bebi uma xícara de café e reli as anotações que fizera em meu caderno. Depois, liguei a cobrar para a revendedora de Warren Hoeldtke.

— Descobri uma informação que não bate com as outras — expliquei. — Não acho que seja nada de mais, mas quero investigar. O senhor poderia me dizer quando foi a última vez que ligou para Paula?

— Deixe-me ver. Foi no final de junho...

— Não, essa foi a última vez que o senhor falou com ela. Mas depois disso ligou diversas vezes, não foi?

— Foi, e na última vez ouvimos uma mensagem da companhia telefônica dizendo que a linha havia sido cancelada.

— Mas antes disso a secretária eletrônica dela atendeu algumas vezes. Quero saber quando foi a última vez que isso aconteceu.

— Entendi. Nossa, não tenho a memória tão boa assim. Nós viajamos no final de julho e ligamos assim que voltamos. Foi quando descobrimos que a linha havia sido cancelada. Deve ter sido em meados do mês passado. Acho que já lhe disse isso.

— Disse.

— A última vez em que a secretária dela atendeu deve ter sido antes da viagem. Mas não me lembro da data exata.

— Deve estar na sua conta.

— Na minha conta?

— O senhor guarda suas contas telefônicas?

— Claro. Meu contador teria um ataque se eu não guardasse. Ah, entendi. Pensei que a ligação não aparecesse em nossa conta, já que ela não estava em casa. Mas como a secretária atendeu, a companhia debita assim mesmo. Não é isso?

— Exato.

— Não tenho as contas aqui, mas minha mulher sabe onde elas estão. Você tem o telefone da minha casa?

Respondi que tinha.

— Deixe-me ligar antes — pediu ele. — Assim, ela já estará com as contas na mão quando falar com você.

— Por favor, diga a ela que vou ligar a cobrar. Estou num telefone público.

— Não tem problema. Na verdade, tenho uma ideia melhor. Me passe o número deste telefone, peço que ela ligue para você.

Como eu estava ligando da rua, não queria que outra pessoa usasse o telefone. Depois que Hoeldtke desligou, fiquei ali com o fone no ouvido, fingindo que a ligação ainda não havia terminado. Dei um tempo para que ele ligasse para a esposa e ela procurasse pela conta em questão. Depois, ainda com o fone no ouvido, coloquei uma das mãos no gancho para que ela pudesse me ligar.

Algumas pessoas ficaram me observando a poucos metros do telefone, esperando que eu desligasse. Eu disse a cada uma delas que ainda ia demorar um pouco.

O telefone tocou quando eu já estava começando a me cansar do meu teatrinho de rua. Eu disse “alô” e uma voz respondeu sem titubear:

— Alô, aqui é Betty Hoeldtke. Gostaria de falar com Matthew Scudder.

Identifiquei-me, e ela disse que seu marido lhe explicara o que eu estava tentando descobrir.

— Estou com a conta de julho bem na minha frente — disse ela. — Aqui diz que fizemos três ligações para Paula. Duas chamadas de dois minutos e uma de três minutos. Eu estava tentando imaginar como poderia ter demorado três minutos só para deixar um recado pedindo que ela nos ligasse, mas depois me lembrei que primeiro tivemos que escutar a mensagem da secretária dela, não foi? Às vezes acho que os computadores das companhias telefônicas cobram da gente mais minutos do que falamos.

— Quais são as datas dos telefonemas, senhora Hoeldtke?

— Ligamos nos dias 5, 12 e 17 de julho. Também dei uma olhada nas ligações de junho, e a última vez que conseguimos falar com Paula foi no dia 19. A ligação foi cobrada na nossa conta porque Paula primeiro ligava para nós e em seguida ligávamos de volta.

— Seu marido me falou desse esquema que vocês usavam.

— Não gosto muito de fazer isso, embora, na verdade, não estivéssemos roubando a companhia telefônica. Mas sempre é...

— Senhora Hoeldtke, qual foi mesmo a data do último telefonema para Paula?

— Dia 17 de julho. Ela sempre ligava aos domingos, e dia 5 de julho, quando ligamos e a secretária atendeu, era um domingo. Dia 12 foi exatamente uma semana depois e dia 17... deixe-me ver.... 12, 13, 14, 15, 16, 17, domingo, segunda, terça, quarta, quinta, sexta. Dia 17 foi sexta e...

— Nesse dia, a secretária atendeu.

— Deve ter atendido, pois essa foi a ligação de três minutos. Acho que deixei um recado mais longo que o normal, dizendo que

íamos viajar no meio da semana seguinte e pedindo que ela ligasse antes de irmos.

— Deixe-me anotar isso — pedi, escrevendo tudo em meu caderno.

Algo não batia. Provavelmente alguém tinha anotado alguma data errada, mas eu ia passar todo meu tempo disponível tentando entender o que acontecera, como um caixa de banco que trabalha três horas extras para encontrar dez centavos que sumiram.

— Senhor Scudder? O que aconteceu com Paula?

— Não sei, senhora Hoeldtke.

— Estou com uma sensação horrível. Tenho medo de que ela esteja... — disse ela, fazendo uma pausa que durou alguns segundos. — ... morta.

— Não há nada que indique isso por enquanto.

— Há algo que indique que esteja viva?

— Ela parece ter arrumado suas coisas e saído do apartamento por vontade própria. Isso é um dado positivo. Se houvesse roupas no armário, eu estaria menos otimista.

— Sim, é claro. Entendo o que o senhor quer dizer.

— Mas não tenho ideia de para onde Paula possa ter ido nem de como foi a vida dela nos últimos meses em que morou naquele apartamento. Ela por acaso comentou o que andava fazendo? Mencionou algum namorado?

Fiz outras perguntas do tipo, mas Betty Hoeldtke não tinha muitas informações para me dar.

— Senhora Hoeldtke, um dos meus problemas é que eu sei como é a aparência de sua filha, mas não sei quem ela é. Quais são seus sonhos? Quem são seus amigos? O que ela gosta de fazer?

— Seria muito mais fácil responder tudo isso se estivéssemos falando dos meus outros filhos. Paula sempre foi sonhadora, mas não sei com que ela sonhava. Quando estava na escola, era a criança mais normal do mundo, mas acho que era porque ainda não estava pronta para se mostrar de verdade. Ela se escondia, talvez também de si mesma — respondeu Betty Hoeldtke, suspirando. — Teve alguns namorados na escola, mas nada muito sério. E quando foi para Ball State acho que não teve nenhum relacionamento sério depois que Scott morreu. Paula tinha...

Interrompi-a para perguntar quem era Scott e o que acontecera com ele. Fora namorado de Paula e uma espécie de noivo não oficial durante o segundo ano de faculdade, mas então perdera o controle da motocicleta numa curva.

— Ele morreu na hora — contou a sra. Hoeldtke. — Acho que alguma coisa mudou dentro de Paula quando isso aconteceu. Ela fez amizade com alguns rapazes depois disso, mas foi nessa época que passou a se interessar por teatro, e os garotos também faziam artes cênicas. Acho que não houve nenhum romance. A impressão que eu tinha era de que os rapazes mais próximos dela não estavam interessados em namorar meninas.

— Entendo.

— Preocupo-me com ela desde que se mudou para Nova York. De todos os meus filhos, foi a única que partiu. Os outros ficaram por aqui mesmo. Eu tentava esconder, não demonstrava nada para ela, e acho que Warren não fazia ideia do quanto eu me preocupava. E agora Paula desapareceu da face da terra...

— Talvez ela reapareça com a mesma rapidez — disse eu, tentando consolá-la.

— Sempre achei que Paula tinha ido para Nova York tentando se encontrar. Não com o objetivo de ser atriz, isso nunca pareceu muito importante para ela. Mas se encontrar. E agora tenho medo de que esteja perdida.

Almocei numa pizzaria na Oitava Avenida. Peguei um pedaço bem grande de uma pizza siciliana, coloquei bastante pimenta-do-reino moída e comi de pé no balcão, bebendo uma Coca-Cola pequena. Foi um jeito mais rápido e previsível de almoçar do que, por exemplo, ir até o Druid's Castle e descobrir o que era um sapo no buraco.

Havia uma reunião de um grupo do aa ao meio-dia no Hospital St. Clare's, e Eddie me dissera que costumava frequentá-la. Cheguei atrasado, mas fiquei até o fim. Ele não apareceu.

Liguei para o hotel para ver se havia deixado algum recado. Nada.

Não sei por que resolvi ir procurá-lo. Talvez tenha sido instinto de policial. Achei que ele fosse aparecer na São Paulo Apóstolo na noite anterior, mas não o vira. Eddie podia ter desistido de dar o quinto passo comigo ou podia estar pensando um pouco mais no assunto e estar evitando a minha reunião para não precisar me encontrar antes de estar preparado. Ou podia ter decidido que queria ver um programa de tv naquela noite, ou ido a outra reunião, ou ido fazer uma longa caminhada.

Mas ele era um alcoólatra perturbado com alguma coisa, e essa combinação poderia fazê-lo esquecer todos os bons motivos que tinha para se manter longe da bebida. Mesmo que Eddie tivesse sofrido uma recaída, não seria motivo para eu ir atrás dele. Só é possível ajudar as pessoas quando elas pedem ajuda. Até lá, o máximo que eu podia fazer por ele era deixá-lo em paz.

Talvez eu estivesse apenas cansado de tentar seguir os passos de Paula Hoeldtke. Talvez eu tenha ido procurar Eddie porque imaginava que ele seria alguém fácil de encontrar.

Porém não foi tão fácil assim. Eu sabia qual era a rua dele, mas não conhecia o prédio, e não queria ir de porta em porta lendo os nomes nos interfones e caixas de correio. Verifiquei na lista telefônica se Eddie ainda constava lá, apesar de sua linha ter sido cancelada. Não encontrei seu nome.

Liguei para Informações, apresentei-me como policial e inventei um número de distintivo. Isso é uma contravenção, mas acho que não o tipo de coisa capaz de mandar alguém para o inferno. Eu não estava pedindo nada de ilegal à atendente, só tentando convencê-la a me fazer um favor que ela dificilmente faria a um cidadão comum. Eu disse que precisava saber o endereço de uma pessoa que havia sido tirada da lista fazia um ou dois anos. Ela não achou nada em seu computador, mas consultou uma lista antiga.

Contei-lhe que estava procurando por E. Dunphy, que morava na rua 51 Oeste, na altura do quatrocentos. Ela não encontrou esse nome, mas achou uma P. J. Dunphy no número 507 da 51 Oeste, o que colocaria o prédio do Eddie a algumas dezenas de metros da Décima Avenida. Devia ser aquele mesmo. Como o apartamento

fora de sua mãe, talvez ele não tivesse se incomodado em passar a linha para o seu nome.

O prédio de número 507 era parecido com os que havia em volta, uma construção antiga de seis andares. Nem todos os interfones e caixas de correio tinham nome, mas ao lado do interfone para o apartamento 4-C havia um pedaço de cartolina branca com dunphy escrito à mão.

Apertei o botão e esperei. Após alguns minutos, apertei de novo e esperei mais um pouco.

Apertei o botão do síndico. Alguém abriu a porta para mim e eu me vi num corredor escuro que cheirava a rato, repolho cozido e ar estagnado. Uma mulher apareceu no outro extremo. Era alta, cabelos louros e lisos na altura dos ombros, presos por um elástico. Usava calça jeans puída no joelho e uma camisa de flanela xadrez com as mangas dobradas até o cotovelo e os dois botões de cima abertos.

— Meu nome é Matthew Scudder. Estou tentando encontrar um de seus inquilinos. Edward Dunphy.

— Ah, sim — disse a mulher. — O senhor Dunphy mora no quarto andar. Num dos apartamentos dos fundos. Acho que é o 4-C.

— Tentei chamá-lo pelo interfone, mas ele não atendeu.

— Ele deve ter saído. Estava esperando o senhor?

— Eu é que estava esperando por ele.

A mulher me encarou. À distância me parecera mais jovem, mas de perto dava para ver que tinha quase quarenta anos. Estava bem envelhecida. Tinha a testa larga, o contorno do couro cabeludo em V e um maxilar bem marcado, mas não austero. Belas maçãs do rosto, feições interessantes. Eu namorara uma escultora tanto tempo que passara a observar os mesmos detalhes que ela e, como o rompimento ainda era recente, eu não perdera esse hábito.

— O senhor acha que ele está em casa, mas não está atendendo ao interfone? — perguntou ela. — Talvez esteja quebrado. Conserto os interfones quando os inquilinos reclamam, mas quem não recebe muitas visitas às vezes demora para perceber quando eles quebram. Quer subir e bater na porta dele?

— Acho que vou fazer isso.

— Parece preocupado com ele.

— E estou, mas não sei explicar por quê.

Subitamente, ela se decidiu.

— Tenho uma chave do apartamento — disse. — Só não vai funcionar se ele tiver mudado a fechadura ou colocado uma tranca. Eu teria feito isso. Esta cidade é tão perigosa...

A mulher entrou em seu apartamento, reapareceu com um chaveiro cheio de chaves, trancou sua porta e subiu as escadas na minha frente. Outros cheiros se misturaram ao de rato com repolho. Cerveja velha, urina, maconha, comida latina.

— Pelas regras, eles deveriam me dar uma chave nova sempre que mudassem a fechadura — explicou. — No contrato tem uma cláusula sobre isso, o proprietário deve ter acesso a todos os apartamentos. Só que ninguém dá a mínima para isso, e se o proprietário não liga, não sou eu que vou ligar. Tenho uma chave do apartamento 4-C, mas não sei se vou conseguir abrir a porta com ela.

— Vamos tentar.

— É a única coisa que podemos fazer.

— Bom, não é a única coisa — disse eu. — Às vezes, consigo abrir uma porta sem ter a chave.

— É mesmo? — disse ela, virando-se para me encarar. — Deve ser muito útil na sua profissão. O senhor é chaveiro ou ladrão?

— Costumava ser policial.

— E agora é o quê?

— Ex-policial.

— Não diga. O senhor me disse seu sobrenome, mas esqueci.

Eu repeti. Continuamos a subir a escada, e descobri que a mulher se chamava Willa Rossiter e que fazia menos de dois anos que tinha virado síndica daquele prédio. Em troca por seus serviços, podia morar de graça num dos apartamentos do térreo.

— Mas não dou prejuízo para o proprietário, pois de qualquer forma ele não iria alugar meu apartamento. Tem três apartamentos vazios no prédio além do meu. Não estão para alugar.

— Achei que haveria uma porção de gente atrás deles.

— O proprietário conseguiria alugá-los num minuto, e cobrar mil dólares por mês, por mais louco que pareça. Mas ele prefere mantê-los vazios. Quer transformar o prédio numa sociedade cooperativa

para poder vender os apartamentos, e não alugar. Cada apartamento vazio é um voto a favor, e depois ele pode vendê-los pelo maior preço que conseguir no mercado.

— Enquanto isso, vai perdendo mil dólares por mês em cada apartamento vago.

— Ele deve achar que vai acabar valendo a pena. Se puder vender os apartamentos, vai conseguir cem mil dólares por cada buraco desses. Nova York é assim. Em qualquer outro lugar do país, nem um prédio inteiro valeria isso.

— Em qualquer outro lugar do país este prédio estaria condenado.

— Não necessariamente. É um prédio bem sólido. Tem mais de cem anos, e na época foi construído para ser moradia popular, como todos esses prédios de apartamentos para alugar. Não é como aqueles prédios de arenito em Park Slope e Clinton Hill, que já foram luxuosos. De qualquer forma, a estrutura é boa. Chegamos, aquela é a porta do senhor Dunphy. Nos fundos, à direita.

Willa se aproximou da porta e bateu com firmeza. Ninguém respondeu e ela bateu de novo, mais forte dessa vez. Nós nos olhamos. Willa deu de ombros e colocou sua chave na fechadura. Teve de virá-la duas vezes.

No segundo em que a porta se abriu, eu soube o que íamos encontrar lá dentro. Agarrei o ombro dela.

— Deixe que eu entro — pedi. — Você não vai querer ver isso.

— Que cheiro é esse?

Passei por ela e entrei para procurar o cadáver.

Era um típico apartamento de aluguel, com três cômodos contíguos. A porta da frente dava para uma sala de estar onde havia um sofá, uma poltrona do mesmo estofado e uma pequena televisão antiga. O assento da poltrona estava rasgado e seus braços gastos, assim como os braços do sofá. Havia um cinzeiro com algumas guimbas na mesa onde ficava a televisão.

O cômodo seguinte era a cozinha. O fogão, a pia e a geladeira estavam lado a lado encostados numa das paredes, e acima da pia havia uma janela que dava para o pátio interno do prédio. Em frente

aos eletrodomésticos havia uma banheira antiga, daquelas com pé, cuja pintura branca estava descascada aqui e ali, revelando o aço negro que havia por baixo. Um tampo de madeira pintado de marfim fora colocado em cima dela, transformando-a numa mesa de jantar, sobre a qual havia uma xícara de café vazia e outro cinzeiro cheio de cinzas. Via-se louça suja na pia e louça limpa no escorredor de alumínio.

O último cômodo era o quarto, e foi ali que encontrei Eddie. Ele estava sentado na beira da sua cama desfeita, tombado para a frente, usando apenas uma camiseta branca e mais nada. Havia uma pilha de revistas sobre a cama e uma revista no chão de linóleo à sua frente, mostrando uma foto de página dupla de uma jovem com pulsos e calcanhares amarrados, e uma corda passando de maneira elaborada por todo o seu corpo. Seus enormes seios estavam amarrados com fios elétricos, ou algo parecido com isso, e em seu rosto havia uma expressão nada convincente de medo e dor.

Havia uma corda em torno do pescoço de Eddie, um pedaço de corda de varal de plástico. A outra ponta estava amarrada a um cano que passava pelo teto.

— Ai, meu Deus!

Era Willa, que entrara para ver com os próprios olhos.

— O que aconteceu? — perguntou ela, nervosa. — Meu Deus do céu, o que aconteceu com ele?

Eu sabia o que tinha acontecido.

6

O nome do policial era Andreotti. Seu parceiro, um moreno-claro, estava lá embaixo conversando com Willa. Andreotti, um homem grandalhão com cabelos crespos e negros e sobrancelhas grossas, fora comigo até o apartamento de Eddie.

— Você foi policial, então suponho que deve ter seguido as regras — disse ele. — Não tocou em nada nem mudou a posição de nenhum objeto, certo?

— Certo.

— Ele era seu amigo e não apareceu. Vocês tinham combinado de se encontrar?

— Íamos nos ver ontem.

— Bom, ele obviamente não estava em condições de aparecer. O legista vai definir a hora da morte, mas eu já sei que faz mais de vinte e quatro horas. Danem-se as regras, vou abrir essa janela. Por que não abre a da cozinha?

Abri a da cozinha e a da sala. Quando voltei, Andreotti disse:

— Então, ele não apareceu. E depois? Você ligou para ele?

— Ele não tem telefone.

— E o que é aquilo?

Havia um engradado laranja virado para baixo que servia de mesa de cabeceira, e em cima dele havia um telefone preto de disco. Expliquei que não funcionava.

— É mesmo? — disse Andreotti, colocando o fone no ouvido. — Não é que é? Está fora da tomada? Não, devia estar funcionando.

— A linha foi cortada há algum tempo.

— E isso estava aqui só como decoração? Merda, não era para eu ter tocado em nada. Mas, de qualquer maneira, ninguém vai

tentar tirar impressões deste lugar. O caso já está praticamente resolvido, não vai ser preciso investigar. Não acha?

— Parece que sim.

— Já vi isso antes. Em geral com moleques que estão na escola ou na faculdade. Quando vi o primeiro, pensei: “Cara, ninguém ia se matar desse jeito”. Foi um adolescente que encontramos dentro do próprio armário, se é que você pode imaginar, sentado num engradado de leite virado para baixo. Um desses engradados de plástico, sabe? E havia um lençol em volta do seu pescoço, e a outra ponta amarrada sei lá no quê, numa dessas barras horizontais de pendurar cabides. Digamos que você queira se enforcar: não é assim que se faz. Se você perder a coragem, tudo o que vai precisar fazer é ficar de pé e aliviar seu peso da corda, ou, nesse caso, do lençol. E, se colocar peso suficiente para perder o ar bem rápido ou quebrar o pescoço, vai acabar quebrando a barra do armário.

“Por isso, eu já estava convencido de que alguém havia estrangulado o menino e tentado fazer parecer que fora suicídio. Felizmente, meu parceiro me explicou tudo. Mostrou que o rapaz estava nu e disse: ‘Asfixia autoerótica’. Eu nunca tinha ouvido falar nisso. É um jeito novo de se masturbar. Você corta o oxigênio se estrangulando, e isso aumenta o prazer. A não ser que dê errado, como aconteceu com esse pobre coitado aqui. Aí, você morre. E é assim que sua família encontra você, com os olhos esbugalhados e o pau na mão.”

Andreotti balançou a cabeça.

— Ele era seu amigo, mas aposto que você nunca soube que ele gostava desse tipo de coisa — disse.

— Não sabia, não.

— Ninguém nunca sabe. Às vezes, esses meninos de colégio contam para um colega. Mas os adultos... Pode imaginar um cara dizendo para o outro: “Ei, encontrei um jeito novo de bater punheta que é ótimo”. Ou seja, você não estava esperando encontrar o que encontrou. Achou que ele tinha tido um enfarte, alguma coisa assim?

— Estava preocupado com ele, só isso.

— A síndica abriu a porta com a chave dela. Estava trancada?

— Estava, ela precisou dar duas voltas com a chave.

— E todas as janelas estavam fechadas. Bom, acho que a conclusão é bem óbvia. Ele tem algum parente que precise ser avisado?

— Os pais dele morreram. Nunca me falou de nenhum outro parente.

— Um cara solitário morrendo sozinho é de cortar o coração. Olha como ele era magro. Coitado.

Voltamos para sala e Andreotti me perguntou:

— Você pode fazer a identificação formal? Como ele não tem parentes, precisamos de outra pessoa.

— O nome dele é Eddie Dunphy.

— Isso basta.

Willa Rossiter morava no apartamento 1-B. Era um apartamento de fundos parecido com o de Eddie, mas, por ser do lado leste do prédio, tinha os cômodos distribuídos de forma reversa. Alguém havia colocado um encanamento novo no dela, e não havia banheira em sua cozinha. Em vez disso, Willa tinha um chuveiro de meio metro quadrado no banheiro adjacente ao quarto.

Nós nos sentamos a uma velha mesa de tampo de metal que havia na cozinha. Willa me perguntou se eu queria beber alguma coisa e eu respondi que gostaria de um café.

— Só tenho café instantâneo, e ainda por cima é sem cafeína. Tem certeza de que não prefere uma cerveja?

— Café instantâneo está ótimo.

— Acho que vou beber algo mais forte que café. Olhe só o meu estado.

Ela estendeu a mão com a palma para baixo, mas não parecia estar tremendo. Abriu um armário que havia acima da pia, tirou uma garrafa de uísque Teacher’s e colocou dois dedos do líquido num copo de geleia. Sentou-se à mesa, deixando o copo e a garrafa à sua frente. Apanhou o copo, olhou para o uísque e bebeu metade dele de um gole só. Tossiu, estremeceu e suspirou.

— Bem melhor — disse.

E eu acreditei.

A chaleira apitou e Willa preparou meu café. Se é que se podia chamar aquilo de café. Eu o mexi e deixei a colher dentro da xícara. Dizem que isso faz esfriar mais rápido. Não sei se é verdade.

— Nem tenho leite para oferecer — disse ela.

— Eu tomo café puro.

— Mas tenho açúcar, isso eu sei que tenho.

— Eu não ponho açúcar.

— Afinal, não se deve misturar nada com café instantâneo sem cafeína. Pode estragar o sabor.

— Isso.

Willa bebeu o resto do uísque e disse:

— Você reconheceu o cheiro, não foi? Por isso já sabia o que ia encontrar.

— É um cheiro impossível de esquecer.

— Não acho que vou esquecê-lo. Imagino que você tenha entrado em muitos apartamentos assim quando era policial.

— Se está falando de apartamentos com um cadáver dentro, então a resposta é sim.

— Acabou se acostumando?

— Acho que a gente nunca se acostuma. Mas aprende a esconder o que está sentindo, dos outros e de si mesmo.

— Interessante. Como se faz isso?

— Beber ajuda.

— Tem certeza de que não quer...

— Tenho. Existem outros jeitos de não sentir nada. Alguns policiais ficam com raiva do morto ou o tratam com desprezo. Quando levam o corpo para a portaria, em geral o arrastam e deixam que bata nos degraus. É chato ver isso se o cara dentro do saco for seu amigo, mas para os policiais e o pessoal do necrotério é um jeito de tornar o cadáver menos humano. Se você trata aquela pessoa como lixo, não vai pensar tanto no que aconteceu com ela ou ter de encarar o fato de que vai acontecer com você um dia.

— Minha nossa — disse Willa.

Ela colocou mais uísque no copo. Nele havia um desenho de Fred Flinstone com um sorriso bobo. Willa fechou a garrafa e deu um gole.

— Há quanto tempo deixou de ser policial, Matt?

— Alguns anos.

— E o que você faz agora? É jovem demais para ser um aposentado.

— Sou uma espécie de detetive particular.

— Uma espécie?

— Não tenho uma licença. Ou um escritório, ou um anúncio nas Páginas Amarelas. Nem tenho muitos clientes, mas de vez em quando alguém aparece me pedindo para cuidar de um caso.

— E você cuida.

— Quando posso. No momento, estou trabalhando para um homem de Indiana cuja filha veio para Nova York tentar fazer carreira de atriz. Morava num prédio a alguns quarteirões daqui e desapareceu há uns dois meses.

— O que houve com ela?

— É isso que cabe a mim tentar investigar. Mas não descobri quase nada desde que comecei.

— É por isso que queria ver Eddie Dunphy? Ele estava envolvido com essa menina?

— Não, não há nenhuma ligação entre os dois.

— Bom, lá se vai a minha teoria. Eu já estava inventando uma história. Eddie chamou a menina para posar para uma daquelas revistas e depois a obrigou a participar de um desses filmes em que a pessoa é morta na frente das câmeras. Você acha que esses filmes existem mesmo?

— Provavelmente, pelo que já ouvi falar. Mas os únicos que já vi só mostravam mortes falsas, e muito malfeitas.

— Você assistiria um filme desses? Se alguém tivesse um e o convidasse para ver?

— Não, a não ser que eu tivesse um motivo.

— Curiosidade não é motivo suficiente?

— Para mim, não. Acho que eu não teria muita curiosidade em relação a isso.

— Não sei bem o que eu faria. Provavelmente assistiria e depois me arrependeria. Ou não assistiria e me arrependeria. Qual o nome dela?

— Da menina que desapareceu? Paula Hoeldtke.

— E não há nenhuma ligação entre ela e Eddie Dunphy?

Eu disse que não.

— E por que você queria vê-lo? — perguntou ela.

— Éramos amigos.

— Há muito tempo?

— Não, amigos recentes.

— O que vocês faziam, iam comprar revistas juntos? Desculpe, isso foi muito grosseiro da minha parte. O rapaz está morto. Ele era seu amigo e está morto. Mas vocês dois parecem diferentes demais para ser amigos.

— Policiais e ladrões às vezes têm muito em comum.

— Ele era ladrão?

— Antigamente era, mas só se envolvia com coisa pequena. É fácil cair no crime quando se cresce nestas ruas. Claro que este bairro costumava ser muito pior.

— Agora os bacanas e os yuppies estão se mudando para cá.

— Ainda tem muito que melhorar. Algumas pessoas perigosas ainda vivem aqui por perto. Na última vez que vi Eddie, ele me falou de um homicídio que testemunhou.

Willa franziu o cenho, perturbada.

— É?

— Um homem espancou outro até a morte com um taco de beisebol num porão. Já aconteceu há alguns anos, mas o homem que usou o taco ainda está solto. É dono de um bar a poucos quarteirões daqui.

Willa deu um gole em seu uísque. Bebia como uma profissional, e creio que aquele nem era seu primeiro drinque do dia. Antes eu já tinha sentido cheiro de algo em seu hálito, provavelmente cerveja. Não que isso significasse que ela fosse uma beberrona. Quem para de beber se torna muito mais sensível ao cheiro de álcool nos outros. Ela devia ter bebido uma cerveja na hora do almoço, como quase todo mundo faz.

Mas bebia uísque puro como se estivesse acostumada a fazer isso desde criancinha. Não espanta que eu tenha gostado dela.

— Quer mais café, Matt?

— Não, obrigado.

— Tem certeza? A água ainda está quente, não vai dar trabalho nenhum.

— Agora não.

— É um café horrível, não é?

— Não é tão ruim assim.

— Não precisa se preocupar em não me magoar. Não fico sentida quando não gostam do meu café instantâneo. Houve uma época em que eu comprava café em grão e moía em casa. Pena que você não me conhecia.

— Que bom que conheci agora.

Willa bocejou, esticando os braços acima da cabeça e se alongando como um gato. O gesto fez com que seus seios ficassem mais marcados na camisa de flanela. Um segundo depois, ela baixou os braços e a camisa afrouxou de novo. Mas depois disso passei a reparar em seu corpo e, quando Willa se levantou e foi ao banheiro, fiquei olhando. Seu jeans estava apertado na bunda, e quase branco de tão puído, e eu olhei fixamente até ela desaparecer de vista.

E então olhei para o copo vazio e para a garrafa ao lado dele.

Willa voltou e disse:

— Ainda dá para sentir o cheiro.

— Não está na atmosfera, está nos seus pulmões. Ainda vai demorar algum tempo para se livrar dele. Mas as janelas do apartamento de Eddie estão abertas, e logo ele vai ficar arejado.

— Não importa. O proprietário não vai me deixar alugar.

— Vai manter esse vazio também?

— Imagino que sim. Vou ter de ligar para ele mais tarde e contar que perdeu um inquilino.

Willa envolveu a base da garrafa com uma das mãos e desenroscou a enorme tampa com a outra. Não usava anéis nem esmalte, apenas um relógio digital com uma pulseira de plástico preta. Suas unhas eram curtas, e perto da cutícula da unha de um dos dedões havia uma mancha branca.

— Há quanto tempo eles levaram o corpo? — perguntou ela. — Meia hora? Daqui a pouco vai aparecer alguém me chamando pelo interfone e perguntando se o apartamento está disponível. Esta cidade está cheia de abutres.

Willa despejou um pouco de uísque no copo, e Fred Flinstone continuou dando seu sorriso bobo.

— Vou dizer que ainda está alugado — decidiu ela.

— E as pessoas vão continuar a dormir nas estações de metrô.

— E nos bancos do parque. Mas está ficando frio demais para fazer isso. É, tenho visto muitos mendigos também. Manhattan está começando a parecer um país de Terceiro Mundo. Mas quem dorme na rua não ia poder alugar um desses apartamentos. Não têm mil dólares por mês para pagar.

— E os que vão para os abrigos públicos acabam custando ainda mais do que isso. A prefeitura paga cerca de cinquenta dólares por noite para manter as pessoas nesses lugares.

— Pois é, e eles são sujos e perigosos. Os abrigos. Não as pessoas — disse Willa, dando mais um gole. — Bom, talvez as pessoas também sejam. Quem sabe?

— Talvez.

— Pessoas sujas e perigosas em abrigos sujos e perigosos — cantarolou ela. — Parece uma letra de música *folk*.

Willa colocou ambas as mãos atrás da cabeça e mexeu no elástico que prendia seu cabelo. Seus seios ficaram marcados de novo e eu os olhei mais uma vez. Ela tirou o elástico, passou os dedos pelo cabelo e sacudiu um pouco a cabeça. Seu cabelo, quando solto, passava dos ombros e suavizava suas feições. Tinha diversos tons de louro, chegando a ser castanho-claro em algumas mechas.

— É tudo muito doido. Todo o sistema é uma droga. Era isso que nós costumávamos dizer, e aparentemente estávamos certos. Pelo menos quanto ao problema, embora não à solução.

— “Nós”?

— É, aquele grupo enorme de vinte e poucas pessoas. Meu Deus.

Descobri que Willa tinha um passado e tanto. Em 1968, quando estava na faculdade, fora à Convenção do Partido Democrata em Chicago. Os policiais do prefeito Richard J. Daley haviam perdido o controle da situação e atacado os manifestantes, e ela acabara

perdendo dois dentes depois de um golpe de cassetete. Se ela já era radical, depois disso acabou entrando num braço do movimento estudantil, o Partido Comunista Progressivo.

— Foi sem querer, mas as iniciais do partido, pcp, eram as mesmas da droga “pó de anjo” — contou ela. — Claro que isso foi há vinte anos, então ninguém deu importância. Na verdade nunca deram importância a nada do que fizemos. Os membros nunca foram mais que trinta. Mas íamos fazer a revolução, íamos mudar o país. O governo ia ser o proprietário dos meios de produção, as classes seriam eliminadas, não haveria mais discriminação contra idade, sexo ou cor... Nós trinta íamos levar o país ao paraíso. O pior é que acho que acreditávamos mesmo no que dizíamos.

Willa passou anos e anos no movimento. Mudava-se para uma cidade qualquer, arrumava um emprego numa lanchonete ou numa fábrica, e fazia o que lhe mandavam.

— As ordens nem sempre faziam sentido, mas você precisava obedecê-las sem questionar, era parte do trato. Quando elas não faziam sentido, eu precisava fingir que não tinha percebido. Às vezes, dois de nós tínhamos de nos mudar para um fim de mundo qualquer no Alabama, alugar uma casa e viver como marido e mulher. Aí, dois dias depois eu estava morando num trailer com um cara que mal conhecia, dormindo na mesma cama que ele e brigando para decidir quem lavava a louça. Se ele quisesse deixar todas as tarefas domésticas para mim, acusava-o de ainda estar preso aos velhos padrões machistas. Mas aí ele argumentava que precisávamos agir como qualquer pessoa, e que não iríamos encontrar muitos maridos politicamente conscientes naquele lugar. Dois meses depois, quando finalmente estávamos começando a nos acertar, eles o mandaram para Gary, em Indiana, e me mandavam para Oklahoma City.

De vez em quando o partido ordenava que Willa conversasse com seus colegas de trabalho, com o objetivo de recrutar novos membros. Algumas vezes, ela teve de cometer atos inexplicáveis de sabotagem industrial. Com frequência, ia para algum lugar aguardar instruções que nunca chegavam; após muito tempo, era enviada para outra localidade, onde diziam que devia esperar mais um pouco.

— Não sei explicar a sensação — disse ela. — Ou melhor, não me *lembro* direito como era. O partido se tornou toda a minha vida. Ficávamos isolados do mundo porque estávamos vivendo uma mentira e, com isso, todos os laços que criávamos fora do partido eram superficiais. Amigos, vizinhos, colegas, todos eram apenas parte do cenário, parte da peça de teatro que você estava apresentando. Além disso, eles eram apenas peões no grande tabuleiro de xadrez da História. Não entendiam o que estava acontecendo. Era isso que nos fascinava e nos viciava: passávamos a acreditar que nossa vida tinha mais sentido que a dos outros.

Há cinco anos, Willa começara a perder a fé em tudo aquilo, mas demorara algum tempo até conseguir se desligar de algo que se tornara tão importante para ela. Era como um jogo de pôquer — você hesitava em desistir, pois já tinha apostado alto demais. Acabou se apaixonando por um homem que não estava no movimento e desafiou o partido ao se casar com ele. Os dois se mudaram para o Novo México, onde o casamento se deteriorou.

— Eu me dei conta de que meu casamento foi só uma desculpa para me tirar do pcp — contou Willa. — Mas acabou sendo bom. Era disso que eu precisava para sair. Pedi o divórcio. Mudei para cá. E virei síndica de um prédio porque não sabia de que outro jeito ia conseguir alugar um apartamento. E você?

— Eu o quê?

— Como veio parar aqui? E onde é o seu “aqui”?

— Estou me perguntando isso há anos. Fui policial por um longo tempo.

— Quanto tempo?

— Quase quinze anos. Tinha mulher e filhos, morava em Syosset. Fica em Long Island.

— Sei onde fica.

— Não sei se posso dizer que perdi a fé no que eu fazia. Aquela vida passou a não me servir mais. Saí da polícia, saí de casa e aluguei um quarto na rua 57. Ainda moro lá.

— Alugou um quarto numa casa?

— Um pouco melhor que isso. No Hotel Northwestern.

— Ou você é rico, ou o valor do seu aluguel é controlado.

— Não sou rico.

— Você mora sozinho?

Assenti.

— Ainda é casado?

— Já me divorciei há muito tempo.

Willa se inclinou e colocou a mão sobre a minha. Seu hálito tinha um cheiro forte de uísque. Não sei bem se ele me agradava, mas era muito melhor que o cheiro no apartamento de Eddie.

— O que você acha? — perguntou ela.

— Sobre o quê?

— Encaramos a morte juntos. Contamos a história da nossa vida um para o outro. Não podemos tomar um porre, pois só um de nós está bebendo. Você mora sozinho. Está saindo com alguém?

Subitamente, senti-me como se estivesse sentado no sofá do *loft* de Jan na rua Lispenard, ouvindo Vivaldi e sentindo o cheiro de café sendo feito.

— Não — respondi.

A mão dela pressionou a minha.

— Bem, o que acha, Matt? Quer trepar comigo?

7

Nunca fumei muito. Na época em que eu bebia, de vez em quando sentia vontade e aí comprava um maço e fumava três ou quatro cigarros, um atrás do outro. Depois jogava o maço fora e passava meses sem comprar outro.

Jan não fumava. Perto do fim, quando decidimos ter um relacionamento aberto, saí algumas vezes com uma mulher que fumava Winston Lights. Nunca transamos, mas chegamos a nos beijar algumas vezes certa noite, e foi muito estranho sentir o gosto do tabaco vindo de sua boca. Senti um pouco de nojo. E também uma breve vontade de fumar um cigarro.

O gosto de uísque na boca de Willa teve um efeito bem mais profundo. Era de se esperar; afinal, eu não tinha de frequentar reuniões do aa todos os dias para me manter longe do tabaco. E se por acaso eu fumasse um cigarro, não era provável que fosse acabar no hospital por causa disso.

Nós nos beijamos na cozinha, ambos de pé. Willa era poucos centímetros mais baixa que eu, e nos encaixávamos bem. Eu já estava me perguntando como seria beijá--la antes de ela dizer o que disse, antes de colocar a mão sobre a minha.

O gosto do uísque era forte. Minha bebida preferida era burbom, e só raramente eu bebia uísque. Mas não fazia diferença. Era o álcool que estava me seduzindo, misturando memória com desejo.

Senti umas dez sensações misturadas. Medo, uma profunda tristeza e, é claro, um anseio enorme por um drinque. Excitação, muita excitação, em parte por causa do uísque na boca de Willa, mas também por causa da mulher em si, da firmeza suave de seus seios pressionando meu peito, do calor insistente de seu sexo contra minha coxa.

Coloquei a mão em sua bunda e apertei bem no lugar onde o jeans estava puído. Ela agarrou meus ombros. Beijei-a de novo.

Após alguns segundos, Willa se afastou e me encarou. Nossos olhos se encontraram. Os dela estavam arregalados e pude ver fundo dentro deles.

— Vamos para cama — disse eu.

— Por favor.

O quarto era pequeno e escuro. As cortinas estavam fechadas, e pouca luz entrava pela única janela. Willa ligou o abajur, desligou de novo e pegou uma caixa de fósforos. Tentou acender uma vela, mas a chama não pegou no pavio e o fósforo acabou apagando. Ela pegou outro, mas eu tirei o fósforo e a vela de suas mãos e deixei-os ali. Havia claridade suficiente no escuro.

A cama de Willa era de casal. Não havia cabeceira, só uma armação com o colchão em cima. Nos postamos de pé ao lado dela, olhando um para o outro enquanto tirávamos a roupa. Havia uma cicatriz em seu abdômen deixada pela retirada de um apêndice e algumas sardas em seus seios generosos.

Deitamos na cama e um buscou o outro.

Depois, Willa foi até a cozinha e voltou com uma lata de cerveja light. Abriu-a e deu um grande gole.

— Não sei por que comprei esta merda — disse ela.

— Dois motivos.

— Quais?

— O gosto é bom e engorda menos.

— Engraçadinho. O gosto é bom? Não tem gosto de nada. Sempre preferi gostos fortes, não quero nada que seja light. Gosto de Teacher’s e White Horse, uísques escuros e pesados. Gosto daquelas cervejas canadenses bem amargas. Quando eu fumava, não suportava cigarro com filtro.

— Você fumava?

— Muito. O partido incentivava. Era uma maneira de fazer amizade com os trabalhadores: oferecer um cigarro, aceitar um cigarro, fumar que nem um louco com um espírito solidário e

camarada. Mas é claro que quando a revolução fosse concluída esse vício ia desaparecer junto com a ditadura do proletariado. A indústria corrupta do tabaco seria destruída e os fazendeiros de Piedmont seriam reeducados e passariam a plantar algo dialeticamente correto. Feijão-da-china, quem sabe. E a classe trabalhadora, livre do estresse da opressão capitalista, não teria mais necessidade de se perder numa nuvem de nicotina.

— Você só pode estar inventando isso.

— O pior é que não. Tínhamos opinião sobre tudo. E por que não? Tínhamos bastante tempo livre, pois nunca *fazíamos* porra nenhuma.

— Então você fumava pelo bem da revolução.

— É isso aí. Camels, dois maços por dia. Ou Picayunes, mas eles eram difíceis de encontrar.

— Nunca ouvi falar dessa marca.

— Ah, eram maravilhosos. Faziam os Gauloises ficar sem gosto. Destruíam sua garganta e deixavam as unhas do pé da gente marrons. Nem precisava acender. Você ficava com câncer só de carregar um maço na bolsa.

— Quando você parou de fumar?

— No Novo México, quando meu casamento acabou. Eu já estava tão arrasada que achei que nem ia notar a falta do cigarro. Estava muito enganada, mas aguentei mesmo assim. Você não bebe nunca?

— Não.

— Já bebeu alguma vez?

— Ah, já.

— Bebia e por isso não bebe mais.

— Mais ou menos isso.

— Foi o que imaginei. Você não se parece com nenhum abstêmio que já conheci. Em geral não me dou bem com esse tipo de pessoa.

Willa estava sentada em cima da cama de pernas cruzadas. Estiquei o braço e toquei sua coxa nua. Ela pousou a mão sobre a minha.

— O fato de eu não beber incomoda você?

— Não. E o fato de eu beber, incomoda?

— Ainda não sei.

— Quando descobrir, não deixe de me avisar.

— Tudo bem.

Willa virou a lata e bebeu um pouco de cerveja.

— Quer alguma coisa? — perguntou. — Posso fazer café, embora só tenha daquele ruim. Quer um pouco?

— Não.

— Não tenho suco nem refrigerante, mas posso ir ao mercado comprar. O que você quer?

Peguei a lata de cerveja da mão dela e coloquei-a na mesinha de cabeceira.

— Venha aqui — disse eu, deitando-a no colchão. — Vou lhe mostrar.

Às oito, tateei pelo quarto até encontrar minha cueca. Willa havia adormecido, mas acordou quando eu estava me vestindo.

— Tenho um compromisso — expliquei.

— Que horas são? — perguntou ela, olhando seu relógio de pulso e estalando a língua. — Já? Que jeito encantador de passar o dia. Você deve estar precisando comer alguma coisa.

— E você deve ter a memória muito curta.

Willa deu uma risada deliciosamente indecente.

— Eu quis dizer comer comida. Que tal eu cozinhar para nós?

— Preciso ir.

— Ah.

— Mas às dez já me libero. Consegue esperar? Podemos comer um hambúrguer ou algo assim. A não ser que esteja morrendo de fome agora.

— Não, tudo bem.

— Volto lá pelas dez e meia, não vai passar muito disso.

— É só tocar a campainha, querido. E depois, pode tocar o que mais você quiser.

Fui para a reunião da São Paulo Apóstolo. Desci a escada que dava no porão da igreja e, assim que entrei lá, senti um imenso

alívio, como se estivesse me controlando até aquele ponto e, agora, pudesse me soltar.

Lembro de ter acordado um dia, anos atrás, precisando muito de um drinque. Fui até o McGovern's, um bar ao lado do hotel que abria bem cedo e onde havia um barman que entendia o que era precisar de uma bebida de manhã. Lembro como foi a sensação física de ansiar por aquele drinque e de como a ânsia desapareceu antes que eu o bebesse. Quando o barman o serviu, quando coloquei a mão em torno do copo, minha tensão interna relaxou. Apenas saber que meu alívio estava ali, na minha frente, foi o suficiente para acabar com metade dos sintomas.

É engraçado o que acontece. Eu precisava de uma reunião, de estar com os meus companheiros, precisava ouvir as coisas sábias e tolas que são ditas nessas ocasiões. E também contar o que acontecera comigo naquele dia, para poder sentir tudo mais claramente.

Ainda não fizera nada disso. Mas estava a salvo, estava lá dentro, e ia fazê-lo em breve. Por isso me senti melhor.

Fui até a garrafa térmica e me servi de um pouco de café. Não era muito melhor que o café instantâneo que eu bebera na casa de Willa. Mas tomei tudo e ainda voltei para pegar mais.

* * *

A oradora fazia parte do nosso grupo e estava celebrando dois anos sem beber. A maioria dos presentes já ouvira sua história pelo menos uma vez e por isso ela decidiu falar sobre como sua vida se transformara nos dois últimos anos. Foi um discurso emocionado e, quando terminou, as pessoas não aplaudiram só por educação.

Após o intervalo, levantei a mão e contei que encontrara o cadáver de Eddie e passara o resto do dia na companhia de alguém que estava bebendo. Não entrei em detalhes, só disse o que sentira na hora e o que estava sentindo no momento.

Quando a reunião acabou, muita gente veio me fazer perguntas. Alguns não tinham certeza de quem era Eddie e queriam saber se o conheciam. Ele não era um frequentador habitual da São Paulo

Apóstolo e raramente dizia alguma coisa. Por causa disso, muitos não sabiam de quem eu estava falando.

Os que sabiam perguntaram do que ele havia morrido. Não soube direito como responder. Se dissesse que Eddie havia se enforcado, todos concluiriam que ele havia cometido suicídio. Se eu explicasse mais, ia acabar sendo obrigado a contar tudo, e eu não ia me sentir confortável fazendo isso. Fui vago e disse que a causa da morte ainda não havia sido oficialmente determinada, mas que parecia ter sido um acidente. Era a verdade, embora fosse apenas parte dela.

Um homem chamado Frank que estava sem beber havia muito tempo só me fez uma pergunta. Eddie estava abstêmio quando morreu?

— Acho que sim — disse eu. — Não havia nenhuma garrafa no quarto, nada que indicasse uma recaída.

— Graças a Deus — disse Frank.

Graças a Deus pelo quê? Bêbado ou sóbrio, ele não estava morto do mesmo jeito?

Jim Faber me esperava na porta. Saímos juntos e ele me perguntou se eu queria tomar um café. Eu disse que combinara de encontrar uma pessoa.

— A mulher com quem você passou a tarde? Aquela que estava bebendo?

— Não me lembro de ter mencionado que era uma mulher.

— Não mencionou. O que disse foi: “Essa pessoa estava bebendo, o que é natural diante das circunstâncias. Não há motivos para acreditar que essa pessoa seja alcoólatra”. Se repetiu “essa pessoa” tantas vezes, era porque estava tentando evitar dizer “ela”.

Eu ri.

— Você devia ser detetive também.

— Mas sou dono de uma gráfica, o que me faz reparar na sintaxe. Olha, não importa o quanto ela beba, nem se é alcoólatra. O que importa é o efeito que isso tem em você.

— Eu sei.

— Já saiu com uma mulher que bebia?

— Não, desde que parei.

— Foi o que imaginei.

— Não saí direito com ninguém a não ser com Jan. Os poucos encontros que tive foram com mulheres que estão no programa.

— Como se sentiu essa tarde?

— Gostei da companhia dela.

— Como se sentiu vendo-a beber?

Pensei bem antes de responder.

— Não sei onde terminava a mulher e começava a bebida. Eu estava nervoso, excitado, agitado, mas talvez também tivesse me sentido assim mesmo sem nenhum álcool por perto.

— Teve vontade de beber?

— Tive, claro. Mas nem pensei em transformar meu desejo em realidade.

— Você gosta dela?

— Por enquanto, gosto.

— Vai vê-la agora?

— Vamos sair e comer alguma coisa.

— Não vão ao Flame, vão?

— Acho que vou levá-la a um lugar um pouco mais legal.

— Bom, você tem meu telefone.

— Sim, mamãe. Tenho seu telefone.

Ele riu.

— Você sabe o que Frank diria, Matt. Debaixo de cada saia há uma recaída.

— Aposto que ele diria isso mesmo. E aposto que não tem olhado debaixo de muitas saias ultimamente. Sabe o que ele me falou? Perguntou se Eddie havia morrido sóbrio e, quando respondi que sim, disse: “Graças a Deus”.

— E daí?

— Ele está morto do mesmo jeito.

— É verdade. Mas concordo com Frank. Se ele tinha que ir, fico feliz que tenha ido sem beber.

Voltei ao hotel, tomei banho, me barbeei e coloquei um paletó e uma gravata. Eram vinte para as onze quando toquei a campainha

de Willa.

Ela também havia trocado de roupa. Usava uma blusa de seda azul-clara e uma calça branca. Trançara o cabelo e passara a trança pelo alto da cabeça como se fosse uma tiara. Estava bonita e elegante. Eu disse isso a ela.

— Você também está bonito — disse Willa. — Que bom que veio. Eu estava ficando paranoica.

— Atrasei muito? Desculpe.

— Só dez minutos, mas comecei a ficar paranoica há quarenta e cinco minutos, então não teve nada a ver com a hora. Eu apenas concluí que você era bom demais para ser verdade e que não ia voltar a vê-lo. Ainda bem que estava errada.

Lá fora, perguntei a Willa se ela queria jantar em algum lugar específico.

— Estou perguntando porque tem um restaurante não muito longe daqui que ando querendo experimentar — expliquei. — É meio bistrô francês, mas eles também têm pratos comuns no cardápio, além da culinária francesa.

— Parece bom. Como chama?

— Paris Green. Verde de Paris.

— Na Nona Avenida. Já passei por ele, mas nunca entrei. Adoro esse nome.

— O lugar tem a cara do nome. É uma atmosfera bem francesa, e há várias plantas penduradas no teto.

— Você não sabe o que é Verde de Paris?

— Pelo jeito, não.

— É um veneno — contou ela. — Um composto de arsênico. Arsênico e cobre, se não me engano. Por isso é verde.

— Nunca ouvi falar.

— Se você fosse jardineiro, talvez tivesse ouvido falar. Verde de Paris costumava ser usado como inseticida. Borrifavam nas plantas para matar pragas. Os insetos o absorviam pelo estômago e morriam. Mas eles não usam mais arsênicos nos jardins, então acho que ele não é mais comercializado.

— A gente aprende alguma coisa todos os dias.

— A aula ainda não acabou. Verde de Paris também era usado como pigmento. Pigmento verde, como você talvez tenha

imaginado. Era usado principalmente em papel de parede, e muita gente morreu por causa dele, a maioria crianças ainda na fase oral. Prometa que nunca vai colocar papel de parede verde na boca.

— Dou a minha palavra.

— Muito bem.

— O que não significa que eu vá precisar sair da fase oral.

— Claro que não.

— Como você sabe tanto sobre Verde de Paris?

— Por causa do partido. Aprendíamos tudo que podíamos sobre substâncias tóxicas. Nunca se sabe, alguém podia decidir que seria estrategicamente correto envenenar a rede de abastecimento de água de alguma cidadezinha do interior.

— Meu Deus!

— Nunca fizemos nada parecido — garantiu Willa. — Pelo menos eu não, e nem nunca ouvi falar de alguém que tenha feito. Mas era preciso estar preparado.

O barman alto e barbudo estava no bar quando entramos. Ele acenou e sorriu para mim. A *hostess* nos levou até uma mesa. Quando sentamos, Willa disse:

— Você não bebe e nunca comeu aqui, mas o barman o cumprimentou como se fosse seu primo.

— Não é um mistério tão grande assim. Passei aqui para fazer algumas perguntas. Sobre aquela menina que estou tentando encontrar.

— A atriz. Você disse o nome dela. Paula?

— O barman a reconheceu e descreveu o homem que estava com ela. Por isso passei aqui uma segunda vez para ver se ele havia se lembrado de mais alguma coisa. É um cara legal, tem uma cabeça interessante.

— É isso que você estava fazendo antes, depois que saiu lá de casa? Trabalhando no caso? Você chama um trabalho de caso?

— Poderia chamar.

— Mas não chama.

— Não sei do que chamo. Acho que chamo de trabalho. Um que não estou fazendo muito bem.

— Fez algum progresso esta noite?
— Não. Não estava trabalhando.
— Ah.
— Estava numa reunião.
— Uma reunião?
— Uma reunião do aa.
— Ah.

Willa ia dizer alguma coisa, mas a garçonete, com um *timing* perfeito, veio perguntar o que queríamos beber. Pedi uma Perrier. Willa pensou durante alguns segundos e acabou pedindo uma Coca com limão.

— Você podia ter pedido algo mais forte — afirmei.

— Eu sei. Mas já bebi mais do que o normal hoje, e acordei com dor de cabeça. Acho que você não comentou que estava no aa.

— Não costumo contar para as pessoas.

— Por quê? Não pode ser por vergonha.

— De jeito nenhum. Mas é por causa do conceito de anonimato do programa. É uma prática ruim acabar com o anonimato de alguém, comentar que aquela pessoa está no aa. Quanto a manter seu próprio anonimato, é uma decisão mais pessoal. Pode-se dizer que eu só conto para quem acho que precisa saber.

— E eu preciso saber?

— Bom, eu não deixaria de contar isso a alguém com quem eu estivesse envolvido emocionalmente. Seria bobagem.

— Acho que você tem razão. E nós estamos?

— Estamos o quê?

— Envolvidos emocionalmente.

— Eu diria que estamos prestes a ficar.

— Prestes a ficar... Gostei disso.

Até que para um restaurante que tinha nome de veneno, a comida estava bem gostosa. Comemos cheeseburguers, batatas fritas com cebola e salada. A carne havia sido grelhada sobre uma camada de uma erva chamada algaroba, mas meu paladar não conseguiu perceber nenhuma diferença entre isso e carvão comum. As batatas haviam sido cortadas à mão e estavam douradas e

crocantes. A salada continha sementes de girassol, rabanete, brócolis e dois tipos de alface, sendo que nenhuma delas era alface americana.

Conversamos bastante durante a refeição. Willa gostava de futebol americano e preferia os jogos universitários à liga profissional. Gostava de beisebol, mas não vira nenhum jogo este ano. Gostava de música country, principalmente das mais antigas, bem chorosas. Costumava ser viciada em ficção científica e ler pilhas de livros do gênero, mas ultimamente vinha lendo mais romances policiais ingleses, aqueles que se passam sempre numa casa de campo e têm cadáveres na biblioteca e mordomos, culpados ou não.

— Não me interessa quem foi o culpado — disse ela. — Só gosto de fugir para um mundo onde todos são educados e articulados, e onde até a violência é organizada e quase gentil. E onde tudo dá certo no fim.

— Como na vida.

— Principalmente a vida na rua 51 Oeste.

Falei um pouco sobre a busca por Paula Hoeldtke e sobre meu trabalho em geral. Expliquei que não se parecia muito com os romances policiais ingleses. As pessoas não eram tão educadas, nem tudo dava certo no fim. Às vezes, nem dava para saber onde era o fim.

— Gosto desse trabalho porque posso usar minhas habilidades, embora não saiba explicar bem quais são elas. Gosto de remexer as coisas até conseguir encontrar um padrão no meio da bagunça.

— E você tem a chance de corrigir o que está errado. De matar o dragão.

— A maioria dos erros nunca é corrigida e é difícil chegar perto o suficiente dos dragões para matá-los.

— Porque eles soltam fogo pela boca?

— Porque eles moram em castelos. Com fossos em volta e a ponte erguida para não deixar ninguém passar.

Quando estávamos tomando café, Willa me perguntou se eu ficara amigo de Eddie Dunphy no aa. Assim que disse isso, colocou a mão na boca.

— Deixe pra lá — disse. — Você já me explicou que é contra as regras quebrar o não-sei-lá-o-quê dos membros.

— Anonimato. Mas agora não tem importância. Quem está morto não precisa mais permanecer anônimo. Eddie começou a frequentar as reuniões havia pouco mais de um ano. Estava completamente abstêmio havia sete meses.

— E você?

— Três anos, dois meses e onze dias.

— Você conta até os dias?

— Não, claro que não. Mas sei o dia exato em que parei, e é só calcular.

— As pessoas celebram os aniversários?

— Algumas fazem questão de ser oradoras numa reunião no dia de seu aniversário, ou num dia perto. Em alguns grupos, você ganha um bolo.

— Um bolo?

— Que nem no seu aniversário de nascimento. Você ganha, e todos comem no final da reunião. A não ser quem está de dieta.

— Parece...

—... piegas.

— Não era isso que eu ia dizer.

— Mas poderia ser. Parece piegas mesmo. Em alguns grupos, você ganha um medalhão de bronze com o número de anos em numerais romanos num dos lados e a prece da serenidade no outro.

— A prece da serenidade?

— Deus, me dê serenidade para aceitar aquilo que não posso mudar, coragem para mudar aquilo que posso mudar e sabedoria para distinguir uma coisa da outra.

— Ah, já ouvi isso. Não sabia que era uma prece do aa.

— Acho que não é exclusividade nossa.

— O que você ganhou? Um bolo ou um medalhão?

— Nenhum dos dois. Só uma salva de palmas e muita gente me dizendo que ainda é um dia de cada vez. Acho que é por isso que gosto do meu grupo. Sobriedade sem sentimentalismo.

— Porque você não é um cara sentimental.

— Pode apostar que não.

Quando a conta veio, Willa se ofereceu para pagar metade. Eu disse que pagaria, e ela não insistiu. Saímos e sentimos que a noite havia ficado mais fria. Ela pegou minha mão antes de atravessarmos a rua e não largou mais.

Quando chegamos ao prédio de Willa, ela me convidou para entrar por alguns minutos. Eu disse que tinha pensado em ir direto para casa porque queria começar cedo na manhã seguinte.

No saguão de entrada, ela colocou a chave na fechadura e se voltou para mim. Nós nos beijamos. Dessa vez, não havia álcool em seu hálito.

No caminho para casa, não conseguia parar de assobiar. Não é um hábito meu.

Dei um dólar para todo mundo que me pediu dinheiro.

8

Na manhã seguinte, acordei com um gosto amargo na boca. Escovei os dentes e fui tomar café. A comida não desceu direito e o café estava com um gosto estranho de metal.

Talvez fosse envenenamento por arsênico, pensei. Talvez na salada da noite anterior houvesse pedaços de papel de parede verde.

Minha segunda xícara de café não estava muito melhor que a primeira, mas a bebi mesmo assim enquanto lia o *Daily News*. O Mets ganhou, pois um jogador novo que acabara de vir de Tidewater acertou todas as bolas. O Yankees também ganhou, com um *home run* feito por Claudell Washington na nona entrada. No futebol americano, o melhor *linebacker* do Giants havia sido suspenso por trinta dias por causa de uma substância ilícita encontrada em sua urina.

Ocorreu um tiroteio numa esquina do Harlem que o jornal afirmou ser muito frequentada por traficantes, e dois sem-teto brigaram numa estação de trem, sendo que um jogou o outro nos trilhos, com um resultado previsível. No Brooklyn, um homem de Brighton Beach foi preso pelo assassinato da ex-mulher e dos três filhos que ela tivera num casamento anterior.

Não havia nada sobre Eddie Dunphy. Só haveria se fosse um dia morno de notícias.

Depois do café, saí para esticar as pernas e me livrar da apatia. O dia estava nublado e a meteorologia dizia que havia quarenta por cento de chances de chover. Não sei bem o que isso significa. Parece dizer: “Não nos culpe se chover e também não nos culpe se não chover”.

Fui andando sem prestar muita atenção no caminho. Acabei no Central Park, onde encontrei um banco vazio e me sentei nele. À minha frente, um pouco à direita, uma mulher com um casaco bem velho estava alimentando os pombos com migalhas que tirava de um saco. Os pássaros se amontoavam em cima dela, do banco e da calçada. Deviam ser uns duzentos.

Dizem que alimentar pombos só piora o problema, mas não me senti no direito de mandá-la parar. Afinal, eu mesmo tinha o hábito de dar notas de um dólar para mendigos na rua.

As migalhas finalmente acabaram. Os pássaros se foram e a mulher também. Continuei sentado, pensando em Eddie Dunphy e em Paula Hoeldtke. Depois pensei em Willa Rossiter e entendi por que acordara me sentindo tão mal.

Eu não tivera tempo de reagir à morte de Eddie. Havia passado quase o tempo todo com Willa e, em vez de ficar triste por causa dele, fiquei excitado pelo que estava nascendo entre nós dois. E o mesmo ocorrera em relação a Paula, só que de forma menos dramática. Eu havia descoberto uma discrepância sobre o cancelamento da linha telefônica dela, mas aí deixei todo o caso de lado para poder me concentrar no meu novo romance.

Não havia nada de profundamente errado nisso. Mas Eddie e Paula haviam sido guardados no meu arquivo de coisas a serem resolvidas, e se eu não voltasse a prestar atenção neles, ia continuar com um sabor amargo na boca e sentindo um gosto metálico no café.

Levantei e fui embora. Perto da entrada do Columbus Circle, um homem com cara de maluco usando um jeans rasgado me pediu dinheiro. Recusei e continuei andando.

Paula pagara o aluguel no dia 6 de julho. No dia 13 teria de pagar de novo, mas não apareceu. No dia 15, Flo Edderling foi pedir o dinheiro e ela não atendeu à porta. No dia 16, Flo abriu a porta e o apartamento estava vazio, sem nada a não ser a roupa de cama. No dia 17, os pais dela ligaram e deixaram um recado na secretária, e no mesmo dia Georgia combinou de alugar o apartamento. Mudou--

se no dia seguinte. E, dois dias depois, Paula ligou para a companhia telefônica pedindo que eles cancelassem sua linha.

A mulher com quem eu conversara na primeira vez que liguei para a companhia fora uma tal de srta. Cadillo. Nós havíamos estabelecido uma agradável relação profissional, e agora ela se lembrou imediatamente de mim.

— Odeio ficar incomodando você, mas não estou conseguindo conciliar as informações que me foram passadas por algumas fontes diferentes. Sei que Paula ligou pedindo o cancelamento da linha no dia 20 de julho, mas o que eu gostaria é de descobrir onde ela estava quando telefonou.

— Sinto muito, mas não temos registro disso — disse a mulher, intrigada. — Não é que não podemos divulgar; não temos essa informação. Na verdade...

— Sim?

— Eu ia dizer que não tenho nos registros se ela pediu o cancelamento da linha por telefone ou se mandou uma carta. Quase todo mundo telefona, mas é possível fazer isso por carta. Algumas pessoas fazem, principalmente se enviam um pagamento final com o pedido. Mas não recebemos nenhum dinheiro dela na ocasião.

Nunca me passou pela cabeça que um pedido de cancelamento pudesse ser feito por carta e, por um segundo, isso pareceu esclarecer tudo. Paula poderia ter colocado uma carta no correio muito antes do dia 20; o correio andava tão ruim que não seria de espantar que a carta tivesse levado muito mais tempo para chegar.

Mas isso não explicaria a ligação que seus pais haviam feito a ela no dia 17.

— Não existe um registro de todas as ligações feitas de uma linha? — perguntei.

— Existe, mas...

— Poderia me dizer a data e a hora da última ligação que ela fez? Ia me ajudar muito.

— Lamento, mas não posso fazer isso. Nem tenho como pegar essa informação e, além do mais, seria infringir as regras da empresa.

— Posso conseguir um mandato judicial — disse eu. — Mas odiaria dar esse trabalho e essa despesa ao meu cliente, além disso

seria uma perda de tempo para todos nós. Se você puder me ajudar, garanto que não direi a ninguém onde obtive a informação.

— Sinto muito mesmo. Não é que eu não queira, mas não tenho os códigos. Se o senhor precisar mesmo do registro das ligações locais dela, vai precisar de um mandato.

Quase deixei escapar. Estava no meio de outra frase quando me dei conta.

— Você disse ligações locais — repeti. — Mas se Paula tivesse feito algum interurbano...

— Ele teria aparecido na conta.

— E você tem acesso às contas?

— Isso é contra as regras.

Eu não disse nada, esperando que ela amolecesse.

— Bom, mas tenho isso no registro, sim. Deixe-me ver se consigo pegar aqui. Não houve nenhuma ligação interurbana no mês de julho...

— Bom, valeu a tentativa.

— O senhor não esperou que eu terminasse.

— Desculpe.

— Não há nenhuma ligação interurbana em julho até o dia 18. Há dois interurbanos no dia 18 e um no dia 19.

— Nenhum no dia 20?

— Não. Só esses três. Gostaria de saber os telefones dos lugares para onde ela ligou?

— Sim — disse eu. — Muito.

* * *

Havia dois números telefônicos. Paula ligara para um deles nos dois dias e para o outro só no dia 19. Ambos tinham o mesmo código de área: 904. Olhei na lista telefônica e descobri que o código não era de Indiana. Era do norte da Flórida, abrangendo a porção do estado que se estende para oeste ao longo da costa.

Entrei num banco e retirei dez dólares em moedas de vinte e cinco centavos. Voltei ao mesmo telefone público que eu usara outro dia e disquei o número para onde ela ligara duas vezes. Uma gravação me disse quanto eu deveria colocar no aparelho. Obedeci,

e uma mulher atendeu no quarto toque. Disse a ela que meu nome era Matthew Scudder e que eu estava procurando por Paula Hoeldtke.

— Lamento, mas você ligou errado — disse ela.

— Por favor, não desligue. Estou ligando de Nova York. Acredito que uma mulher chamada Paula Hoeldtke ligou para esse telefone há dois meses e estou tentando descobrir o que ela fez desde então.

A mulher ficou em silêncio por alguns segundos. Finalmente, disse:

— Acho que você se enganou. Aqui é uma residência e esse nome não me é familiar.

— Aí é 904-555-1904?

— Não mesmo. Aqui é... espere aí, que telefone que você falou?

Repeti o número.

— Esse é o telefone da loja de ferragens do meu marido, a Prysocki Hardware.

— Ah, desculpe — disse eu, percebendo que tinha lido no meu caderno o outro número para onde Paula ligara. — O seu deve ser o 904-828-9177.

— Como conseguiu o outro telefone?

— A menina a quem me refiro ligou para os dois — expliquei.

— Não diga. E qual é mesmo o nome dela?

— Paula Hoeldtke.

— E ela ligou para minha casa e *também* para a loja do meu marido?

— Talvez minhas anotações estejam erradas.

A mulher ainda estava fazendo perguntas quando desliguei na cara dela.

Andei até o prédio de Paula na rua 54. No meio do caminho, um menino de cavanhaque emaranhado e calça jeans me pediu um trocado. Tinha uma cara arruinada de viciado em anfetamina. Alguns dos viciados em crack ficam com uma expressão parecida. Dei todas as minhas moedas de vinte e cinco centavos para ele.

— Valeu! — gritou ele para mim. — Você é lindo, cara.

Quando Flo atendeu à porta, pedi desculpas por incomodá-la. Ela disse que não era incômodo. Perguntei se Georgia Price estava em casa.

— Não faço ideia — respondeu Flo. — Já conseguiu falar com ela? De qualquer forma, acho que não vai ser de grande ajuda. Só aluguei o apartamento quando Paula já havia saído. Sendo assim, como as duas poderiam se conhecer?

— Já falei com ela, mas gostaria de falar de novo.

Flo fez um gesto indicando a escada. Subi até o primeiro andar e parei diante da porta que já fora de Paula.

Havia música tocando dentro do apartamento, com uma batida insistente, embora não exatamente contagiante. Bati, sem saber se Georgia ia conseguir me escutar. Estava prestes a bater de novo quando a porta se abriu.

Georgia Price estava de malha, e sua testa brilhava de suor. Acho que devia estar dançando, praticando uma coreografia ou algo assim. Ela me olhou e, quando me reconheceu, arregalou os olhos. Deu um passo involuntário para trás. Aproveitei-me disso e entrei no apartamento. Georgia abriu a boca para dizer alguma coisa, mas desistiu e foi desligar o som. Voltou-se para mim com medo e culpa estampados no rosto. Não achei que tinha motivos para sentir nem uma coisa nem outra, mas decidi pressioná-la.

— Você é de Tallahassee, não é?

— É perto de Tallahassee.

— Price é nome artístico. Seu sobrenome verdadeiro é Prysocki.

— Como você...

— Havia um telefone aqui quando você se mudou. A linha não havia sido cancelada.

— Eu não sabia que não era para usar. Achei que o telefone vinha com o apartamento, como nos hotéis. Eu não sabia.

— Então você ligou para a sua casa e para a loja de seu pai.

Georgia assentiu. Era muito jovem e estava morrendo de medo.

— Vou pagar pelos telefonemas — disse ela. — Eu não sabia, achei que a conta ia vir para mim. Depois esperei até segunda-feira, quando eles instalaram a linha nova, para mandar cancelar a outra.

Quando o homem da companhia telefônica veio, ele instalou o mesmo aparelho, mas com uma linha nova, para eu não receber mais os telefonemas que vinham para ela. Juro que eu não quis fazer nada de errado.

— Você não fez nada de errado.

— Posso pagar pelas ligações.

— Não se preocupe com isso. Foi você que mandou cancelar a linha?

— Foi. Fiz mal? Ela não estava mais morando aqui, então...

— Você agiu certo — garanti. — Não estou aqui por você ter usado a outra linha. Estou tentando encontrar uma garota que desapareceu da face da terra.

— Eu sei, mas é que...

— Não tenha medo. Você não se meteu em nenhuma confusão.

— Não achei mesmo que ia dar confusão, mas...

— Havia uma secretária eletrônica ligada ao telefone, Georgia?

Ela olhou involuntariamente para a mesa de cabeceira, onde havia uma secretária ao lado de um telefone.

— Eu a teria devolvido a você na primeira vez que esteve aqui — disse Georgia. — Mas acabei me esquecendo. Você só me fez umas perguntas rápidas, sobre o que estava no apartamento, se eu conhecia Paula e se alguém tinha vindo procurar por ela. Quando me lembrei da secretária, você já tinha ido embora. Eu não pensei em ficar com ela, apenas não sabia o que fazer com ela. Já estava aqui mesmo.

— Foi o que imaginei.

— Portanto eu a usei. Como eu pretendia mesmo comprar uma, acabei usando a que já estava aqui. Só ia ficar com ela até ter dinheiro para comprar outra. Quero uma dessas em que a gente pode pegar os recados à distância. Essa não tem esse recurso. Mas por enquanto serve. Quer levá-la? Só preciso de um minuto para desconectá-la.

— Não quero a secretária. Não vim aqui buscar secretárias eletrônicas nem cobrar duas ligações para Tallahassee.

— Desculpe.

— Quero fazer algumas perguntas sobre o telefone e sobre a secretária eletrônica.

— Tudo bem.

— Você se mudou para cá no dia 18 e a linha de Paula só foi cancelada no dia 20. Alguém ligou para ela nesse meio-tempo?

— Não.

— O telefone nem tocou?

— Tocou umas duas vezes, mas era para mim. Eu dei o telefone para uma amiga minha, e ela me ligou uma ou duas vezes no fim de semana. Foi uma chamada local, então não custou nada. Ou só custou vinte e cinco centavos.

— Você poderia ter ligado para o Alasca que eu não ia me importar — afirmei. — Fique tranquila, as ligações que você fez não custaram nada para ninguém. O valor do depósito que Paula fez foi mais alto do que a última conta dela. As ligações foram pagas com um dinheiro que ela tinha de crédito. E, no momento, ela não tem como resgatar esse dinheiro.

— Sei que estou sendo boba.

— Não se preocupe. Os únicos telefonemas foram feitos para você. E quando você saiu? Alguém deixou algum recado na secretária?

— Depois que me mudei para cá, não. Sei disso porque o último recado foi um da mãe de Paula, avisando que eles iam viajar, e esse recado deve ter sido deixado um ou dois dias antes de eu me mudar. Assim que me dei conta de que aquele telefone era de outra pessoa, e não um telefone do apartamento, desliguei a secretária eletrônica. Uma semana depois, concluí que Paula não ia voltar para pegá-la e que não faria mal se eu a usasse, já que estava precisando de uma. Liguei-a de novo e ouvi os recados de Paula antes de colocar a fita para gravar as minhas mensagens.

— Havia algum recado além daquele último dos pais dela?

— Alguns.

— Você ainda os tem gravados?

— Não, eu apaguei a fita.

— Lembra deles?

— Não. Alguns eram só cliques de pessoas desligando. Só ouvi a fita para descobrir como apagar tudo.

— E quanto à outra fita, aquela que diz que não tem ninguém em casa, deixe seu recado após o sinal? Paula devia ter uma

dessas na secretária.

— Tinha, claro.

— Você apagou também?

— Ela apaga automaticamente quando a gente grava uma mensagem nova. Eu quis deixar uma mensagem com a minha voz quando comecei a usar a secretária — disse Georgia, mordendo o lábio. — Fiz mal?

— Não.

— Era muito importante? A mensagem era normal. “Oi, aqui é a Paula. Não posso atender agora, deixe seu recado após o sinal que eu ligarei assim que puder.” Alguma coisa assim. Não lembro das palavras exatas.

— Não é importante — disse eu.

E não era mesmo. Só queria ouvir a voz dela.

9

— Não acredito que você ainda está trabalhando nesse caso — disse Joe Durkin. — Conseguiu arrancar mais dinheiro do cara de Indiana?

— Não. Devia tentar, pois estou dedicando muitas horas a ele. Mas não obtive quase nenhum resultado. Acho que o desaparecimento dela foi um crime.

— Por quê?

— Ela nunca se mudou oficialmente. Pagou o aluguel como sempre e, dez dias depois, a síndica abriu a porta do apartamento e viu que ele estava vazio.

— Isso é comum.

— Eu sei. Mas havia três coisas no apartamento. Quem tirou os pertences dela de lá deixou o telefone, a secretária eletrônica e a roupa de cama.

— E qual é sua conclusão?

— Que outra pessoa levou as roupas dela. Muitos prédios de apartamentos para alugar incluem a roupa de cama no preço. Mas esse não. A roupa de cama era de Paula, ela não ia esquecer de levá-la. Se outra pessoa esteve lá, pode ter achado que era para deixar a roupa de cama no quarto.

— E só isso é a prova de que ocorreu um crime?

— Tem mais. A secretária eletrônica também foi deixada, e ela estava conectada, ainda atendendo ao telefone e gravando recados. Se Paula houvesse se mudado, teria mandado cancelar a linha.

— Não se estivesse com pressa.

— Se estivesse com pressa na hora de se mudar, teria pedido o cancelamento da linha em algum outro momento. Mas digamos que

não, que ela era tão cabeça de vento que se esqueceu de fazer isso. Por que deixaria a secretária no apartamento?

— Pelo mesmo motivo. Esqueceu.

— O apartamento estava vazio. Nenhuma roupa nas gavetas, nada no armário. Não havia um monte de objetos jogados, uma bagunça onde ela pudesse ter perdido a secretária. Só deixaram a roupa de cama, o telefone e a secretária. Paula não teria como não vê-la.

— Claro que teria. Muita gente deixa o telefone no apartamento quando se muda. Acho que isso é o certo a fazer, a não ser que você mesmo tenha comprado o aparelho. Bom, não importa. As pessoas fazem isso. Digamos que ela tenha decidido deixar o telefone. A secretária eletrônica fica do lado do telefone, certo?

— Certo.

— Ela olhou para lá e não enxergou um objeto separado, uma secretária eletrônica, um aparelho que o mantém em contato com seus amigos e colegas de trabalho, que o ajuda a não se preocupar mais com as ligações perdidas etc. etc. Olhou e viu algo que era parte do telefone.

Pensei um pouco.

— Talvez — disse.

— Aquilo faz parte do telefone, pertence ao telefone. Já que ela vai deixar o telefone, deixa a secretária também.

— E por que não volta para buscar quando se dá conta do que fez?

— Porque está na Groenlândia — disse Durkin. — E é mais barato comprar outra secretária do que pegar um avião até aqui.

— Não sei não, Joe.

— Eu também não sei. Mas faz tanto sentido quanto olhar um telefone, uma secretária eletrônica, dois lençóis e uma colcha e concluir que a menina foi raptada.

— Não esqueça da fronha.

— Engraçadinho. Talvez ela tenha se mudado para um apartamento com uma cama maior. A dela era de solteiro?

— Um pouco maior, ficava entre uma de solteiro e uma de casal. Acho que eles chamam de cama de viúva.

— Então ela foi morar com um cara cheio da grana, com uma cama de casal *king size* e um pau de trinta centímetros. Para que levar sua roupa de cama velha? E por que iria precisar de um telefone, já que ia passar o tempo todo deitada de pernas para o ar?

— Acho que alguém levou as coisas dela — insisti. — Alguém pegou a chave do apartamento, entrou, empacotou tudo e se mandou. Acho que...

— Algum morador viu um estranho saindo com malas do prédio?

— Eles não conhecem nem os próprios vizinhos. Como iam identificar um estranho?

— *Alguém* foi visto carregando malas para fora do prédio nessa época?

— Você sabe muito bem que já faz algum tempo. Eu fiz essa pergunta para os vizinhos de andar de Paula, mas quem é que lembra de um fato tão comum ocorrido há mais de dois meses?

— Falou tudo, Matt. Se havia alguma pista, ela já se apagou há muito tempo.

Durkin pegou um cubo de plástico com fotos impressas em suas faces. Girou-o e observou uma foto de duas crianças e um cachorro sorrindo para a câmera.

— Continue sua historinha — disse ele. — Alguém tira as coisas dela do apartamento. Deixa a roupa de cama, pois não sabe se é dela. Por que deixaria a secretária eletrônica?

— Porque, assim, quem ligasse para Paula não iria saber que ela tinha se mudado.

— Então por que não deixou tudo logo? Assim, nem a síndica ia saber que ela tinha se mudado.

— Porque a síndica ia acabar percebendo que ela sumiu, e talvez chamasse a polícia. Tirar as coisas do quarto é menos suspeito. Deixando a secretária eletrônica, a pessoa ganha tempo, dá a ilusão de que Paula ainda está no apartamento e torna impossível estabelecer o dia em que ela se mudou. Ela pagou o aluguel no dia 6 e a síndica só foi descobrir que ela havia deixado o apartamento dez dias depois. Ninguém sabe dizer com certeza quando Paula desapareceu, e isso porque deixaram a secretária eletrônica lá.

— Como você sabe disso?

— Os pais dela ligaram algumas vezes e deixaram recados. Se a secretária não estivesse ligada, iam continuar ligando até encontrá-la e, ao perceberem que Paula não estava em casa em nenhum horário, teriam se alarmado, achando que havia acontecido alguma coisa com ela. O pai de Paula provavelmente teria vindo falar com você dois meses antes.

— Tem razão.

— As pistas ainda não estariam apagadas.

— Mesmo assim, não sei se teria sido um caso para a polícia investigar.

— Talvez sim, talvez não. Mas se ele tivesse contratado um detetive particular há dois meses...

— O caso estaria sendo muito mais fácil de resolver. Sem dúvida — admitiu Durkin, refletindo por alguns segundos. — Vamos supor que ela própria tenha deixado a secretária no apartamento. Não por acidente, mas por um motivo.

— Que motivo?

— Ela se mudou, mas não quer que alguém descubra. Os pais, ou quem sabe outra pessoa.

— Podia ter mantido o apartamento. Pagaria o aluguel e moraria em outro lugar.

— Tudo bem. Digamos que ela pretende se mudar da cidade, mas quer continuar ouvindo seus recados. Ela poderia...

— Paula não tinha como ouvir os recados à distância.

— Claro que tinha. As secretárias têm esse recurso, você pode ligar de qualquer telefone, discar seu código e ouvir seus recados.

— Nem todas as secretárias têm essa função. A dela não tinha.

— Como você sabe? Ah, é, você viu a secretária. Ela ainda estava no apartamento — disse Durkin, espalmando a mão. — Olha, de que adianta ficar pensando nesse assunto? Você foi policial por um bom tempo, Matt. Ponha--se no meu lugar.

— Só estou dizendo que...

— Ponha-se no meu lugar, porra. Você está sentado nesta mesa e um cara chega aqui com uma história sobre uma roupa de cama e uma secretária eletrônica. Não há provas de que um crime foi cometido. A desaparecida é uma adulta com plenas capacidades

mentais, e ninguém a vê há dois meses. O que você quer que eu faça?

Eu não disse nada.

— O que *você* faria? O que faria no meu lugar?

— O que você está fazendo.

— É claro.

— E se fosse a filha do prefeito?

— O prefeito não tem filha. Foi brocha a vida toda, como poderia ter uma filha? — respondeu ele, inclinando a cadeira para trás. — É claro que seria diferente com a filha do prefeito. Aí, nós colocaríamos cem homens para trabalhar no caso e só desistiríamos quando achássemos alguma coisa. Mesmo assim, talvez não achássemos nada depois de tanto tempo e com tão poucas pistas. Qual é o grande problema aqui? Vocês não estão achando que ela foi para a Disney e ficou presa na roda-gigante, não é? Do que você e os pais dela estão com medo?

— De que Paula esteja morta.

— E talvez esteja mesmo. As pessoas morrem com frequência nesta cidade. Se estiver viva, vai acabar ligando para casa quando o dinheiro acabar ou a cabeça dela clarear mais, qualquer um dos dois. Se estiver morta, ninguém vai poder fazer nada por ela. Nem eu, nem você, nem ninguém.

— Acho que você tem razão.

— É claro que tenho razão. Seu problema é que você está agindo como um cachorro que não quer largar o osso. Ligue para o pai da menina, diga que não achou nada e que ele deveria ter contratado você há dois meses.

— Boa ideia, vou deixar o cara se sentir culpado.

— Bom, você pode encontrar um jeito mais delicado. Meu amigo, você já dedicou mais tempo a isso do que a maioria das pessoas faria. Já fez tudo o que podia. Até arrumou algumas pistas decentes, as ligações, a secretária. O problema é que nada dá em nada. A gente puxa a linha, mas ela vem sem peixe.

— Eu sei.

— Deixa isso pra lá. Se você passar mais horas nesse caso, vai estar trabalhando por uma mixaria.

Abri a boca para responder, mas o telefone de Durkin tocou. Ele falou com alguém por alguns minutos e quando desligou disse:

— O que a polícia fazia antes da cocaína existir?

— Arrumava outro jeito de passar o tempo.

— É? É, só pode ser.

Passei algumas horas caminhando a esmo. Lá pela uma e meia da tarde, começou a chover um pouco. Quase imediatamente, os vendedores de guarda-chuva apareceram nas esquinas. Pareciam ter brotado da calçada assim que a água a tocou.

Não comprei um guarda-chuva. Não estava chovendo muito e não ia valer a pena. Fui a uma livraria e fiquei matando tempo lá, sem comprar nada. Quando saí, a chuva não era muito mais do que uma névoa fina.

Fui para o hotel e passei pela recepção. Ninguém havia deixado recado, e a única correspondência que chegara fora uma oferta de cartão de crédito. “Você já foi aprovado!”, gritava o envelope. Nem assim acreditei.

Fui para o meu quarto e liguei para Warren Hoeldtke. Estava com meu bloco de anotações na mão e expliquei rapidamente o que andara investigando e o pouco que descobrira.

— Passei muitas horas no caso — expliquei. — Mas acho que continuo tão distante dela quanto na época em que comecei. Temo não ter avançado nada.

— Quer mais dinheiro?

— Não. Não sei o que poderia fazer para merecê-lo.

— O que acha que aconteceu com Paula? Sei que não tem certeza de nada, mas não tem nenhuma ideia?

— Só uma ideia muito vaga, e não sei se é uma hipótese muito confiável. Acho que Paula se meteu com alguém que lhe pareceu excitante, mas que na verdade era perigoso.

— Acha que...

Ele não quis dizer em voz alta o que estava pensando, e não o culpei.

— É possível que ela esteja viva — eu disse. — Talvez esteja fora do país. Talvez tenha se metido em algo ilegal. Isso poderia

explicar por que não entrou em contato com vocês.

— É difícil imaginar Paula envolvida com criminosos.

— Talvez ela tenha achado que seria uma aventura.

— É possível... — disse ele, e suspirou. — Você não está me dando muitas esperanças.

— Não, mas também não diria que o senhor deva começar a se desesperar. Lamento, mas tudo que podemos fazer é aguardar.

— É isso que venho fazendo desde o início. É... muito difícil.

— Imagino que sim.

— Bem, gostaria de lhe agradecer pelo esforço e por ser honesto comigo. Estou disposto a lhe mandar mais dinheiro se achar que há algum sentido em continuar a investigação.

— Não é preciso. Provavelmente vou ficar mais alguns dias no caso, para ver se algo aparece. Se isso acontecer, volto a dar notícias.

— Não quis tirar mais dinheiro dele — contei a Willa. — Os mil que recebi já me fizeram sentir que eu tinha mais obrigação de investigar o caso do que gostaria de ter. Se aceitasse mais dinheiro, teria a filha dele no meu pescoço pelo resto da vida.

— Mas você vai trabalhar mais. Não é justo que ganhe por isso?

— Ele já me pagou. E o que foi que lhe dei em troca?

— Fez o trabalho.

— Fiz mesmo? Quando estudei física no colégio, eles nos ensinaram a medir o trabalho. A fórmula é força vezes distância. Faça uma força de vinte newtons sobre uma parede, mova-a seis metros, e você fez 120 joules de trabalho.

— Joules?

— É a unidade de medida. Mas se você empurra uma parede o dia todo e ela não se mexe, não fez trabalho nenhum. Como a parede não se move, a distância é zero, por isso não importa o quanto de força você fez: o produto é zero. Warren Hoeldtke me pagou mil dólares, e tudo que fiz por ele foi empurrar uma parede.

— Mas a parede se moveu um pouco.

— Uma distância pequena demais para ser de alguma importância.

— Talvez não. Quando Thomas Edison estava tentando inventar a lâmpada, alguém comentou que ele devia estar desanimado, pois não estava fazendo nenhum progresso. Edison explicou que fizera um enorme progresso, pois descobrira vinte mil materiais que não serviam para fabricar um filamento.

— Edison era mais otimista do que eu.

— Que bom. Se não fosse, estaríamos todos no escuro.

Nós *estávamos* no escuro naquele momento, o que não nos incomodou em nada. Estávamos no quarto de Willa, esparramados na cama, ouvindo uma fita de Reba McIntyre que ela colocara no som da cozinha. Pela janela do quarto dava para ouvir os sons de uma briga no prédio ali atrás: duas pessoas gritando em espanhol.

Eu não tinha planejado aparecer de surpresa na casa de Willa. Dei uma caminhada após telefonar para Hoeldtke. Passei por um florista e tive vontade de mandar flores para ela. Quando descobri que ele só poderia entregá--las no dia seguinte, decidi levá-las pessoalmente.

Willa colocara as flores num vaso em cima da mesa da cozinha e nós nos sentamos um de cada lado dele. Ela fez café. Café instantâneo, mas estava fresco e era de uma marca boa. Além disso, tinha cafeína.

Depois, sem precisar discutir o assunto, nos encaminhamos para o quarto. Reba McIntyre já estava cantando nessa hora, e ainda o fazia com grande entusiasmo agora, mas já tínhamos ouvido algumas músicas mais de uma vez. A fita voltava automaticamente para o começo e ficava tocando sem parar se você deixasse.

Depois de algum tempo, Willa disse:

— Está com fome? Posso cozinhar algo.

— Se você estiver com vontade.

— Quer saber de uma coisa? Nunca tenho vontade de cozinhar. Não sou muito boa nisso, e você viu como é a cozinha aqui de casa.

— Podemos sair para comer.

— Está chovendo muito. Não está ouvindo o barulho no pátio interno?

— Mais cedo, a chuva estava bem fininha. Minha tia irlandesa costumava dizer que dias com chuva fina eram dias suaves.

— Pois parece que esse virou um dia duro. Que tal pedirmos comida chinesa? Eles nem ligam para a chuva, pegam aquelas motocicletas suicidas mesmo se estiver caindo granizo. “Nem a neve, nem a chuva, nem o calor, nem a escuridão da noite o separarão do seu yakisoba”, já dizia Heródoto. Mas eu não quero yakisoba. Quero... quer saber o que eu quero?

— Claro.

— Quero macarrão com gergelim, arroz frito com carne de porco, frango com castanha de caju e camarão aos quatro sabores. O que você acha?

— É comida para um batalhão.

— Aposto que a gente come tudo. Ah.

— O que foi?

— Será que vai dar tempo? São vinte para as oito, e até eles entregarem e a gente comer vai estar na hora da sua reunião.

— Não preciso ir à reunião hoje.

— Tem certeza?

— Tenho. Mas quero saber uma coisa: o que é camarão aos quatro sabores?

— Nunca ouviu falar de camarão aos quatro sabores?

— Não.

— Meu bem, você está prestes a descobrir uma coisa muito boa.

Comemos na mesa de tampo de metal da cozinha. Tentei tirar o vaso de flores dali para termos mais espaço, mas Willa não permitiu.

— Quero que elas fiquem num lugar onde eu possa olhar para elas — explicou. — Tem bastante espaço.

Ela fora ao mercado de manhã e, além do café novo, comprara suco de frutas e refrigerantes. Bebi uma Coca. Willa pegou uma garrafa de cerveja Beck’s, mas antes de abri-la perguntou se eu não ia me incomodar.

— Claro que não.

— Porque a melhor coisa para se beber com comida chinesa é cerveja. Matt, tem problema eu dizer isso?

— Dizer que cerveja combina com comida chinesa? Algumas pessoas poderiam discordar. Aposto que muitos fabricantes de vinho adorariam entrar na discussão. Mas qual seria o problema?

— Sei lá.

— Abra sua cerveja, sente-se aqui e coma comigo.

Estava tudo delicioso, e o camarão era mesmo a iguaria prometida por Willa. Eles enviaram *hashis*, e ela usou um par. Eu nunca tinha aprendido a usá-los direito, e preferi o garfo mesmo. Disse a Willa que ela era boa naquilo.

— É fácil — disse ela. — Basta praticar. Experimente.

Tentei, mas eu não tinha jeito para a coisa. Os *hashis* se cruzavam toda hora, e eu não conseguia levar a comida à boca.

— É ótimo para quem está de dieta — comentei. — Não dá para entender por que eles nunca inventaram o garfo. Afinal, inventaram quase tudo. Macarrão, sorvete, pólvora...

— E o beisebol.

— Achava que tinham sido os russos.

Comemos tudo, como Willa previra. Ela limpou a mesa e abriu outra garrafa de cerveja.

— Ainda preciso aprender as regras — disse Willa. — Acho um pouco estranho beber na sua frente.

— Você se sente desconfortável?

— Não, mas tenho medo de deixar *você* desconfortável. Fiquei sem saber se eu podia falar que era ótimo beber cerveja com comida chinesa. Sei lá. Tudo bem falar de bebida alcoólica nesses termos?

— O que acha que fazemos nas reuniões? Falamos de bebida o tempo todo. Tem gente que passa mais tempo falando em álcool do que passava bebendo álcool.

— Mas vocês não conversam sobre como era horrível beber?

— Às vezes. E às vezes conversamos sobre como era maravilhoso.

— Eu não imaginava.

— Isso não me surpreendeu tanto quanto ver como as pessoas riem nas reuniões. A gente conta as coisas mais assustadoras, e

todo mundo cai na gargalhada.

— Não pensei que vocês falavam sobre isso, quanto mais que riam. Achava que seria como falar de corda em casa de enforcado.

— Em casa de enforcado, eles provavelmente não falam de outra coisa — afirmei.

Mais tarde, Willa disse:

— Estou com vontade de trazer as flores para o quarto. Mas isso é maluquice, não há espaço aqui. É melhor ficarem na cozinha.

— Ainda estarão no mesmo lugar amanhã.

— Pareço criança, não é? Posso lhe contar um segredo?

— Claro.

— Meu Deus. Nem sei se deveria lhe contar isso. Bom, depois de tanto suspense, é melhor falar logo. Ninguém nunca me deu flores.

— É difícil acreditar nisso.

— Por quê? Passei vinte anos me dedicando de corpo e alma à política radical. Ativistas não se dão flores. Isso é sentimentalismo burguês, decadência capitalista. Mao disse “Que flores de todos os tipos desabrochem”, mas isso não significa que você deva colher um ramalhete e dá-lo à sua namorada. Até ter namorada era proibido. Se um relacionamento não servia ao partido, ele era inútil.

— Mas já faz alguns anos que você saiu do partido. Você foi casada.

— Fui casada com um hippie velho. Cabelo comprido, calça de franjas, colares de contas. Ele deveria ter pendurado um calendário de 1967 na parede. Estava preso nos anos sessenta, achava que eles nunca tinham acabado — disse ela, balançando a cabeça. — Nunca me deu flores. A única planta que trazia para casa era *Cannabis sativa*. Você fuma maconha?

— Não.

— Não fumo há anos, porque tenho medo de que a maconha me faça voltar a ficar viciada em cigarros. É engraçado, não é? Eles tentam impedir você de fumar dizendo que a maconha pode levar à heroína, só que meu medo é que leve ao tabaco. Mas jamais gostei muito de fumar beque. Não me agradava perder o controle.

No dia seguinte as flores ainda estavam no mesmo lugar.

Eu não pretendera passar a noite lá e tampouco havia planejado visitá-la. As horas se escoaram sem que percebêssemos. Conversamos, ficamos em silêncio juntos, ouvimos música e o barulho da chuva.

Acordei antes de Willa. Sonhei que eu estava bebendo. Sonhos assim não são incomuns, mas fazia tempo que eu não tinha um. Não me lembrava mais dos detalhes quando abri os olhos, mas sabia que, no sonho, alguém me ofereceu uma cerveja e eu aceitei sem pensar. Quando me dei conta de que não podia fazer aquilo, já havia bebido metade dela.

Acordei sem saber se tinha sido um sonho e sem ter certeza de onde estava. Eram seis da manhã e eu não ia conseguir voltar a dormir, nem queria tentar. Tive medo de ter o sonho de novo. Levantei e me vesti, não tomei banho para não despertá-la. Estava amarrando os cadarços quando senti que alguém me observava. Virei-me e vi Willa me encarando.

— Ainda é cedo — disse eu. — Volte a dormir. Ligo para você mais tarde.

Voltei ao hotel. Havia um recado. Jim Faber me ligara, mas era cedo demais para eu retornar. Fui lá para cima, tomei um banho e me barbeei. Deitei na cama a fim de relaxar um pouco e, para a minha surpresa, acabei adormecendo. Nem estava me sentindo cansado quando deitei, mas acabei dormindo por três horas. Acordei zonzo de sono.

Tomei outro banho para despertar de vez. Liguei para a gráfica de Jim.

— Senti sua falta ontem à noite — disse ele. — Só liguei para saber como você estava.

— Estou ótimo.

— Que bom. Perdeu um ótimo orador.

— Ah, é?

— Um cara do grupo do centro de Manhattan. Muito engraçado. Contou que passou por um período em que tentou se matar várias vezes, sem nunca ter sucesso. Não sabia nadar e, por isso, alugou um barco e remou quilômetros e mais quilômetros. Quando estava no meio do oceano, disse “Adeus, mundo cruel” e se atirou na água.

— E?

— Estava num banco de areia. A água só tinha meio metro de profundidade.

— Tem dias em que nada dá certo.

— Todo mundo passa por isso.

— Nessa noite tive um sonho em que eu bebia — contei.

— Ah, é?

— Bebi meia lata de cerveja antes de me dar conta do que estava fazendo. Quando percebi, me senti péssimo e acabei bebendo a outra metade.

— Onde você estava?

— Não me lembro dos detalhes.

— Não, onde você passou a noite?

— Você é um sujeito muito intrometido. Eu estava na casa de Willa.

— É o nome dela? Da síndica?

— Isso.

— Ela bebeu ontem?

— Bebeu um pouco, nada de muito importante.

— Nada de muito importante para quem?

— Meu Deus! — protestei. — Fiquei oito horas com ela, sem contar o tempo que passamos dormindo, e ela só bebeu duas cervejas, uma no jantar e outra depois. Será que isso a torna uma alcoólatra?

— A questão não é essa. A questão é se deixa você desconfortável.

— Eu me senti muito confortável ontem à noite.

— Que marca de cerveja ela estava bebendo?

— Beck's. Qual a diferença?

— Que marca você bebeu no sonho?

— Não me lembro.

— Qual era o gosto?

— Não me lembro do gosto. Não me lembro da sensação.

— Que droga. Se for beber no sonho, que pelo menos sinta o gosto e aproveite. Quer almoçar?

— Não posso. Tenho algumas coisas para resolver.

— Quem sabe a gente se vê hoje à noite então.

— Quem sabe.

Desliguei o telefone irritado. Senti que Jim estava me tratando como se eu fosse uma criancinha, e a minha reação foi ficar chateado como uma. Que diferença fazia a marca da cerveja que eu bebi no sonho?

10

Andreotti não estava na delegacia quando fui até lá. Estava prestando depoimento num tribunal. O parceiro dele, Bill Bellamy, não conseguiu entender por que diabos eu queria ver o relatório do legista.

— Você estava lá — disse ele. — Não é difícil entender o que aconteceu. A morte ocorreu na madrugada de sábado ou na manhã de domingo, segundo o relatório do policial que viu a cena do crime. Todas as evidências encontradas indicam uma morte acidental por asfixia autoerótica. Tudo: as revistas, a posição do corpo, o fato de ele estar nu, tudo. Encontramos casos como esse o tempo todo, Scudder.

— Eu sei.

— Então deve saber também que é o segredo mais bem guardado do país. Nenhum jornal vai publicar uma notícia dizendo que um cara morreu enquanto se masturbava com uma corda no pescoço. E não são só moleques que fazem isso, não. Ano passado teve um cara casado. Foi a mulher que achou. Pessoas decentes, tinham um apartamento lindo na avenida West End. Quinze anos de casados! A pobre mulher não entendeu nada. Nem achava que o marido se masturbava, quanto mais que gostava de se estrangular ao mesmo tempo.

— Sei como funciona.

— Então por que está interessado nisso? Tem a ver com alguma seguradora, seu cliente não pode receber a grana se a morte for considerada suicídio?

— Não tenho cliente nenhum. E duvido muito que Eddie tivesse seguro.

— Lembro que um investigador da seguradora veio falar com a gente por causa desse cavalheiro da West End. O valor do seguro dele era enorme. Acho que chegava a um milhão de dólares.

— E eles não queriam pagar?

— Iam ter de pagar alguma coisa. Uma apólice de seguro só é anulada por suicídio durante um determinado período de tempo depois que ela foi feita, para impedir que as pessoas façam o seguro quando já estão decididas a se matar em seguida. Nesse caso, o homem já tinha a apólice fazia algum tempo e, portanto, o suicídio não a anulava. Mas qual era o problema mesmo? — perguntou--se Bellamy, franzindo o cenho. — Ah, lembrei. Na apólice dele tinha uma cláusula que dizia que a seguradora pagaria o dobro do valor em caso de morte acidental. Nunca entendi esse negócio. Morto é morto. Que diferença faz se você teve um ataque cardíaco ou bateu o carro? Sua mulher vai ter as mesmas despesas, a faculdade do seu filho vai custar a mesma coisa. Não faz sentido.

— A seguradora não quis aceitar as provas de morte acidental?

— Exato. Disse que se um homem colocou uma corda no pescoço e se enforcou, isso é suicídio. Mas a mulher dele contratou um bom advogado e a seguradora foi obrigada a pagar tudo. O homem teve a intenção de se enforcar, mas não de se matar, o que fez da morte um acidente e não um suicídio.

Bellamy sorriu, satisfeito pela justiça ter sido feita. Um segundo depois, lembrou-se do que estávamos discutindo.

— Mas você não está aqui por causa de um seguro — disse.

— Não, acho que Eddie não tinha seguro. Ele era meu amigo.

— Uma amizade interessante. A ficha policial dele é maior que o meu pau.

— Mas é tudo crime pequeno, não é?

— Segundo a ficha dele, sim. Mas pode ter feito coisa pior e nunca ter sido pego. Quem sabe não foi ele que raptou o bebê do Lindbergh e nunca ninguém ficou sabendo?

— Acho muito difícil. Tenho uma ideia do tipo de vida que Eddie costumava levar, mas não sei dos detalhes. Ele estava abstêmio fazia um ano.

— Ou seja, era um alcoólatra.

— Um alcoólatra que não estava bebendo.

— E?

— Quero saber se estava sóbrio quando morreu.

— Que diferença faz?

— É difícil explicar.

— Tenho um tio que foi um alcoólatra e tanto. Ele parou de beber e ficou completamente diferente.

— Às vezes isso acontece.

— Antigamente ele era a desgraça da família, e agora é um ser humano decente. Vai à igreja, tem emprego fixo, é direito. Nada indica que seu amigo estivesse bebendo. Não havia garrafas em nenhum lugar.

— Não, mas ele pode ter bebido em outro lugar. Ou usado alguma droga.

— Como heroína?

— Isso eu duvido.

— Estou perguntando porque não vi marca nenhuma no braço dele. Mas muita gente cheira heroína.

— Qualquer droga. Vão fazer uma autópsia completa, não é?

— É obrigatório. A lei manda fazer.

— Bom, posso ver os resultados quando você os receber?

— Só para saber se o cara morreu sem beber? — perguntou Bellamy, suspirando. — Tudo bem. Mas que diferença faz? Existe alguma regra para isso? Ele tinha de estar sóbrio quando morreu, senão não vão enterrá-lo na parte boa do cemitério?

— Não sei se consigo explicar.

— Tente.

— A vida de Eddie não foi grande coisa, e a morte também não — disse eu. — Ele passou o último ano tentando se manter sóbrio, um dia de cada vez. Foi muito difícil no começo, e nunca chegou a ser exatamente fácil. Mas ele não desistiu. Nada nunca deu certo para Eddie. Eu só queria saber se isso deu.

— Me deixe seu telefone — pediu Bellamy. — Quando o relatório chegar, eu ligo.

Certa vez, ouvi um orador australiano dizer numa reunião no Village:

— Não foi minha cabeça que me ajudou a parar de beber. Ela só me metia em confusão. Foram meus pés que me ajudaram. Eles insistiam em me levar a reuniões, e minha pobre cabeça era obrigada a obedecê-los. Meus pés é que são espertos.

Já meus pés me levaram ao Grogan's. Eu estava caminhando por aí, pensando em Eddie Dunphy e em Paula Hoeldtke sem ver bem para onde ia. Quando me dei conta, estava na esquina da Décima Avenida com a rua 50, bem em frente ao Grogan's Open House.

Eddie atravessara a rua para evitar aquele lugar. Eu atravessei a rua para entrar nele.

Não era um bar chique. À esquerda, um balcão se estendia por todo o ambiente; à direita, mesas de madeira escura com um sofá de cada lado; e, no meio, três ou quatro mesas com cadeiras. O chão era de ladrilhos antigos e o teto de latão martelado precisava de consertos.

Só havia homens lá dentro. Dois velhos estavam sentados em silêncio na mesa da frente, deixando sua cerveja esquentar. Em outra mesa mais atrás, um jovem de suéter lia um jornal. Nos fundos havia um alvo de dardos, e um homem de camiseta e boné jogava sozinho.

No balcão, dois homens estavam sentados próximos de onde ficava a televisão, mas nem um nem outro prestavam atenção à tela. Havia um banco vago entre eles. No outro extremo estava o barman, lendo um daqueles tabloides que dizem que Elvis e Hitler ainda estão vivos e que é possível curar um câncer só comendo batata chips.

Fui até o balcão e pus o pé no apoio de metal. O barman me avaliou por alguns segundos antes de se aproximar. Pedi uma Coca. Ele continuou me encarando, sem uma expressão definível em seus olhos azuis. Tinha um rosto triangular que afinava embaixo, e era tão branco que parecia nunca ter tomado sol.

O barman encheu um copo com gelo e depois Coca--Cola. Pus uma nota de dez dólares no balcão. Ele levou a nota até a caixa registradora, apertou um botão para abri-la e me devolveu dez notas

de um e duas moedas de vinte e cinco centavos. Deixei o troco no balcão e fiquei tomando minha Coca.

Na televisão estava passando *A estrada de Santa Fé*, com Errol Flynn e Olivia de Havilland. Flynn fazia o papel de Jeb Stuart, e Ronald Reagan, incrivelmente jovem, o de George Armstrong Custer. O filme era em preto e branco e os comerciais em cores.

Tomei minha Coca enquanto assistia ao filme e, na hora da propaganda, girei no banquinho para ver o cara jogando dardos lá nos fundos. Ele ficava na ponta dos pés e se inclinava tanto para a frente que eu achava que ia cair, mas obviamente sabia o que estava fazendo: todos os dardos que atirava atingiam o alvo.

Quando eu já estava lá havia cerca de vinte minutos, um homem negro usando o uniforme de uma empresa de entregas entrou e perguntou se alguém sabia como chegar à DeWitt Clinton High School. O barman disse não saber onde era, o que me pareceu improvável. Eu sabia, mas não disse nada, e todos os outros também permaneceram em silêncio.

— Me falaram que é aqui perto — disse o homem. — Preciso fazer uma entrega, mas me deram o endereço errado. Já que estou aqui, me vê um chope.

— Tem algo errado com a pressão, só está saindo espuma.

— Pode ser cerveja mesmo.

— Só tem chope.

— Aquele cara ali está tomando uma garrafa de cerveja.

— Deve ter trazido da rua.

Ele finalmente entendeu.

— Quer merda — disse o homem. — Acho que entrei no Stork Club por engano. Num lugar chique como este, a gente precisa escolher bem os fregueses.

Ele encarou com ódio o barman, que não desviou os olhos mas também não demonstrou nenhuma emoção. O homem se virou e saiu depressa dali com a cabeça baixa. A porta ficou balançando depois que ele passou.

Alguns minutos mais tarde, o jogador de dardos veio se sentar no balcão e o barman lhe serviu um copo de chope Guiness, grosso e preto, com uma espuma cremosa e farta no topo.

— Obrigado, Tom — disse o homem, bebendo e limpando a espuma da boca com a manga da camisa. — Crioulos filhos da puta. Querendo se meter onde não são chamados.

O barman não respondeu, só pegou o dinheiro e deu o troco. O jogador tomou um grande gole do chope e voltou a limpar a boca com a manga. Sua camisa mostrava o logotipo de um bar chamado Croppy Boy, que ficava na rua Fordham, no Bronx. Já o boné tinha o logotipo da cerveja Milwaukee.

Ele se virou para mim e disse:

— Quer jogar dardos? Não precisamos apostar, eu sou bom demais. Só para passar o tempo.

— Não sei jogar.

— É só tentar enfiar a ponta afiada do dardo no alvo.

— Vou acabar acertando aquele peixe.

Havia um peixe pendurado na parede acima do alvo e a cabeça de um veado mais para o lado. Na parede em frente ao balcão havia outro peixe; era um agulhão ou um marlim, um desses de nariz comprido.

— Só para passar o tempo — repetiu ele.

Nem me lembrava da última vez que jogara dardos, mas sabia que jamais fora bom nisso. A idade não me fizera melhor. Jogamos uma vez e, por mais que o homem se esforçasse para se sair mal, mesmo assim ganhou de goleada. No final, ele disse:

— Você é bom nisso, sabia?

— Ah, pelo amor de Deus.

— Tem jeito para a coisa. Faz tempo que não joga e não está com a mira boa, mas tem o pulso bom. Vamos beber uma cerveja.

— Estou bebendo Coca-Cola.

— É por isso que você não está conseguindo acertar o alvo. A cerveja ajuda a relaxar, é só a gente pensar que o dardo vai direitinho. A melhor é a preta da Guiness. Depois que a gente toma, o cérebro fica que nem prata polida, sem nenhuma mancha. Quer uma ou prefere uma garrafa de Harp?

— Obrigado, mas vou continuar na Coca.

Comprou uma Coca para mim e outra caneca de chope para ele. Disse que seu nome era Andy Buckley. Eu lhe disse o meu e nós jogamos dardos de novo. Buckley se desequilibrou, mostrando-

se bem mais desajeitado do que quando praticara sozinho. Quando fez isso pela segunda vez, eu o encarei e ele acabou rindo.

— Sei que não vou conseguir enganar você, Matt. Mas é força do hábito.

Buckley ganhou a partida em pouco tempo e não insistiu quando recusei a terceira. Era a minha vez de pagar as bebidas. Eu não estava com vontade de tomar outra Coca. Paguei um chope para ele e bebi uma água com gás. O barman abriu a caixa registradora de novo e pegou dinheiro da minha pilha de troco, que ainda estava sobre o balcão.

Buckley sentou-se ao meu lado. Na televisão, Errol Flynn estava conquistando o coração de Olivia de Havilland, enquanto Ronald Reagan se mostrava elegante apesar de sua derrota.

— Era bonito, esse filho da puta — disse Buckley.

— Reagan?

— Flynn. Era só olhar para as mulheres que elas faziam xixi nas calças. Acho que nunca vi você por aqui antes, Matt.

— Não venho com muita frequência.

— Você mora por perto?

— Não muito longe. E você?

— Também. Aqui é tranquilo, sabe? A cerveja é boa, e eu gosto dos dardos.

Após alguns minutos, ele voltou a jogar. Um pouco depois, Tom se aproximou silenciosamente e colocou mais água com gás no meu copo sem que eu precisasse pedir. Não pegou mais dinheiro.

Alguns fregueses foram embora. Um homem entrou, conversou com Tom aos sussurros e saiu de novo. Um cara de terno e gravata chegou, pediu uma vodca dupla, bebeu-a de um só gole, pediu outra, bebeu de um só gole, colocou uma nota de dez dólares no balcão e saiu. Nem ele nem o barman disseram uma só palavra durante todo o processo.

Na televisão, Flynn e Reagan enfrentavam Raymond Massey, que fazia o papel de John Brown, na cidade de Harpers Ferry. Van Heflin, aquele oportunista desgraçado, recebeu o castigo que merecia.

Saí do bar durante os créditos. Peguei meu troco, deixei uma grana no balcão para Tom e fui embora.

Lá fora, me perguntei por que diabos eu tinha ido lá. Estivera pensando em Eddie e, sem me dar conta, me vira diante do lugar pelo qual ele tinha medo de passar. Talvez tenha tentado entender quem Eddie era antes de me conhecer. Ou talvez estivesse torcendo para ver o Açougueiro, o famoso Mickey Ballou.

Mas só encontrara um bar vagabundo. E passara grande parte da tarde nele.

Muito estranho.

Liguei para Willa quando cheguei ao hotel.

— Eu estava olhando para as suas flores — disse ela.

— São suas flores. Eu dei a você.

— Sem pedir nada em troca, não é?

— É isso aí. Quer ver um filme?

— Que filme?

— Não sei. Que tal eu aparecer aí às seis, ou um pouco mais tarde? Vamos ver o que está passando nos cinemas da Broadway e depois ir comer alguma coisa.

— Com uma condição.

— Qual?

— Eu pago.

— Você pagou ontem à noite.

— O que nós fizemos ontem à noite? Ah, pedimos comida chinesa. Fui eu que paguei?

— Você insistiu.

— Droga. Tudo bem, deixo você pagar a conta hoje.

— Era isso que eu tinha em mente.

— Mas o cinema é por minha conta.

— Cada um paga o seu cinema.

— A gente resolve quando você chegar aqui. A que horas? Seis?

— Por aí.

Willa estava com a blusa de seda azul de novo, dessa vez com uma calça cáqui folgada com elástico na bainha. Fizera duas

tranças no cabelo, como as índias. Peguei as tranças e ergui-as no ar.

— Você nunca está igual — comentei.

— Devo estar velha demais para ter o cabelo tão comprido.

— Isso é bobagem.

— É? Bom, não importa. Tive cabelo curto durante tantos anos. É legal poder fazer penteados diferentes.

Nós nos beijamos e eu senti que ela tinha bebido uísque. Dessa vez não foi um choque. Depois que você se acostuma, percebe que o gosto é bem agradável.

Demos outro beijo, e então meus lábios procuraram a orelha dela e depois seu pescoço. Willa me apertou contra si, e uma onda de calor emanou de seu corpo.

— A que horas é o filme? — perguntou ela.

— A hora que quisermos.

— Então não há pressa, certo?

Fomos a um cinema na Times Square. No filme, Harrison Ford triunfou e acabou com os terroristas palestinos. Ele não era páreo para Errol Flynn, mas se saiu um pouco melhor do que Reagan.

Depois, voltamos ao Paris Green. Willa comeu um peixe e gostou. Eu repeti o que comera da outra vez, cheesebúrguer, batata frita e salada.

Ela bebeu uma taça de vinho branco durante o jantar e conhaque junto com o café.

Conversamos um pouco sobre o casamento dela e um pouco sobre o meu. Quando estávamos tomando café, acabei falando de Jan e de como as coisas haviam dado errado.

— Que bom que você não entregou seu quarto no hotel — disse Willa. — Se saísse e depois quisesse voltar, quanto ele custaria?

— Seria impossível para mim. Não é um hotel caro, mas a diária do quarto mais barato custa sessenta e cinco dólares. Quanto dá isso por mês? Dois mil?

— Por aí.

— Claro que eles fazem um preço menor para quem mora lá, mas mesmo assim seria bem mais de mil dólares. Se eu tivesse

saído, nunca teria tido dinheiro para voltar. Seria obrigado a alugar um apartamento, e não sei se em Manhattan eu iria encontrar um que pudesse pagar — refleti. — A não ser que eu virasse um homem sério e arrumasse um emprego de verdade.

— Conseguiria fazer isso?

— Não sei. Há mais ou menos um ano um cara quis que eu abrisse uma agência de detetives com ele. Achava que a gente ia arrumar bastante trabalho com empresas, investigando quebra de patente, desvio de dinheiro, esse tipo de coisa.

— E você não quis?

— Fiquei tentado. É um desafio se lançar numa empreitada como essa. Mas gosto de todo o tempo livre que tenho agora. Gosto de poder ir a uma reunião sempre que quiser, ou dar uma caminhada no parque, ou ficar duas horas lendo o jornal. E gosto do lugar onde moro. É um hotel vagabundo, mas combina comigo.

— Poderia abrir uma agência e continuar vivendo lá.

Assenti.

— Mas não sei se ainda ia combinar comigo. Pessoas bem-sucedidas em geral querem adquirir bens materiais que justifiquem a energia que gastam para ter sucesso. Gastam mais dinheiro, se acostumam com isso, e aí passam a *precisar* do dinheiro. Eu não preciso de quase nada, e gosto disso. Meu aluguel é barato e quero mantê-lo assim.

— É muito engraçado.

— O quê?

— Esta cidade. A gente pode estar conversando sobre qualquer coisa, que acaba falando de aluguel.

— Tem razão.

— É impossível evitar. Coloquei um aviso do lado do interfone do meu prédio dizendo “Não há apartamentos disponíveis”.

— Eu vi.

— Mesmo assim, três pessoas vieram perguntar se havia algum para alugar.

— Por via das dúvidas.

— Acharam que eu deixava o aviso ali direto para não ser muito incomodada. E pelo menos uma delas sabia que um dos meus inquilinos havia morrido, portanto imaginou que eu ainda não tirara o

aviso por falta de tempo. Havia uma matéria no *New York Times* de hoje dizendo que uma grande construtora anunciou que vai construir dois prédios de classe média a oeste da Avenida Onze para famílias que ganham cerca de quatro mil dólares por mês. Só Deus sabe como eles são bem necessários, mas acho que dois não vão fazer muita diferença.

— Você tinha razão. Começamos falando dos nossos casamentos e agora estamos falando de apartamentos.

Willa colocou a mão sobre a minha.

— Que dia é hoje? Quinta-feira? — perguntou.

— Daqui a uma hora vai ser sexta.

— E a gente se conheceu na terça-feira à tarde. Parece impossível que faz tão pouco tempo.

— É mesmo.

— Não quero que vá rápido demais. Mas também não quero que vá devagar. Não importa o que aconteça conosco...

— O quê?

— Não entregue as chaves do seu quarto de hotel.

Quando parei de beber, havia um grupo que se reunia à meia-noite na Igreja Moraviana que fica na esquina da rua 30 com a avenida Lexington. O grupo perdeu o direito de usar aquele espaço, e a reunião foi transferida para a Alanon House, uma espécie de quartel-general do aa que fica num prédio de escritórios perto da Times Square.

Deixei Willa em casa e fui para essa reunião. Não vou lá com frequência. Os participantes em geral são jovens, e a maioria tem problemas com drogas, não com álcool.

Mas eu não podia me dar ao luxo de escolher muito. Não ia a uma reunião desde terça-feira à noite. Perdera duas seguidas do meu grupo, o que era incomum para mim, e não fora a nenhuma outra para compensar. E o mais preocupante é que eu passara muito mais tempo do que o normal perto de bebidas alcoólicas nas últimas cinquenta e seis horas. Estava saindo com uma mulher que bebia, e tinha ficado a tarde toda em um botequim sórdido. Precisava ir a uma reunião para falar sobre tudo aquilo.

Cheguei à reunião logo antes de ela começar, tendo tempo apenas para pegar um pouco de café e me sentar. O orador só estava abstêmio havia menos de seis meses, e era como todos os novatos — confuso e inseguro. Foi difícil me concentrar na história dele. Minha mente ficava se perdendo, entrando em caminhos diferentes.

No final do discurso do orador, não consegui falar. Pensei em algum abstêmio certinho daqueles me dando conselhos que eu não queria nem precisava. Já sabia que tipo de coisa pessoas como Jim Faber ou Frank me diriam. “Se não quer ter uma recaída, fique longe dos lugares que podem levar a ela. Não entre em bares sem motivo. Bares são para gente que quer beber. Se quiser ver televisão, veja no seu quarto. Se quiser jogar dardos, compre alguns.”

Meu Deus, eu sabia o que qualquer um que estivesse no programa havia algum tempo me diria. Eu próprio daria o mesmo conselho para quem estivesse no meu lugar. “Ligue para o seu padrinho. Não se afaste do programa. Vá ao dobro de reuniões. Quando acordar de manhã, peça que Deus lhe ajude a se manter sóbrio. Quando for se deitar, agradeça a Ele. Se não puder ir a uma reunião, leia o livro *Alcoólicos anônimos*, leia *Os doze passos e as doze tradições*, ligue para alguém. Não se isole, pois quem está sozinho está em má companhia. E conte aos outros o que está acontecendo com você, pois seus segredos podem deixá-lo doente. E não se esqueça: você é um alcoólatra. Não deixou de ser. Não há cura. Tudo que você é, tudo que você sempre será é alguém a um drinque de se tornar um alcóolatra.”

Eu não queria ouvir toda essa merda.

* * *

Fui embora no intervalo. Em geral não faço isso, mas já era tarde e eu estava cansado. Além disso, não me sentira bem naquele lugar. Gostava mais da velha reunião da meia-noite, embora tivesse de pegar um táxi para chegar lá.

A caminho de casa, pensei em George Bohan, que tinha me convidado para abrir uma agência de detetives com ele. Eu o

conhecera anos antes no Brooklyn; havíamos sido parceiros durante algum tempo, quando eu me tornara detetive. Ele havia se aposentado e trabalhado em agências grandes, onde aprendera a tocar um negócio como aquele e tirara a licença de detetive particular.

Quando essa oportunidade bateu na minha porta, eu não respondi. Mas talvez estivesse na hora de fazer isso agora, ou algo parecido. Talvez eu tivesse me acomodado e caído numa rotina. Era confortável, mas os meses vão passando sem que a gente perceba e, de repente, eles se transformaram em anos. Será mesmo que eu queria me tornar um velho morador solitário de um quarto de hotel, frequentador da fila de cupons de refeição, atrás de um prato quente de comida em centros de atendimento a idosos?

Era assustador pensar nisso.

Peguei a Broadway e caminhei na direção norte, recusando os pedidos de dinheiro antes mesmo que os mendigos conseguissem articulá-los. Se eu pertencesse a uma agência de detetives de verdade, pensei, talvez pudesse fazer valer mais o dinheiro dos meus clientes, talvez conseguisse trabalhar de forma eficiente e profissional, em vez de simplesmente seguir meus instintos como aqueles velhos investigadores metidos em capas de chuva dos filmes dos anos 1940. Por exemplo, se eu achasse que Paula Hoeldtke pudesse ter deixado o país, poderia fazer um intercâmbio com uma agência baseada em Washington e descobrir se ela tirara um passaporte. Poderia contratar todos os ajudantes que Warren Hoeldtke pudesse pagar e verificar as listas de passageiros de voos internacionais no período em que o desaparecimento dela provavelmente ocorreu. Poderia...

Poderia fazer muita coisa.

Talvez nada desse certo. Talvez qualquer esforço para encontrar Paula fosse um desperdício de tempo e dinheiro. Nesse caso, eu poderia deixar o caso para lá e trabalhar em outro.

Mas eu não estava conseguindo esquecer aquela merda simplesmente porque não tinha nada melhor com que me ocupar. Durkin tinha dito que eu era como um cachorro que não queria largar o osso, e ele tinha razão, mas era mais do que isso. Eu era

um cachorro que só tinha um osso e, quando o largava, a única coisa que eu podia fazer era mordê-lo de novo.

Que jeito mais idiota de levar a vida. Tateando na escuridão, tentando encontrar uma garota que sumira no ar. Incomodando o descanso final de um amigo, querendo provar que ele morrera num estado sóbrio de graça, provavelmente porque não pudera ajudá-lo enquanto estava vivo.

E quando eu não estava fazendo nem uma coisa nem outra, ia me esconder numa reunião.

Eles dizem que a intenção do programa é ser uma ponte que conduz à vida. Para algumas pessoas, talvez seja. Para mim é um túnel, onde tudo que existe do outro lado é só mais uma reunião.

Eles dizem que reunião nunca é demais. Quanto mais você for às reuniões, mais rápida e confortável será a sua recuperação.

Mas é assim só para os novatos. A maioria passa a frequentar menos os grupos depois de alguns anos de sobriedade. Alguns vivem indo às reuniões no começo, quatro ou cinco por dia, mas ninguém mantém o hábito para sempre. As pessoas têm que viver a vida e acabam retornando a ela.

Meu Deus, o que eu iria escutar numa reunião que já não tivesse escutado? Fazia mais de três anos que eu as frequentava. Ouvira as mesmas coisas tantas vezes que sentia aquela lenga-lenga saindo pelas orelhas. Se eu quisesse mesmo ter uma vida para viver, estava na hora de voltar para ela.

Podia dizer tudo isso ao Jim, mas já era tarde para ligar para ele. Além do mais, eu sabia que a reação dele seria repetir todos os lemas do aa. “Vá com calma. Não complique. Um dia de cada vez. Entregue sua vida aos cuidados de Deus. Viva e deixe viver.”

Pérolas de sabedoria. Que merda.

Eu poderia ter contado o que estava sentindo na reunião. Afinal, é para isso que elas existem. Certamente aqueles drogados de vinte anos iam me dar ótimos conselhos.

Meu Deus, teria sido mais interessante conversar com um vaso de planta.

Em vez disso, subi a Broadway dizendo tudo só para mim mesmo.

Na rua 50, enquanto eu esperava o sinal abrir, pensei que talvez fosse interessante ver como o Grogan's ficava à noite. Ainda nem dera uma da manhã. Eu podia passar lá e tomar uma Coca antes de o bar fechar.

Sempre gostei de ir a bares. Eu não precisava beber para me divertir.

Por que não?

11

— Zero de álcool no sangue — disse Bellamy. — Não sabia que era possível encontrar alguém com zero de álcool no sangue nesta cidade.

Eu poderia tê-lo apresentado a centenas de pessoas assim, começando por mim mesmo. Claro que eu talvez tivesse de começar por outro, se houvesse seguido meu impulso e ido ao Grogan's. A voz interna que me mandara para lá fora perfeitamente lógica e racional, e eu não discutira com ela. Apenas continuei a caminhar na direção norte, deixando para me decidir depois. Acabei virando à esquerda na rua 57 e, quando cheguei ao hotel, fui direto para a cama. No dia seguinte, estava escovando os dentes quando Bellamy ligou para me falar do nível alcoólico no sangue de Eddie.

Perguntei o que mais dizia o laudo, e um item chamou minha atenção. Pedi que Bellamy o repetisse e fiz mais algumas perguntas. Uma hora depois, eu estava na lanchonete de um hospital na altura das ruas de número 20 leste, bebendo um café só um pouco melhor que o de Willa.

Michael Sternlicht, o médico-legista que fizera a autópsia, era mais ou menos da idade de Eddie. Tinha o rosto redondo e usava óculos de lentes também redondas com aros bem grossos, o que lhe dava a aparência de uma coruja. Estava ficando careca e penteava os poucos fios que lhe restavam por cima da cabeça, deixando o problema ainda mais evidente.

— Ele não tinha muito hidrato de cloral no sangue — Sternlicht disse para mim. — A quantia era quase insignificante.

— Eddie era alcoólatra, mas estava abstêmio.

— E por causa disso não tomaria nenhuma substância psicotrópica? Nem um remédio para dormir? — perguntou, tomando

um gole de café e fazendo uma careta. — Talvez não fosse tão rigoroso assim. Posso lhe garantir que ele não tomou hidrato de cloral para se drogar, pois o nível é baixo demais. Essa substância não é muito usada para fins recreativos, diferentemente dos barbitúricos e dos tranquilizantes leves. Tem pessoas que tomam uma dose alta de barbitúrico e se forçam a ficar acordadas. A droga acaba tendo um efeito contrário, deixando-as excitadas. Mas quem toma muito hidrato de cloral simplesmente cai duro no chão e desmaia.

— E ele não tomou o suficiente para isso acontecer?

— Nem de longe. O nível que ele tinha no sangue sugere que tomou cerca de mil miligramas, que é a dose que normalmente se usa para induzir o sono. Ela ajudaria seu amigo a adormecer e a não acordar nenhuma vez durante a noite, caso ele tivesse tendência a isso.

— Pode ter contribuído para a morte dele?

— Não vejo como. Os exames que fiz indicam um caso clássico de asfixia autoerótica. Acho que ele deve ter tomado o remédio para dormir um pouco antes de morrer. Talvez estivesse planejando ir direto para a cama, mas então mudou de ideia e decidiu bater uma bronha. Ou talvez tivesse o hábito de tomar o remédio antes, para conseguir adormecer assim que a diversão acabasse. De qualquer forma, não acredito que o hidrato de cloral tenha tido qualquer efeito real. Sabe como essa história de asfixia funciona?

— Mais ou menos.

— Eles fazem uma vez, sem que nada dê errado — disse Sternlicht. — Têm um orgasmo mais intenso, obviamente gostam dele, e acabam transformando a coisa numa prática regular. Mesmo conhecendo os perigos, acham que o fato de sempre sobreviverem prova que fazem do jeito certo.

Ele tirou os óculos e limpou-os com o jaleco.

— Mas o problema é que *não existe* jeito certo. Mais cedo ou mais tarde, sua sorte acaba. É só fazer um pouco de pressão na carótida — disse Sternlicht, tocando o próprio pescoço. — Isso causa uma reação que diminui muito a frequência dos batimentos cardíacos, o que aparentemente ajuda a aumentar a sensação do orgasmo. Mas também pode fazer você perder a consciência, o que

é impossível de controlar. Quando acontece, a gravidade joga seu corpo para a frente, a corda aperta mais o pescoço e você não pode fazer nada, pois está desmaiado. Tomar cuidado ao se masturbar desse jeito é como tomar cuidado ao brincar de roleta-russa. Não importa se deu certo no passado, sempre pode dar errado da próxima vez. A única solução é não fazer.

Eu tinha ido ver Sternlicht de táxi. Peguei dois ônibus para voltar e cheguei à casa de Willa quando ela estava prestes a sair.

Estava usando um jeans que eu nunca vira, sujo de tinta e puído na bainha, uma camisa branca masculina com a gola gasta e tênis azuis também sujos de tinta para combinar com a calça. O cabelo estava preso e amarrado com uma echarpe bege. Ela carregava uma caixa de ferramentas de metal cinza, um pouco enferrujada nas dobradiças.

— Adivinhei que você viria, por isso coloquei uma roupa tão bonita — brincou Willa. — Tenho que consertar um cano do outro lado da rua.

— O prédio de lá não tem síndico?

— Tem, sim. Sou eu mesma. Administro outros três prédios além deste aqui. Assim, não só tenho um lugar para morar como também tenho meu sustento — explicou, passando a caixa de ferramentas para a outra mão. — Não tenho tempo para conversar, o apartamento deles está alagado. Quer vir me ver em ação ou prefere fazer um café e me esperar?

Eu disse que preferia esperar. Willa entrou no prédio comigo e abriu o apartamento para mim. Perguntei se ela podia me dar a chave de Eddie.

— Você quer entrar no apartamento dele? Para quê?

— Só para dar uma olhada.

Ela tirou a chave do chaveiro e me deu a do seu apartamento também.

— Para você poder entrar depois. A porta tranca automaticamente quando é fechada. Não se esqueça de virar a chave duas vezes lá em cima.

As janelas de Eddie estavam escancaradas desde o dia em que eu e Andreotti tínhamos encontrado o corpo. O cheiro da morte ainda estava no ar, mas ficara mais fraco e não era mais tão desagradável — a não ser que você o reconhecesse.

Seria fácil se livrar do que restara dele. Quando as cortinas e a roupa de cama fossem retiradas dali, quando os móveis e objetos pessoais fossem colocados na rua para o caminhão de lixo levar, provavelmente não ia dar para sentir mais nada. Seria preciso apenas esfregar o chão e passar um pouco de desinfetante. Morre gente todos os dias. Os proprietários limpam os apartamentos, e novos inquilinos se mudam para lá no primeiro dia do mês seguinte.

A vida continua.

Eu procurava por hidrato de cloral, mas não sabia onde Eddie o guardava. Não havia armário de remédios. No minúsculo banheiro adjacente ao quarto tinha apenas uma privada. A escova de dente dele ficava num recipiente em cima da pia da cozinha, e havia um tubo de pasta de dente meio vazio e todo enrolado no parapeito da janela logo atrás. No armário perto da pia, encontrei algumas giletes de plástico, uma lata de creme de barbear, um frasco de aspirina e outro de analgésico. Abri o frasco de aspirina e espalhei o conteúdo na palma da mão, mas tudo o que encontrei foi aspirina mesmo. Coloquei os cinco comprimidos que achara de volta no frasco e abri o de analgésico, pressionando os cantos traseiros da tampa para abri-la, como indicado. Abrir o frasco era tão difícil que certamente faria qualquer dor que você estivesse sentindo piorar antes que pudesse tomar o remédio. Lá dentro só havia o medicamento prometido pelo rótulo.

Sobre o engradado laranja que servia de mesa de cabeceira, havia literatura do aa: *Alcoólicos anônimos — os doze passos e as doze tradições*, alguns panfletos e um livro fino de bolso com o título *Viver sóbrio*. Havia também uma Bíblia Douay-Rheims com um *ex libris* informando que ela fora um presente de primeira comunhão para Mary Scanlan. Em outra página, uma árvore genealógica mostrava que Mary Scanlan se casara com Peter John Dunphy, e que um filho, Edward Thomas Dunphy, nascera um ano e quatro meses após as núpcias.

Folheei a Bíblia e encontrei duas notas de vinte dólares que Eddie guardara num dos capítulos de ii Crônicas. Não soube o que fazer com elas. Não queria pegar o dinheiro, mas não me parecia certo largá-lo ali. Pensei tanto no assunto que nem por quarenta dólares teria valido todo o trabalho. Acabei colocando as notas de volta dentro da Bíblia e recolocando a Bíblia no mesmo lugar.

Em cima da cômoda havia uma lata com alguns Band--Aids, um cadarço de sapato, um maço de cigarros vazio, quarenta e três centavos em moedas e dois bilhetes de metrô. Na gaveta de cima encontrei meias, um par de luvas de lã com palmas de couro, uma fivela de metal em forma de revólver e uma caixa forrada de veludo, do tipo que vem com abotoaduras dentro. Nela, havia um anel de formatura do ensino médio com uma pedra azul, um prendedor de gravata folheado a ouro e só uma abotoadura, com três pedrinhas. Tinha havido uma quarta pedrinha, mas ela caíra e deixara um buraco.

Outra gaveta continha, além de cuecas e camisetas, um relógio de pulso Gruen sem metade da pulseira.

As revistas pornô tinham sumido. Imaginei que houvessem sido levadas pela polícia como provas e que passariam a eternidade num depósito qualquer. Não vi mais nenhum material erótico no quarto.

Encontrei a carteira de Eddie no bolso de uma calça. Nela, havia trinta e dois dólares, uma camisinha e uma dessas identidades vendidas em lojas vagabundas da Times Square. Em geral, são compradas por quem quer uma identidade falsa, embora não enganem ninguém. Mas Eddie preenchera a sua com seu nome e endereço corretos, com a mesma data de nascimento anotada na Bíblia de sua mãe, e com sua altura, peso e cor de cabelo e olhos. Parecia ser o único documento que tinha. Não havia carteira de motorista nem cartão da previdência social. Talvez houvesse mesmo ganhado um na prisão, mas não se preocupara em guardá-lo.

Olhei nas outras gavetas da cômoda e dentro da geladeira. O leite estava começando a estragar e o joguei fora. Havia ainda um pacote de pão de fôrma e potes de manteiga de amendoim e de geleia. Subi numa cadeira e dei uma olhada na prateleira do armário. Achei jornais velhos, uma luva de beisebol que devia ter sido dele quando garoto e uma caixa fechada de velas votivas que

vinham dentro de pequenos recipientes de vidro. Não encontrei nada nos bolsos das roupas nem dentro dos dois pares de sapato e das galochas que estavam no armário.

Passado um tempo, resolvi pegar uma sacola de plástico, onde coloquei a Bíblia, os livros do aa e a carteira de Eddie. Deixei o resto lá e fui embora.

Eu estava trancando a porta quando ouvi um barulho, alguém pigarreando atrás de mim. Virei-me e vi uma mulher parada no primeiro degrau da escada. Era bem pequenina, com cabelos ralos e grisalhos e enormes olhos aumentados pelas lentes grossas dos óculos. Queria saber quem eu era. Disse meu nome e expliquei que era detetive.

— O senhor está aqui por causa do pobre senhor Dunphy — disse ela. — Eu o conhecia desde que nasceu, e conheci seus pais também.

Ela carregava algumas compras numa sacola parecida com a que eu tinha nas mãos. Colocou-a no chão e procurou pela chave na bolsa.

— Eles o mataram — disse a mulher com tristeza.

— Eles?

— Ah, vão matar todos nós. A pobre senhora Grod do quinto andar, eles subiram pela escada de incêndio e cortaram a garganta dela.

— Quando isso aconteceu?

— E o senhor White — continuou ela. — Morreu de câncer, e estava tão magro e amarelo no final que parecia um chinês. Logo, vamos estar todos mortos. Todos nós.

A mulher torceu as mãos, e eu não soube se era de horror ou de prazer.

Quando Willa voltou, eu estava sentado à mesa da cozinha bebendo café. Ela entrou, deixou a caixa de ferramentas por ali e disse:

— Não me beije, estou imunda. Meu Deus, que trabalho nojento. Tive de abrir o teto do banheiro e, quando a gente faz isso,

sai cada sujeira inacreditável.

— Onde você aprendeu a mexer com encanamento?

— Em lugar nenhum. Mas sou boa em consertar coisas e acabei desenvolvendo diversas habilidades ao longo dos anos. Não sou uma encanadora de verdade, mas sei desligar o registro, achar um vazamento e consertá-lo. Às vezes o conserto até dá certo. Pelo menos durante algum tempo.

Willa abriu a geladeira e pegou uma garrafa de Beck's.

— Esse tipo de trabalho dá sede. Aquele pó que sai do reboco gruda na garganta da gente. Acho que deve dar câncer.

— Quase tudo dá câncer.

Ela abriu a garrafa, deu um gole pelo gargalo e depois pegou um copo no escorredor e encheu-o.

— Preciso de um banho. Mas antes preciso me sentar só por um minuto. Estava esperando há muito tempo?

— Só há alguns minutos.

— Então demorou bastante lá em cima.

— Acho que sim. E, quando terminei, tive uma conversa muito estranha.

Contei meu encontro com a velhinha, e Willa assentiu.

— É a senhora Mangan — disse. — Vamos estar todos mortos, apodrecendo, com os vermes comendo nossos olhos...

— Você imita bem a senhora Mangan.

— É um talento menos útil do que saber consertar vazamentos. Ela é a mórbida de plantão. Está aqui há décadas, acho que nasceu no prédio. E já deve ter mais de oitenta anos, não acha?

— Não sou bom para adivinhar a idade das pessoas.

— Tudo bem, mas se ela quisesse um desconto de terceira idade no cinema, você ia exigir a identidade dela? A senhora Mangan conhece todo mundo no bairro, ou pelo menos todos os velhos, e por isso tem sempre um enterro para ir — contou Willa, esvaziando o copo e em seguida colocando nele o resto do conteúdo da garrafa. — Quer saber de uma coisa? Não quero viver para sempre.

— Para sempre é só daqui a muito tempo.

— Estou falando sério, Matt. Algumas pessoas vivem demais. É trágico quando alguém da idade de Eddie Dunphy morre. Ou da

idade de Paula, com toda a vida pela frente. Mas, quando alguém fica tão velho quanto a senhora Mangan... Ela vive sozinha, todos os seus amigos já se foram...

— Como a senhora Grod morreu?

— Estou tentando lembrar quando isso aconteceu. Acho que faz mais de um ano, pois estava calor. Um ladrão a matou, entrou pela janela. Os apartamentos têm grades nas janelas, mas nem todos os inquilinos usam.

— Havia uma grade na janela do quarto de Eddie, aquela que dá para a escada de incêndio. Mas estava aberta.

— Algumas pessoas deixam sem a grade, pois é mais difícil abrir e fechar as janelas com ela. Parece que alguém pulou no topo do prédio, desceu pela escada de incêndio e entrou no apartamento da senhora Grod. Ela estava dormindo, mas deve ter acordado ao ouvir o barulho. E o cara a esfaqueou — disse Willa, tomando mais um gole de cerveja. — Achou o que estava procurando? Aliás, *o que* você estava procurando?

— Um remédio.

— Um remédio?

— Mas não achei nada mais forte que aspirina — contei, explicando o que Sternlicht encontrara no corpo de Eddie e o que isso significava. — Quando eu estava na polícia, aprendi a revistar um apartamento. Não cheguei a arrancar as tábuas do assoalho ou desmontar os móveis, mas fiz uma busca bastante sistemática. Se houvesse hidrato de cloral naquele apartamento, eu teria encontrado.

— Talvez ele tenha tomado o último antes de morrer.

— O frasco vazio estaria em algum lugar.

— Ele pode ter jogado fora.

— Não estava em nenhuma das duas latas de lixo. Onde mais ele jogaria?

— Talvez alguém tenha dado só uma pílula para ele, ou duas. “Não consegue dormir? Tome um desses, é tiro é queda.” Além do mais, você disse que Eddie era malandro, não foi? Nem todo mundo compra remédio na farmácia. Dá para comprar tudo na rua. Eu não ia ficar surpresa se desse para comprar hidrato de coral.

— Hidrato de cloral.

— Hidrato de cloral, certo. Parece nome de filho de pobre. “Cloral, deixe seu irmão em paz!” O que foi?

— Nada.

— Você parece chateado.

— Pareço? Acho que fiquei chateado lá em cima. E também por causa daquele negócio que você falou, sobre as pessoas viverem demais. Ontem à noite, eu estava pensando que não quero acabar como um velho solitário vivendo para sempre no mesmo quarto de hotel. E aqui estou eu, quase lá.

— Você não é nada velho.

Fiquei ali, emburrado, enquanto Willa tomava banho. Quando ela reapareceu, eu disse:

— Acho que eu estava procurando por outra coisa além do remédio. Afinal, que diferença faria se eu tivesse encontrado o hidrato de cloral?

— Também pensei nisso.

— Eu desejava muito saber o que Eddie queria me dizer. Algo o incomodava, e ele estava prestes a me contar, mas eu o mandei esperar, pensar melhor. Devia ter sentado com ele e ouvido na hora.

— Acha que ele ainda estaria vivo se você tivesse feito isso?

— Não, mas...

— Matt, Eddie não morreu pelo que disse ou deixou de dizer. Morreu porque fez uma coisa idiota e perigosa, e porque a sorte dele foi embora

— Eu sei.

— Não há nada que você pudesse ter feito. E nada que possa fazer por ele agora.

— Eu sei. Eddie não...

— O quê?

— Eddie não disse nada para você, disse?

— Eu mal o conhecia, Matt. Nem me lembro da última vez que falei com ele. E acho que nunca nos dissemos nada além de “Parece que vai chover” e “Aqui está o aluguel”.

— Mas ele estava incomodado com alguma coisa — insisti. — E eu queria muito saber o que era.

12

Passei no Grogan's no meio da tarde. Ninguém estava jogando dardos e eu não vi Andy Buckley, mas, fora isso, o pessoal era mais ou menos o mesmo. Tom estava atrás do balcão lendo uma revista e parou para me servir uma Coca. Um velho de chapéu falava sobre o Mets, lamentando a troca de um jogador que o time fizera quinze anos antes.

— Ficaram com Jim Fregosi — disse ele com desprezo — e entregaram Nolan Ryan. Nolan Ryan!

Na televisão, John Wayne estava pondo alguém no seu devido lugar. Tentei imaginá-lo empurrando as portas do *saloon*, indo até o bar e mandando o barman lhe servir uma Coca e um pouco de hidrato de cloral.

Fiquei bebendo tranquilamente a minha Coca. Quando o copo estava quase vazio, chamei Tom com o dedo. Ele se aproximou e fez menção de pegar o copo, mas eu o cobri com a mão. Tom me encarou com a mesma expressão neutra de sempre. Perguntei se Mickey Ballou passara ali.

— Algumas pessoas entraram, outras saíram — disse ele. — Não sei o nome de todo mundo.

A maneira de ele falar indicava que sua família era do norte da Irlanda. Eu não notara isso antes.

— Mas você conhece o nome Ballou — insisti. — Ele é o dono, não é?

— O bar se chama Grogan's. Deve ser de um tal de Grogan.

— Ballou é um cara grandalhão que às vezes usa um avental de açougueiro.

— Eu saio às seis da tarde. Talvez ele só venha aqui de noite.

— Talvez seja isso. Gostaria de deixar um recado para ele.

— Ah, é?

— Quero falar com ele. Diga-lhe isso, por favor.

— Não conheço o cara. E não conheço você. Como posso dar o recado?

— Meu nome é Scudder, Matt Scudder. Quero conversar sobre Eddie Dunphy.

— Talvez eu me esqueça — disse Tom, sem nenhuma expressão nos olhos ou na voz. — Nunca me lembro do nome de ninguém.

Fui embora, dei uma caminhada e voltei ao Grogan's lá pelas seis e meia. Havia mais gente no bar, sendo que o balcão estava ocupado por meia dúzia de clientes que pareciam ter saído do trabalho. Tom desaparecera e fora substituído por um rapaz alto com cabelos castanhos encaracolados. Ele usava um colete de couro e uma camisa de flanela vermelha e preta.

Perguntei se Mickey Ballou passara ali.

— Não o vi — disse o rapaz. — Comecei a trabalhar agora. Quem quer falar com ele?

— Scudder.

— Pode deixar que eu dou o recado.

Saí do Grogan's, comi um sanduíche sozinho no Flame e fui à reunião da São Paulo Apóstolo. Era sexta-feira, o que significava que a reunião seria sobre um dos passos do programa. Aquela era sobre o sexto, em que nos prontificamos a deixar que Deus remova nossos defeitos de caráter. Até onde sei, não há nada específico que devamos fazer para ajudar esse processo a ocorrer. Supostamente, ele acontece de forma natural. Mas ainda não aconteceu comigo.

Eu estava impaciente para ir embora dali, mas me obriguei a ficar até o final. Durante o intervalo, chamei Jim Faber para conversar e lhe contei que não sabia se Eddie havia morrido abstêmio, pois o legista encontrara hidrato de cloral em sua corrente sanguínea.

— Conheço essa droga, era muito usada para fazer "Boa noite, Cinderela" — disse Jim. — Não se ouve mais falar muito dela, agora

que a indústria farmacêutica inventou tantas novas maravilhas. Só conheci uma alcoólatra que tomava hidrato de cloral para fins recreativos. Ela passou por um período em que bebia sozinha, mas de forma controlada; toda noite tomava uma dose de cloral, não me lembro se em gotas ou em cápsulas, e bebia duas cervejas. Aí, perdia a consciência e dormia por oito ou dez horas.

— O que aconteceu com ela?

— Enjoou de hidrato de cloral, ou não conseguiu mais arrumar. Aí, passou a tomar Jack Daniel's. Quando estava bebendo um litro e meio por dia, achou que tinha um problema e resolveu se tratar. Não pense muito no hidrato de cloral que Eddie tomou, Matt. Talvez a longo prazo o impedisse de se manter abstêmio, mas nada disso importa mais. O que está feito está feito.

Depois da reunião, decidi não passar no Flame com o resto do pessoal e fui direto para o Grogan's. Vi Ballou no segundo em que entrei. Ele não estava usando o avental branco, mas mesmo assim dava para reconhecê-lo.

Teria sido impossível não vê-lo. Tinha quase dois metros de altura e era bastante corpulento. Sua cabeça parecia uma pedra enorme, maciça e monolítica, com feições como as das estátuas da Ilha da Páscoa.

Ballou estava inclinado sobre o balcão, com um pé no apoio de metal, conversando com o barman, que era o mesmo rapaz de colete de couro que eu tinha visto fazia algumas horas. Havia menos clientes agora. Alguns velhos numa mesa e dois homens sentados no fim do balcão, ambos sozinhos e muito bêbados. Lá nos fundos, dois caras jogavam dardos. Um deles era Andy Buckley.

Aproximei-me do balcão. Havia três bancos entre mim e Ballou. Eu o observava pelo espelho que havia à nossa frente quando ele se voltou e me encarou. Avaliou-me por alguns segundos e depois se virou de novo e disse algo ao barman.

Dei alguns passos na direção de Ballou, que virou a cabeça. Seu rosto era cheio de sardas, como granito antigo, e havia algumas veias dilatadas em suas bochechas e na parte superior do nariz. Seus olhos eram muito verdes, com uma enorme cicatriz em volta.

— Você é o Scudder — disse ele.

— Sou.

— Não conheço você, mas já o vi por aí. E você também me viu.

— Isso.

— Andou perguntando por mim. E agora está aqui.

Ballou tinha lábios finos, e eles se abriram em algo que talvez fosse um sorriso.

— Quer beber o quê, cara? — perguntou.

Havia uma garrafa de Jameson doze anos no balcão logo à frente dele. Ao lado dela, um copo com duas pequenas pedras de gelo flutuando num mar cor de âmbar. Eu disse que gostaria de um café, se por acaso houvesse. Ballou olhou para o barman, que balançou a cabeça, dizendo que não.

— O chope da Guiness é o melhor que há deste lado do Atlântico — disse Ballou. — Não gosto da Guiness em garrafa, é pesada demais.

— Quero uma Coca.

— Você não bebe — afirmou ele.

— Hoje não.

— Não bebe ou não quer beber comigo?

— Não bebo.

— E como é não beber?

— Não é ruim.

— É difícil?

— Às vezes. Mas às vezes beber também era difícil.

— Ah — disse Mickey. — Isso é verdade.

Ele olhou para o barman, que imediatamente pegou uma Coca, colocou-a à minha frente e saiu de perto de nós para não ouvir a conversa.

Ballou apanhou seu copo e encarou-me por cima dele.

— Costumava ver você naquele bar que os Morrissey tinham aqui na esquina. Aquele que ficava aberto até de madrugada.

— Eu me lembro.

— Você bebia bastante naqueles dias.

— Isso foi naquela época.

— E agora tudo mudou.

Ele pôs o copo sobre o balcão, olhou para a própria mão, limpou-a na camisa e estendeu-a para apertar a minha. Nosso aperto de mão foi estranhamente solene. A mão de Ballou era grande e o aperto dele era firme, mas não agressivo. Pegou seu uísque e eu a minha Coca.

— Vem daí a sua ligação com Eddie Dunphy? — perguntou Ballou, erguendo o copo e observando-o. — É uma merda quando a bebida começa a mandar na gente. Mas Eddie nunca soube lidar com isso, coitado. Chegou a conhecê-lo quando ele bebia?

— Não.

— Nunca foi forte para bebida. Depois ouvi dizer que tinha parado. E agora acabou se enforcando.

— Um ou dois dias antes de Eddie morrer, tivemos uma conversa.

— É mesmo?

— Algo o estava incomodando. Ele queria desabafar, mas teve medo de me contar o que era.

— E o que era?

— Achei que você pudesse me dizer.

— Não entendi.

— O que ele sabia de tão perigoso? Fez algo que pudesse estar pesando na sua consciência?

Ballou balançou sua cabeça enorme.

— Eddie foi criado aqui nesta vizinhança — disse. — Era ladrão, falava demais quando bebia, se metia em algumas confusões. Nunca fez nada além disso.

— Ele disse que costumava vir muito aqui.

— Aqui? No Grogan's? — disse Ballou, dando de ombros. — O bar é aberto ao público. Vem gente de todo tipo. Eles bebem cerveja ou uísque, esperam o tempo passar e vão embora. Alguns bebem vinho. Ou Coca-Cola.

— Eddie contou que vivia aqui dentro. Um dia, quando estávamos caminhando juntos, preferiu atravessar a rua para não passar aqui em frente.

Os olhos verdes se arregalaram.

— Foi, é? Por quê?

— Porque frequentava esse lugar na época em que bebia. Acho que sentiu medo de ter uma recaída se chegasse muito perto.

— Nossa — disse Ballou.

Ele tirou a tampa da garrafa e colocou mais uísque no copo. As duas pedras de gelo haviam derretido, mas Ballou não pareceu sentir falta delas. Pegou o copo e, olhando para o líquido, disse:

— Eddie era amigo do meu irmão. Conheceu meu irmão Dennis?

— Não.

— Ele era muito diferente de mim. Parecia com a nossa mãe, que era irlandesa. O velho era francês, nasceu numa vila de pescadores a meia hora de Marselha. Fui até lá uma vez há alguns anos, só para ver como era. Entendi por que ele se mandou. Não tem nada.

Ballou pegou um maço de cigarros no bolso da camisa, acendeu um e deu um trago.

— Sou igual ao meu pai — disse. — Exceto os olhos. Tanto eu quanto Dennis temos os olhos da nossa mãe.

— Eddie disse que Dennis morreu no Vietnã.

Ballou fixou-me com seus olhos verdes.

— Nem sei por que ele foi para essa porra de guerra. Teria sido fácil livrá-lo do serviço militar. Eu disse a ele: “Dennis, pelo amor de Deus, eu só preciso dar um telefonema”. Mas Dennis não quis nem saber — contou, apagando o cigarro num cinzeiro. — Então o idiota foi e acabou indo para o cacete.

Eu não disse nada, e deixamos o silêncio se estender. Por um segundo, tive a impressão de que o bar se enchia de mortos — Eddie, Dennis, os pais de Ballou e mais alguns fantasmas meus. Pessoas que já haviam falecido, mas que permaneciam no limiar da consciência. Se eu virasse a cabeça bem rápido, pensei, talvez visse minha tia Peg ou meus pais ali.

— Dennis era um cara pacífico — disse Ballou. — Talvez tenha sido por isso que foi para a guerra, para vivenciar uma agressividade que ele não tinha. Era amigo de Eddie, por isso Eddie foi ao enterro dele. Depois disso, apareceu aqui algumas vezes. Mas nunca arrumei muita coisa para ele fazer.

— Eddie me contou que já viu você espancar um homem até a morte.

Ele me olhou, surpreso. Não entendi se estava espantado por Eddie ter me contado essa história ou por eu a estar repetindo.

— Ele contou isso, foi? — disse.

— Disse que foi num porão aqui perto. Segundo ele, você amarrou um cara a um cano com um arame e o espancou com um taco de beisebol.

— Quem era o cara?

— Eddie não disse.

— E quando foi que isso aconteceu?

— Há alguns anos. Ele não foi muito específico.

— E Eddie viu tudo?

— Foi o que ele disse.

— Ou será que só estava contando uma história que ouviu por aí, querendo dizer que participou dela? — perguntou Ballou, pegando o copo, mas não tomando um gole. — Embora não seja uma história muito boa, não acha? Um homem espanca outro com um taco de beisebol. É uma história violenta, mas não muito original. Ninguém ia pagar para ouvir isso.

— Tinha uma história mais interessante circulando há alguns anos.

— É?

— Um cara chamado Farrelly desapareceu.

— Paddy Farrelly. Um homem difícil.

— Diziam que ele havia se metido numa briga com você e que depois desapareceu.

— Diziam, é?

— E diziam que você entrou em metade dos bares da Nona e da Décima avenidas carregando uma bolsa para bola de boliche e que abria a bolsa e mostrava a cabeça de Farrelly lá dentro.

Ballou bebeu um pouco de uísque.

— Essa gente conta cada uma... — disse.

— Eddie viu isso acontecer?

Ballou me encarou. Não havia ninguém perto de nós agora. O barman estava na outra ponta do balcão e o homem que estivera mais próximo saíra do bar.

— Está quente pra cacete aqui dentro — comentou Ballou. — Para que usar esse paletó?

Ballou também estava de paletó. O dele era de *tweed*, mais pesado que o meu.

— Estou confortável — disse eu.

— Tire o paletó.

Olhei para ele. Tirei o paletó e pendurei-o no banquinho ao meu lado.

— A camisa também — exigiu ele.

Tirei a camisa e a camiseta que usava por baixo.

— Muito bem — disse Ballou. — Pelo amor de Deus, coloque suas roupas de volta ou vai pegar um resfriado. A gente precisa tomar cuidado, ou um filho da puta qualquer pode entrar aqui e começar a falar sobre os velhos tempos enquanto grava tudo sem ninguém saber. A cabeça de Paddy Farrelly? Meu avô materno era de Sligo e ele costumava dizer que a coisa mais difícil do mundo era encontrar um homem em Dublin que não estivesse dentro do correio na Revolta da Páscoa. Vinte homens corajosos entraram naquele correio, dizia ele, e trinta mil saíram. Bom, é difícil encontrar um filho da puta na Décima Avenida que não tenha me visto mostrando a cabeça do pobre Paddy Farrelly por aí.

— Está dizendo que isso nunca aconteceu?

— Quem sabe o que aconteceu e o que não aconteceu? Talvez eu nunca tenha aberto a porra da bolsa. Talvez tivesse apenas uma bola de boliche lá dentro. Todo mundo adora essas histórias. Adoram ouvir, adoram contar, adoram sentir o calafrio na espinha que elas dão. Os irlandeses são os piores. Principalmente nesta porra de bairro — disse, tomando um gole e colocando o copo no balcão. — A terra é bem rica por aqui. É só plantar uma semente que uma história nasce como erva daninha.

— O que aconteceu com Farrelly?

— Como eu vou saber? Talvez esteja no Taiti, bebendo água de coco e comendo umas menininhas morenas. Alguém por acaso encontrou o corpo dele? Ou sua lendária cabeça?

— Eddie sabia alguma coisa que o tornava uma ameaça. O que era?

— Nada. Não sabia de merda nenhuma. Não era uma ameaça para mim.

— Para quem, então?

— Que eu saiba, para ninguém. O que ele fez na vida? Roubou algumas bobagens. Entrou num *loft* da rua 27 com outros caras e pegou alguns casacos de pele. Esse é o maior serviço em que ele se envolveu, e não foi nada perigoso. Foi tudo combinado, o dono do apartamento deu a chave para eles. Queria a grana do seguro. E isso foi há muitos anos. Para quem Eddie era uma ameaça? Ele não se enforcou? Então devia ser uma ameaça para si próprio.

Algo aconteceu entre mim e Ballou, uma coisa difícil de explicar e até mesmo de compreender. Ficamos em silêncio por alguns segundos, porque não tínhamos mais nada a dizer sobre Eddie Dunphy. Aí, ele contou uma história sobre como assumira a culpa por algo que seu irmão Dennis fizera quando os dois eram crianças. E eu contei algumas histórias da época em que fora policial na Sexta Delegacia, que fica no Village.

Não sei por quê, mas um elo se formou entre nós. Em dado momento, Ballou caminhou até a extremidade do balcão, deu a volta e postou-se atrás dele. Encheu dois copos com pedras de gelo e Coca-Cola e passou-os para mim. Pegou mais uma garrafa do Jameson doze anos dali de trás, colocou duas pedras de gelo num copo e levou--me até uma mesa do canto. Pus duas Cocas à minha frente, enquanto ele partia o lacre da garrafa de uísque e se servia. Ficamos sentados ali contando histórias por mais de uma hora.

Isso não acontecia muito comigo na época em que eu bebia, e depois que parei também não aconteceu muito. Não acho que se possa dizer que ficamos amigos. Não foi bem amizade. Foi como se uma barreira interna houvesse se dissolvido momentaneamente. Uma espécie de trégua fora declarada, e as hostilidades cessaram durante o feriado. Por uma hora, nos sentimos mais confortáveis um com o outro do que se fôssemos velhos amigos ou mesmo irmãos. Não era o tipo de coisa que poderia durar mais de uma hora, mas nem por isso deixava de ser real.

Após muito tempo, Ballou disse:

— Gostaria muito que você bebesse.

— Às vezes eu também gostaria. Mas na maior parte do tempo fico feliz por ter parado.

— Você deve sentir falta.

— De vez em quando.

— Eu ia sentir uma falta horrível. Não sei se conseguiria viver sem bebida.

— E eu já não conseguia viver com ela. Na última vez que bebi, tive uma convulsão. Caí desmaiado na rua e acordei no hospital, sem saber onde estava ou como havia parado ali.

— Jesus — disse Ballou, balançando a cabeça. — Mas, antes disso, aproveitou bastante.

— Aproveitei.

— Então, não pode reclamar. Nenhum de nós pode reclamar, não é?

Lá pela meia-noite, nosso elo estava começando a se desfazer. Senti que ficara no baile tempo demais. Levantei-me e disse a Ballou que eu precisava ir para casa.

— Está bem o suficiente para ir andando? Quer que eu chame um táxi? — perguntou ele, percebendo o que dissera e rindo. — Cara, você só bebeu Coca-Cola. Por que não conseguiria voltar para casa sozinho?

— Eu estou bem.

Ballou se levantou pesadamente.

— Agora que já sabe nosso endereço, venha nos visitar outro dia — sugeriu.

— Farei isso.

— Gostei de conhecer você, Scudder — disse Ballou, colocando a mão no meu ombro. — É um bom sujeito.

— Você também.

— É uma pena que Eddie tenha morrido. Ele tinha parentes? Por acaso sabe se vai haver um funeral?

— Não sei. A polícia ainda está com o corpo.

— É um jeito de merda de morrer.

Ele deu um suspiro, empertigou-se e disse:

— Vamos conversar em outra ocasião, eu e você.

— Eu gostaria muito.

— Estou aqui quase toda noite. Se não estiver, o pessoal sabe onde me achar.

— O barman do dia nem admitiu que conhecia você.

Ballou riu.

— É o Tom. Ele não é muito simpático, é? Mas me passou seu recado, assim como o Neil. Se quiser falar comigo, é só pedir para qualquer barman daqui.

Coloquei a mão no bolso e peguei uma das fotos de Paula.

— Moro no Hotel Northwestern — expliquei. — O telefone está aí atrás. Não fico muito tempo lá, mas eles me dão os recados.

— O que é isso? — perguntou ele.

— Meu telefone.

— Não, isso.

Ballou estava olhando para a foto de Paula Hoeldtke.

— A garota — disse ele. — Quem é ela?

— Seu nome é Paula Hoeldtke. É de Indiana e desapareceu há alguns meses. Morava aqui perto, trabalhou em alguns restaurantes da região. O pai dela me contratou para encontrá-la.

— Por que me deu a foto dela?

— É a única coisa que tenho com o meu telefone. Por quê? Você a conhece?

Ele observou a foto com cuidado e me encarou com seus olhos verdes.

— Não — disse. — Nunca a vi.

13

O telefone me acordou, arrancando-me de um sonho. Sentei-me, peguei o fone e coloquei-o no ouvido. Alguém sussurrou:

— Scudder?

— Quem é?

— Esqueça a garota.

Eu estava sonhando com uma garota, mas o sonho estava derretendo como neve ao sol. Não conseguia mais ver a imagem nitidamente. Não sabia onde o sonho acabava e o telefonema começava.

— Que garota? — perguntei. — Não sei do que você está falando.

— Esqueça Paula. Você nunca vai encontrá-la, não pode trazê-la de volta.

— De onde? O que aconteceu com ela?

— Pare de procurar por ela, pare de mostrar essa foto por aí. Esqueça esse caso.

— Quem está falando?

Ouvi um clique. Eu disse “Alô” algumas vezes, mas foi inútil. Ele se fora.

Acendi o abajur e peguei meu relógio de pulso. Eram quinze para as cinco da manhã. Eu fora dormir depois das duas, e não fazia nem três horas. Sentei na beira da cama e repassei o diálogo que acabara de ter, tentando encontrar um significado oculto nas palavras e identificar meu interlocutor. Tinha a sensação de já ter escutado aquela voz, mas não sabia onde.

Entrei no banheiro e vi meu reflexo no espelho. Meus anos de vida estavam impressos em meu rosto e senti o peso deles nos

ombros. Liguei a água quente do chuveiro, fiquei debaixo dela por um longo tempo, saí, sequei-me e voltei para a cama.

“Você nunca vai encontrá-la, não pode trazê-la de volta.”

Era muito tarde ou muito cedo para eu dar telefonemas. O único conhecido meu que poderia estar acordado era Mickey Ballou, mas a essa altura ele estaria bêbado demais. Além disso, eu não tinha o telefone dele. E o que eu iria lhe dizer?

“Esqueça a garota.”

Será que eu tinha sonhado com Paula? Fechei os olhos e tentei visualizá-la.

Quando acordei pela segunda vez, eram dez da manhã e o sol brilhava. Eu já tinha vestido metade das roupas quando me lembrei do telefonema, e por um instante não tive certeza se ele acontecera de verdade. Minha toalha, atirada sobre uma cadeira e ainda úmida, era uma prova de que sim. Eu não havia sonhado. Alguém me ligara e me mandara desistir de um caso que eu já tinha engavetado.

O telefone tocou de novo quando eu estava amarrando o cadarço do sapato. Atendi, desconfiado.

— Alô?

— Matt? — disse Willa.

— Ah, oi.

— Acordei você? Sua voz está diferente.

— Eu estava meio cauteloso.

— Como é que é?

— Acordei com um telefonema anônimo no meio da noite; era alguém me dizendo para eu parar de procurar por Paula Hoeldtke. Quando você ligou agora, achei que fosse a mesma pessoa.

— Bom, da outra vez não fui eu.

— Eu sei. Foi um homem.

— Mas admito que estava pensando em você. Achei que fosse vê-lo ontem à noite.

— Fiquei ocupado até tarde. Passei metade da noite numa reunião do aa e a outra metade num botequim.

— Sua vida é bem equilibrada.

— Não é? Quando saí de lá, já era tarde para te ligar.

— Descobriu o que estava incomodando Eddie?

— Não. Mas de repente o outro caso ressuscitou.

— O outro caso? O de Paula?

— Exato.

— Só porque alguém mandou você parar de procurá--la? Só por isso vai voltar a investigar?

— Esse é um dos motivos.

— Mickey Ballou. Puta que pariu! — exclamou Durkin. — O Açougueiro. Como ele se encaixa nessa história?

— Não sei. Passei algumas horas conversando com ele ontem à noite.

— Ah, é? Você só tem andado com gente fina ultimamente. O que você fez? Levou o cara para jantar e ficou vendo ele comer com as mãos?

— Estávamos num bar chamado Grogan's.

— Fica a alguns quarteirões daqui, não é? Conheço o lugar. É uma espelunca. Dizem que ele é o dono.

— É o que me disseram também.

— Claro que o nome dele não deve estar na escritura, pois a prefeitura não costuma permitir que ex-presidiários sejam proprietários de bares que comercializam bebida alcoólica. Alguém deve ser o laranja dele. O que vocês dois fizeram? Jogaram buraco?

— Ficamos bebendo e contando mentiras. Ballou estava bebendo uísque irlandês.

— E você café.

— Coca-Cola. Não tinha café.

— Sorte sua que tinha Coca-Cola num bar vagabundo daqueles. E o que isso tem a ver com Pauline? Pauline não, Paula. O que isso tem a ver com ela?

— Não sei bem — expliquei. — Mas ele fez uma cara estranha quando viu a foto dela e, poucas horas depois, alguém me ligou e me mandou largar o caso.

— Foi Ballou?

— Não, a voz não era dele. Não sei quem é. Tenho alguns palpites, mas nenhuma certeza. Me fale de Ballou, Joe.

— Falar o quê?

— O que você sabe sobre ele?

— Sei que é um monstro. Devia estar numa jaula.

— E por que não está?

— Os piores nunca vão para a cadeia. Não são pegos. A gente não consegue encontrar nenhuma testemunha e, quando encontra, de repente ela passa a ter amnésia. Ou desaparece. É engraçado como elas sempre desaparecem. Já ouviu falar de uma vez em que Ballou foi de bar em bar mostrando a cabeça de um cara?

— Já.

— Pois a cabeça nunca apareceu. Nem ela nem o corpo. Sumiu, escafedeu-se.

— Como ele ganha dinheiro?

— Com aquele boteco é que não é. Começou trabalhando como capanga para alguns italianos. É um cara enorme, durão, e gostava do trabalho. Todos esses irlandeses grandalhões da Hell's Kitchen trabalham como capangas há gerações e gerações. Imagino que Ballou fosse bom na coisa. Digamos que você pegou uma grana emprestada com um agiota e estivesse com o pagamento algumas semanas atrasado. Chega esse gigante para falar com você usando um avental cheio de sangue e sacudindo um cutelo. O que você faz? Pede para o cara esperar mais uma semana ou dá um jeito de arrumar o dinheiro?

— Você disse que ele é ex-presidiário. Foi preso por quê?

— Agressão. Ele era bem novo, acho que adolescente ainda. Deve ter sido a única vez que foi preso. Posso ver na ficha dele.

— Não precisa. É isso que ele faz então? Bater nos outros?

Durkin reclinou a cadeira.

— Acho que ele não trabalha mais como capanga. Se você ligar para ele e lhe pedir que quebre as pernas do fulano de tal, não creio que Ballou pegue uma barra de ferro e vá fazer isso ele mesmo. Mas talvez mande um subordinado. O que mais ele faz? Acredito que empreste dinheiro a juros altíssimos. Dizem que é dono de vários negócios, mas não dá para saber se é verdade. O nome dele está associado a muitas coisas. Lembra daquela vez, há uns dois

anos, em que cinco caras usando máscaras assaltaram um Wells Fargo e levaram três milhões?

— Tinham um cúmplice lá dentro, não era?

— Era, mas o cúmplice por acaso morreu antes de poder ser interrogado. A mulher dele também morreu. E adivinha o que aconteceu com a amante dele?

— Morreu?

— Sumiu. Umas poucas pessoas também desapareceram, e algumas outras foram encontradas dentro do porta--malas de um carro abandonado no aeroporto jfk. Ouvíamos dizer que um cara tinha sido um dos assaltantes do Wells Fargo e, antes de chegarmos a ele, recebíamos um telefonema dizendo que ele estava no porta-malas do seu Chevy lá no aeroporto.

— E Ballou...

— Diziam que ele era o cabeça. Mas ninguém falava isso muito alto, porque era perigoso. Você podia acabar num estacionamento junto com os seus amigos e familiares. Porém o boato era que Ballou havia armado tudo, e talvez tenha ficado com os três milhões só para ele porque não havia ninguém com quem dividir.

— Ele mexe com drogas?

— Nunca ouvi falar.

— Prostituição? Escravas brancas?

— Não é o estilo dele — disse Durkin, bocejando e passando os dedos pelo cabelo. — Tinha um outro cara que chamavam de Açougueiro. Era da máfia. Lá do Brooklyn, se não me engano.

— Dom, o Açougueiro.

— Esse mesmo.

— Era de Bensonhurst.

— É isso aí. Acho que trabalhava para o Carlo G. Chamavam de Açougueiro porque ele tinha um emprego de fachada num açougue, era isso que usava para pagar os impostos. O nome era Dominic sei-lá-o-quê, esqueci o sobrenome. Era italiano.

— Que surpresa!

— Alguém atirou nele há alguns anos. No tipo de trabalho dele, pode-se chamar isso de morte por causas naturais. O cara tinha o apelido de Açougueiro por causa do seu trabalho de fachada, mas também porque era um canalha sanguinário. Contavam que

mandou esfolar vivos uns moleques que haviam assaltado uma igreja.

— Para ensiná-los a respeitar as coisas santas.

— Devia ser um homem muito religioso. O que estou querendo dizer, Matt, é que se você conhece um cara cujo apelido é Açougueiro, está falando de um animal que deveria estar preso. Está falando de uma pessoa que come carne crua no café da manhã.

— Eu sei.

— Se eu fosse você, pegava a maior arma que conseguisse encontrar e dava logo um tiro na nuca dele. Ou isso, ou me mandava para bem longe daqui.

O Mets estava de volta a Nova York, dessa vez para jogar com o Pirates. A equipe tinha ganho na noite anterior e tudo indicava que ia mesmo ficar em primeiro na chave. Liguei para Willa convidando-a para ver o jogo comigo, mas ela precisava fazer algumas coisas e não era fanática o suficiente para largar tudo. Jim Faber estava na gráfica terminando um trabalho que prometera entregar a um cliente às seis da tarde. Folheei minha agenda de telefones e contatei outros caras da São Paulo Apóstolo, mas eles ou não estavam em casa ou não quiseram ir até o Estádio Shea.

Eu poderia ter ficado em casa, pois o jogo ia ser transmitido pela televisão, a nbc o estava anunciando como o jogo da semana. Mas não quis ficar o dia todo parado. Eu também tinha coisas a fazer, só que não podia resolvê-las naquele momento. Algumas teriam que esperar até a noite e outras até depois do fim de semana. Nesse meio-tempo eu queria ir a algum lugar, e não ficar em casa olhando o relógio. Tentei me lembrar de pessoas que poderiam ir ao jogo comigo e só consegui pensar em duas.

A primeira foi Ballou, e eu mesmo achei engraçado pensar nele. Eu não tinha o seu telefone e, mesmo que tivesse, não teria ligado. Ele provavelmente não gostava de beisebol. E, mesmo que gostasse, eu não conseguia imaginar nós dois sentados no estádio comendo cachorros-quentes e vaiando uma jogada ruim. O fato de

eu ter pensado nele apenas mostrava como tinha sido forte, ainda que ilusória, a ligação que nascera entre nós na noite anterior.

A outra pessoa foi Jan Keane. Eu não precisava olhar na agenda para lembrar o telefone dela. Disquei-o e deixei tocar duas vezes, mas aí desliguei antes que ela ou a secretária eletrônica atendesse.

Peguei o metrô até a Times Square, troquei para a linha de Flushing e fui até o Estádio Shea. Não havia mais ingressos nos guichês, mas tinha um monte de meninos vendendo-os na porta. Consegui um lugar bom, lá no alto e bem atrás da terceira base. Ojeda acertou três bolas, e o time conseguiu fazer alguns pontos, para variar. O tempo estava perfeito. Um jogador novo chamado Jefferies acertou quatro em cinco com uma queimada dupla e um *home run*. Conseguiu pegar uma bola baixa rebatida por Van Slyke's e não deixou que a sorte de Ojeda virasse.

O cara sentado à minha direita contou que vira Willie Mays jogando no início da carreira no Estádio Polo Grounds e que ele fora tão bom quanto Jefferies. Ele também estava ali sozinho e teve muito a dizer ao longo das nove entradas. Mas era melhor do que ficar em casa ouvindo os comentaristas e vendo comerciais de cerveja. O cara à minha esquerda bebeu uma cerveja a cada entrada, até eles pararem de vender na sétima. Também tomou uma extra na quarta entrada, para compensar o meio copo que ele derramara no seu sapato e no meu. Fiquei um pouco irritado por me ver obrigado a ficar sentindo aquele cheiro, mas aí me lembrei que eu estava saindo com uma mulher que sempre cheirava a cerveja, quando não a uísque. Além disso, eu tinha passado a noite anterior sentindo voluntariamente cheiro de cerveja num botequim e me divertindo horrores. Por isso não havia razão para eu ficar de mau humor só porque o homem ao meu lado queria tomar umas enquanto o time da casa ganhava um jogo.

Comi dois cachorros-quentes, bebi um refrigerante e me levantei na hora do hino nacional, na hora em que os torcedores sempre se levantam para esticar as pernas na sétima entrada e para aplaudir Ojeda, que obrigara o último rebatedor a bater uma bola baixa e curvada para fora.

— Eles vão arrasar com o Dodgers nas finais — garantiu meu novo amigo. — Mas não sei se vão conseguir ganhar do Oakland Athletics.

Antes eu havia combinado de jantar com Willa. Passei no hotel para fazer a barba e colocar um terno, e então fui buscá-la. Ela trançara o cabelo de novo e passara a trança sobre a cabeça como se fosse uma tiara. Estava bonito, e eu disse a ela.

As flores ainda estavam na mesa da cozinha. Já não tão frescas, e algumas haviam perdido pétalas. Mencionei isso, mas Willa disse que queria mantê-las ali por mais um dia.

— Parece maldade jogá-las fora — disse ela.

Senti gosto de bebida em sua boca quando a beijei, e ela tomou uma dose de uísque enquanto decidíamos aonde ir. Nós dois estávamos com vontade de comer carne e por isso sugeri a Slate, uma churrascaria na Décima Avenida muito frequentada por policiais da delegacia do centro-norte e da Faculdade John Jay de Justiça Criminal.

Andamos até lá e pegamos uma mesa na frente, perto do bar. Não vi ninguém conhecido, mas diversos rostos me eram vagamente familiares e quase todos ali tinham jeito de ser policiais. Se alguém fosse burro o suficiente para assaltar o lugar, se veria cercado por homens de armas sacadas, e quase todos já meio bêbados.

Eu disse isso a Willa, que tentou calcular as chances de ocorrer um tiroteio.

— Há alguns anos eu não teria conseguido ficar sentada assim tranquila num lugar como este — contou ela.

— Por medo de um tiroteio? — perguntei.

— Por medo de que atirassem em mim de propósito, não sem querer. Ainda acho difícil acreditar que estou saindo com um ex-policial.

— Já arrumou muita confusão com policiais?

— Bom, perdi dois dentes — disse Willa, mostrando os dois pivôs que substituíam os dentes atingidos em Chicago. — Éramos muito perseguidos. Para todos os efeitos nossa identidade era

secreta, mas sempre achamos que o fbi tinha um espião dentro do partido. Você nem imagina o número de vezes que mandaram agentes para me interrogar. Ou para interrogarem demoradamente os vizinhos.

— Deve ter sido um inferno viver desse jeito.

— Era uma loucura, mas quase morri quando abandonei tudo.

— Eles não queriam deixar você ir?

— Não, não foi isso que eu quis dizer. É que o pcp foi o sentido da minha vida por muitos anos e, quando o deixei, foi como admitir que todos aqueles anos haviam sido um desperdício. Além do mais, eu estava em dúvida sobre a minha decisão. Às vezes pensava que o pcp tinha razão, que eu estava me vendendo, perdendo a chance de fazer alguma diferença no mundo. Isso é que impedia a gente de ir embora, sabe. O partido fazia com que nos víssemos como aqueles que faziam a diferença, que estavam na linha de frente da história.

Jantamos sem pressa. Willa comeu um filé com batata assada. Eu pedi um churrasco misto com legumes grelhados e nós dividimos uma salada Caesar. Ela bebeu uma dose de uísque como aperitivo e depois vinho tinto com o jantar. Pedi logo uma xícara de café e deixei que eles continuassem enchendo-a ao longo da refeição. No final Willa pediu café também, mas quis uma dose de armanhaque para acompanhar. A garçonete voltou e disse que não havia armanhaque e, por isso, ela se contentou com um conhaque. Devia estar bom, pois Willa bebeu tudo e ainda pediu mais.

A conta veio bem alta. Ela quis dividir e eu não protestei com muita ênfase.

— Na verdade — disse Willa, vendo a aritmética da garçonete —, eu devia pagar dois terços. Ou mais. Bebi um milhão de coisas, e você só tomou uma xícara de café.

— Pare com isso.

— E minha entrada foi mais cara também.

Pedi que ela parasse com aquilo e nós acabamos rachando a conta e a gorjeta. Quando saímos, Willa pediu que déssemos uma caminhada, pois estava um pouco tonta e achou que assim ia

melhorar. Estava um pouco tarde para mendigar, mas algumas pessoas ainda pediam dinheiro. Distribuí algumas notas aqui e ali. A mulher de xale com cara de louca levou uma delas. Estava com o bebê nos braços, mas não vi a outra criança, e tentei não imaginar o que tinha acontecido com ela.

Andamos alguns quarteirões em direção ao sul de Manhattan, e eu perguntei a Willa se ela se importava de passar no Paris Green. Ela me olhou, divertida.

— Para um cara que não bebe, você passa muito tempo em bares.

— Quero conversar com uma pessoa.

Pegamos a Nona Avenida, andamos até o Paris Green e nos sentamos no balcão. Meu amigo de barba desgrenhada não estava trabalhando, e eu nunca vira aquele barman antes. Era um cara muito jovem, com cabelos encaracolados bem cheios e um olhar meio perdido. Ele não sabia como entrar em contato com o outro barman. Fui falar com o gerente e descrevi o rapaz que eu procurava.

— É o Gary — disse ele. — Não está trabalhando hoje. Venha amanhã. Acho que ele vai estar aqui amanhã.

Perguntei se ele tinha o telefone do Gary. O gerente disse que não podia me dar o número. Pedi que ele ligasse ao Gary para mim e perguntasse se ele podia falar comigo.

— Não tenho tempo para isso — disse o gerente. — Não está vendo que preciso cuidar do restaurante?

Se eu ainda tivesse um distintivo, ele teria me dado o telefone sem discutir. Se fosse Mickey Ballou, poderia voltar com dois amigos e obrigá-lo a ficar nos vendo atirar todas as cadeiras e mesas do restaurante no meio da rua. Havia outra maneira de conseguir o que eu queria: poderia lhe oferecer cinco ou dez dólares pela informação. Mas não estava com vontade.

— Ligue para o Gary — disse eu.

— Acabei de dizer que...

— Ouvi o que você disse. Ligue para ele ou me dê a porra desse telefone.

Não sei que diabo eu poderia ter feito se ele tivesse recusado, mas alguma coisa no meu tom de voz ou na expressão do meu

rosto o assustou.

— Só um minuto — pediu o gerente, e foi lá para dentro.

Fiquei de pé ao lado do banquinho onde Willa estava sentada bebendo outro conhaque. Ela quis saber se estava tudo bem. Eu disse que sim.

Quando o gerente reapareceu, fui falar com ele.

— Ninguém atende — disse ele. — Este é o número. Se não acredita, tente você mesmo.

Peguei o pedaço de papel da mão dele.

— Por que eu não acreditaria em você? É claro que acredito.

O gerente me olhou, assustado.

— Desculpe — disse eu. — Não agi direito e lamento muito. Os últimos dias não têm sido fáceis.

Ele hesitou e então cedeu.

— Tudo bem — disse. — Não se preocupe.

— É esta cidade — disse eu, como se isso explicasse tudo.

E o gerente assentiu, como se explicasse mesmo.

Ele acabou pagando uma bebida para mim e outra para Willa. Havíamos sobrevivido juntos a um momento de tensão, e isso pareceu mais importante do que o fato de que a tensão fora criada por nós mesmos. Bebi outra Perrier, embora não estivesse com muita vontade, e Willa conseguiu arrumar espaço para mais um conhaque.

Quando saímos do Paris Green, o ar fresco pegou-a de surpresa e quase a derrubou. Ela agarrou meu braço e se equilibrou.

— Esta última dose de conhaque bateu fundo — anunciou Willa.

— Quem diria.

— O que você quer dizer com isso?

— Nada.

Ela se afastou de mim, visivelmente furiosa.

— Eu estou bem — disse. — Posso ir para casa sozinha.

— Não precisa se irritar, Willa.

— Não me diga o que sentir, seu certinho de merda. Sobriozinho de merda.

Ela começou a caminhar aos tropeções. Continuei a acompanhá-la sem dizer nada.

— Sinto muito — disse Willa.

— Deixe pra lá.

— Você não está zangado?

— Não, claro que não.

Falamos pouco até chegarmos ao prédio dela. Quando entramos no apartamento, Willa pegou as flores mortas do vaso e dançou com elas pela cozinha. Assobiou uma música, mas eu não consegui reconhecer qual. Após algumas voltas, parou e começou a chorar. Peguei as flores e coloquei-as na mesa. Abracei Willa, que soluçava. Quando suas lágrimas cessaram, eu a larguei e ela deu um passo para trás. Foi tirando a roupa e jogando cada peça no chão. Tirou tudo, foi para o quarto e se deitou na cama.

— Desculpe — disse. — Desculpe, desculpe, desculpe.

— Tudo bem.

— Fique comigo.

Fiquei lá até ver que Willa dormia profundamente. Depois fui para casa.

14

Na manhã seguinte, telefonei para Gary. Deixei tocar, mas ninguém atendeu — nem ele nem a secretária eletrônica. Depois do café da manhã tentei de novo, com o mesmo resultado. Dei uma longa caminhada e telefonei uma terceira vez, quando voltei ao hotel. Liguei a televisão, mas tudo que achei foram economistas falando sobre o déficit e evangélicos falando sobe o Dia do Juízo Final. Desliguei todos eles, e o telefone tocou.

Era Willa.

— Pensei em te telefonar antes, mas achei melhor ter certeza de que eu ia conseguir sobreviver — disse ela.

— Teve uma manhã difícil?

— E como! Fui muito chata ontem à noite?

— Não muito.

— Você poderia dizer que eu fiz qualquer coisa que eu não teria como provar que você estava errado. Não me lembro do final da noite.

— Você estava um pouquinho mal lá pelo fim.

— Lembro de beber uma segunda dose de conhaque no Paris Green. Lembro de dizer a mim mesma que eu não precisava beber só porque era de graça. O gerente nos ofereceu os drinques, não foi?

— Foi, sim.

— Talvez ele tenha colocado arsênico. De repente, teria sido melhor. Não me lembro de nada depois disso. Como cheguei em casa?

— Nós fomos andando.

— Eu fui muito desgradável?

— Não se preocupe — eu disse. — Você estava bêbada, não sabia o que estava fazendo. Não vomitou, não ficou agressiva nem cometeu nenhuma indiscrição.

— Tem certeza?

— Absoluta.

— Odeio não me lembrar. Odeio perder o controle.

— Sei como é.

Nos domingos à tarde há uma reunião no SoHo da qual sempre gostei. Fazia meses que eu não ia lá. Em geral, passava os sábados com Jan. Dávamos um giro por algumas galerias e íamos jantar. Eu dormia ali e, na manhã seguinte, ela preparava um enorme *brunch* para nós dois. Depois, dávamos uma caminhada, entrávamos em algumas lojas e, quando chegava a hora da reunião, íamos para lá.

Quando terminamos de namorar, eu parei de ir.

Peguei um metrô até o sul de Manhattan e entrei em diversas lojas na rua Spring e na West Broadway. A maioria das galerias de arte do SoHo fecha aos domingos, mas algumas ficam abertas, e eu gostei muito de uma das exposições que vi. Eram paisagens realistas do Central Park. Quase todas mostravam apenas a grama, as árvores e os bancos do parque, sem nenhum arranha-céu no fundo, mas mesmo assim ficava claro que você estava olhando para um ambiente urbano, por mais tranquilo e cheio de vegetação que fosse. De alguma maneira, o artista conseguira transmitir a energia frenética da cidade em seus quadros, embora eu não pudesse imaginar como ele tinha feito aquilo.

Fui à reunião e vi que Jan estava lá. Consegui prestar atenção ao que o orador dizia e aí, durante o intervalo, fui sentar ao lado dela.

— Engraçado — disse Jan. — Estava pensando em você hoje de manhã.

— Quase liguei para você ontem.

— Ah, é?

— Para ver se você queria ir ao Shea comigo.

— Que coisa. Eu assisti o jogo.

— Lá no estádio?

— Não, na televisão. É verdade que quase me ligou?

— Cheguei a ligar.

— A que horas? Passei o dia todo em casa.

— Deixei tocar duas vezes e desliguei.

— Lembro disso. Fiquei me perguntando quem seria. Na verdade...

— Achou que talvez fosse eu?

— Foi. A ideia me passou pela cabeça. — Ela estava com as mãos no colo e olhava para elas. — Acho que eu não teria aceitado o convite.

— Para ir ao jogo?

Ela assentiu.

— Mas nunca se sabe, não é? Como eu teria reagido. O que você teria dito e o que eu teria respondido — disse ela.

— Quer tomar um café depois da reunião?

Jan me encarou.

— Ah, acho que não, Matthew — disse ela. — Acho que não.

Eu ia começar a dizer alguma coisa, mas o coordenador bateu na mesa com um cinzeiro de vidro para indicar que o intervalo havia acabado. Voltei ao meu lugar. Levantei a mão quando a reunião estava quase no fim e, quando o coordenador indicou que estava na minha vez de falar, eu disse:

— Meu nome é Matt e eu sou um alcoólatra. Nas duas últimas semanas, passei muito tempo perto de pessoas que bebem. Às vezes por motivos profissionais, às vezes por motivos sociais, embora nem sempre seja fácil distinguir uma coisa da outra. Anteontem, passei uma ou duas horas num boteco tendo uma daquelas conversas intermináveis de bêbado. Igualzinho aos velhos tempos. A única diferença é que eu estava bebendo Coca-Cola.

Falei por mais alguns minutos, dizendo tudo que me veio à cabeça. Aí o coordenador passou a palavra para outra pessoa, e ela contou que seu prédio ia virar um condomínio cooperativo e que não sabia como ia arrumar dinheiro para comprar o apartamento que alugava.

Depois da oração e de ajudar a dobrar e empilhar as cadeiras, perguntei se Jan queria tomar um café.

— O pessoal gosta de ir à lanchonete da esquina — disse ela. — Quer ir também?

— Queria sair só com você.

— Não sei se é uma boa ideia.

Eu disse que iria com ela até onde ela fosse, e assim poderíamos conversar enquanto andávamos. Quando estávamos lá fora, caminhando juntos, não consegui mais me lembrar do que estava pensando em dizer. Ficamos em silêncio por algum tempo.

Senti saudades de você, pensei algumas vezes. Finalmente, eu disse isso em voz alta.

— Sentiu? — perguntou Jan. — Às vezes também sinto saudades de você. Às vezes penso em nós dois e fico triste.

— Eu também.

— Você tem saído com alguém?

— Eu não estava conseguindo me interessar por ninguém. Até a semana passada.

— E aí?

— Acabei me envolvendo. Sem estar procurando, que é como sempre acontece, não é?

— Mas ela não está no programa.

— Não mesmo.

— O que quer dizer? Que deveria estar?

— Quem sou eu para decidir isso? Mas não tem importância, pois a história não vai dar em nada.

Após alguns segundos, Jan disse:

— Acho que eu teria medo de ficar muito tempo com alguém que bebe.

— Esse provavelmente é um medo saudável.

— Sabe o Tom?

Ela descreveu um homem que fazia parte de um grupo do sul de Manhattan, mas não consegui me lembrar dele.

— Bom, ele se manteve sóbrio por vinte e dois anos — contou Jan. — Ia sempre às reuniões, era padrinho de várias pessoas, tudo. Num verão, foi passar três semanas em Paris. Estava andando pela rua quando começou a conversar com uma francesa bonita. E ela perguntou: “Quer beber uma taça de vinho?”.

— O que ele respondeu?

— Respondeu: “Por que não?”.

— Fácil assim.

— Fácil assim, depois de vinte e dois anos de sobriedade e Deus sabe quantas reuniões. “Por que não?”

— Ele conseguiu voltar para o programa?

— Até agora, não. Passa dois, três dias sóbrio, mas aí sai e bebe. Está com uma aparência horrível. Suas bebedeiras não duram muito porque depois de alguns dias ele acaba indo parar no hospital. Mas também não consegue permanecer sóbrio e, quando aparece nas reuniões, mal tenho coragem de olhar para ele. Acho que vai morrer.

— Na linha de frente — disse eu.

— O quê?

— Foi uma expressão que ouvi em algum lugar.

Dobramos a esquina e chegamos à lanchonete onde Jan ia encontrar seus amigos. Ela disse:

— Não quer entrar e tomar um café?

Respondi que não, e ela não tentou me convencer.

— Eu gostaria... — disse eu.

— Eu sei — disse Jan, pegando minha mão por um momento. — Um dia acredito que vamos conseguir nos sentir mais confortáveis um com o outro. Ainda é cedo demais.

— É o que parece.

— É *triste* demais. Dói demais.

Ela deu as costas para mim e caminhou na direção da lanchonete. Fiquei lá parado observando-a até que entrasse. Então comecei a andar, sem prestar muita atenção no caminho. Sem me importar muito com nada.

Quando meu humor melhorou, procurei um telefone público e liguei para o número de Gary. Ninguém atendeu. Peguei um metrô de volta até o norte, andei até o Paris Green e encontrei-o lá, no bar. Não havia ninguém bebendo, mas muita gente estava sentada às mesas, almoçando. Observei Gary colocando diversos Bloody Marys numa bandeja e depois enchendo duas tulipas com uma mistura de suco de laranja e champanhe.

— Ah, o mimosa — disse ele. — Esse drinque tem a sinergia contrária: o todo é menos que a soma de suas partes. Que se beba suco de laranja ou champanhe separados, mas jamais os dois juntos.

Gary pegou um pano e limpou o balcão na minha frente.

— E você quer beber o quê? — perguntou.

— Tem café?

Gary chamou o garçom e pediu que um café fosse trazido ali no balcão. Então se inclinou para perto de mim e disse:

— Bryce falou que você estava me procurando.

— Passei aqui ontem à noite. E depois liguei para a sua casa algumas vezes.

— Ah. Lamento, mas não dormi em casa ontem. Graças a Deus, ainda existem no mundo algumas senhoritas que acham um pobre barman uma criatura romântica e intrigante — explicou, dando um largo sorriso. — O que você queria comigo?

Contei a Gary a ideia que eu tivera. Ele escutou, assentindo.

— Claro — disse. — Posso fazer, sim. Mas o problema é que trabalho até as oito hoje. Por enquanto não tem muita gente pedindo bebidas, mas ninguém pode ficar no meu lugar. A não ser que...

— A não ser que o quê?

— Você acha que daria um bom barman?

— Não — afirmei. — Passo aqui às oito para pegar você.

Voltei ao hotel e tentei assistir ao final de um jogo de futebol americano, mas não consegui ficar parado. Saí de novo e dei uma caminhada. Em dado momento, me dei conta de que eu não tinha comido nada desde o café da manhã e me obriguei a parar para comprar uma fatia de pizza. Coloquei bastante pimenta-do-reino nela, torcendo para que isso me acordasse.

Cheguei ao Paris Green alguns minutos antes das oito e bebi uma Coca enquanto Gary fechava o seu caixa e, aliviado, constatava que as contas batiam. Saímos de lá juntos, e ele me perguntou qual era mesmo o nome do lugar para onde estávamos indo. Eu repeti, e Gary disse que não o conhecia.

— Mas não passo muito pela Décima Avenida — disse ele. — Grogan's Open House? Parece um bar irlandês como outro qualquer.

— E é isso mesmo.

Expliquei de novo o que eu queria que Gary fizesse e depois fui esperar do outro lado da rua, enquanto ele entrava no Grogan's pela porta da frente. Fiquei debaixo de uma marquise. Os minutos demoravam a passar e comecei a temer que algo tivesse dado inexplicavelmente errado e que eu o tivesse metido numa situação perigosa. Eu tentava me decidir se tornaria as coisas piores entrando no bar atrás dele, e ainda refletia sobre isso quando a porta se abriu e ele apareceu. Estava com as mãos nos bolsos e foi andando pela rua com tanta calma que mal acreditei.

Andei na mesma direção que ele por meio quarteirão, e então cruzei a rua para encontrá-lo.

— Eu conheço você? — disse Gary. — Qual é a senha?

— Reconheceu alguém?

— Sem dúvida. Eu não sabia se ia me lembrar da cara dele, mas assim que o vi tive certeza. E ele também me reconheceu.

— O que ele disse?

— Quase nada. Ficou me olhando e esperando eu pedir um drinque. Fingi que não sabia quem ele era.

— Muito bom.

— E ele também fingiu que não sabia quem eu era, mas dava para ver que tinha me reconhecido. Ficou me lançando olhares furtivos. Rá! Isso é que é consciência pesada, hein?

— É o que dizem.

— Não é um bar feio. Gostei do chão de azulejos e da madeira escura. Bebi duas garrafas de Harp e fiquei vendo dois caras jogando dardos. Um deles deve ter passado um bom tempo morando na Torre de Pisa. Achei que ia cair no chão de tanto que se inclinava, mas ele sempre mantinha o equilíbrio.

— Sei quem é.

— Ele estava bebendo Guiness. O gosto dessa cerveja é primitivo demais para o meu delicado paladar. Quem sabe misturando com suco de laranja — disse ele, estremecendo. — Deve ser engraçado trabalhar num lugar desse, onde as únicas

misturas que o barman tem de fazer são uísque com água e vodca com água tônica. Você pode passar a vida inteira sem nunca ouvir alguém te pedir um mimosa. Ou um Harvey Wallbanger. Ou um daiquiri hickory dickory.

— Que diabo é isso?

— Melhor nem saber — disse Gary, estremecendo de novo.

Perguntei se ele reconhecera mais alguém.

— Não, só o barman.

— Foi ele que você viu com Paula?

— O próprio.

Ele continuou a falar das delícias de se trabalhar num bar simples e honesto, sem vasos de samambaias e yuppies ambiciosos.

— Claro que as gorjetas lá são muito ruins — concluiu.

Isso me fez lembrar que eu tinha separado uma nota para Gary. Peguei-a no bolso e passei-a para ele.

Não consegui convencê-lo a aceitá-la.

— Você deixou minha vida mais animada — disse ele. — Só me custou dez minutos e duas cervejas. Um dia desses a gente senta e você me conta como foi o final da história, e eu até vou deixar você pagar as cervejas. Combinado?

— Combinado. Mas, às vezes, as histórias ficam sem final.

— Vou correr o risco.

Esperei quinze minutos e entrei no Grogan's. Não vi Mickey Ballou lá dentro. Andy Buckley estava nos fundos jogando dardos, e Neil estava atrás do balcão. Usava a mesma roupa de sexta-feira, colete de couro e camisa xadrez.

Encostei no balcão e pedi uma água com gás. Ele trouxe, e eu perguntei se Ballou estivera no bar.

— Deu uma passada aqui mais cedo — disse. — Deve voltar daqui a pouco. Quer que eu diga que você procurou por ele?

Respondi que não era nada importante.

Neil foi para a outra ponta do balcão. Enquanto bebia minha água, lancei alguns olhares na direção dele. Gary havia dito que ele estava com a consciência pesada, e era o que parecia. Eu não tinha

certeza se fora Neil quem me ligara naquele dia, pois a pessoa falara aos sussurros. Mas imaginava que tinha sido ele mesmo.

Eu não sabia o que mais poderia descobrir. Nem o que iria fazer com as informações que obtivesse.

Fiquei mais ou menos meia hora no Grogan's, e Neil passou o tempo todo do outro lado do balcão. Quando saí, eu só havia bebido alguns centímetros da água com gás. Neil esquecera de me cobrar por ela e eu nem me preocupei em lhe deixar uma gorjeta.

O gerente do Druid's Castle disse:

— Ah, o Neil. Neil Tillman, sei quem é. O que tem ele?

— Ele trabalhava aqui?

— Trabalhou por uns seis meses, algo assim. Saiu na primavera.

— Então ele e Paula trabalharam aqui na mesma época.

— Acho que sim, mas só posso dizer com certeza depois de verificar. O registro está no escritório do dono, que está trancado no momento.

— Por que Neil saiu do emprego?

Ele hesitou por apenas um segundo.

— As pessoas vêm e vão. É impressionante como ficam pouco aqui.

— Por que vocês o demitiram?

— Eu não disse que ele foi demitido.

— Mas foi, não foi?

O gerente se remexeu, constrangido.

— Prefiro não responder.

— Qual foi o problema? Ele estava vendendo drogas no restaurante? Roubando as gorjetas que o pessoal deixava no balcão?

— Acho que é melhor não falar sobre isso. Se passar aqui amanhã durante o dia, vai poder fazer suas perguntas para o dono. Mas...

— Ele talvez seja um suspeito — expliquei. — Quem sabe até de homicídio.

— Ela está morta?

— Parece que sim.

Ele franziu o cenho.

— Eu não devia dizer nada.

— Não vou divulgar o que você me contar. Será apenas para uso próprio.

— Foram os cartões de crédito — disse o gerente finalmente. — Não houve nenhuma prova concreta, por isso eu não queria dizer nada. Mas parecia que ele estava falsificando canhotos de cartões. Não sei bem o que ele estava fazendo ou como estava fazendo, mas havia alguma falcatrua acontecendo.

— O que você disse quando o demitiu?

— Não fui eu, foi o dono. Ele só disse a Neil que precisava mandá-lo embora, e ele nem discutiu. Só isso já foi uma admissão de culpa, não acha? Neil já trabalhava aqui fazia um bom tempo, e em geral não demitimos ninguém sem dizer o motivo. Mas ele nem quis saber.

— Como Paula se encaixava nessa história?

— Ela se encaixava? Nunca imaginei que sim. Ela saiu porque quis, não foi demitida. E tenho quase certeza de que ainda estava aqui quando Neil foi mandado embora. Se fosse cúmplice dele... bem, poderia ter sido, mas eles nunca me pareceram próximos. Não ficavam sussurrando pelos cantos. Nunca achei que os dois estivessem envolvidos de alguma maneira. Ninguém jamais comentou nada, e eu certamente não desconfiei.

Por volta da meia-noite, comprei dois copos descartáveis de café e me postei na esquina do outro lado da rua do Grogan’s. Fiquei debaixo de uma marquise, bebendo café e observando o lugar. Calculei que eu não seria notado ali. Havia muitas pessoas debaixo das marquises, algumas sentadas, outras deitadas. Minhas roupas eram melhores que as da maioria, mas não muito.

O tempo passou um pouco mais depressa do que quando eu tinha esperado por Gary. Eu me distraía pensando nos fatos que obtivera, e dez ou quinze minutos iam embora sem eu perceber. Mas em nenhum momento tirei os olhos da porta do Grogan’s. Você precisa pensar em outras coisas quando está de vigia, senão acaba

morrendo de tédio, mas aprende a se programar para que seus olhos o tragam de volta se por acaso registrarem algo no qual devia estar prestando atenção. De vez em quando alguém saía do bar, o que me fazia acordar e anotar quem fora.

Alguns minutos após uma da manhã, diversas pessoas saíram ao mesmo tempo, e pouco depois a porta se abriu para dar passagem a mais quatro ou cinco clientes. O único que reconheci foi Andy Buckley. A porta foi fechada após a saída do segundo grupo, e um minuto mais tarde as luzes de cima foram apagadas, o que deixou o bar na penumbra.

Andei um pouco e estaquei bem na frente do Grogan's. Dali dava para ver melhor a porta, embora a marquise debaixo da qual eu me espremia fosse mais estreita e menos confortável. Neil parecia estar se movimentando lá dentro, organizando o que quer que fosse antes de fechar o bar de vez. Recuei um pouco quando a porta se abriu, ele saiu arrastando um saco de lixo e atirou-o num latão ao lado. Em seguida voltou para dentro e ouvi a porta sendo trancada. Não foi um barulho alto, mas era possível ouvi-lo do outro lado da rua se você estivesse prestando atenção.

Os minutos se arrastaram. Então a porta se abriu mais uma vez e Neil saiu, baixando as grades de aço que havia na frente do bar e trancando-as. O salão do bar ainda estava fracamente iluminado. Deviam deixá-lo assim a noite toda, por questões de segurança.

Depois que ele trancou tudo, me levantei, pronto para segui-lo. Se ele pegasse um táxi, eu seria obrigado a desistir. E se entrasse numa estação de metrô, eu provavelmente o deixaria ir. Mas imaginei que talvez morasse por perto e que, se fosse para casa a pé, não seria muito difícil segui-lo. Não conseguira encontrá-lo na lista telefônica de Manhattan, por isso a maneira mais fácil de descobrir onde ele morava era deixar que ele me levasse até lá.

Não sabia bem o que ia fazer depois disso. Ia decidir na hora. Talvez eu abordasse Neil na porta de casa e visse se ele estava nervoso o suficiente para confessar alguma coisa. Talvez esperasse ele sair do apartamento para então tentar entrar nele. Mas primeiro ia segui-lo e ver aonde ele ia.

Só que ele não foi a lugar nenhum. Ficou espremido debaixo de uma marquise assim como eu ficara espremido na minha, encolhido

para se proteger do frio, levando as mãos à boca e soprando-as. Não fazia tanto frio assim, mas ele só estava de camisa e colete, sem um casaco por cima.

Neil acendeu um cigarro, fumou metade e jogou o resto fora. A guimba caiu no asfalto e provocou uma pequena chuva de brasas. Quando as brasas estavam quase apagadas, um carro que subia a Décima Avenida virou à direita e parou na frente do Grogan's, impedindo que eu visse Neil. Era um Cadillac comprido e prateado. Os vidros eram todos escuros e eu não pude ver quem estava dirigindo ou quantas pessoas havia lá dentro.

Por um instante, esperei por tiros. Achei que ia escutá-los, que ia ver o carro sair dali a toda e que ia encontrar Neil segurando a barriga e tombando no chão. Mas nada disso aconteceu. Ele se aproximou do carro. A porta do passageiro se abriu. Ele entrou e fechou-a.

O Cadillac partiu, deixando-me ali.

15

Quando eu estava no banho, achei que havia escutado o telefone. Assim que saí, ele tocou de novo. Amarrei uma toalha na cintura e fui atender.

— Scudder? É Mick Ballou. Acordei você, cara?

— Não, eu já tinha acordado.

— Muito bem. É cedo, mas eu preciso ver você. Pode ser daqui a dez minutos? Na frente do seu hotel?

— Vinte minutos.

— Mais cedo, se você puder. Senão, vamos chegar atrasados.

Atrasados aonde? Fiz a barba depressa e vesti um terno. Tivera uma noite ruim, cheia de sonhos sobre pessoas vigiando debaixo de marquises e tiros partindo de carros em fuga. Agora eram sete e meia da manhã e eu tinha um encontro com o Açougueiro. Por quê? Para quê?

Coloquei a gravata e peguei as chaves e a carteira. Não havia ninguém me esperando no *lobby*. Fui para fora e vi o carro estacionado bem na frente do hotel, ao lado de um hidrante. Era o Cadillac prateado e com vidros escuros. Mas agora eu podia ver Ballou ao volante porque ele baixara a janela do passageiro e estava inclinado sobre o banco, chamando-me com a mão.

Atravessei a rua e abri a porta. Ballou vestia um avental branco de açougueiro que o cobria do pescoço para baixo. Havia manchas cor de ferrugem no algodão branco, algumas bem vívidas e outras quase apagadas. Eu me perguntei se era uma boa ideia entrar num carro com um homem com aquela roupa, mas Ballou não fez nada que me deixasse temeroso. Ofereceu-me sua mão. Eu a apertei, entrei no carro e fechei a porta.

Ballou acelerou, seguiu até a esquina da Nona Avenida e parou no semáforo. Perguntou mais uma vez se havia me acordado, e eu garanti que não.

— O cara da recepção disse que você não estava atendendo o telefone — explicou ele. — Mas insisti para que ele tentasse de novo.

— Eu estava no banho.

— Mas você dormiu bem?

— Algumas horas.

— Nem cheguei a me deitar.

O semáforo abriu e Ballou virou rápido à esquerda, na frente dos carros que vinham da outra rua. Depois teve de parar no semáforo da rua 56. Ele apertara um botão para fechar minha janela, e eu observei a manhã através do vidro escuro. Estava um dia nublado, com ameaça de chuva no ar, e através da janela escura o céu ganhava um aspecto ameaçador.

Perguntei aonde estávamos indo.

— Na missa dos açougueiros — disse ele.

Aquilo me fez imaginar um estranho ritual herético, com homens de aventais cheios de sangue empunhando cutelos para sacrificar uma ovelha.

— Na Igreja de São Bernardo. Conhece?

— Na rua 14?

Ballou assentiu.

— Tem uma missa todos os dias às sete na nave principal. E, às oito, tem outra missa na sacristia à esquerda, com só meia dúzia de pessoas. Meu pai ia a essa segunda missa todas as manhãs antes do trabalho. Às vezes, me levava junto. Ele era açougueiro, trabalhava nos mercados daquelas bandas. Este avental era dele.

O semáforo abriu e descemos a rua. Os semáforos estavam programados para operar em sincronia, mas quando um estava desregulado Ballou desacelerava, olhava para a esquerda e para a direita e passava. Pegamos um semáforo que era impossível cruzar assim numa das ruas que dava no Túnel Lincoln, mas aí seguimos direto até a rua 14, onde ele virou à esquerda. A Igreja de São Bernardo ficava no primeiro terço do quarteirão, no lado da rua mais próximo do sul de Manhattan. Ballou parou o carro ali perto, na

frente de uma agência funerária. Uma placa ao lado dizia que era proibido estacionar entre nove da manhã e cinco da tarde.

Saímos do carro e Ballou acenou para alguém dentro da agência funerária. O letreiro do lugar dizia Twomey & Filhos, e eu imaginei que era Twomey ou um de seus filhos quem estava acenando de volta. Apertei o passo para acompanhar Ballou, subimos juntos a escada e passamos pela entrada principal da igreja.

Pegamos um corredor lateral e entramos num pequeno aposento à esquerda, onde havia cerca de uma dúzia de pessoas sentadas em cadeiras dobráveis. Ballou sentou na última fileira e indicou a cadeira ao lado da dele para mim.

Mais meia dúzia de pessoas entrou no aposento durante os minutos seguintes. Havia diversas freiras bem idosas ali, duas mulheres mais velhas, dois homens de terno, um com um uniforme verde-oliva, e quatro homens com aventais de açougueiro, além de Ballou.

Às oito, o padre chegou. Parecia ser das Filipinas, e falava inglês com um pouco de sotaque. Ballou abriu um livro para mim e me mostrou como acompanhar a missa. Eu me levantei, me sentei e me ajoelhei junto com os outros. Foi lido um trecho do Livro de Isaías e outro do Evangelho de Lucas.

Quando chegou a hora da comunhão, fiquei onde estava. Ballou também. Todos comungaram, exceto uma freira e um dos açougueiros.

A coisa toda não demorou muito. Assim que acabou, Ballou saiu apressado da sala e da igreja, e eu fui atrás.

Quando estávamos na rua, ele acendeu um cigarro e disse:

— Meu pai vinha a essa missa todas as manhãs antes do trabalho.

— Você me disse.

— Era em latim naquela época. O mistério acabou quando traduziram. Ele vinha todas as manhãs. Gostaria de saber o que ganhava com isso.

— O que *você* ganha?

— Não sei. Não venho com tanta frequência. Umas dez ou vinte vezes por ano. Venho três dias seguidos, mas aí passo um ou dois meses sem vir — contou Ballou, dando mais uma tragada no cigarro e jogando a guimba na rua. — Não me confesso. Não comungo nem rezo. Você acredita em Deus?

— Às vezes.

— Às vezes. Isso é o suficiente — disse ele, pegando meu braço. — Vamos para outro lugar. O carro pode ficar aqui mesmo. Twomey não vai deixar ninguém rebocá-lo ou multá-lo. Ele me conhece e conhece meu carro.

— Eu também conheço.

— Como assim?

— Vi seu carro ontem à noite. Anotei a placa, ia levar ao departamento de trânsito hoje para saber de quem era. Agora não preciso mais.

— Não ia descobrir muita coisa. Não sou o dono, o nome nos documentos do carro é outro.

— Tem outro nome na licença do Grogan's também.

— Tem, sim. Onde você viu o carro?

— Na rua 50, um pouco depois da uma da manhã. Neil Tillman entrou nele e vocês foram embora.

— Onde você estava?

— Do outro lado da rua.

— Dando uma vigiada?

— É isso aí.

Caminhávamos pela rua 14 na direção oeste. Atravessamos as ruas Hudson e Greenwich, e eu perguntei para onde íamos.

— Passei a noite acordado — explicou Ballou. — Preciso de um drinque. Depois de uma missa de açougueiros, a única coisa a fazer é ir a um bar de açougueiros.

Ele me olhou, divertido.

— Você vai ser o único cara de terno no lugar — disse. — Alguns vendedores o frequentam, só que nunca vão tão cedo. Mas sem problema. Açougueiros são bastante tolerantes. Ninguém vai ter preconceito contra você.

— Que bom ouvir isso.

Estávamos numa parte da cidade repleta de açougues e mercados que vendem carne. Havia diversos nos dois lados da rua, e homens usando aventais como o de Ballou tiravam carcaças de enormes caminhões e as prendiam em ganchos. O cheiro de carne morta dominava o ar como fumaça, mais forte do que o que escapava dos caminhões. No fim da rua, era possível ver nuvens negras descendo sobre o Hudson e os arranha-céus de Nova Jersey. Com exceção desses edifícios, a cena toda parecia saída do passado. Se os caminhões fossem puxados por cavalos, você juraria que estava no século xix.

Ballou me levou a um bar na esquina da rua Washington com a rua 13. O letreiro dizia apenas bar, e, caso o lugar tivesse outro nome, eles o estavam mantendo em segredo. Era um ambiente pequeno, e seu piso de madeira estava coberto de pó de serragem. Os dizeres de um quadro-negro anunciavam os sanduíches disponíveis, e havia um bule de café pronto. Fiquei feliz de vê-lo. Era um pouco cedo para tomar Coca-Cola.

O barman era um cara grandalhão que tinha a cabeça raspada e um grande bigode. Havia três homens no balcão, dois deles com aventais de açougueiro cheios de manchas bem vermelhas. Havia seis mesas quadradas de madeira escura, todas desocupadas. No balcão, Ballou pediu uma dose de uísque e uma xícara de café preto, e me levou até a mesa mais afastada da porta. Eu me sentei. Ele fez menção de sentar também, mas aí olhou para seu copo e viu que a dose não fora grande o bastante. Ballou foi até o balcão e voltou com a garrafa de uísque. Era um Jameson, mas de qualidade inferior ao que ele bebia em seu próprio bar.

Ele envolveu o copo com sua enorme mão e ergueu--o alguns centímetros no ar, num brinde silencioso. Ergui minha xícara de café. Ballou bebeu metade da dose de uísque como se fosse água.

— Precisamos conversar — disse.

— Tudo bem.

— No minuto em que olhei para a foto da garota, você soube. Não foi?

— Eu soube que havia alguma coisa.

— Você me pegou de surpresa. Entrou no bar para falar do pobre Eddie Dunphy. E depois contamos nossa vida um para o

outro, não contamos?

— Quase.

— Achei que você era um cara muito dissimulado, primeiro me fazendo relaxar para só depois me mostrar a foto dela. Mas não foi isso que você fez, foi?

— Não. Eu não sabia de nenhuma ligação entre ela e você, ou entre ela e Neil. Só estava tentando descobrir o que ia pela cabeça de Eddie.

— E eu não tinha nenhum motivo para desconfiar. Não sabia porra nenhuma de Eddie ou do que passava pela cabeça dele — afirmou Ballou, bebendo o resto do uísque e colocando o copo na mesa. — Matt, eu preciso que você entre no banheiro comigo e me mostre que não está gravando nossa conversa.

— Meu Deus.

— Não quero ficar fazendo rodeios. Quero dizer tudo que me vier à cabeça, mas não posso fazer isso se não tiver a certeza de que você não tem um gravador no bolso.

O banheiro era pequeno, imundo e fedorento. Nós dois não cabíamos lá dentro e, por isso, Ballou ficou do lado de fora segurando a porta. Eu tirei o paletó, a gravata e a camisa, e ainda abaixei as calças. Ele pediu desculpas por me fazer passar por aquilo, e segurou meu paletó enquanto eu me vestia. Levei o tempo necessário para deixar o nó da gravata perfeito, e então peguei o paletó da mão de Ballou e o vesti. Voltamos para mesa e nos sentamos. Ele se serviu de mais uísque.

— A garota está morta — disse.

Senti um peso caindo dentro do estômago. Meu instinto e meu raciocínio já haviam me dito que Paula estava morta. Mas parte de mim continuava torcendo para que eu estivesse errado.

— Quando aconteceu? — perguntei.

— Em julho. Não sei o dia exato — disse Ballou, envolvendo o copo com a mão sem erguê-lo da mesa. — Antes de Neil vir trabalhar comigo, ele era barman de um lugar para turistas.

— O Druid's Castle.

— Você já havia descoberto isso, claro. Ele tinha um esquema lá.

— Com os cartões de crédito.

Ballou assentiu.

— Ele veio me oferecer sociedade e eu o pus em contato com uma pessoa. Dá para ganhar muita grana com esses cartõezinhos de plástico, mas não gosto desse tipo de negócio, pelo menos não para mim. Não é uma coisa sólida, são só números. Mas todo mundo se deu bem. Até que o pessoal do restaurante percebeu o que estava acontecendo e demitiu Neil.

— Foi lá que ele conheceu Paula.

Ele assentiu.

— Ela estava ajudando Neil. Imprimia recibos em sua própria maquineta antes de levar os cartões para o caixa. Além disso, às vezes davam os carbonos para Paula jogar fora, mas, em vez de fazer isso, ela os entregava a Neil. Quando Neil foi despedido, ela continuou lá, passando canhotos dos recibos e carbonos para ele. Neil tinha outras meninas em outros restaurantes que também faziam isso. Mas aí Paula pediu demissão. Não queria mais ser garçonete.

Ballou pegou o copo, deu um gole e continuou:

— Paula foi morar com Neil. Não entregou o apartamento que tinha, assim seus pais não iriam saber o que estava fazendo. De vez em quando ia ao meu bar enquanto ele estava trabalhando, mas na maioria das vezes ia buscá-lo só quando o turno dele terminava. Neil não trabalhava só como barman.

— Ele ainda tinha o esquema dos cartões?

— Não, isso não durou. Mas ele encontrou outros serviços para fazer. Se você lhe dissesse a marca de carro que queria, Neil roubava para você. Roubou alguns caminhões com outros caras. Isso dá bastante dinheiro.

— Aposto que sim.

— Os detalhes não importam. Ele não era má pessoa. Mas eu não gostava de ver Paula por ali.

— Por quê?

— Porque ela não se encaixava. Estava querendo se divertir um pouco, mas não pertencia de verdade àquela vida. O que o pai dela faz?

— Vende carros japoneses.

— Imagino que não sejam carros roubados.

— É muito improvável.

Ballou tirou a tampa da garrafa e ergueu-a no ar. Perguntou se eu queria mais café.

— Não, obrigado.

— Eu também deveria estar bebendo café. Mas quando fico acordado a noite toda, o uísque é como café para mim, me deixa ligado — disse, servindo-se de mais uma dose. — Paula era uma menina certinha de Indiana. Roubava, mas só pela emoção da coisa. Não se pode confiar em quem faz isso, é quase tão ruim quanto matar só para sentir a emoção disso. Um bom ladrão não rouba por emoção. Rouba porque quer dinheiro. E os melhores ladrões roubam porque nasceram ladrões.

— O que aconteceu com Paula?

— Ela ouviu algo que não devia.

— O quê?

— Você não precisa saber. Ah, que diferença faz? Uns italianos filhos da puta trouxeram um monte de heroína para a cidade e venderam, e alguém atirou em todos e roubou o dinheiro deles. Saiu no jornal. A notícia estava toda errada, mas talvez você se lembre de ter lido.

— Lembro, sim.

— Neil levou Paula para a fazenda. Existe uma fazenda no condado de Ulster que está no nome de outro homem, mas ela é minha, assim como o carro e o Grogan's são meus — disse Ballou, tomando mais um gole. — Não sou dono de porra nenhuma, dá para acreditar? Um cara me deixa dirigir seu carro e outro me deixa morar num apartamento, mesmo com o nome dele no contrato. E tem um casal, a família dele é do condado de Westmeath, ele sempre gostou do campo. Ele e a mulher vivem lá, e têm a escritura da fazenda. Ele ordenha as vacas e alimenta os porcos, e ela dá milho para as galinhas e recolhe os ovos que elas põem. E eu posso ir lá sempre que quiser. E se um escroto do Imposto de Renda quiser saber de onde vem meu dinheiro, posso dizer: "Que dinheiro? Nada do que é meu eu precisei comprar".

— Então Neil levou Paula para a fazenda — insisti.

— Todo mundo estava relaxado, falando livremente, e a menina ouviu demais. E ela não teria aguentado. Se alguém lhe fizesse uma

pergunta, ia se comportar como uma boa menina protestante de Indiana e contar tudo. Por isso, mandei Neil se livrar dela.

— Você mandou que ele a matasse?

— Porra nenhuma!

Ballou bateu o copo com força na mesa e, por um minuto, achei que sua raiva fosse dirigida a mim, que a mera pergunta o houvesse enfurecido.

— Eu nunca mandei Neil matar a menina — disse ele. — Falei que ele precisava tirá-la de Nova York. Ela não ia ser uma ameaça para ninguém se não estivesse aqui. Ninguém ia procurá-la em Indiana para lhe fazer perguntas, nem a polícia nem aqueles italianos de merda. Mas, se continuasse na cidade, sempre poderia acabar sendo um problema.

— Mas Neil se confundiu com as suas ordens?

— Não. Sei disso porque ele veio me dizer que estava tudo resolvido, que Paula tinha entrado num avião para Indianápolis e que nunca mais íamos vê-la de novo. Neil me garantiu que ela entregara as chaves do apartamento e que estava a caminho de casa. Que ninguém precisava mais ficar nervoso por causa dela.

Ballou pegou o copo de novo, mas mudou de ideia e colocou-o na mesa, empurrando-o alguns centímetros para longe.

— Naquela noite, quando eu virei o cartão que você me deu e vi a foto dela, senti um arrepio. Por que alguém estaria procurando por uma garota que estava em casa com os pais?

— O que aconteceu?

— Foi isso que eu perguntei a ele. “O que aconteceu, Neil? Se você mandou a menina para casa, por que os pais dela contrataram um cara para procurá-la?” Ele disse que ela foi de avião até Indiana, mas não ficou lá. Acabou indo para Los Angeles com a ideia de tentar fazer fortuna em Hollywood. “E nem entrou em contato com os pais para avisar?” Bom, disse ele, talvez tenha acontecido algo com ela por lá. Talvez tenha se viciado em drogas ou se metido com as pessoas erradas. Afinal, Paula estava fazendo bobagem aqui, quem sabe não teria cometido o mesmo erro lá? Eu sabia que ele estava mentindo.

— Claro.

— Mas achei melhor esperar algum tempo antes de tomar uma providência.

— Neil me ligou — contei. — Deve ter sido sábado de manhã, bem cedo. Provavelmente só algumas horas depois de fechar o Grogan's.

— Foi nessa noite que conversei com ele. Nós trancamos a porta do bar, desligamos a luz e bebemos uísque enquanto ele me dizia que Paula havia ido para Hollywood virar estrela de cinema. O que ele disse para você?

— Que eu deveria parar de procurar por ela. Que estava perdendo meu tempo.

— Que idiota. Que coisa idiota dar esse telefonema. Aí, sim, você soube que tinha algo para investigar, não foi?

— Eu já sabia.

Ballou assentiu.

— Fui eu que entreguei, não é? Mas eu nem sabia que tinha algo para entregar. Jurava por Deus que a menina estava em casa, em Indiana. Qual o nome da cidade?

— Muncie.

— Muncie, isso.

Ele olhou para seu uísque e deu outro gole. Nunca bebi muito uísque irlandês, mas subitamente me lembrei do gosto. Não é tão enfumaçado quanto uísque ou tão oleoso quanto burbom. Bebi depressa o resto do café, como se ele fosse um antídoto.

— Eu sabia que Neil estava mentindo — disse Ballou. — Dei um pouco de tempo para que ele ficasse bem nervoso, e ontem à noite nós demos um longo passeio no campo e eu arranquei tudo dele. Fomos para Ellenville. É onde fica a fazenda. Foi para lá que ele a levou.

— Quando?

— Sei lá. Em julho. Neil disse que a levou lá para um último fim de semana, uma recompensa antes de ela voltar para casa. Disse que deu um pouco de cocaína para a garota e que o coração dela parou. Garantiu que não deu muito, mas com cocaína nunca se sabe, ela pode surpreender você.

— E foi assim que Paula morreu?

— Não. Porque o filho da puta estava mentindo. Mas eu arranquei a verdade dele. Neil levou Paula até a fazenda e disse que ela precisava voltar para casa. Mas ela se recusou. Bebeu, ficou violenta e começou a ameaçar ir à polícia. Ela estava fazendo muito barulho, e Neil temeu que fosse acordar o casal que toma conta do lugar. Ao tentar silenciá-la, bateu forte demais e a matou.

— Mas isso também é mentira — disse eu. — Não é?

— É. Por que ele ia levar a garota para uma fazenda a cento e cinquenta quilômetros daqui só para dizer que ela precisava sair da cidade? Meu Deus, que mentiroso! — exclamou Ballou, dando um sorriso de tubarão. — Mas eu não precisei ler os direitos dele. Ele não tinha direito de permanecer em silêncio para não se prejudicar. Ele não tinha direito a um advogado.

Sem perceber, Ballou tocou uma das manchas mais recentes de seu avental.

— Acabou contando tudo — disse ele.

— E?

— Ele levou Paula até a fazenda para matá-la, é claro. Jurou que ela jamais teria concordado em voltar para casa. Disse que já a sondara. Tudo que ela fazia era garantir que podíamos confiar nela. Então Neil a levou até a fazenda, embebedou-a, levou-a para o quintal e transou com ela na grama. Tirou todas as roupas dela, trepou com ela à luz do luar. Depois, quando Paula estava deitada lá, ele pegou uma faca e deixou que ela visse. Ela perguntou: “O que é isso, o que você vai fazer?”. E ele a esfaqueou.

Minha xícara de café estava vazia. Deixei Ballou sentado à mesa e levei a xícara até o balcão para que o barman a enchesse. Ao voltar, achei que a serragem do chão estava embebida em sangue. Imaginei que pudesse ver o sangue e sentir seu cheiro. Mas na verdade estava vendo cerveja velha que fora derramada ali e sentindo o cheiro da carne lá fora.

Quando me sentei, Ballou estava observando a foto que eu lhe dera.

— Ela era uma menina bonita — disse, sem emoção. — Mais bonita ainda do que se vê nesta foto. Era cheia de vida.

— Até Neil matá-la.

— Até Neil matá-la.

— Ele a deixou lá? Quero pegar o corpo dela e entregá-lo à família.

— Impossível.

— Posso fazer isso sem iniciar uma investigação. Acho que os pais de Paula cooperariam se eu explicasse a eles. Principalmente se dissesse que a justiça já foi feita.

A frase era um lugar-comum, mas expressava o que eu queria dizer. Encarei Ballou.

— A justiça foi feita, não foi? — perguntei.

— A justiça? E a justiça alguma vez é feita? — perguntou ele, franzindo o cenho e refletindo enquanto sentia o aroma de seu uísque. — A resposta à sua pergunta é sim.

— Foi o que pensei. Mas o corpo...

— Você não pode recuperá-lo, cara.

— Por que não? Neil não contou onde a enterrou?

— Ele não chegou a enterrá-la.

Ballou estava com a mão sobre a mesa e, ao dizer isso, cerrou o punho. Os nós de seus dedos ficaram brancos.

Eu esperei.

— Falei para você como é a fazenda — disse ele. — Para mim é só uma casa de campo, mas o casal que mora lá, os O'Mara, gosta de cuidar dela como se fosse uma fazenda. A mulher tem uma horta, e os dois passam o verão todo me dando milho e tomates. E abobrinha, estão sempre querendo que eu leve abobrinhas.

Ballou abriu a mão, espalmando-a sobre a mesa.

— Ele tem duas dúzias de vacas Holstein. Vende o leite delas e fica com o lucro. Eles tentam me dar leite, mas para que eu vou querer? Já os ovos são os melhores que existem. As galinhas são criadas soltas. Sabe o que isso significa? Que têm de ciscar para se alimentar. Olha, isso faz um bem danado a elas. As gemas são amarelo-escuras, quase laranja. Um dia vou lhe dar uns ovos desses.

Eu não disse nada.

— Tem porcos lá também — continuou Ballou.

Tomei um gole de café. Senti um rápido gosto de burbom e achei que Ballou colocara a bebida em minha xícara quando eu me levantara da mesa. Mas claro que isso era uma bobagem, eu tinha

levado a xícara comigo, e na garrafa em cima da nossa mesa havia uísque irlandês, e não burbom. Mas eu costumava beber café com burbom, e minha mente estava brincando comigo, me mostrando sangue na serragem do chão e colocando álcool em meu café.

— Todo ano alguns fazendeiros desmaiam de bêbados no chiqueiro dos porcos ou escorregam e batem a cabeça. Sabe o que acontece com eles? — perguntou Ballou.

— Me conte.

— São comidos pelos porcos. Porcos são assim mesmo. No campo, tem homens que colocam anúncios dizendo que podem se livrar da carcaça de uma vaca ou de um cavalo para você. Os porcos precisam de um pouco de carne na dieta, entende? Eles têm desejo de carne e ficam mais fortes quando a comem.

— E Paula...

— Ah, meu Deus — disse ele.

Senti vontade de uma bebida. Um homem pode querer beber por centenas de motivos, mas eu queria beber pelo mais comum de todos: não desejava sentir o que estava sentindo. Uma voz me dizia que eu precisava beber, que não seria capaz de suportar.

Mas aquela voz mentia. Sempre somos capazes de suportar a dor. Ela vai ser lancinante, vai queimar como ácido na ferida, mas você vai aguentar. E, enquanto se forçar a escolher a dor e não o alívio, vai poder seguir em frente.

— Acredito que ele quis fazer isso — disse Mickey Ballou. — Matá-la com sua faca, jogá-la no chiqueiro e ficar lá com os braços apoiados na cerca, assistindo os porcos atacando-a. Não era necessário nada disso. Paula teria concordado em voltar para casa, e ninguém teria mais ouvido falar nela. Neil poderia tê-la assustado, mas não precisava matá-la. Por isso acho que ele fez mesmo por prazer.

— Não foi o primeiro.

— É verdade — concordou Ballou com veemência. — E, às vezes, é possível encontrar alegria nesse ato. Você já experimentou essa alegria?

— Não.

— Eu já.

Ele virou a garrafa para poder ler o rótulo. Sem me olhar, disse:

— Mas não se mata sem um bom motivo. Não se inventa um motivo apenas para dar a si mesmo uma justificativa para derramar sangue. E, porra, não se mente sobre isso para quem você não deveria mentir. Neil matou Paula na porra da minha fazenda, alimentou a porra dos meus porcos com ela e depois me fez acreditar que ela estava assando biscoitos na cozinha da mãe dela nos cafundós de Muncie, em Indiana.

— Você foi buscá-lo no bar ontem à noite.

— Isso.

— E foi com ele até o Condado de Ulster, acho que é esse o nome. Para a fazenda.

— Fui.

— E ficou acordado a noite toda.

— Fiquei. É uma longa viagem de ida e de volta, e eu queria ir à missa hoje de manhã.

— À missa dos açougueiros.

— Exato.

— Deve ter sido cansativo ir e voltar de lá. E imagino que você tenha bebido.

— Bebi mesmo, e fiquei cansado de dirigir. Mas naquele horário não tem trânsito.

— Isso é verdade.

— E, na ida, Neil estava me fazendo companhia.

— E na volta?

— Liguei o rádio.

— Deve ter ajudado a mantê-lo acordado.

— Ajudou, sim. Os Cadillacs têm ótimos rádios. Alto--falantes na frente e atrás, e um som límpido como um bom uísque. Sabe, o corpo de Paula não foi o primeiro a ser jogado naquele chiqueiro.

— Nem o último?

Ballou assentiu, lábios apertados, olhos duros e verdes como pedra.

— Nem o último — confirmou.

16

Saímos do bar dos açougueiros e caminhamos pela rua 13 até a Greenwich, depois subimos a rua 14 e viramos para leste, indo até onde Ballou deixara o carro. Ele queria me dar uma carona até o norte de Manhattan, mas eu não estava indo para lá, e disse que seria mais fácil pegar um metrô do que enfrentar o trânsito daquela parte da cidade. Ficamos em silêncio por alguns segundos. Então Ballou me deu um tapa no ombro, contornou o carro e se encaminhou para o lado do motorista. Eu caminhei na direção da Oitava Avenida, onde ficava a estação de metrô.

Fui até o sul da ilha e, quando saí da estação, a primeira coisa que fiz foi procurar um telefone. Não queria ligar de um telefone público de rua. Encontrei um no saguão de um prédio comercial. Ele ficava dentro de uma cabine com uma porta que você podia fechar, ao contrário dos telefones de rua, que ficavam ao ar livre.

Antes liguei para Willa. Nós nos dissemos os ois e os como-vai iniciais e depois a interrompi no meio de uma frase. Eu disse:

— Paula Hoeldtke está morta.

— Ah. Você já suspeitava, não é?

— E agora confirmei.

— Sabe como aconteceu?

— Sei mais do que queria saber. Não quero contar pelo telefone. Mas preciso ligar para o pai dela.

— Não invejo você.

— Pois é. E tenho outras coisas para fazer, mas queria vê-la mais tarde. Não sei quanto tempo vou demorar. Posso passar aí lá pelas cinco ou seis?

— Estarei aqui.

Desliguei e fiquei sentado na cabine por alguns minutos. O ar ficou abafado e eu abri a porta. Depois de algum tempo fechei-a de novo, e uma luzinha que indicava que a cabine estava ocupada se acendeu. Peguei o fone e disquei o número dos Hoeldtke. Quando a telefonista atendeu, dei-lhe meu nome e o nome do sr. Hoeldtke, dizendo que queria fazer uma ligação a cobrar.

Quando ele atendeu, eu disse:

— É Matthew Scudder. Passei muito tempo sem chegar a lugar algum, mas descobri muita coisa de repente. Ainda não sei de tudo, mas achei melhor ligar. A situação não parece boa.

— Entendo.

— Na verdade, parece muito ruim, senhor Hoeldtke.

— Era o que eu temia. Eu e minha mulher temíamos isso.

— Vou saber mais detalhes hoje, ou talvez amanhã. Ligo assim que isso acontecer. Mas sei que o senhor e sua esposa estavam torcendo por boas notícias, e eu só queria dizer que não creio que vá poder lhe dar nenhuma.

— Obrigado por ligar — disse o sr. Hoeldtke. — Estarei aqui até as seis, depois estarei em casa a noite toda.

— Eu ligo para o senhor.

Passei as horas seguintes entrando e saindo de diversos lugares. Quase todas as informações que eu queria estavam disponíveis a quem quisesse obtê-las, mas precisei passar uns dólares aqui e ali para consegui-las. Nova York é assim mesmo. Muita gente que trabalha para a administração municipal considera seu salário uma espécie de base que eles recebem por comparecerem ao trabalho todas as manhãs. Mas se forem fazer qualquer coisa, querem ganhar um extra. Inspetores de elevador esperam um suborno para atestar que determinado elevador é seguro. Outros funcionários esperam algum por fora para conceder a você a licença de construção de um prédio, ou para ignorar uma infração qualquer, real ou imaginária, cometida por um restaurante, ou para fazer qualquer trabalho que por contrato eles têm a obrigação de fazer. As pessoas de fora da cidade devem ficar

atônitas com isso, mas quem vive em países árabes provavelmente acha a situação familiar e compreensível.

Os favores que eu queria eram rotineiros, por isso a grana exigida foi só a de praxe. Paguei cerca de cinquenta dólares, talvez um pouco mais. E, aos poucos, comecei a descobrir o que queria.

Pouco antes do meio-dia, liguei para um serviço do aa e disse ao voluntário que atendeu que eu não estava com meu guia de reuniões e queria saber se havia alguma perto da prefeitura. Ele me passou um endereço na rua Chambers, e eu cheguei lá na hora do preâmbulo. Fiquei a reunião toda. Não sei se ouvi uma palavra do que disseram, e só contribuí com minha presença física e com o dólar que coloquei na cestinha. Mas quando saí estava feliz por ter ido.

Comi um hambúrguer com um copo de leite depois da reunião, fui a outros escritórios e subornei mais funcionários públicos. Estava chovendo quando deixei o último lugar e caminhei até o metrô, mas o sol apareceu quando saí na rua 50 e andei até a delegacia do centro-norte.

Cheguei lá em torno das três e meia. Joe Durkin não estava. Eu disse que esperaria por ele e pedi que, se Durkin ligasse, lhe contassem que eu estava ali e que tinha algo importante a dizer. Aparentemente ele ligou mesmo e recebeu o recado, pois, quando surgiu quarenta e cinco minutos mais tarde, a primeira coisa que fez foi me perguntar o que havia de tão importante.

— Tudo é importante — respondi. — Você sabe o quanto vale o meu tempo.

— Mais ou menos um dólar por hora, não é?

— Às vezes até mais.

— Mal posso esperar para me aposentar. Aí, vou virar detetive particular e ganhar dinheiro de verdade.

Fomos lá para cima e nos sentamos no escritório dele. Peguei um pedaço de papel com um nome e um endereço escritos e coloquei-o na sua frente. Durkin olhou para ele, olhou para mim e disse:

— E?

— Vítima de roubo e homicídio.

— Eu sei. Lembro do caso. Foi resolvido.

— Pegaram o cara?

— Não, mas sabemos quem é. Um viciadinho desses que fez vários roubos iguais, subindo no topo do prédio e descendo pela escada de incêndio. Não conseguimos provar que ele fez este, mas o prendemos por vários outros. O defensor público dele obrigou-o a se declarar culpado para conseguir uma pena menor, mas ele ainda pegou... não sei, alguns anos. Posso ver.

— Mas vocês não tinham provas de que ele havia cometido esse crime aí.

— Não, mas era tão parecido com os outros que demos o caso por encerrado. Também não tínhamos muitas pistas para seguir. Nenhuma testemunha, nenhum objeto tocado pelo ladrão, nada. Por quê?

— Gostaria de ver o laudo da autópsia.

— Por quê?

— Depois eu falo.

— Ela foi esfaqueada e morreu. O que mais você precisa saber?

— Depois eu falo. E já que você vai me dar esse laudo...

— O quê?

Peguei outro pedaço de papel e coloquei sobre a mesa dele.

— Me dê estes aqui também.

Durkin me olhou espantado.

— Que história é essa?

— Ah, o de sempre. Um cachorro que não larga o osso. Se eu tivesse mais coisas para me ocupar, não ia ficar tão obcecado. Mas você sabe que cabeça vazia é oficina do diabo.

— Porra, Matt. Pare de brincadeira. Arrumou mesmo um caso?

— Veja se consegue esses laudos para mim. Vamos ver o que eu arrumei.

17

Quando cheguei ao prédio de Willa, ela estava usando a calça branca com outra blusa de seda, uma verde-limão. Seus cabelos estavam soltos, cascateando pelos ombros. Depois de abrir a porta que dava para a rua, encontrei-a me esperando no umbral de seu apartamento. Trocamos um beijo rápido e Willa me olhou, preocupada.

— Você parece exausto — disse. — Esgotado.

— Não dormi muito bem esta noite. Acordei bem cedo hoje e passei o dia todo trabalhando.

Willa me puxou gentilmente para dentro e fechou a porta.

— Por que não dorme um pouco agora? — sugeriu. — Acha que consegue?

— Estou agitado demais. E ainda tenho coisas para fazer.

— Bom, pelo menos posso lhe fazer um café decente. Fui a uma dessas lojas chiques hoje, onde eles vendem cinquenta tipos de misturas diferentes, uma mais cara do que a outra. Acho que cobram por grão. E sabem lhe dizer tudo sobre o grão, de que país ele vem e que tipo de animal faz o cocô usado para adubá-lo. Comprei meio quilo de três tipos diferentes de café e uma cafeteira elétrica que faz tudo, menos bebê-lo para você.

— Parece maravilhoso.

— Vou lhe preparar uma xícara. Pedi que eles moessem os grãos para mim. Queriam me vender um moedor, para que cada xícara que eu preparasse estivesse no auge do frescor. Mas aí já achei demais.

— Tem toda a razão.

— Prove, me diga o que achou.

Dei um gole e coloquei a xícara na mesa.

— Está bom.

— Só bom? Ah, desculpe, Matt. Seu dia foi longo e difícil, não foi? E eu não paro de tagarelar. Por que não senta? Vou tentar ficar quieta.

— Não se preocupe. Mas queria dar um telefonema antes, se você não se importar. Quero ligar para Warren Hoeldtke.

— O pai de Paula?

— Ele já deve ter chegado em casa.

— Quer que eu saia enquanto você fala com ele?

— Não, fique aqui. Assim você ouve tudo logo, e eu não preciso repetir a história.

— Tem certeza?

Assenti. Willa se sentou enquanto eu pegava o telefone e discava o número da casa dos Hoeldtke, dessa vez sem me incomodar em ligar a cobrar. A sra. Hoeldtke atendeu e, quando pedi para falar com seu marido, ela disse:

— É o senhor Scudder? Ele estava esperando o seu telefonema. Só um minuto, vou chamá-lo.

Quando Warren Hoeldtke atendeu, ele me cumprimentou com a voz de um homem que estava se preparando para o pior.

— Lamento, mas tenho más notícias — disse eu.

— Diga.

— Paula está morta. Ela morreu no segundo fim de semana de julho. Não consegui descobrir a data exata.

— Como aconteceu?

— Ela passou o fim de semana num barco com um amigo e um casal. Esse outro homem, não o amigo dela, possuía uma lancha que ele mantinha numa marina em City Island, no Bronx. Os quatro saíram com a lancha para alto-mar.

— E houve um acidente?

— Não exatamente — disse eu.

Peguei a xícara e tomei um gole de café. Era mesmo muito bom.

— Lanchas como essa são muito cobiçadas hoje em dia. O senhor deve saber que tráfico de drogas dá muito dinheiro.

— As pessoas com quem Paula estava eram traficantes?

— Não. O amigo de Paula era analista de seguros. O outro homem também trabalhava em Wall Street, e a mulher era dona de uma galeria na avenida Amsterdam. Eram pessoas respeitáveis. Não acredito nem que usassem drogas, quanto mais traficassem.

— Entendo.

— Mas a lancha deles podia ser usada para o tráfico. Por isso, tornou-se um alvo de piratas. Esse tipo de pirataria tem sido muito comum no Caribe. Quem passeia de lancha nessa região leva uma arma a bordo e atira em qualquer barco que se aproxime demais. A pirataria é menos comum nas águas mais ao norte, mas está começando a se tornar um problema. Uma gangue de piratas se aproximou da lancha em que Paula estava, fingindo problemas em seu próprio barco. Conseguiram subir a bordo e fizeram o que os piratas sempre fazem. Mataram todos e levaram a lancha.

— Meu Deus.

— Sinto muito. Não há maneira gentil de dizer isso. Pelo que pude concluir, tudo foi muito rápido. Eles subiram na lancha já com as armas em punho, e não perderam tempo antes de atirar. Ela não deve ter sofrido muito. Nem ela nem os outros.

— Minha nossa. Como é possível que coisas assim aconteçam hoje em dia? Quando ouço a palavra “piratas”, penso em homens com brincos de ouro, pernas de pau e... e papagaios. Como Errol Flynn naqueles filmes. Uma coisa que faz parte do passado.

— Eu sei.

— Saiu alguma coisa no jornal sobre isso? Não me lembro de ter lido nada.

— Não, não há nenhum registro oficial do incidente.

— Quem era o homem? E o outro casal?

— Prometi a uma pessoa que não diria os nomes deles. Quebrarei a promessa se o senhor insistir, mas prefiro não ter de fazer isso.

— Por quê? Ah, posso adivinhar.

— O homem era casado.

— Foi o que imaginei.

— E os outros dois também eram casados, mas não um com o outro. Revelar seus nomes não iria servir para nada; os familiares deles vão preferir ser poupados desse embaraço.

— Entendo — disse o sr. Hoeldtke.

— Eu não manteria o segredo se houvesse alguma investigação a ser feita, algo para a polícia ou a guarda costeira ir atrás. Mas o caso foi encerrado antes mesmo de ser aberto.

— Como assim? Porque Paula e os outros estão mortos?

— Não, porque os piratas também estão mortos. Foram assassinados a tiros numa negociação que deu errado. Aconteceu algumas semanas depois de roubarem a lancha, e, se não fosse por isso, dificilmente eu teria descoberto como Paula morreu. Mas uma pessoa que conheço e que fez parte da negociação me contou o que sabia, e eu consegui investigar o resto da história.

O sr. Hoeldtke tinha mais algumas perguntas, e eu respondi a todas. Passara o dia inteiro inventando a história e, por isso, estava preparado para cada uma delas. A última até que demorou; eu esperara que o sr. Hoeldtke a fizesse logo no início, mas creio que foi difícil para ele.

— E os corpos?

— Foram jogados no mar.

— Sepultados no mar — repetiu Warren Hoeldtke.

Ele ficou em silêncio por alguns segundos e então disse:

— Paula sempre gostou de água. Quando ela era...

O sr. Hoeldtke se interrompeu por um momento, a voz cortada pelo choro.

— Quando ela era criança — continuou, controlando-se —, passávamos as férias de verão no lago, e era impossível tirá-la da água. Eu dizia que Paula era um peixinho, ela nadava o dia todo, se deixássemos. Adorava água.

Ele pediu que eu esperasse enquanto contava o que eu lhe dissera para sua mulher. Deve ter coberto o bocal com a mão, pois não escutei coisa alguma por vários minutos. Então a sra. Hoeldtke pegou o telefone e disse:

— Senhor Scudder? Gostaria de agradecer por tudo o que o senhor fez.

— Lamento ter de lhe dar essa notícia, senhora Hoeldtke.

— Acho que eu já sabia. Acho que sabia desde que aconteceu. O senhor não acha? Lá no fundo, eu sempre soube.

— Talvez.

— Pelo menos agora não vou mais ficar tão preocupada. Agora sei onde ela está.

Hoeldtke pegou o telefone novamente para me agradecer e me perguntar se me devia dinheiro. Eu disse mais uma vez que não. Ele perguntou se eu tinha certeza disso, e garanti que sim.

Quando desliguei, Willa perguntou:

— Que história... Você descobriu tudo isso hoje?

— Ontem à noite e hoje de manhã. Liguei para ele esta manhã para dizer que as notícias não pareciam boas. Queria que ele e a esposa se preparassem antes de saber os detalhes.

— “Sua mãe subiu no telhado...”

Olhei espantado para Willa.

— Não conhece essa piada? — perguntou ela. — Um homem está no meio de uma viagem de negócios quando a mulher liga e conta que o gato deles morreu. Ele tem um ataque e diz: “Como você me conta uma coisa dessa assim? Eu poderia ter tido um enfarte! Notícias desse tipo a gente vai dando aos poucos. Não se liga para alguém e diz que o gato da pessoa subiu no telhado, caiu e morreu. Primeiro você devia ter me ligado para dizer que o gato tinha subido no telhado. Depois, ligaria uma segunda vez para dizer que vocês estavam tentando resgatar o gato, que tinham chamado os bombeiros e tudo mais, mas que parecia que a coisa não ia acabar bem. Aí, quando me ligasse a terceira vez, eu já estaria preparado. E então você me contaria que o gato estava morto”.

— Acho que já sei como acaba.

— Lógico, porque eu contei o final antes. Quando o homem viaja a negócios de novo, ele recebe outro telefonema da mulher. Ele diz: “Oi, como você está, quais são as novas?”. E ela responde: “Sua mãe subiu no telhado”.

— Acho que era isso que eu estava fazendo. Dizendo que a filha deles tinha subido no telhado. Conseguiu entender tudo ouvindo só o meu lado da conversa?

— Acho que sim. Como você descobriu tudo isso? Achei que você tinha ido falar com um bandido que conhecia Eddie.

— Foi o que eu fiz.

— E como isso levou a Paula?

— Pura sorte. Ele não sabia nada sobre Eddie, mas conhecia as pessoas que mataram os piratas naquele negócio. Colocou-me em contato com uma delas, eu fiz as perguntas certas e descobri o que queria.

— Piratas em alto-mar — disse Willa. — Parece o enredo de um filme antigo.

— Foi o que Hoeldtke disse.

— Serendipidade.

— Como é que é?

— Serendipidade. Não é assim que se diz quando a gente está procurando uma coisa e acaba encontrando outra?

— Acontece o tempo todo no meu trabalho. Só não sabia que existia uma palavra para isso.

— Pois existe. E quanto ao telefone e à secretária eletrônica dela? E todas as roupas terem sumido, mas a roupa de cama não?

— Não deu em nada. Imagino que Paula tenha levado muitas roupas para passar o fim de semana no barco e que guardasse outros objetos no apartamento que seu namorado tinha montado para os dois. Quando Flo Edderling entrou no apartamento dela, ele lhe pareceu estar vazio, pois nada além da roupa de cama era muito visível. Como o apartamento foi deixado aberto, um dos inquilinos deve ter ficado com o que restara lá dentro, imaginando que Paula deixara tudo ali de propósito. Ela manteve a secretária eletrônica ligada porque achou que ia voltar. Nenhum desses fatos me ajudou a resolver o caso, mas me impediram de desistir dele, e eu acabei achando a solução quase por acaso. Acidente ou essa coisa aí que você falou.

— Serendipidade. Gostou do café? Ficou forte demais?

— Não existe café forte demais. Está ótimo.

— Mas você nem está bebendo.

— Estou tomando aos poucos. Já bebi litros de café hoje, o dia foi complicado. Mas estou achando uma delícia.

— Acho que não tenho muita confiança nas minhas habilidades, depois de tantos meses bebendo café instantâneo sem cafeína.

— Este aqui é um grande progresso.

— Que bom. E você não descobriu mais nada sobre Eddie? E sobre o que o estava preocupando?

— Não, mas não esperava descobrir nada mesmo.

— Ah.

— Porque eu já sabia de tudo.

— Não estou entendendo.

— Tem certeza? — perguntei, ficando de pé. — Eu já sabia o que andava preocupando Eddie e também o que aconteceu com ele. A senhora Hoeldtke acabou de me dizer que, no fundo, sempre soubera que sua filha estava morta, seu instinto já lhe dissera isso. Eu sabia o que aconteceu com Eddie num nível mais consciente do que esse que ela mencionou, mas não queria acreditar. Tentei ignorar os fatos e fui investigar para ver se descobria algo que provasse que eu estava errado.

— Errado sobre o quê?

— Sobre o que o incomodava. E sobre por que ele morreu.

— Achei que tinha sido asfixia autoerótica — disse Willa, franzindo o cenho. — Ou você descobriu que foi suicídio mesmo? Ele quis se matar?

— Sua mãe subiu no telhado.

Ela me olhou, atônita.

— Não há maneira gentil de dizer isso, Willa. Sei o que aconteceu e sei o motivo. Você matou Eddie.

18

— Foi o hidrato de cloral — disse eu. — E o engraçado é que não teria chamado a atenção de ninguém além de mim. A dose que Eddie tinha no corpo era muito pequena, insuficiente para causar um efeito forte nele. E com certeza insuficiente para matá-lo.

"Mas Eddie era abstêmio, o que significava que não deveria ter *nenhum* hidrato de cloral no corpo. Para Eddie, ou você era abstêmio ou não era. Ele não tomava bebidas alcoólicas nem nenhuma droga que alterasse seu humor ou o sedasse. Tentou fumar maconha durante algum tempo, depois de já estar no programa, mas viu que não dava certo. Ele não teria tomado um remédio para dormir, nem um desses mais fracos que não precisam de receita médica, quanto mais hidrato de cloral. Se estivesse com insônia, teria ficado acordado. Ninguém nunca morreu por falta de sono. É isso que eles dizem quando você para de beber, e Deus sabe que eu próprio já ouvi a frase um milhão de vezes. 'Ninguém nunca morreu por falta de sono.' Às vezes eu queria jogar uma cadeira na cabeça de quem estava dizendo isso, mas acabei descobrindo que era verdade."

Willa estava encostada na geladeira, com a palma da mão pressionando a superfície branca.

— Eu queria descobrir se Eddie tinha morrido abstêmio — continuei. — Era importante para mim, talvez porque essa teria sido sua única vitória numa vida que fora uma sequência de pequenas derrotas. Quando descobri que havia hidrato de cloral em seu corpo, não consegui mais esquecer isso. Fui ao apartamento dele e procurei bastante. Se o remédio estivesse lá, acredito que teria encontrado. Depois vim para cá e encontrei um frasco de hidrato de cloral no armário do seu banheiro.

— Ele me disse que não conseguia dormir e que isso o estava deixando maluco. Não quis tomar uma garrafa de cerveja nem outra bebida, por isso coloquei algumas gotas numa xícara de café e dei para ele — afirmou ela.

— Não vai funcionar, Willa. Eu lhe dei uma chance de me contar isso depois que fiz a busca no apartamento dele.

— Mas é que você fez um caso tremendo daquilo. Do jeito que você falou, dar um sedativo para um alcoólatra era como dar maçãs com giletes escondidas dentro delas para criancinhas no Halloween. Eu dei uma dica do que tinha feito. Disse que Eddie podia ter comprado o remédio de alguém na rua ou ganho de alguém.

— Hidrato de coral — lembrei.

Willa ficou em silêncio.

— Foi isso que você disse — expliquei. — Nós conversamos sobre essa substância, e você fez questão de dizer o nome dela errado, como se o estivesse ouvindo pela primeira vez. Foi um truque legal, bem casual, mas o *timing* não foi tão bom. Porque foi logo depois de eu ter encontrado um frasco de hidrato de cloral líquido em seu armário.

— Eu sabia que era um remédio para dormir. Eu não sabia o nome dele.

— Estava escrito no rótulo.

— Mas eu nunca li com atenção. Não registrei, não me lembro desses detalhes.

— Logo você? A mulher que sabia o que era Verde de Paris? A mulher que sabia como envenenar o reservatório de água de uma cidade se o partido mandasse?

— Então talvez eu tenha falado errado sem querer.

— Sem querer. Mas aí, da próxima vez que eu fui olhar, o frasco tinha sumido do seu armário.

Willa deu um suspiro.

— Posso explicar — disse ela. — Você vai achar que sou uma idiota, mas posso explicar.

— Explique.

— Eu dei mesmo o hidrato de cloral para Eddie. Para mim, não havia motivo para não dar, pelo amor de Deus. Ele veio bater papo comigo e disse que não queria tomar café, pois andava dormindo

muito mal. Acho que algo o estava preocupando, aquela coisa que ele mencionou para você. Mas não me contou o que era.

— E?

— Eu falei que café sem cafeína não ia mantê-lo acordado, e que essa marca em particular às vezes ajudava a gente a dormir. Ou, pelo menos, tinha esse efeito em mim. Aí, coloquei duas gotas de hidrato de cloral na xícara de Eddie sem ele perceber. Ele bebeu tudo e foi se deitar. Só o vi de novo quando entrei no apartamento com você e ele estava morto.

— E não me disse nada porque...

— Porque achei que eu tivesse matado o Eddie! Pensei que a dose que eu tinha lhe dado o houvesse deixado sonolento e que por causa disso ele perdera a consciência quando estava se estrangulando. Eu e você já estávamos saindo, e morri de medo de você me culpar. Eu sabia que você era um obcecado por sobriedade e não vi por que deveria admitir que eu fizera algo que talvez tivesse contribuído para a morte dele. — Ela soltou as mãos nas laterais do corpo. — Talvez eu seja culpada de alguma coisa, Matt, mas não significa que matei Eddie.

— Meu Deus — disse eu.

— Está vendo, meu amor? Está vendo como...

— O que eu estou começando a ver é como você improvisa bem. Acho que deve ter treinado bastante durante todos aqueles anos em que viveu com um nome falso, fingindo ser uma pessoa diferente para os seus vizinhos e colegas de trabalho. Deve ter sido um ótimo aprendizado.

— Você está falando das mentiras que eu contava antigamente. Não me orgulho disso, mas acho que você tem razão. Aprendi a mentir por reflexo. E agora preciso aprender a me comportar de outro jeito, pois estou envolvida com alguém que é muito importante para mim. Mudou tudo agora, não é? E eu...

— Pare com essa merda, Willa.

Ela se encolheu como se houvesse levado um tapa.

— Não vai funcionar — disse eu. — Colocar gotas de hidrato de cloral no café de Eddie não foi a única coisa que você fez. Também amarrou a corda no pescoço dele e pendurou-o no cano. Não deve ter sido muito difícil. Você é uma mulher grande e forte, e Eddie era

um cara pequeno. Ele provavelmente mal teve forças para lutar depois de estar grogue por causa do cloral. E você arrumou tudo direitinho, tirou as roupas dele, colocou umas revistas de mulheres amarradas bem na frente dele, onde elas poderiam nos levar a uma conclusão óbvia. Onde você comprou as revistas? Na Times Square?

— Não comprei as revistas. Não fiz nada disso que você falou.

— Um dos donos de banca deve se lembrar de você. É uma mulher bonita, e uma das poucas que compram revistas desse tipo. Não ia demorar muito para um dono de banca reconhecer você.

— Matt, se você ouvisse as coisas que está me dizendo... Se ouvisse as coisas horrorosas de que está me acusando... Sei que você está cansado, que teve um dia difícil, mas...

— Quer parar de me enrolar? Sei que você matou Eddie, Willa. Fechou as janelas para que o cheiro ficasse pior, para que fosse mais difícil determinar a hora da morte. Aí, esperou que alguém sentisse o fedor e chamasse você ou a polícia. Não tinha pressa. Não importava se o corpo demorasse a ser descoberto. O importante era que Eddie estava morto. Aí, seu segredo morria com ele.

— Que segredo?

— O que estava pesando na consciência de Eddie. Aquilo que você não podia permitir que ele me contasse. Sobre todas as outras pessoas que você matou.

* * *

— Pobre senhora Mangan — disse eu. — Todos os amigos dela estão morrendo, enquanto ela mesma espera pela morte. E os que não estão morrendo estão se mudando. O proprietário de um prédio na esquina deixou alguns viciados morarem lá, para que aterrorizassem seus inquilinos que pagavam aluguel com valor controlado. Levou uma multa. Devia ter ido para a cadeia. Filho da puta.

Willa me encarou. Era difícil decifrar sua expressão, saber o que se passava por sua cabeça.

— Mas muita gente tem saído dessa vizinhança por vontade própria — continuei. — Os proprietários pagam para que eles saiam, oferecem cinco, dez ou vinte mil dólares para que entreguem a chave do apartamento. Deve ser muito confuso receber mais para deixar um apartamento do que pagaram para morar nele a vida toda. Mas depois que recebem o dinheiro não conseguem mais encontrar um lugar para morar.

— É assim que funciona.

— É um jeito engraçado de funcionar. Uma pessoa paga aluguel todo mês por vinte ou trinta anos, e o proprietário desembolsa uma pequena fortuna para se livrar dela. Eu imaginaria que ele fosse querer manter um inquilino tão fiel, mas o mundo dos negócios é assim também. Algumas empresas dão bônus enormes para seus melhores funcionários, pois assim eles se aposentam mais cedo e dão o fora logo. E podem ser substituídos por gente mais jovem que trabalha por salários menores. Estranho, mas é assim.

— Não sei aonde você quer chegar.

— Não? Obtive o laudo da autópsia de Gertrude Grod. Ela morava no apartamento logo acima do de Eddie, e morreu na época em que ele entrou para o aa. Os dois tinham a mesma quantidade de hidrato de cloral no corpo. Mas a senhora Grod jamais recebera uma receita para esse remédio de seu médico, nem de nenhum médico do Hospital Roosevelt ou do St. Claire's. Imagino que você tenha batido na porta dela, convencido-a a convidá-la para tomar um chá e colocado algumas gotas em sua xícara. Quando saiu, deve ter aberto as grades da janela para que Eddie pudesse entrar no apartamento com uma faca.

— E por que ele faria isso por mim?

— Minha teoria é que você tinha um domínio sexual sobre ele, mas pode ter sido qualquer coisa. Eddie ainda estava tentando se manter sóbrio, e não devia estar com uma grande saúde mental na época. E você é ótima em manipular as pessoas. Provavelmente convenceu Eddie de que ele estaria fazendo um favor para a velhinha. Já a ouvi falando no assunto, dizendo que ninguém devia ter de envelhecer sozinho desse jeito. E a senhora Grod jamais saberia o que aconteceu, a droga a impediria de acordar e ela não

sentiria nada. Tudo que Eddie tinha a fazer era sair pela janela dele, subir um andar e enfiar uma faca numa mulher adormecida.

— E por que eu mesma não a esfaqueei? Estava no apartamento dela, já lhe tinha dado o hidrato de cloral.

— Porque queria que a polícia pensasse que havia sido um ladrão. E Eddie pôde deixar sua história muito mais convincente. Ele trancou a porta por dentro e colocou a correntinha antes de sair pela janela de novo. Vi o relatório da polícia. Eles tiveram de arrombar a porta. Foi muito inteligente, pois fez com que eles acreditassem que não poderia ter sido alguém do prédio.

— Por que eu ia querer matar uma velha?

— Não foi difícil descobrir. Você queria o apartamento dela.

— Olhe em volta. Eu já tenho um apartamento. Fica no térreo, nem preciso subir a escada. Para que ia querer o dela?

— Passei muito tempo na prefeitura hoje. Quase a manhã toda e boa parte da tarde. É difícil encontrar algo nos registros municipais, mas, se você souber como proceder e souber exatamente o que está procurando, dá para descobrir muita coisa. Descobri de quem é esse prédio. De uma empresa chamada Daskap Realty Corp.

— Eu mesma poderia ter lhe dito isso.

— Também descobri quem é a proprietária dessa empresa. Uma mulher chamada Wilma Rosser. Acho que não seria muito difícil provar que Wilma Rosser e Willa Rossiter são a mesma pessoa. Você comprou o prédio e se mudou para cá, mas disse a todo mundo que era só a síndica e que recebera o apartamento em troca de seus serviços.

— Precisei fazer isso — disse Willa. — Nenhum proprietário consegue morar no seu prédio sem esconder dos inquilinos. Senão eles ficam incomodando você o tempo todo. Eu precisava poder dar de ombros e dizer que o proprietário disse não ou que não consegui falar com ele, coisas assim.

— Deve ter sido complicado não ficar no vermelho com todos os inquilinos pagando um aluguel tão barato.

— É complicado *mesmo* — admitiu ela. — Por exemplo, a mulher que você mencionou, Gertrude Grod. O valor do aluguel dela era controlado, claro. O que ela pagava por ano era menos do que

gastava em aquecimento durante o inverno. Mas não é possível que você acredite que eu a mataria por causa disso.

— Ela e outros mais. Você não é dona só desse prédio. É dona de duas outras empresas além da Daskap. Uma delas, que também está no nome de Wilma Rosser, é proprietária do prédio aqui ao lado. Outra, que pertence à w. p. Taggart, é proprietária de dois prédios do outro lado da rua, aqueles de onde você também é síndica. Wilma P. Rosser se divorciou de Elroy Hugh Taggart há três anos no Novo México.

— Eu adquiri o hábito de usar nomes diferentes. Por causa do meu passado político e tudo mais.

— Os prédios do outro lado da rua se tornaram muito perigosos desde que você os comprou. Cinco pessoas de lá morreram nos últimos dezoito meses. Uma se suicidou. Encontraram-na com a cabeça dentro do forno. Os outros todos morreram de causas naturais. Enfartes, insuficiência respiratória. Quando velhos frágeis morrem sozinhos, ninguém procura muito pela causa. Pode-se sufocar um velho enquanto ele dorme ou arrastar uma velha pela cozinha e colocar sua cabeça num forno a gás. É um pouco perigoso, pois há sempre a possibilidade de uma explosão e você não ia querer destruir o prédio só para matar um inquilino. Deve ser por isso que só usou esse método uma vez.

— Não há provas de nada disso — disse Willa. — Velhos morrem com muita frequência. Não é culpa minha se alguns dos meus inquilinos engrossaram a taxa de mortalidade.

— Estavam todos cheios de hidrato de cloral, Willa.

Ela abriu a boca para dizer alguma coisa, mas por algum motivo desistiu. Estava ofegante, inspirando e expirando depressa. Levou a mão à boca e tocou com o dedo indicador a gengiva acima dos dois dentes falsos que substituíam os que perdera em Chicago. Deu um suspiro fundo e deixou transparecer cansaço em sua expressão e em sua postura.

Willa apanhou sua xícara de café, levou-a até a pia e jogou fora o conteúdo. Pegou a garrafa de Teacher’s de dentro do armário e encheu a xícara, dando um grande gole e estremecendo.

— Meu Deus, como você deve sentir falta disto — disse ela.

— Às vezes.

— Eu sentiria muita falta. Eles estavam esperando pela morte, Matt, se arrastando um pouquinho na direção dela a cada dia.

— E você estava fazendo um favor a eles.

— Eu estava fazendo um favor a todo mundo, inclusive a mim mesma. Há vinte e quatro apartamentos neste prédio, todos mais ou menos do mesmo tamanho. Se forem reformados e vendidos, cada um sairá por um mínimo de cento e vinte e cinco mil dólares. Deve dar para conseguir mais pelos da frente. São um pouco melhores, mais arejados e com mais luz. E talvez seja possível vender todos por um preço mais alto se a reforma for muito boa. Sabe quanto dá tudo isso?

— Dois milhões de dólares?

— Quase três. Para cada prédio. Usei toda a herança que meus pais me deixaram para comprá-los, e eles estão com hipotecas altíssimas. O que ganho com os aluguéis mal dá para pagar as prestações das hipotecas, os impostos e as contas. Tenho alguns inquilinos que estão pagando um aluguel próximo do preço atual de mercado, e, se não fosse por isso, eu ia precisar vender os prédios. Matt, você acha justo que um proprietário tenha de permitir que seus apartamentos continuem nas mãos de gente que paga um décimo do preço do aluguel?

— Claro que não. O justo é que eles morram e você ganhe doze milhões de dólares.

— Eu não ganharia tanto assim. Quando a maioria dos apartamentos estiver vazia, vou poder vender os prédios para alguém que se dedique a convertê-los em condomínios cooperativos. Se tudo der certo, terei um lucro de mais ou menos um milhão por prédio.

— Ou seja, quatro milhões.

— Talvez eu fique com um dos prédios. Não tenho certeza, ainda não decidi. Mas de qualquer forma vou ganhar bastante dinheiro.

— Para mim parece bastante dinheiro.

— Mas é menos do que parece. Um milionário costumava ser uma pessoa muito rica. Agora, quando a loteria paga um milhão de dólares, isso é considerado um prêmio pequeno. Mas eu poderia viver muito bem com alguns milhões de dólares.

— Que pena que não vai poder.

— Por que não? — perguntou Willa.

Ela pegou minha mão e eu senti sua energia.

— Matt, não vai haver mais nenhuma morte. Isso acabou há muito tempo.

— Um inquilino deste prédio morreu há menos de dois meses.

— Neste prédio? Matt, você está falando de Carl White! Ele morreu de câncer!

— Estava cheio de hidrato de cloral no corpo, Willa.

Willa deu de ombros.

— Ele estava morrendo de câncer. Ia morrer em um mês ou dois. Sentia dor o tempo todo — disse ela, me encarando. — Pense o que quiser de mim, Matt. Pode pensar que eu sou a reencarnação da Lucrécia Bórgia, mas realmente não imagine que a morte de Carl White foi um assassinato por dinheiro. O que eu fiz foi perder os aluguéis que ele me pagaria nos meses que ainda lhe restavam de vida.

— Então por que o matou?

— Você vai dar um jeito de distorcer os fatos, mas foi por pena.

— E quanto a Eddie Dunphy? Matou-o por pena também?

— Ah, meu Deus. Esse é o único do qual eu me arrependo. Os outros todos teriam se suicidado se tivessem sido espertos o suficiente para pensar nisso. Não, não matei Eddie por pena. Matei para me preservar.

— Tinha medo de que ele fosse contar para alguém.

— Eu *sabia* que ele ia contar. Ele entrou aqui e anunciou para mim que ia fazer isso. O pobre idiota estava no aa e saiu falando um monte de bobagens. Parecia um fanático religioso, desses que veem Jesus aparecer para ele até na torradeira. Disse que ia sentar com alguém e falar tudo, mas que eu não precisava me preocupar, pois ele não revelaria meu nome. “Matei uma mulher no meu prédio para que a proprietária recuperasse o seu apartamento, mas não vou contar a você quem foi a mandante do crime.” Garantiu que a pessoa com quem ia conversar não diria nada para ninguém.

— E estava certo. Eu teria ficado em silêncio.

— Teria ignorado um homicídio múltiplo?

Assenti.

— É contra a lei, mas eu já violei outras leis e também já ignorei outros homicídios. Deus não me escolheu para corrigir todas as injustiças do mundo. Não sou padre, mas tudo que Eddie me dissesse seria como um segredo de confissão para mim. Eu disse a ele que não trairia sua confiança, e não estava mentindo.

— Mas vai trair a minha confiança?

Willa se aproximou de mim e suas mãos primeiro envolveram meus pulsos e depois meus antebraços.

— Matt, quando o chamei para vir aqui da primeira vez, eu queria descobrir se você sabia alguma coisa. Mas a gente não precisava ter transado. Eu fui para cama com você porque quis.

Eu não disse nada.

— Eu não imaginava que fosse me apaixonar, mas foi o que aconteceu — continuou ela. Sinto-me uma boba dizendo isso agora, pois tenho medo que você pense que estou mentindo. Mas é verdade. Não sei se você está apaixonado por mim. Acho que está começando a ficar, e acho que é por isso que está com tanta raiva de mim agora. Mas houve algo muito forte entre nós desde o primeiro momento. Sinto isso agora e sei que você também sente. Não sente?

— Não sei o que eu sinto.

— Acho que sabe. E você é uma boa influência para mim, já me levou até a fazer café de verdade. Matt, por que não nos dá uma chance?

— Como eu posso fazer isso?

— É a coisa mais fácil do mundo. Só o que você precisa fazer é esquecer tudo que dissemos um para o outro hoje. Matt, você acabou de me dizer que não foi posto no mundo para corrigir todas as injustiças. Disse que teria deixado para lá se Eddie tivesse lhe contado. Por que não pode fazer o mesmo por mim?

— Não sei.

— Por que não?

Willa aproximou seu rosto do meu e eu senti cheiro de uísque em seu hálito e me lembrei do gosto de sua boca.

— Não vou mais matar ninguém, Matt — insistiu ela. — Isso acabou para sempre, juro. E não existem provas de que eu matei os outros, existe? Algumas pessoas tinham uma dose não letal de uma

substância comum em seus corpos. Ninguém pode provar que fui eu que dei o hidrato de cloral. E nem que já possuí um frasco disso.

— Copiei o rótulo do frasco que encontrei aqui aquele dia. Sei o número da receita, a farmácia onde o hidrato de cloral foi comprado, a data da compra, o nome do médico...

— Esse médico vai lhe dizer que eu sofro de insônia. Comprei o cloral para uso próprio. Matt, não há nenhuma prova. E eu sou uma cidadã respeitável, tenho bens. Posso pagar bons advogados. A polícia não vai conseguir me colocar na cadeia só com provas circunstanciais.

— Isso é verdade.

— E por que deveríamos passar por tudo isso? — perguntou Willa, pondo a mão em meu rosto e acariciando minha barba. — Matt, querido, nós dois estamos tensos. Foi um dia muito maluco. Por que não vamos para a cama agora? Por que não tiramos essas roupas, vamos para a cama e deixamos para ver como nos sentimos depois? O que você acha?

— Diga como matou Eddie, Willa.

— Juro que ele não sentiu nada, nem soube o que estava acontecendo. Fui a seu apartamento conversar. Ele abriu a porta para mim. Dei-lhe uma xícara de chá com algumas gotas de hidrato de cloral. Aí voltei aqui para baixo e, quando subi de novo mais tarde, Eddie estava dormindo como um anjo.

— E o que você fez?

— O que você disse. Foi muito esperto de sua parte ter descoberto tudo. Você é um bom detetive.

— Como conseguiu?

— Ele já estava seminu. Só de camiseta. Pendurei a corda no cano e pus o nó em volta do pescoço dele. Nem cheguei a acordá-lo. Apenas puxei a corda, e o peso do corpo de Eddie apertou o nó e cortou o oxigênio. Só isso.

— E a senhora Grod?

— Também foi do jeito que você falou. Dei o cloral a ela sem que percebesse e destranquei as grades das janelas. Não a matei. Foi Eddie. Ele fez com que parecesse que ela havia lutado contra um ladrão. Aí, trancou as portas por dentro e desceu pela escada de

incêndio. Matt, todas as pessoas que matei estavam cansadas da vida. Já caminhavam para a morte, eu só dei um empurrãozinho.

— O misericordioso anjo da morte.

— Matt?

Tirei as mãos de Willa do meu ombro e dei um passo atrás. Seus olhos se arregalaram e eu vi que ela estava tentando adivinhar meus pensamentos. Suspirei fundo, tirei o paletó e pendurei-o nas costas da cadeira.

— Ah, meu amor — disse ela, aliviada.

Tirei a gravata e joguei-a em cima do paletó. Desabotoei a camisa e tirei-a de dentro da calça. Willa sorriu e fez menção de me abraçar. Ergui a mão para impedi-la.

— Matt...

Arranquei a camiseta por cima da cabeça. Não tinha como Willa não ver o gravador. Ela o viu imediatamente, colado à minha pele, mas levou alguns segundos para compreender o que aquilo significava.

Mas então entendeu tudo. Encolheu-se e fez uma expressão arrasada. Esticou um dos braços e agarrou a mesa para não cair.

Enquanto Willa se servia de mais uísque, eu coloquei minhas roupas.

19

Fui eu que levei Willa para a delegacia. Joe Durkin ficou sendo o responsável pela bela captura, com Bellamy e Andreotti como assistentes. Ela não ficou muito tempo na cadeia. Tinha dinheiro suficiente para pagar a fiança e está aguardando o final do processo em liberdade.

Acho que o caso nem irá a julgamento. Os jornais adoraram a história, principalmente pelo fato de Willa ser uma mulher bonita com um passado político radical. A gravação que fiz de nossa conversa deve ser aceita como prova — embora o advogado de defesa vá fazer de tudo para impedir isso —, mas, além dela, não existe nenhuma prova física de culpa. Por isso, acredito que o advogado de Willa vai tentar fazer um acordo, e que o promotor público vai aceitar. Ela provavelmente vai passar um ou dois anos na prisão. A maioria das pessoas diria que a pena deveria ser maior, mas elas não sabem como é estar preso.

Eu peguei algumas coisas do apartamento de Eddie — seus livros e sua carteira. Levei todos os livros do aa para a São Paulo Apóstolo certa noite e coloquei os panfletos dele na pilha que havia sobre a mesa. Dei sua cópia de *Alcoólicos anônimos* e de *Os doze passos e as doze tradições* para um novato chamado Ray, que não vejo desde essa ocasião. Não sei se ele está indo a outras reuniões nem se está conseguindo se manter sóbrio, mas duvido que os livros tenham atrapalhado em alguma coisa.

Fiquei com a Bíblia da mãe de Eddie. Já tenho a versão do rei James, então decidi que não seria má ideia ter uma Bíblia católica para lhe fazer companhia. Ainda gosto mais da Bíblia do rei James do que da Douay-Rheims, mas não abro muito nem uma nem outra.

Gastei mais de setenta e dois dólares em energia mental, tentando decidir o que fazer com as quarenta pratas que encontrara dentro da Bíblia e as trinta e duas que havia na carteira dele. No final das contas, nomeei-me o testamenteiro de Eddie e me contratei retroativamente para descobrir quem o matara, ficando com os setenta e dois dólares pelos meus serviços. Joguei a carteira vazia numa lata de lixo, onde ela sem dúvida foi uma grande decepção para qualquer mendigo.

O velório de Eddie foi na funerária Twomey & Filhos, a da rua 14 perto da Igreja de São Bernardo. Mickey Ballou organizou o velório e pagou por ele.

— Pelo menos Eddie vai ter um velório e um enterro decente num cemitério de verdade — disse Ballou para mim. — Mas acho que nós dois vamos ser os únicos lá.

Porém eu mencionei o evento numa reunião, e umas vinte pessoas acabaram aparecendo para se despedir dele. Ballou ficou perplexo.

— Achei que íamos ser só nós dois — disse. — Se soubesse que iria tanta gente, teria preparado alguma coisa para depois, um pouco de comida e algumas bebidas. Acha que podemos chamá-los para tomar uma no Grogan's?

— Esse pessoal não vai querer fazer isso — expliquei.

— Ah — disse Ballou, olhando pensativamente em volta. — Eles não bebem.

— Hoje não.

— E é daí que conheciam Eddie. E, agora, estão aqui por ele.

Ballou refletiu sobre isso um instante e então assentiu.

— Acho que Eddie conseguiu, então — concluiu.

— Acho que sim.

Poucos dias depois do enterro de Eddie, recebi uma ligação de Warren Hoeldtke. Sua família acabara de organizar um pequeno velório para Paula, e acho que seu telefonema para mim fez parte do processo deles de luto.

— Nós anunciamos que ela morreu num acidente de barco — disse. — Conversamos e decidimos que era o melhor a fazer. E

suponho que seja a verdade, ainda que não toda a verdade.

Hoeldtke afirmou que ele e a mulher haviam concordado que eu não recebera o suficiente pelos meus serviços.

— Enviei um cheque para você pelo correio — disse ele.

Não tentei fazê-lo mudar de ideia. Passei bastante tempo na polícia de Nova York e aprendi que não se deve discutir com quem quer lhe dar dinheiro.

— E, se algum dia quiser um carro, venha aqui que eu lhe venderei um a preço de custo. Será um grande prazer — afirmou Hoeldtke.

— Eu não teria onde estacionar.

— Imagino que não. Eu mesmo não teria um carro em Nova York nem que me dessem de graça. Mas também não gostaria de viver aí, com ou sem carro. Bom. Você deve receber o cheque em poucos dias.

Levou três dias para o cheque chegar. Era de mil e quinhentos dólares. Tentei decidir se me incomodaria em ficar com ele, e concluí que não. Eu me esforçara o suficiente para merecê-lo e produzira resultados satisfatórios. Empurrei a parede, e ela se moveu um pouco. Fiz o trabalho, e tinha o direito de receber por ele.

Depositei o cheque no banco, tirei algum dinheiro e paguei algumas contas. Tirei um décimo do valor em notas de um dólar e sempre tinha algumas no bolso. Continuei a dá-las aqui e ali para quem me pedia na rua.

No mesmo dia em que o cheque chegou, jantei com Jim Faber e lhe contei a história toda. Precisava desabafar com alguém, e ele gentilmente se dispôs a me escutar.

— Já sei quanto recebi pelo quê — disse eu. — Mil dólares por descobrir como Paula morreu e mil e quinhentos por inventar outra história.

— Você não tinha como contar a verdade.

— Acho que não mesmo. Contei uma *certa* verdade. Disse que ela morreu porque estava no lugar errado na hora errada e que a pessoa que a matou estava morta. Ser atirada ao mar é bem mais romântico do que ser jogada num chiqueiro, mas qual é a diferença

no fim das contas? Você está morto de qualquer jeito e vira comida de bicho.

— Tem razão.

— Porcos ou peixes. Qual a diferença?

Jim assentiu.

— Por que você quis que Willa ouvisse sua conversa com os Hoeldtke? — perguntou ele.

— Eu queria começar falando em Paula e não em Eddie, para que Willa baixasse a guarda. E queria que ela ouvisse a mesma versão que os Hoeldtke, para não poder contar a verdade a ninguém depois que estivesse presa — respondi, refletindo por um momento. — Talvez quisesse apenas mentir para ela.

— Por quê?

— Porque eu já revelara muito de mim para Willa antes de saber do laudo da autópsia de Eddie e encontrar o hidrato de cloral no armário dela. Desse momento em diante, comecei a me afastar. Não dormi mais com ela depois disso. Na única vez em que saímos, acho que a encorajei a beber. Queria que Willa desmaiasse de bêbada, não queria transar com ela. Não tinha certeza se ela era culpada, ainda não descobrira tudo, mas temia descobrir, e não queria ter a intimidade nem a ilusão da intimidade.

— Gostava dela, não é?

— Estava começando a gostar.

— Como se sente agora?

— Não muito bem.

Jim assentiu de novo e despejou mais chá em sua xícara. Estávamos em um restaurante chinês, e o garçom já trouxera três bules para a nossa mesa.

— Ah, antes que eu me esqueça — disse ele, mexendo em um bolso interno de sua jaqueta camuflada e pegando uma caixinha de papelão. — Não sei se isto vai alegrar você, mas deve melhorar um pouco seu humor. É um presente. Abra, abra.

A caixa estava cheia de belos cartões de visita com letras em relevo. Neles, estava escrito meu nome, Matthew Scudder, e meu telefone. Mais nada.

— Obrigado. São muito bonitos — disse eu.

— Pelo amor de Deus, já estava na hora de você ter cartões. Tem um amigo que é dono de uma gráfica, é um absurdo você não ter cartões.

Agradeci mais uma vez e comecei a rir. Jim perguntou qual era a graça.

— Se você tivesse me dado esses cartões antes, eu jamais teria descoberto quem matou Paula.

E foi isso. O Mets ficou em primeiro lugar na chave e vai jogar as primeiras partidas das finais com o Dodgers na semana que vem. O Yankees ainda tem uma chance, mas parece que os vencedores da Liga Americana vão ser o Red Sox e o Oakland Athletics.

Na noite em que o Mets ganhou a última partida, Mickey Ballou me ligou.

— Eu estava pensando em você — disse ele. — Você precisa aparecer no Grogan's uma noite dessas. Vamos passar uma noite inteira em claro contando mentiras e histórias tristes.

— Parece um bom programa.

— E, de manhã, vamos à missa dos açougueiros.

— Um dia desses.

— Fiquei lembrando de todas aquelas pessoas que foram se despedir de Eddie. Você vai a essas reuniões, não vai?

— Vou, sim.

Após uma pausa de alguns segundos, Ballou disse:

— Um dia desses, talvez eu lhe peça para me levar a uma delas. Só por curiosidade, sabe? Só para ver como é.

— Quando você quiser, Mick.

— Ah, não tem pressa. Não se deve apressar essas coisas, não é? Mas um dia desses...

— É só me avisar.

— Ah, vamos ver.

Eu provavelmente devo ir ao Shea para ver alguns jogos na fase final. Não acho que vá ser muito difícil vencer o Dodgers. O Mets ganhou onze em doze jogos durante a primeira fase, então deve conseguir acabar com eles sem dificuldades.

Mas nunca se sabe. No beisebol, tudo é possível.

AGRADECIMENTOS

O autor tem o prazer de agradecer a considerável contribuição de William Smart e de Karen e Cary Kimble, além de todo o pessoal do Virginia Center for the Creative Arts, onde este livro foi escrito.

Copyright © 1989 by Lawrence Block

Publicado mediante acordo com o autor, representado por baror international, inc., Armonk, Nova York, Estados Unidos.

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Título original:
Out on the cutting edge

Capa e foto de capa:
Elisa v. Randow

Preparação:
Maria Cecília Caropreso

Revisão:
Luciane Helena Gomide
Ana Maria Barbosa

ISBN 978-85-8086-146-4

Todos os direitos desta edição reservados à
editora schwarcz ltda.
Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32
04532-002 — São Paulo — sp
Telefone: (11) 3707 3500
Fax: (11) 3707 3501
www.companhiadasletras.com.br

Sumário

Capa

Rosto

1

2

3

4

5

6

7

8

9

10

11

12

13

14

15

16

17

18

19

Agradecimentos

Créditos